

D. TORCUATO TARRAGO Y MATEOS

O MONGE NEGRO
OU
A FOME EM MADRID

ROMANCE HISTORIO

ORIGINAL HESPAÑOL

VOLUME I

EDITOR



LISBOA
TYPOGRAPHIA DO «DIARIO DO COMMERCIO»
8 — Largo da Rua dos Canos — 1.º

1877

HESPERIA

LIBROS HISPANICOS

ZARAGOZA
ESPANA

ANT

XIX

1900

R-135552

O MONGE NEGRO

OU

A FOME EM MADRID

O MONGE NEGRO
OU
A FOME EM MADRID

ROMANCE HISTORICO

ORIGINAL HESPAÑOL

DE

D. TORCUATO TARRAGO Y MATEOS

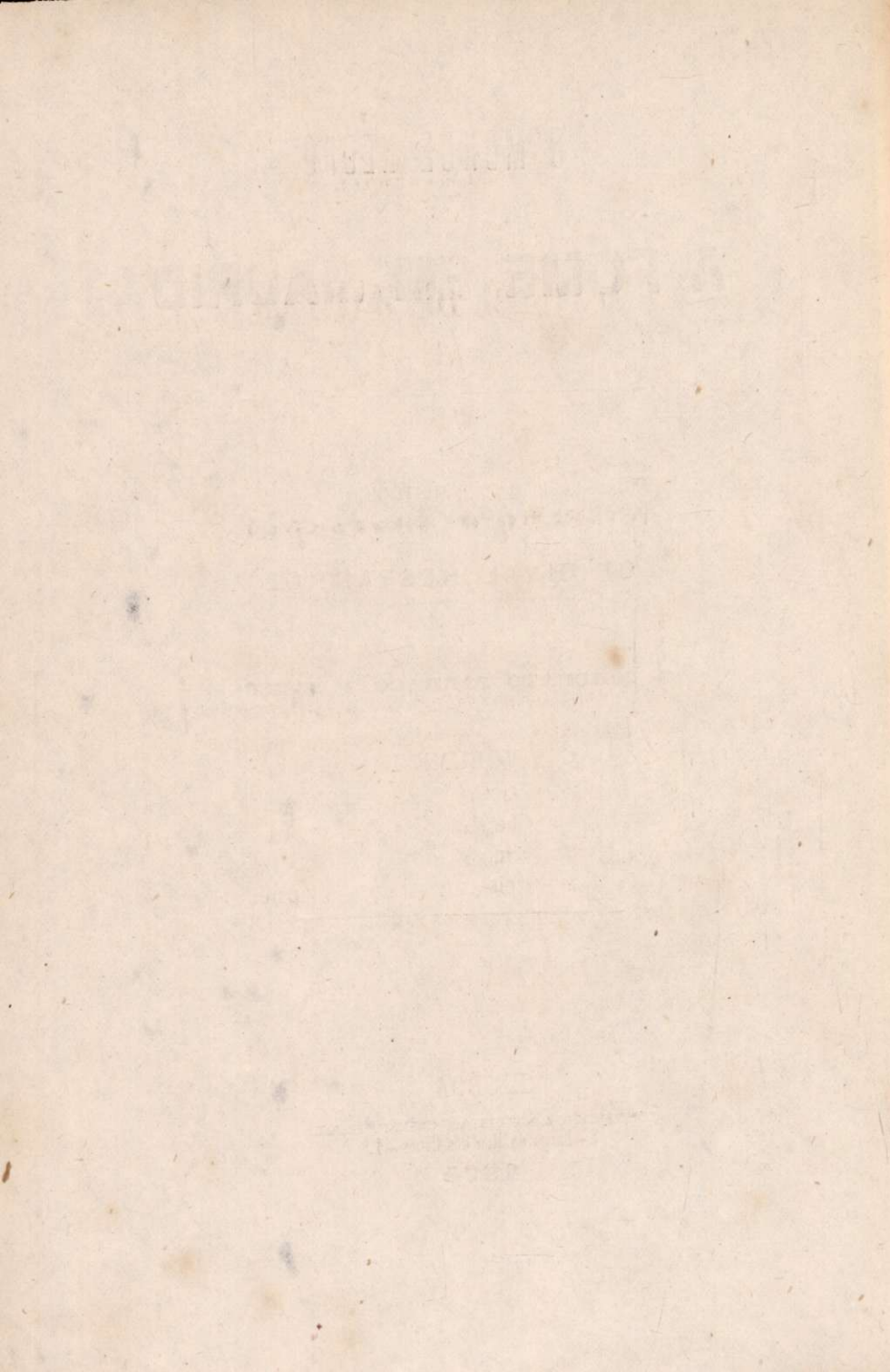
VOLUME I

LISBOA

TYPOGRAPHIA CENTRAL

8-Largo da Rua dos Canes-1.º

1875



PRIMEIRA PARTE

O CONDE DE MALVAR

CAPITULO I

ANSELMO O MONTANHEZ

Em uma tarde triste e sombria caminhava ao longo da costa Llanes um mancebo vestido com o traje proprio do paiz; chapéu de aba larga, caída sobre a fronte, jaleco de pano côr de castanha, apertado por um cinturão de couro, e sapatos abotinados, que lhe resguardavam os pés da aspereza do terreno, eis a parte principal do seu rustico vestuario.

Levava na mão direita um chuço comprido de ponta muito aguçada e na esquerda uma buzina campestre em acção de tocar.

O joven montanhez, de fisionomia robusta, mas taciturna, deixou vagar seus olhos azues, primeiro pelas eriçadas oûdas do Oceano, que se quebravam, desfazendo-se em esverdeada espuma, depois por sobre os penhascos, que levantavam as negras cabeças coroadas de excrescencias de madrépora; e, finalmente, fitou as muralhas de um antigo castello, talvez para descobrir a torre gothica de San Aciselo de Pendueles.

Parou por alguns instantes, para ouvir acaso um som que poderia vir envolto nas rajadas do vento; não distinguindo porém cousa alguma, continuou a caminhar até ao cume de um gigantesco penedo, que avançava sobre o mar, á maneira d'esses monumentos cellicos, que parecem meio derribados pela mão dos seculos.

Depois de subir áquella altura, largou o chuço, e sentou-se proximo do abismo, com a ousadia das aguias e dos abutres.

D'aquelle ponto facilmente se avistava toda a comarca.

Diante d'elle estava o Oceano, barreira infinita occulta n'aquelle momento pelos vapores da maresia; do lado opposto elevava se um castello de apparencia feudal, com suas ameias pontagudas, suas janellas cobertas de espessas grades, e seus torreões redondos, como todas as fortificações do seculo XV; mais longe estendia-se uma deliciosa campina, no meio da qual se divisava o povo de San Acisclo, de que já fallámos.

O ceo, semeado de negras nuvens, dava a este quadro tão bello e romantico côres sinistras, quasi lugubres, excepto em alguma paragem, onde um raio de sol avermelhado feria as rochas, que então pareciam abrasadas pelo fogo de um vulcão.

Bastantes vezes teria o solitario joven, contemplado tão magnifica paisagem, por quanto olhou attentamente para a antiga fortaleza, como se esperasse alguém d'aquelle lado.

Assim decorreu uma hora. O horizonte ia ennegrecendo cada vez mais, o mar rugia mais prolongadamente, e o vento tornava-se mais pesado e suffocante.

—Muito ruge o *Bufon de San Yuste*, murmurou o montanhez, fixando seu penetrante olhar no fundo do rochedo em cujo cume se achava. Sem duvida uma tempestade nos ameaça.

A observação era exactissima.

Chamavam no paiz *Bufon de San Yuste* á elevada rocha,

de que fallámos, a qual, bordada e cheia de respiradouros em razão do eterno embate das ondas, produzia estranhos rumores, que não deixavam de assustar as pessoas timoratas.

Quando estes rumores submarinos se dilatavam, similhando um grito de alarma, pelas silvestres sinuosidades da costa, era signal evidente de desgosto do ceo e do embravecimento do Oceano.

O nome de San Yuste havia-lhe sido dado, por estar proxima do castello assim denominado.

A pesar da observação que fizera, o montanhez conservou-se immovel n'aquelle sitio perigoso, explorando todas as suas avenidas.

Ia-se a luz do dia amortecendo, signal evidente do occaso do sol, quando appareceu uma mulher, subindo por uma das vertentes do penhasco.

O mancebo levantou-se, e deu alguns passos para recebê-la.

Era uma rapariga, vestida com o pitoresco traje das asturianas, de uma belleza um tanto severa, mas pura e correcta, como a das mulheres da biblia, desenhadas por Tintoretto, olhar penetrante, e rosto graciosamente matizado de escarlate, tão vivo e fresco como o das flores.

—Anselmo! exclamou ella, offerecendo-lhe a mão.

—Tula! disse o montanhez em tom de reconvenção. Que vens fazer a este sitio?

—Venho procurar-te.

—N'esse caso subamos, e sentemo-nos, replicou Anselmo.

Este apertou a mão que lhe apresentava a joven, e encaminharam-se ambos para o cumê do *Bufon de San Yuste*.

—Tremo de estar aqui, disse Tula, depois de haver-se sentado ao lado do montanhez, e lançado a vista pela negra superficie do mar: parece que estremece o rochedo com o em-

bate das ondas, e que de um momento a outro vamos precipitar-nos no abismo.

Anselmo sorriu ligeiramente.

—Estamos livres de perigo, querida Tula, respondeu elle; nada ha aqui, que possa atemorisar-nos.

—Seja o que tu quizeres. Amo-te muito para contradizer-te, replicou ella suspirando.

O mancebo passou a mão pela fronte, como para tornar-se superior a essas affecções do espirito, que dominam nossas faculdades, e que começam por fazer-nos esquecer da propria consciencia.

—Sei que me amas, disse Anselmo; e esse amor, que nos une desde a infancia, foi por certo quem te conduziu a este logar.

—É verdade, para que negal-o? Algum tempo ha, que tenho observado em ti, não em tua alma, nem em teu coração, mas em tuas acções, uma transformação, que me tem surprehendido. Das torres do castello de San Yuste tenho observado teus passos, e tenho-te visto, ora trepando ás montanhas, ora remando em uma lancha até alguma paragem da costa; e ultimamente tambem te vi acompanhado de pessoas desconhecidas, demandando os sitios mais solitarios da nossa comarca. Que quer dizer isto, Anselmo?

Á terna reconvenção de Tula este respondeu com um olhar impregnado de amor e gratidão.

—Queres que t'o diga? perguntou o montanhez.

—Sim, dezejo muito sabel-o.

—Pois bem, escuta. Sabes que o exercito francez se tem espalhado por toda a Hespanha, depois dos terriveis acontecimentos de 2 de maio, e do levantamento em massa de todas as provincias?

A joven fez-se palida e respondeu affirmativamente mais com a cabeça, do que com os labios.

—Teme-se que, de momento para momento, uma grande divisão de inimigos invada as Asturias, marche sobre Oviedo, e se apodere d'esta cidade.

—É certo isso?

—É a verdade.

—Bem, continua, disse Tula cada vez mais pallida.

—Tão depressa o primeiro francez pize nossas montanhas—proseguiu Anselmo, excitando-se com a ideia de uma vingança patriótica, que lhe alvoroçava o coração— tremerão as Asturias; de rocha em rocha, a buzina dos montanhezes repetirá o signal de alarma, de torre em torre o toque dos sinos chamará todo o povo, homens, mulheres e creanças, a combater o inimigo commum.

Tula estremeceu, e um raio de enthusiasmo, que foi engrandecer o coração de seu amante, lhe brilhou nos olhos por um momento.

—E esperas, disse ella pausadamente, que esse signal se ouça, para reproduzil o?

—Sim.

—Então nada tenho que perguntar-te.

Houve uma longa pausa, durante a qual estes dois entes se contemplaram em silencio.

A formosa joven disse finalmente.

—Estava pensando n'uma cousa, Anselmo.

—Em que? perguntou este.

—Que farás tu, quando os francezes entrarem no vosso paiz?

—Eu tenciono ser guerrilheiro.

A asturiana tornou a fazer-se pallida como o alabastro.

—Guerrilheiro! exclamou ella, contendo o violento palpitir de seu coração. E' como dizeres, que abandonarás o castello de San Yuste!

—Sim.

—O serviço do senhor barão !

—Eu não posso abandonar o senhor barão.

—Então não comprehendo...

—Tula, não me interrogues mais.

—Isso significa que o abandonarás.

—Pois bem, abandonat-o-hei.

—D'esse modo, proseguiu Tula, seguindo o curso de suas reflexões, separando-te do lar, que te deu calor na estação invernosa, da mēsa, que te alimentou, do amo que te agasalhou em sua casa, separar-te-has tambem de mim, e longe de mim esquecerás o nosso amor.

Quando Anselmo ouviu o tom angustioso da joven, e viu seus olhos nadando em lagrimas, apertou-a ao coração em um instante de amoroso arrebatamento.

—Não posso separar-me, disse elle, nem d'esse lar, nem d'essa mēsa, nem de nosso bom amo, e muito menos poderei olvidar-te, minha Tula.

Ha palavras tão verdadeiras, que não precisam commentarios para convencer.

Desde este momento a joven não mais temeu os francezes, nem a amedrontou o porvir; tão ditosa se julgava ella sobre aquelle penhasco, como uma rainha sobre seu throno.

—Vou partir, disse ella, levantando-se.

—Já começa a anoitecer, e por isso não quero que voltes só para o castello; acompanhar-te-hei.

—Acceito o teu offerecimento, porém entrarás em San Yuste ?

—Não; hei de dirigir-me a casa do senhor de Montalban.

—Oh ! não vás lá de noite.

—Porque ?

—No caminho encontra-se a *Atalaia maldita*.

N'estas expressões havia algum tanto de supersticioso e aterrador.

—E' verdade que no caminho está essa torre, disse o montanhez; porém não ha que temer hoje d'essas sangrentas historias, que o vulgo tem inventado a respeito de tal casa. Se alguma cousa ali aconteceu, foi por certo em tempos mui remotos.

—Todavia, vive n'ella a mesma familia, a quem attribuem um poder mysterioso e terrivel.

—Não façamos caso d'isso, e ponhamo-nos a caminho.

Anselmo lançou mão do chuço, prendeu o buzio á cintura, e deu a mão a Tula, para a ajudar a descer a encosta.

Mas no mesmo instante, superior ao vento que silvava e ao Oceano que bramia, sentiu-se uma vibração estranha, um som rouco que parecia voar por sobre as cristas das rochas; uma especie de annuncio fatidico que indicava a proximidade do perigo.

O ouvido experimentado de Anselmo comprehendeu que o que n'este momento feria o ar era o som das buzinas dos montanhezes, que levava aos ultimos confins das Asturias a noticia da entrada dos francezes.

O montanhez então deteve-se; fitou a joven com anciedade, e, levando o buzio aos labios, tirou d'elle um prolongado e estridente som, que foi perder-se ao longo da costa.

—E' este o signal, disse elle; amanhã todo o povo estará com as armas na mão, decidido a sustentar a independencia da patria. Agora não percamos um momento; corramos ao castello de San Yuste, em quanto nossos irmãos se reúnem sob o estandarte da Virgem da Soledade. (1)

Novamente tocou o buzio com toda a força de seus pul-

(1) Sob esta santa bandeira organisaram-se nas Asturias os primeiros batalhões de paizanos, quando em 1809 invadiu seu territorio o general francez Maurice Mathieu.

mões, e, alumiado pelos ultimos clarões do triste crepúsculo d'aquella tarde tempestuosa, desceu do penhasco, acompanhado de Tula, dirigindo-se ao castello por um caminho immediato.

Seu caminhar foi rapido, como as circumstancias o exigiam.

Já dissemos que o castello de San Yuste era uma obra do seculo XV; agora, porém, que nos aproximamos de seus muros, bom é que demos a conhecer a sua situação, ainda que os viajantes, que percorrerem o paiz classico de nossas primeiras glorias, hoje mesmo podem contemplar este castello, desafiando o tempo, implacavel inimigo d'estes veneraveis monumentos.

Perto de uma ponte, sob a qual deslizam modestamente as aguas do rio Cabra, e muito proximo de uma venda bem conhecida no valle de Pendueles, elevava suas antigas torres a fortaleza de que tratamos. Reformas posteriores ás épocas guerreiras lhe haviam dado certa apparencia menos temivel. Suas canhoneiras tinham-se convertido em espaçosas janellas, cobertas de fortes grades, e seus longos armazens, em amplos e commodos salões, onde passava uma vida meio campestre e meio senhorial a familia que a habitava.

N'este tempo o nobre barão de San Yuste, retirado da còrte desde as graves complicações politicas, que tinham produzido a abdicação de Carlos IV, a queda de Godoy, e a surda irritação do povo, vivia n'aquella pacifica morada de seus antepassados, mais indignado de nossa degradação, que desejoso de envolver-se nas facções politicas, que originava o triste espectaculo de nossas miserias; quando, porém, a ambição de Napoleão se apresentou desmascarada a impor-nos o pesado jugo de sua conquista, o senhor de San Yuste sentiu um vivissimo desejo de oppor-se aos progressos do estrangeiro.

Ordenou por tanto um systema de defesa; tomou a seu

cargo parte da insurreição do paiz; dirigiu intimações a todos os povos, aldeias e casaes; comprometteu seus interesses, e finalmente fez tudo quanto podia esperar-se de um nobre e valente castelhano, que tinha gravada em seu coração a conhecida divisa de *Rei, Patria e Lei*.

Dada esta ligeira explicação, será facil comprehender o effeito, que em sua alma produzira o estridor das buzinas, que, tangidas pelos montanhezes, haviam dado o signal de alarma a todos os povos.

Quando Anselmo e Tula chegaram á barbacan do castello, encontraram á porta o barão, montado a cavallo, dictando varias ordens a alguns montanhezes, que o rodeavam.

Mais distante divisava-se um grupo de duas senhoras, cheias de terror.

Era a esposa do barão e sua filha.

—Anselmo, gritou o cavalleiro logo que viu o nosso joven, é necessario que me sigas immediatamente. Tula, fica ao lado das senhoras; e vós outros, proseguiu dirigindo-se aos montanhezes, correi a desempenhar a commissão de que acabo de encarregar-vos.

Esta ordem foi pontualmente executada; as portas do castello cerraram-se, e em breve o barão transpoz a ponte immediata, seguido unicamente de Anselmo.

Havia chegado a noite, e coruscantes relampagos cruzavam o horisonte. As nuvens atravessavam o ceu á maneira de ondas em negro e silencioso mar sem limites; o vento sibilava por entre as folhas das arvores, e o Oceano erguia lastimoso rumor, similhando a fera antes de despertar.

Caminharam durante meia hora em silencio, até entrarem em um escuro bosque, que se estendia na confluencia de duas montanhas.

—No meio d'esta floresta, observou Anselmo, encontra-se a *Atalaia maldita*.

—Por que motivo fazes essa observação? perguntou o barão, fazendo ao mesmo tempo apressar o passo ao cavallo.

—Ha crenças no valle, de que não é muito prudente passar por este sitio, e ainda menos em noites tão tenebrosas como esta.

—Diabo! exclamou o barão, por acaso és tu supersticioso?

—Nunca o fui, senhor.

—Pois bem, fica entendendo que nos dirigimos a essa casa, que tu e o vulgo chamam *Atalaia maldita*.

Anselmo sentiu um incommodo inexplicavel, a pesar de seu reconhecido valor; porém guardou-se bem de fazel-o patente, e seguiu em silencio o cavallo do barão.

O castellão entregou-se ás suas reflexões.

Em um promontorio, banhado pelo mar, e situado na extremidade de uma alameda, elevava-se uma grande torre, a qual não só podia servir de pharol em noite tempestuosa, mas tambem de baluarte em uma invasão de piratas.

Tinha ella sido denominada pelo povo com um apodo sinistro, talvez pela recordação de alguma historia horrorosa, que dentro de seus muros occorrera; porém, a pesar do cuidado com que o vulgo tratava de perpetuar estes terrores, dando-lhe sempre apparencias fantasticas, o tempo, se não se havia encarregado de desmentil-os, não tinha ao menos dado assumpto para que continuassem.

Uma familia habitava a *Atalaia maldita*, mas não convivia com pessoa alguma da visinhança: alguns cavalheiros da comarca, mais por curiosidade do que por dever, tinham ido offerecer seus respeitos aos solitarios moradores; porém, ou não haviam lá voltado, ou as relações principiadas tinham sido frias e cerimoniosas.

O barão de San Yuste, que sabia isto perfeitamente, não se afastou de seu proposito. Penetrou no bosque, que con-

duzia directamente á *Atalxia*, e a poucos passos esta torre se lhe offereceu á vista, como um gigante meio envolto na neblina do mar.

Desceu a perigosa vertente, e logo que chegou á porta, fez soar uma grossa argola de bronze, que n'ella se achava cravada.

Ainda que o estrondo do mar abafára o ruido causado pelo cavalleiro, passado um segundo, a porta foi abrindo-se vagarosamente, e appareceu uma anciã, pallida como um espectro. Vestia um traje de côr cinzenta, que a luz de uma lampada, que segurava, permittia distinguir.

Anselmo cuidou ser uma visão.

O barão apeou-se, e apressou-se em a comprimentar.

CAPITULO II

PROLOGO DE UMA HISTORIA

—Quem procuraes? perguntou a anciã com um accento tão incisivo como a ponta de um punhal.

— A senhora de Segalvo, respondeu o barão, inclinándose-se.

—Entrae, cavalheiro, sou eu mesma.

O barão obedeceu, indicando com um olhar a Anselmo que cuidasse do seu cavallo, e o esperasse á porta.

Esta cerrou-se, e a velha dama, com o auxilio da luz que trazia, começou a ascensão de uma ingreme escadaria.

Era uma sombria espiral que repetia o echo dos passos de uma maneira pavorosa.

Quando chegaram ao primeiro andar, o barão distinguu um escuro corredor, no fim do qual se lobrigava uma portinha.

Seguiram silenciosamente este corredor, no fim do qual a condessa entrou em uma sala de forma oval, com as pare-

des ennegrecidas forradas de algumas tapessarias já muito usadas, e a abobada sustentada por quatro columnas, que terminavam em um florão.

Um curioso teria descoberto no centro deste florão a cabeça de um demonio de pedra.

Os moveis eram em pequeno numero: algumas antigas cadeiras estofadas, e uma mēsa carregada de papeis.

Na frente principal via-se um quadro coberto por um vèlo de gaze, por dertaz do qual se divisava o retrato de um cavalleiro com o uniforme das guardas walongas. Sobre o caixilho dourado havia um escudo sustentando uma corôade conde.

O barão examinou minuciosamente todos estes ornatos, e sentou-se depois n'uma poltrona, que a branca e mirrada mão da condessa lhe indicou.

—Cavalleiro, disse ella, depois de observar com attenção o recém-chegado, se tiverdes a bondade de dizer-me o que pretendeis, estarei prompta a escutar-vos.

—Antes de vos dizer o que pretendo, respondeu o barão, quizera saber positivamente, se sois vós a pessoa que eu procuro.

—Duydaes?

—Não pode offender-vos esta leve desconfiança.

—Repetir-vos-hei então, senhor, que sou Francisca Hippolita Neira de Yusa, condessa de Segalvo, e accrescentarei que esse retrato, que tendes diante, é de meu esposo, morto na batalha de Truillas.

O barão inclinou-se.

—Nesse caso, senhora, entendamo-nos.

—Isso mesmo espero de vós, replicou a condessa.

—Para que isto se consiga, julgo de meu dever pronunciar uma palavra.

—Qual é?

—Eil-a :—*Covadonga*.

Duas chamas de estranho fulgor scintillaram nos olhos da anciã. Ouvindo esta palavra, que era tambem uma lembrança gloriosa de nossa independencia, um ligeiro sorriso lhe assomou aos labios, e desenrugando em parte o rosto de sombrio aspecto, exclamou:

—Cavalheiro, essa palavra denota que estaes iniciado na mais sancta das causas; na mais heroica empresa; que o povo hespanhol ainda commetteu.

—Consta-me, senhora, que estaes encarregada pela junta estabelecida em Madrid, de dar impulso ao movimento que ha de verificar-se em nossa provincia: em consequencia disso venho receber as instrucções de V.^a Ex.^a.

—Por tanto, observou a condessa de Segalvo, deveis ser o barão de San Yuste.

—Com effeito, sou eu mesmo.

—Isto é, sois o chefe nomeado para collocar-se á frente da sublevação.

—Sim, senhora.

A condessa fitou no barão seu olhar sagaz e investigador.

Era um cavalheiro talvez de quarenta annos, possuia uma phisionomia rigida e ao mesmo tempo sympathica, olhar vivo e ardente, fronte elevada, em que se lia a fé e o enthusiasmo na sua mais sublime expressão, certa serenidade immutavel como o destino, mais que valor, mais que ousadia, e uma superioridade de raça, e de intelligencia que se lhe reflectia nas feições, gestos e palavras.

A condessa leu facilmente estes traços caracteristicos do barão.

Depois de haver decorrido o tempo necessario, para fazer seu exame, disse:

—Está bem; conheço que sois o mesmo, e por isso aqui

tendes um *prego*, que vos é dirigido, e que recebi hontem á noite. Tirando então do seio um papel cuidadosamente fechado, o entregou ao cavalheiro.

Este apressou-se em abrí-lo.

O que nelle estava escripto era tão laconico, que apenas occupava a quarta parte de uma linha.

Em letra quasi microscopica lia-se o seguinte:

«*Senhor barão.*

Reuni vossos montanhezes».

Não tinha assignatura.

O barão depois de ler perfeitamente aquella ordem, aproximou o papel da chama, e reduziu-o a cinzas.

—O que me é ordenado será brevemente posto em execução, disse o gentil-homem, com sua immutavel serenidade. N'este momento percorre o alarma todas as Asturias, e bem depressa se organizará um exercito, que fará frente ao inimigo.

—Devo advertir-vos, observou a condessa de Segalvo, com sinistro sorriso, que a esta hora o general Maurice Mathieu deve avançar sobre Oviedo.

—Bem sei.

—E poderei eu merecer-vos o obsequio de me communicardes o vosso plano.

—Ainda não o tracei. Esta noite deverá ser discutido em uma reunião, que terá logar em casa de um dos mais nobres asturianos.

—Está elle auctorisado para assim obrar?

—Sim, senhora.

—Tereis a bondade de dizer-me o seu nome?

—Dom Carlos de Montalban.

A condessa tornou-se pallida, e sua fronte pareceu annuiar-se.

—Dom Carlos de Montalban ! tendes razão, senhor; es

colheste um digno companheiro, para partilhar os perigos e os trabalhos.

Um sorriso desdenhoso appareceu repentinamente na physionomia cadaverica da condessa, como se as suas palavras encerrassem um epigramma sinistro.

—Trata-se de salvar a patria, continuou, de fazer por tanto todos os sacrificios; por isso parece-me conveniente aconselhar-vos que estudeis com profunda attenção o plano de campanha, que deveis pôr em pratica, para imitar os gloriosos tempos dos heroes de Covadonga. Estes conselhos de amiga, apesar de até hoje não haver tido a honra de conhecer-vos, são resultado de uma convicção intima, que ousarei apresentar á vossa consideração.

—Qualquer advertencia da parte de v. ex.^a será por mim escutada com summo gosto.

—Creio, senhor barão, que haveis tido em muita consideração a natureza especial deste paiz; é provavel tambem que tenhaes attendido ao estado de vossos bisonhos companheiros, mui ricos de enthusiasmo é verdade, mas mui pobres da instrucção militar, que é necessaria, para apresentar se em frente dos soldados mais famosos da Europa.

—Conheço quanto me dizeis.

—Por consequencia comprehendéis tambem que toda a acção será comprometida, se se offerecer batalha campal.

—Essas mesmas razões, respondeu o barão, servem de base ao meu projecto. Nós não devemos começar a guerra; senão por combates parciaes, em que as rochas do paiz sirvam de escudos a nossos corpos; valendo-nos de surpresas atrevidas; chamando por todas as partes a attenção do inimigo, com o fim de dividir-lhe as forças; e apparecendo, já na vanguarda, já na retaguarda, segundo as circumstancias o exigirem.

—Perfeitamente, barão, murmurou a estranha condessa,

sorrindo lugubrememente; creio que nada ha que accrescentar ás vossas explicações.

—Nesse caso, replicou vivamente o barão, permittí-me que parta immediatamente, a fim de comparecer á reunião que deve celebrar-se.

A condessa fez um movimento com a cabeça, em quanto o cavalheiro se preparava para sair.

—Antes de vos irdes, quizera aproveitar esta occasião para fallarmos de um assumpto importante.

—Estou sempre ás vossas ordens, condessa.

Esta despediu sinistra chama do fundo de suas pupilas.

—Queria fallar-vos de um negocio de familia, de que julgo estareis conhecedor.

—Fallae, exclamou o barão um tanto impressionado.

A anciã passou a mão pela fronte, como para evocar da memoria alguma recordação lastimosa, e, fazendo um gesto para deter o barão, expressou-se nestes termos:

—Ha mais de meio seculo que succedeu o que vou contar-vos. Um cavalheiro, nobilitado com o titulo de barão de San Yuste, vosso parente talvez, acaso vosso pae, foi para a America, não sei se por desejo de augmentar fortuna, se com o intuito de instruir-se nas viagens.

—Meu pae, senhora, interrompeu o barão, estive na America, mas por ordem do rei, a quem servia como militar.

—Era militar tambem o cavalheiro, de quem vos fallo, proseguiu a condessa. N'aquelle tempo disputavam francezes e inglezes o dominio do Canadá... Muitos officiaes hespanhoes tomaram parte na questão contra os ultimos, posto que as Floridas estivessem compromettidas, e em risco de se perderem, como infelizmente succedeu mais tarde. Depois da san-

guinolenta e decisiva batalha de Quebec, aquelle barão de San Yuste achou-se no meio de um bosque, unicamente acompanhado por seu irmão de armas, o conde D. Henrique de Segalvo. Estavam ambos feridos; haviam entre si jurado uma fé eterna, uma amizade immutavel, e aquelle desastre da guerra estreitou mais os vinculos que os uniam.

—Pelos precedentes que acabo de ouvir, redarguiu o barão, posso assegurar-vos, senhora, que estaes fallando de meu pae.

—A condessa sorriu-se imperceptivelmente, e continuou :

—Muitos dias passaram os dois amigos na espessura dos bosques, á maneira de duas feras. A' força de constancia e de trabalho tinham podido alcançar algumas fructas, com que mitigavam a fome e a sêde; porém o calor, a falta de cuidado, a absoluta carencia de soccorro, a irritação crescente de suas feridas, e finalmente a insalubridade do clima, tudo contribuiu, para que os dois amigos chegassem a estar muito proximos da morte.

—Senhora, estaes-me contando uma historia, que me entristece, replicou o barão.

—E' este o amargo fructo das recordações. A morte pairava sobre aquelles dois heroes da desgraça, mas feriu sómente um delles, o conde de Segalvo meu irmão.

—Era vosso irmão o amigo de meu pae?

—Sim; momentos antes de morrer, proseguiu a anciã, quando a desventurada victima luctava com a agonia, chamou vosso pae, e, tomando-lhe uma mão, disse: « Amigo, vou expirar... apenas me restam alguns instantes, para te communicar a minha ultima vontade, ou antes minhas mais ardentes supplicas. Logo que eu morra, voltarás tu por ventura á Hespanha? — Sim, respondeu vosso pae. — Então,

continuou o moribundo tirando do seio um pequeno estojo de velludo encarnado, quando chegares á nossa adorada patria, procura uma irmã que tenho, a unica pessoa, que fica existindo, de toda a minha familia. E' joven, carece de amigos, de protectores, de entes, que a amem: não tem mais que a lembrança saudosa, que pode enviar-lhe seu irmão moribundo do fundo de uma selva americana. Sê tu seu irmão, seu amigo; e, se me amas tanto, que por minha memoria queiras sacrificar o teu coração, sê tambem seu esposo.—Jurro-o por tudo quanto ha mais sagrado, disse vosso pae naquelles supremos momentos, serei o amigo, o protector, o esposo de tua irmã.—Então, continuou o moribundo, tu, que tens sido o unico depositario da minha amizade e carinho, recebe esta buceta onde estão documentos importantes, que pertencem á minha familia. No dia das tuas nupcias com minha irmã, rasga esta capa de velludo, e lê o que interiormente se acha escripto.»

Vosso pae prometteu cumprir religiosamente todos os desejos de meu irmão: poucos momentos depois pereceu elle.

A senhora de Segalvo deteve-se alguns instantes, para descansar do "supremo esforço, com que havia recordado aquella historia, sumida na obscuridade dos tempos. Entretanto o barão de San Yuste, não sabendo o termo, que teria aquella narração, em que se achavam interessadas ambas as familias, escutava em silencio, mas com visivel anxiedade.

—Resta-me pouco que dizer, proseguiu a dama, aticando a luz da lampada. Parece-me, cavalheiro, que esta historia tem em si o quer que seja, que vos commove, e por isso estaes pallido, como eu.

—Senhora, estaes referindo um episodio da vida de meu pae, de que me é desconhecida a maior parte.

—Prosequirei pois: falta o mais doloroso, e egualmente

o mais importante para mim. Eu ignorava completamente o horrivel drama occorrido no novo mundo, que acabo de contar-vos. Uma noite tempestuosa, durante a qual o mar quebrava as ondas d'encontro a esta solitaria torre, apresentou-se á porta um cavalleiro, vestido com o nobre uniforme dos officiaes do rei. Pediu hospitalidade, e foi-lhe concedida. Seu talhe, a côr tostada, o rosto, o alhar doce e melancolico, o accento estranho de sua linguagem, mostrando vir de longiquos e desconhecidos paizes, fizeram bater violentamente meu coração.

—Donde vindes? exclamei eu sobresaltada.

—Da America, me respondeu o desconhecido.

—Oh meu Deus! quem sois?

Vosso pae lançou-me um olhar tão triste, que me entenebreceu a alma.

—Não o adivinhaste? me disse elle.

Eu corri para elle, dando um grito, e com os braços abertos; porém não sei que n'elle vi, que retrocedi.

—Não me atrevo a crer, respondi perturbada; vós não podeis ser...

—Sou vosso irmão.

A esta voz, a esta palavra sagrada, olvidei os meus temores, e arrojé-me nos seus braços, bemdizendo a Providencia. Quando olhei para o rosto de vosso pae, vi-o inundado de lagrimas.

—Meu irmão! exclamei no auge da alegria. N'este momento, porém, vosso pae mudou de physionomia; em lugar d'aquella franqueza de irmãos, olheu-me com respeito, quasi com veneração, e pegando-me na mão conduziu-me a um assento, e disse-me com voz pausada:

—Senhora, juro-vos que sou vosso irmão, mas não aquelle que cuidaes.

Dei um doloroso grito, porque estas palavras eram para

mim um relampago, que esclarecia as negras nuvens do passado.

—Então quem sois?

—O barão de San Yuste.

A revelação que acabava de ouvir dispoz-me a escutar a historia, que vos contei; foram tão vehementes as expressões de vosso pae, tão consoladoras suas palavras, tão ardentes seus juramentos, que por algum tempo o considereei um verdadeiro irmão.

A condessa calou-se, talvez para reflectir. Em seguida, como se houvera tomado uma resolução, proseguiu:

—Porém não quero moléstá-los com inúteis detalhes, nem é opportuna a occasião, para que eu vos detenha, quando deveres mais sagrados vos chamam a outra parte. Sabei que motivos e obstaculos insuperaveis estorvaram vosso pae de cumprir totalmente as promessas, feitas a meu irmão, de modo que não poudo entregar-me em tempo algum os papeis, contidos na pequena boceta de velludo encarnado. Mais tarde, quando se tornou impossivel a nossa união, vosso pae prometeu entregar-m'os; porém, como bem sabeis, foi um dia horriavelmente assassinado, e ficou a promessa por cumprir. Agora supplico-vos, cavalheiro, que, se entre os objectos, que deixou vosso pae, encontrardes aquella boceta, tenhaes a bondade de entregar-m'a, porque me pertence: fui obrigada a quebrar o sigillo de um dos acontecimentos mais dolorosos da minha vida, sómente por este motivo. N'este assumpto a mim assiste-me a justiça, e a vós o dever. Eu obterei o triste legado de meu irmão; vós cumprireis um desejo de vosso pae.

A anciã emmudeceu, e o barão, assaltado por lugubres ideias, demorou se longo tempo para responder.

—Senhora, disse elle por ultimo, como ignorava inteiramente os tristes acontecimentos, que acabo de ouvir-vós, não tenho podido saber se existe o objecto que reclamaes.

Todavia prometto, pela memoria de meu pae, apresentar-vol-o, se por ventura entre os seus papeis existirem os que legitimamente reclamaes.

Acabaram de fallar. A condessa pegou na lampada, e indicando ao cavalheiro a sombria espiral, por onde havia subido, acompanhou-o até á porta da torre.

O mar bramia mais pavorosamente, impellido por impetuoso furacão, que, silvando, lhe enrugava a superficie: negras nuvens encobriam o ceo, e a mais completa escuridão envolvia a natureza.

O barão montou a cavallo, e saudou pela ultima vez a singular moradora da *Atalaia maldita*. Esta correspondeu áquelle ultimo comprimento, e desapareceu, á maneira de uma sibylla ao descer da inspirada tripode. — Depois de se achar só na mesma salla, onde tivera logar a conversação com o barão, tirou do seio um apito de prata, que tocou. No mesmo instante abriu-se uma porta, perfeitamente dissimulada no lado opposto ao logar que occupava, e por ella entrou um homem vestido de negro; formas athleticas, rosto afogeuado, e olhos quasi encobertos por espessas sóbrancelhas.

— Ginés, bradou a condessa sem olhar para elle, viste esse homem que acaba de sair d'aqui?

— Sim, senhora condessa, respondeu com voz rouca e aspera o novo personagem.

— Conhecel-o?

— Nunca o vi.

— Comtudo, reparaste na sua physionomia?

— Reparei.

— E não te recorda nenhum semblante?

— Sim, um: disse aquelle homem, assomando-lhe aos labios um sorriso feroz.

— Qual?

—O do barão de San Yuste, assassinado na noite de 27 de fevereiro.

—Pois este homem é seu filho.

—Seu filho! exclamou Ginés, com olhar de espanto.

—Assustas-te?

—Não.

—N'esse caso...

—Que quereis?

—Ainda resta a ultima gota de sangue no calix da vingança. Comprehendes-me?

—Comprehendo-vos perfeitamente, respondeu o homem vestido de negro.

A condessa levantou a mão, como se brandira um punhal.

—Ainda não soou a hora, disse ella com lugubre accento. Não esqueças nunca esse homem. E' a represalia que o destino nos offerece. Dorme, vontade de ferro, em quanto não chega o momento de ferir.

A velha condessa fez então um aceno, e a porta misteriosa tornou a fechar-se. Um pouco mais tarde sómente o vento se ouvia zumbir nas ameias da *Atalaia maldita*.

CAPITULO III

O MENSAGEIRO

Demasiadamente conhecidos são os grandes acontecimentos de que a Hespanha foi theatro desde 1808, e por isso nós, imitando aquelles viandantes que saúdam de longe os monumentos classicos da antiguidade, contentar-nos-bemos com inclinar a fronte ante essas gloriosas recordações, que constituem uma época brilhante da nossa historia.

A fé ardia em todos os corações; o enthusiasmo, em todos os peitos; a vingança, em todos os espiritos. Facilmente se poderá ajuisar da effervescencia que reinava nas Asturias, desde que se soube da chegada dos francezes a este ultimo limite da Hespanha.

Organisaram-se a occultas partidas, batalhões, regimentos, divisões e corpo de exercito; improvisaram-se chefes; appareceram ardentes guerrilheiros saídos até do mais obscuro povo; no meio d'aquelles perigos appareceram reductos inexpugnaveis por natureza, eloquentes oradores, que com o dom

da palavra arrastavam creanças, mulheres, e velhos contra o inimigo commum: no pulpito, o filho da religião, envergando o tosco habito de monge, prégava a guerra santa, como outrora Pedro o eremita a primeira cruzada: invocaram-se os manes dos heroes antigos, e, ao lado de seus tumulos, solemnes juramentos se prestaram de morrer defendendo a patria: foram conduzidos em procissão os estandartes, as espadas, e outras reliquias sagradas, que existiam nas nossas gothicas cathedraes; e os sinos das egrejas e mosteiros annunciaram com funebre dobre a hora da lucta e do combate.

A este primeiro impeto succedeu uma calma, precursora da tempestade; a populaça corria em silencio a alistar-se nos corpos que successivamente se iam creando, em quanto na apparencia reinava a mesma quietação em todos os animos.

Tinham decorrido alguns dias depois d'aquella noite, em que tiveram sua entrevista a condessa de Segalvo e o barão de San Yuste.

Quem era esta mulher, a unica pessoa que parecia dominada por outros sentimentos?

Não é facil responder.

Ninguém a conhecia, e não obstante parecia dominar na côrte, pois que era mensageira de importantissimas medidas. Não convivia com pessoa alguma, e conhecia a todos por seus nomes, e pelos antecedentes de sua familia. Habitava a *Atalaia maldita* com titulos de propriedade; e finalmente possuia uma eloquencia singular, com que fascinava se lhe convinha, e aterrava se lhe faltavam ao respeito. Vivo contraste dos successos e vicissitudes humanas, apparecia caprichosamente vestida com certa extravagancia romanesca: havia occasiões, em que desaparecia da comarca, sem que fosse possivel saber-se d'ella, pois tinha o cuidado de não deixar após si vestigio algum, por onde se descobrisse o logar, onde exis-

tia; no trato familiar era perspicaz, attenta e obsequiosa, a pesar de nunca ninguem lhe ver nos labios um sorriso.

Para uns era um enigma, para outros uma superstição, para os menos credulos uma extravagancia.

Ultimamente a condessa tinha-se apresentado com poderes da junta central, que dirigia o movimento das provincias contra Napoleão, e logo soube tornar-se o centro d'aquelle volcão, que havia de rebentar ao seu mais leve sopro.

Da *Atalaia maldita* partiam todas as ordens, todos os correios; e os homens mais auctorisados, subordinados a seus desejos, esperavam um signal seu, para arvorar em todas as montanhas, em todos os povos, em todas as estradas o estandarte da revolta.

Que esperava a condessa?

Os francezes avançavam, e cedo se apresentariam deante dos velhos muros de Oviedo: germinava a surda effervescencia nos animos, e a impaciencia crescia como maré tempestuosa.

Em uma d'aquellas noites, um cavalleiro desconhecido, montado em cavallo ruço-rodado, envolto em longo capote verde, que lhe tocava quasi nos artelhos, trazendo na cabeça uma especie de gorro, que lhe occultava parte do rosto, parou á porta da *Atalaia maldita*, e bateu.

Pouco tempo tardou em fazer-se ouvir, e a condessa appareceu como da primeira vez; isto é, de uma maneira caprichosa e fantastica, como se sua presença devesse sempre ser acompanhada da solemnidade de uma appareição.

O desconhecido saudou, e apeando-se perguntou se podia entrar

A resposta foi affirmativa, e bem depressa a condessa e o desconhecido se acharam um em frente do outro na salla de forma oval, onde estivera o barão de San Yuste.

Entre os dois unicos actores d'esta scena misteriosa tinha

reinado silencio profundo, e apenas se observavam reciprocamente com muita attenção, querendo talvez sondar-se antes de fallar. Como, porém, não podiam entender-se d'este modo, a condessa quebrou o silencio:

—Posso saber o motivo da vossa visita?

—Não terei duvida em satisfazer-vos, senhora, respondeu o recém-chegado com accento estrangeiro, se vos dignardes dizer-me uma cousa.

—Dizei qual é.

—Sois a condessa de Segalvo?

A anciã examinou o desconhecido mais attentamente.

—Sou eu mesma.

—Então devo participar-vos o motivo da minha vinda.

E cravou durante alguns segundos na physionomia severa da condessa seu penetrante e fascinador olhar.

—Fallae, disse ella.

—Creio que não estranhareis saber, que sou um enviado do general francez Maurice Mathieu.

—Um enviado do general francez! exclamou a condessa, dilatando seus olhos.

—Exatamente.

—Não posso comprehender, como tivestes a audacia de atravessar o paiz.

—O disfarce me salvou por acaso, respondem o enviado: por tanto, agora que estou sob vossa salva-guarda, pois não cuido que faltareis aos deveres da hospitalidade, tenho o prazer de saudar-vos, Senhora condessa: sou o capitão de dragões Edgardo Laforet, ajudante de campo do general.

A condessa ficou perplexa por alguns momentos, como se duvidara do que estava presenciando.

—Nesse caso, disse ella finalmente, a que vindes?

—Sou portador de uma mensagem.

—Para mim?

—Sim, minha senhora.

—Então porque não m'a communicaes?

—Senhora, continuou o capitão Edgardo, o general Maurice Mathieu sabe que sois a alma da sedição da provincia.

A condessa sorriu-se.

—E que importa isso ao general?

—Muito. Deseja evitar que se derrame sangue inutilmente

—Por que razão?

—Porque, começada a guerra, não haverá piedade nem misericordia para o vencido.

—E contaes com a victoria? perguntou a anciã com certo orgulho.

—Cremos n'ella, e esta crença não offerece duvidas.

—Assim será; porém Deus é quem decide da sorte das batalhas.

O capitão deixou ver um sorriso de indiferença.

E' certo; por isso os nossos batalhões se acham junto das muralhas de Oviedo, e n'um dia podem chegar aqui, para demonstrar-vos que todo o projecto de defeza é inutil.

—Dizeis que os vossos soldados estão proximo dos muros de Oviedo?

—Justamente.

A condessa pareceu entregar-se a uma reflexão. Nos olhos brilhava-lhe uma chama de mau agouro.

—Bem, murmurou ella: agora saibamos que motivo aqui vos treaxe.

—O general francez propõe-vos tres condições.

—Quaes são?

—Primeira: que abandoneis á direcção dos segundos chefes da sedição o movimento da provincia.

—Impossivel.

—Segunda: que acceiteis em signal de gratidão um donativo de trinta mil pesos fortes.

—Cavalheiro, sabeis se conspirei em favor do meu paiz para o vender?

—Terceira, continuou o capitão, como se não tivera ouvido uma só palavra: que no caso de não acceitardes as duas propostas anteriores, terá o gosto de vos enforcar no mais alto d'esta torre.

A condessa fez-se pallida como a morte, ao ouvir esta ameaça.

—E é essa, cavalheiro, a gratidão de vosso general? Ignora que por fortuna estou em correspondencia secreta com o gran duque de Berg, e que por esta causa não tenho dado impulso ao movimento do paiz, mas sim tenho deligenciado paralyzal-o até agora, em que já se torna impossivel conter a explosão? Não sabe tambem que estou filiada ao pensamento de vosso imperador, porque, no estado de degradação em que existe a nossa dynastia, a surda lucta de pae contra filho, os desacatos de Godoy, e a cegueira de Maria Luiza, nos tem feito desejar um poder novo que regenere esta nação de heroes? Tenho querido parecer fiel ás ideias hespanholas, até ao instante em que feristes o meu orgulho com essa ameaça miseravel. Porém, já que sou tratada de um modo tão indigno, appellarei para o gran duque de Berg, e então havereis de estar subordinados ás minhas determinações.

—Senhora... exclamou o capitão, rrsombrado com as extraordinarias revelações, que acabava de ouvir.

—Agora quereis desculpar-vos! Então nada é o que tendes visto? Não significa cousa alguma terdes chegado em frente de Oviedo, sem ao menos um triste tiro de canhão disparado em defeza d'este paiz, que é, e ha de ser sempre o primeiro a defender a sua independencia e liberdade? Senhor capitão de dragões, importa pouco o sacrificio de uma mulher,

Nesta innacção sem esperança, sómente desejava ouvir o estrepido de algum cavallo; mas baldado empenho.

Gabriela amava. E amava com toda a vehemencia do seu coração, como acontece sempre no primeiro arrebol da existencia. Sabia que estava promettida ao filho do senhor de Montalban, e este pacto de familia era tambem um contracto de amor entre os dois futuros esposos.

Por este motivo, ao ver quasi destruidas todas as esperanças com a repentina appareição das tropas francezas, uma tristeza mortal se lhe apoderou do coração. Aquelle porvir que antevira tão risonho poucos dias antes, era agora para ella um futuro de luto e de angustia.

Gabriela tinha fê no seu amante, como pode tel-a um espirito puro na luz do dia; porém a tormenta politica, quazi a estalar fazia-a tremer. E por isso inquieta e anciosa estivera esperando a chegada do cavalheiro.

Que teria succedido, para que esse cavalheiro tão fiel e tão pontual, não viesse promptamente ao chamamento do barão?

Esta pergunta era uma angustia para Gabriela; e á falta de linitivo soffria em silencio, e esperava. Assim passou ainda meia hora de mortal afflicção.

Entretanto o barão de San Yuste soffria tanto como sua filha.

A repentina e inesperada appareição dos francezes tinha-lhe feito comprehender que a condessa de Segalvo, ou havia sido mal informada pelos seus espias, ou commettera uma traição, tão perfida, como entregar uma provincia inteira a inimigos.

O turbilhão de ideias, que com estes temores lhe assaltava o espirito, fazia-o soffrer horivelmente.

Tres dias successivos estivera pedindo á condessa, que desse as ordens necessarias, para que tudo se puzesse em mo-

—Impossivel!

—Todas as Asturias estarão amanhã em armas.

—Não podeis ganhar um dia?

A condessa permaneceu pensativa por alguns instantes: depois, arremecendo um olhar impregnado de peçonha.

—Ha um meio.

—Qual?

—Consiste em vos apoderardes dos chefes da revolta.

—E isso é facil?

—Se eu vos ajudar não será difficil.

—Oh!

—Tendes ouvido fallar do barão de San Yuste?

—Sim: é um dos mais formidaveis inimigos que temos.

—Apoderae-vos delle, e a sublevação não terá o perigo-so caracter, que teria com a sua presença.

—Mas como?

—Sabei que o barão espera as minhas ordens não muito longe d'aqui.

—Onde?

—No castello de San Yuste.

—Num castello?

—Não temaes; é uma fortaleza antiga, que não póde resistir ao mais poltrão de vossos granadeiros.

—Conforme.

—Esta noite marchaes para Oviedo; fazeis-vos acompanhar por uns quinhentos cavallos, e penetrando pelas vertentes de Covadonga e Onis, chegareis, quasi sem ser observado, ao valle de Penduellas.

—Permitti que vos observe, senhora, que ha perto de vinte leguas a percorrer, e em um dia é completamente impossivel ganhar tanta distancia.

—Podeis estar aqui dentro em tres dias.

—Posso.

—Então correi; eu farei com que o barão continue a permanecer no seu castello até então.

—Perfeitamente.

—Ao mesmo tempo que atacardes esse ponto, é necessario surprender outro.

—Qual?

—A casa de Dom Carlos de Montalban.

—E' outro chefe?

—Ainda mais temivel do que o primeiro.

—Onde habita?

—Em Rivadesello.

—Tenho todas as indicações, e por isso nada resta que dizer.

—Ainda tendes de me ouvir cavalheiro, redarguiu a condessa, com amargo sorriso.

—Dizei.

—Reclamo a vida dos dois chefes que nomeei.

—Isso depende da resistencia que elles empregarem.

—Fallo, no caso de serem presioneiros.

—Se assim acontecer, ficarão á vossa disposição, respondeu o francez.

A condessa comprimiu o peito com mão convulsa, como se nestas palavras houvera encontrado uma esperanza.

A conferencia estava terminada.

Pouco depois o galope de um cavallo annunciava que o capitão Edgardo Laforet partia para Oviedo, a fim de dar cumprimento aos desejos da condessa de Segalvo.

CAPITULO IV

HORAS DE ANGUSTIA

O castello de San Yuste estava situado em uma eminiencia que dominava um immenso horisonte. D'ali se descobriam as erriçadas cristas de Covadonga, envoltas em azulado vapor; frondosos valles, serpenteando á maneira de correntes de verdura, de entre os quaes se erguia de distancia em distancia a aguçada torre de alguma parochia; e finalmente as ondulações da costa até ás praias de Rivadesella.

Se fôra nossa intenção fazer uma descripção exacta d'aquelle paiz, inuteis seriam os esforços para o conseguir.

Teriamos de imaginar um desses quadros que têm saído unicamente do pincel de Poussino e de Villamil; essa brilhante gradação de rochas e de rios bordados de restos historicos do feudalismo; essa poetica agglomeração de grupos de arvores similhando ilhas de refugio no meio de uma natureza agreste e selvatica; e por ultimo indispensavel era

pararmos ante o velho Oceano, gigante poderoso, que enca-deia a criação com um anel de brilhantes.

Já anteriormente dissemos que havia uma ponte, que punha o castello em comunicação com o valle de Pendueles.

Desta ponte partiam dois caminhos, ou para melhor dizer, duas estreitas veredas, uma que se perdia na campina de San Acisclo, e era a via por onde communicavam os povos da costa de Llanes com a capital; outra sumia-se nas sinuosidades, que se estendiam ao oeste, e na espessa alameda, por detraz da qual apparecia a *Atalaya maldita*.

Era a hora em que o sol declinava para o occidente.

Densas nuvens orladas de uma côr acobreada desenrolavam-se como um mar sombrio, velando os derradeiros clarões da tarde: o vento jazia adormecido: o mar bramia surdamente; e o *bufon* lançava enormes borbotões de agua, signal infallivel de tempestade.

A terra tinha tomado as côres e os reflexos do ceo: alguns rebanhos desciam balando tristemente e iam applacar a ardente sêde nas cristalinas aguas do *Cobra*: lá ao longe soava de vez em quando a buzina do montanhez, como um echo de alarma, ou como signal de perigo proximo.

Num salão gothico do castello, duas mulheres, encostadas ao parapeito de uma janella, observavam com anciedade a vereda que ia ter ás rochas do occidente.

Uma dellas era a joven e engraçada Tulla; a outra a formosa Gabriela, filha do barão de San Yuste.

Gabriella trajava um vestido escuro, que fazia realçar-lhe a alvura e a admiravel belleza do semblante.

A uma modestia excessiva juntava, esta joven de dezotto annos, um tanto de aereo e vaporoso, como se nota nas sublimes esculturas de Montanes. Os olhos rasgados, de longas pestanas negras, sombreavam-lhe as faces, pallidas n'a-

quella occasião pelas emoções, que lhe agitavam o espirito; e ainda que aquella timidez encantadora fazia transparecer-lhe no rosto angelico um temor vago, que a tornava mais bella, nem por isso deixava de observar attentamente a vereda, de que fallámos.

O som de um sino ao longe, seis vezes repetido, impressionou os corações das duas jovens.

—Seis horas! exclamou Tula. Valha-me Deus, quanto se demoram! Apesar de ser tão tarde, ninguém se descobre no caminho de Rivadesella. Não se vê uma unica pessoa pelas cercanias do castello. E' verdade que a tarde está nevoenta, e os tempos não estão bons para andar pela estrada real.

—Tens razão, Tula, respondeu Gabriela. Sabe Deus o que terá acontecido a D. Carlos e Anselmo.

—Por Anselmo não devemos ter grandes cuidados; conhece muito bem o terreno, e deve ter tomado as suas precauções.

Gabriela suspirou, e depois continuou:

—Pode ser. Entretanto tremo desta demora. A casa do senhor de Montalban está daqui umas quatro leguas; Anselmo é muito deligente, e por isso já cá deviam estar ha duas horas.

—Pois eu nem por isso. Sabeis que hoje appareceram os francezes nestas paragens, quando menos os esperavamos; sabeis tambem que principiaram a talar os nossos campos: que os povos chamam ás armas para reunir os seus irmãos e que os montanhezes, repentinamente sorprendidos, levantam o grito de independencia, e batem-se como verdadeiros veteranos á sombra do estandarte da Virgem da Soledade.

—E' verdade.

—Tambem não ignoraes que esta noite deverão reunir-se junto d'este castello mais de quatro mil homens, para nos defender; que á sua frente se postarão vosso paí e D. Car-

los. Pode, pois, muito bem ser tudo isto causa de tanta demora.

—Comtudo, proseguiu Gabriela cada vez mais pallida, em quanto Tula ao contrario mais se animava: olha novamente para as alturas de Rivadesella.

Tula observou por algum tempo; retirou-se porém passados instantes.

—Estão desertas, disse ella.

—Olhaste para a costa?

—A costa está abandonada. O mar é que se levanta até aos penhascos.

—E o caminho do poente?

—Inteiramente só.

—Oh! tanta incerteza faz-me tremer.

—Pouco animosa sois, minha senhora.

—Que queres?

—Temeis por D. Carlos, não o pae, mas sim o filho do senhor de Montalban?

—Esta pergunta fez subir ao rosto da formosa joven um vivo escarlata.

—Ah!

—Suspiraes? não admira.

—Porque?

—Porque, bem o sabeis, é tão galante, está tão enamorado. . .

—Gabriela sorriu-se tristemente, e levou a mão ao peito como para conter o violento palpitar do coração.

—Não zombes, Tula.

—Deus me livre de tal: dizia sómente que suspiraes...

—E' verdade, não sei o que sinto no coração, quando ouço o nome de D. Carlos.

—O que sentis é igual ao que eu experimento, quando me lembro de Anselmo. Se soubesseis quanto o amo?

—Oh! sim...

—Mas tenho um presentimento.

—Qual?

—Que esta maldita guerra ha de estorvar a nossa união.

—Talvez...

—Crede-o assim.

—Não duvido, porque a nossa vida vae soffrer uma mudança completa.

—Que dizeis?

—Escuta. E' muito provavel que abandonemos o castello.

—Tula juntou as mãos e exclamou com suprema angustia:

—Abandonar este castello!

—Meu pae trata de pôr em ordem os seus papeis com este fim.

Duas lagrimas appareceram nos olhos da donzella.

—E para onde iremos?

—Não sei.

—E vosso pae?

—Ah! meu pae está decidido a defender a patria. O tempo urge, e por isso torna-se necessaria a cada momento a chegada de D. Carlos e de seu filho.

Estas palavras, que revelavam a triste situação em que se achava a familia do barão de San Yuste, fizeram tremer as duas jovens, lembrando-se d'aquelles por quem esperavam.

—Muito tardam! O sol já se escondeu, e o ceu está tão escuro!

—Gabriela tornou a olhar para o horisonte com um tímido olhar, e respondeu.

—Com effeito prepara-se uma grande tempestade, Ape-

nas se vê até á torre gothica de San Acisclo de Pendueles, e o mar está negro e alvoroçado.

Como se estas palavras fossem precursoras de uma calamidade, brilhou repentinamente no horisonte um grande relampago, que serpeou por sobre as espinhosas alturas de Covadonga.

As duas jovens deram um grito suffocado, e o trovão retumbou ao longe.

—Meu Deus! exclamou Tula.

—Que será delles? repetiu Gabriela, retirando-se da janella, e deixando-se cair num assento junto de uma mēza.

Interrompido o dialogo pelo rumor da tempestade, nenhuma teve valor para mover-se do logar que occupavam.

A' tristeza de angustiosas reflexões juntava-se a obscuridade que reinava no sallão.

Era grande e espaçoso, como os de todas as mansões feudaes: as paredes de pedra elevavam-se despidas de todo o ornato, á excepção de alguns retratos, que representavam personagens de familia, e que, á incerta claridade daquelle tristonho crepusculo, pareciam olhar compadecidos para a ultima herdeira de sua casa. Uma sanefa, que tinha sido n'outro tempo dourada, e que circulava o sallão pela parte inferior dos pontaletes que sustentavam a abobada, tinha uma larga inscripção latina em letra alemã; reinava em toda a casa numa escuridade duvidosa, como os pensamentos daquelle coração tão joven.

Ha momentos em que se não pode reflectir, ou mais propriamente, em que a alma se transporta a outra esphera, que não é a desse fragil carcere, que a encerra, e ali vae procurar uma consolação para as tribulações que a affligem.

Gabriela ficou assim por uma hora, quasi sem reparar na escuridão que augmentava, nem no pallido clarão dos relampagos, que de quando em quando allumiavam o sallão.

que já cumpriu a primeira condição que me propondes, e que, se fôra descoberta, já teria sido enforcada como vosso general queria praticar.

—Por tanto, disse Laforet, pode o general confiar em vós ?

—Não lhe disseram isso mesmo em Madrid ?

—E' verdade.

—Então que mais quer ? Será por ventura a sua paciencia superior aos meus desejos ? Hoje não ha união nos chefes do movimento ; vêde a minha obra. Dizer-vos que amanhã não haverá uma reacção poderosa, logo que se saiba a vossa chegada a Oviedo, é impossivel. Ao contrario, tereis em cada encruzilhada, em cada penhasco, em cada povo um hespanhol, que saberá dirigir uma bala contra vossos soldados ; poderão uma vontade, que una esses esforços isolados, não a haverá.

—Então que significa o que me tendes estado a dizer ?

—Queria saber se sois, quem legitimamente deveis ser.

—E duvidaes de mim ?

—Não.

—Seja como fôr, eis aqui o meu salvo-conducto.

O capitão desdobrou um papel que tirou do peito, e apresentou á condessa o titulo que lhe devia infundir a mais completa confiança.

Um relancar de olhos foi sufficiente áquella mulher para ficar satisfeita.

—Cavalheiro, disse, deveis estar satisfeito, como eu estou. Agora acabaram os desfarces. Que desejaes ?

—Já vol-o disse: deter por mais tempo a explosão do volcão.

—Até agora tem se reprimido: d'aqui por diante é impossivel.

vimento; porém aquella mulher tinha sabido desterrar os receios do barão até ao momento, em que se annunciou a aproximação das tropas francezas.

A esta noticia o barão montou a cavallo, e correu á *Atalaia maldita*; mas a condessa tinha desaparecido.

Foi então quando comprehendeu, que tinha sido victima de uma traição, se bem que isso lhe custava a crer.

A condessa tinha conseguido o seu fim, por que o capitão Laforet cumpria religiosamente o contracto celebrado tres noites antes.

Isolado o barão no meio dos rapidos e inesperados contratempos, que entregavam as Asturias ao poder de um conquistador implacavel, quiz recorrer á sua extraordinaria energia e prudente valor. Enviou mensageiros a toda a parte; os povos principiarão a tanger os sinos para reunir os habitantes que oppossem um dique á torrente devastadora; mandou Anselmo a Rivadesella, chamou D. Carlos de Montalban, e por pessoas de confiança em perseguição da condessa de Segalvo, cuja conducta se tornava cada vez mais de suspeitar.

Os francezes avançavam sempre, divididos em pequenas columnas, para dominar o paiz.

Em presença d'estes acontecimentos, n'aquella lugubre tarde, quando soube que uma partida de inimigos se dirigia ao valle de Pendueles, e que o senhor de Montalban não apparecia, não teve paciencia para mais. Chamou a esposa e a filha, que se achavam n'um sallão do castello, e annunciou-lhes que n'aquelle instante partia para Rivadesella.

Esta resolução augmentou a inquietação das pobres senhoras; porém não havia tempo a perder, nem meio algum de evitar uma tal separação; o barão montou a cavallo, e partiu a todo o galope pelas escabrosas veredas da costa.

Tinha anoitecido, e só ao clarão dos relampagos se podia ver o caminho por entre os penhascos, e as arvores agitadas

pelo vento, entretanto o barão conhecia perfeitamente o terreno, e caminhava com tanta rapidez, que parecia não se importar com a tempestade que bramia furiosa. Levava o espirito negro como aquelle ceo carregado, não podia com tanta desventura; e se desejava salvar o seu paiz, tambem antevia os obstaculos, que acabavam de tornar tão difficil o bom exito de uma tal empresa.

la impaciente e afflicto. Esporeava o cavallo, que redobrava de velocidade, a pezar de deslumbrado pelo brilho dos relampagos.

Assim percorreu o barão metade do caminho. A escuridão era cada vez mais densa, e a noite mais horrorosa. O mar rugia surdamente na praia deserta.

Havia n'uma pequena eminencia uma cabana de pescadores, que servia de estalagem aos raros transeuntes que passavam por aquelle caminho, e que em noites assim podia ser muito util aos passageiros, que procuravam abrigar-se da tempestade.

O barão, longe de pensar em deter-se sob aquelle tecto hospitaleiro, passava por diante d'esta cabana, quando um pescador, que se achava á porta, saiu ao seu encontro, cuidando que elle procurava agasalho em sua casa.

—Podeis entrar, senhor cavalleiro, lhe disse elle.

—Não posso demorar-me, respondeu o barão com voz fatigada.

—Que dizeis? Por acaso em noite tão tempestuosa que-reis seguir viagem!

—Vou a Rivadesella.

O barão dispunha-se a continuar sua interrompida marcha, quando o pescador, que por um momento o havia detido, continuou:

—A Rivadesella! Oh! não faças tal, se apreciaes a vida. O barão parou.

—Por que motivo? perguntou com mortal inquietação.

—Porque ha algumas horas, que está occupada pelos francezes.

Esta noticia, que por si só lhe explicava tudo, gelou-lhe o sangue nas veias.

Depois de um instante de reflexão, em que estremeceu de coragem e de impaciencia, interrogou novamente:

—E' verdade o que dizeis?

—Tão verdade como serdes vós o barão de San Yuste.

—Conheceis-me?

—Acabo de reconhecer-vos.

—Bem, redarguiu o castellão; estejam ou não os francezes em Rivadesella, preciso lá ir. Adeus, meu bom amigo, recebei esta pequena offerta pela noticia que me destes.

E ao mesmo tempo entregou uma moeda de prata ao pescador; n'este instante ouviu-se o galope de alguns cavallos, que se dirigiam para aquelle sitio.

Este novo incidente fez demorar segunda vez o barão. Um immenso relampago illuminou o caminho, e elle poudo descobrir uma pequena cavalgada a uns cincoenta passos de distancia.

—Parece-me ter reconhecido Anselmo, exclamou o barão; esperemos.

O coração batia-lhe com extraordinaria violencia, em quanto os passageiros se aproximavam.

Em breve se lhe desvaneceram as duvidas.

Um joven e elegante cavalleiro, pallido e commovido, chegou, acompanhado de Anselmo, á porta da cabana.

O barão adiantou-se, e uma unica exclamação denotou a mutua surpresa dos tres ao encontrar-se n'aquelle lugar.

—O barão! exclamaram o cavalleiro e Anselmo.

—Dom Carlos! bradou o barão, apeando-se.

O joven imitou-o, e abraçados entraram na barraca, seguidos de Anselmo.

O bom servo estava compungido.

—E vosso pae? perguntou finalmente o barão.

—Meu pae... foi morto, respondeu o elegante mancebo, vivamente commovido.

—Morto! exclamou o barão, como se lhe caísse um raio aos pés.

—Mataram-no os francezes.

—Oh! Meu Deus! Que horrivel!

—Mas é bem verdade, proseguiu o joven com voz concentrada pela raiva e pela dôr. Morreu defendendo a sua casa até o ultimo momento; a espada de um capitão de dragões atravessou-lhe o coração.

O mancebo deixou-se cair sobre uma cadeira, prostrado pela afflicção.

—Então é certo que os francezes entraram em Rivadesella?

—E' certo.

—Maldição! E a nossa vingança?

—Não podemos vingar-nos.

—Que dizeis?

—A condessa de Segalvo vendeu-nos.

—Oh! uma traição!

—Horrenda e infame. Os francezes sabem que meu pae trabalhava a favor da independencia do paiz; e sabem o mesmo a vosso respeito.

—Logo é tudo fructo da perfidia da condessa?

—Tudo.

—E os nossos montanhezes?

—Dispersaram-se, quando souberam que Oviedo fôra tomada e saqueada.

—Um brado de horror se escapou do dilacerado peito do barão.

—Então estamos perdidos?!

—Assim o julgo.

—Cavalheiro, não nos deixemos abater pelo infortunio. Appellemos para o ultimo esforço.

—Não podemos.

—Porque?

—Não temos tempo.

—Por acaso esta noite...

—Esta noite devem chegar os francezes ao vosso castello. O barão tornou-se livido.

—Que dizeis?

—Logo que mataram meu pae, continuou o joven descendente do senhor de Montalban, logo que minha casa ficou reduzida a um montão de cinzas, e eu perdi tudo quanto me unia ao doce asylo onde passei o melhor tempo da minha vida, auxiliado por Anselmo, e seguido por alguns fieis servos, corri a procurar-vos. Deus permittiu que nos encontrásemos n'este logar, talvez para evitar novas desgraças. .

—E que recurso nos resta?

—Correr ao castello de San Yuste. Ainda será tempo.

—Para que?

—Para salvar a vossa esposa e a vossa filha.

Tremia-lhe a voz ao pronunciar esta palavra.

—Por desgraça, o perigo é tão eminente? perguntou o barão,

—Tanto que não soffre demora, respondeu D. Carlos.

—E que havemos de fazer?

—Fugir, é o ultimo expediente.

—Fugir! Isso é deshonra.

—Porém é o unico meio a adoptar.

—Oh! corramos, Carlos, voemos a San Yuste, exclamou

o barão no cumulo do desespero. Já que a Providencia assim o quer, salvemos ao menos minha esposa e minha filha, queridos objectos da minha ternura.

—Sim, sim, salvemol-as.

—Depois o ceo nos mostrará um caminho. A hora da vingança chegará.

Os dois cavalleiros abraçaram-se, como para soccorrer-se mutuamente em meio de tanta desolação; e, montando de novo a cavallo, partiram a todo o galope, seguidos por Anselmo e pelos criados de D. Carlos.

CAPITULO V

A FLOR DESBOTADA PELA TEMPESTADE

Chegaram a San Yuste.

Toda a familia se agrupou em torno do barão, do mesmo modo que os filhos do conde Hugolino em redor de seu pae. Contaram o que succedeu, para animar aquelles corações atribulados; é bem verdade que nas grandes afflicções inspira-se mais coragem com a terrivel narração dos acontecimentos, do que pretendendo occultal-os.

O joven Carlos de Montalban, suffocando as suas magoas para attender ao perigo commum, fez comprehender a todos que era necessario abandonar o castello n'aquella mesma noite.

Conheceram que não havia n'isto exaggeração.

O sino de San Acisclo de Pendueles começou a tocar a rebate, signal de que os francezes avançavam por alli.

Este som, trasido pela tempestade, obrigou todos os cria-

dos a entregarem-se aos preparativos da fuga, e o barão teve de dar as precisas ordens para se apromptar tudo.

—Dispensae-me, meu amigo, disse elle a D. Carlos; tenho de deixar-vos por alguns momentos, para attender á segurança de todos. Ficae com minha filha, que muito cedo seria vossa esposa, se a fatalidade não viesse interromper tão desejada união.

Carlos respondeu a estas nobres phrases com expressões de gratidão, e ficou ao lado de Gabriela, que tremia de espanto e terror ao pé da janella, onde a vimos pela primeira vez.

N'uma salla proxima sua mãe, Tula e Anselmo, occupavam-se em entrouxar o mais preciso para a jornada.

Já dissemos que Carlos e Gabriela se amavam; mas era um amor tão puro o que sentiam; tinham sonhado tantas felicidades; confiado tanto no porvir, que ao ver desvanecidas tão magnificas illusões, cuidaram que se iam separar para sempre.

Desfolhada por este modo a flor viçosa da sua esperança, os dois amantes sentiram mutua, irresistivel attracção, produzida pela ternura com que se amavam.

Carlos era um mancebo de vinte a vinte e dois annos, formoso como um Adonis de Rubens, bello como a cabeça de Van-Dick; olhos expressivos, cabello naturalmente anelado, e uma elevada estatura.

Era elegante, e nas maneiras revelava dignidade e nobreza.

—Gabriela! exclamou elle, olhando-a como sua unica esperança.

—Que quereis, Carlos?

—Ha momentos na vida, em que a gente não sabe o que deseja. Chamei porque o vosso nome é uma felicidade; desejava ver-vos, porque a vossa presença é para mim tão consoladora, que acalma os tormentos que me despedaçam o coração.

—Soffreis muito, bem sei.

—Se vos dissesse todas as minhas magoas, que cruel angustia não sofrerieis!

—Ah!

E a donzella ergueu os olhos ao ceo, ultimo lenitivo da sua dor.

O mancebo aproximou-se.

—Escutae-me, disse elle, os momentos são preciosos, e é preciso que os nossos corações se comprehendam n'esta occasião de terror.

—Que temeis, Carlos?

—Muito; melhor direi, tudo.

Gabriela ficou aterrada com estas palavras, mas, longe de desanimar, fitou o cavalheiro.

—N'outras occasiões, disse ella, tendes-me feito depositaria de vossos pezares, e sabeis que a minha maior ventura tem consistido sempre em mitigar os vossos soffrimentos.

—Tendes rasão; mas quando a ferida existe no mais intimo do coração, que remedio pretendeis applicar-lhe?

Os formosos olhos da joven arrasaram-se de lagrimas.

—E' verdade, Carlos; comprehendo a inexoravel logica das vossas palavras; eu soffro tanto como vós.

—O ceo tal não permita, exclamou o mancebo com transporte, eu não quero que a mais tente nuyem empane esse divino rosto... Amo-vos tanto!

Esta ingenua declaração de amor perdeu-se como um echo de desesperação na immensidade da sua dôr.

—Amaes-me! repetiu Gabriela, tremula da impressão affectuosa que lhe haviam produzido as palavras do seu amante. E' essa a voz da esperanza, a estrella da nossa felicidade. Tambem eu vos amo, e muito. Fallae.

—Não desejo angustiar-vos o coração com tristes contos.

Todavia tendes tal imperio em minha alma, que não poderei recusar o que exigis.

—Oh! por Deus, explicae-vos.

—A que se reduziram as nossas tão fagueiras esperanças?

—Porque fallaes assim, Carlos? aterraes-me.

—Por isso eu desejava estar calado.

—Não tendes então confiança em mim?

—Gabriela... sois a minha vida, a minha unica felicidade; dediquei-vos o passado, e hoje consagro-vos o presente e o futuro; não tenho outro amor no coração: porém a pezar da fé que vos jurei, fé indestructivel, que vive com a minha existencia; hoje que é o dia da desgraça, temo por vós, por mim, e pelo nosso amor.

—Que dizeis? essas palavras fazem-me estremecer. Asusta-me esse olhar assim.

—Perdoae; a razão parece querer abandonar-me.

—Avalio quanto sentis. A perda que haveis soffrido...

—Prouvera a Deus, que esse tremendo golpe fôra toda a minha desgraça.

—Então que mais vos atormenta? Oh! Fallae. Fazer-me padecer assim é uma crueldade.

—Pois bem fallarei já que assim exigis... Temó perder-vos.

—Perder-me! Não, o nosso porvir está decretado.

O mancebo, pallido como o marmore, sorriu com amargura ao ouvir estas palavras; dirigiu-se então a Gabriela, e, tomando uma de suas mãos, a conduziu á janella grande do sallão.

—O provir, repetiu elle, o porvir é tão negro como esse horisonte, como essa noite escura. Vêde-o Gabriela, alli está escripto no ceo e na terra. Sobre as nossas cabeças serpeia o raio, e ouve-se o bramir d'essa horrenda voz, que se chama trovão. A nossos pés ardem os campos, e o canhão, arrastando

pela immensidade a desolação e a morte, une o seu bramido ao clamor da vingança. Vingança porém justa, porque é em nome da patria e da humanidade. Olhae; n'essas torrentes de fogo, que a guerra acaba de acender; n'esses sinos que se agitam surdamente chamando os filhos das Asturias, dispersos por uma vil traição; no ecco das buzinas, que se repete de montanha em montanha, comprehendereis a vehemencia da minha dôr, e quanto poderemos esperar de tão tenebroso porvir.

Gabriela amedrontada retrocedeu, dando um abafado grito.

—Carlos! tirae-me d'aqui. Tudo quanto vejo é horrivel! Rivadesella está em chamas.

—Queimaram-na os francezes.

—E vossa casa?

—E' um montão de cinzas; é a tumba de meu infeliz pae.

Gabriela caiu sobre uma cadeira, e escondeu o rosto nas mãos.

—Já vêdes, proseguiu o joven, que vos apresentei um quadro, que terá revelado parte do que a minha alma sente.

—Desgraçada!

—Tudo perdi, excepto o vosso amor, e esse amor tambem vou perdê-lo.

A voz do mancebo era tão lastimosa, que Gabriela fitou n'elle um olhar desvairado.

—Que dizeis! exclamou ella.

—A verdade. Foram-se-me as esperanças. As desgraças que repentinamente caíram sobre nós, tornaram impossivel a nossa proxima união.

Gabriela, escutava com sombrio torpor estas palavras.

—Impossivel! disse ella finalmente.

—O destino assim o quer.

—Explicae-vos.

—A horrível desgraça de que sou victima, impõe-me uma obrigação sagrada.

—Qual?

—Vingar meu pae.

—Vós?

—Sim, eu: por elle vou ser soldado... Vou saciar esta sede de vingança n'esses aborrecidos estrangeiros.

Um segundo grito denotou a afflicção da donzella: grito de amor e de angustia.

—Vós soldado, Carlos! Então deixaes-me só?!

—Assim é preciso, repetiu o joven vivamente commovido; mas cá vos deixo o coração. Partirei para longe, porém a vossa imagem irá impressa na minha alma, como poderoso talismán. A saudade será o lenitivo do orphão, e vosso amor, o escudo que ha de proteger o soldado.

—Cruel! respondeu Gabriela, derramando uma torrente de lagrimas.

—Penso que não me arguireis. Necessito pelear, para acalmar o justo furor, que me domina. Morreria de desesperação, se não vingasse meu pae.

—Bem; disse Gabriela, como despeitada; já que preferis a vingança á felicidade, parti.

—O amor torna-vos injusta... A dor que me opprime atormenta-me menos do que essas palavras. Bem sabeis, Gabriela, que vos tenho adorado, e adoro com toda a intensidade do amor; os meus pensamentos, o meu coração, tudo vos pertence. Embalsamastes-me a vida, como a flor com o perfume os campos, e a primavera á natureza; mas isto é irrevogavel... é um dever sagrado.

—Fugir assim de mim... meu Deus!

—Não fujo de vós, Gabriela. Deixo-vos a lembrança do nosso amor, deixo-vos as minhas esperanças, que são tambem as vossas; e finalmente, privando-me da minha propria von-

tade, em nome d'aquelle que n'este mundo mais respeitaes, faço-vos árbitra da minha resolução.

A joven emmudeceu ao ouvir estas eloquentes phrases. Compreendeu então a grandesa do sacrificio, que o mancebo tão generosamente ia praticar, e, erguendo o meigo olhar para o seu amante, respondeu com voz solemne:

—Carlos, tendes um coração nobre, e conheço que é forçoso partir. Sêde soldado... combatei pela vossa patria, por vossos irmãos, por vosso pae. A esperença nos mitigará a saudade. Deus velará pelo nosso futuro. Quando tencionaes deixar-me?

—Logo que estejaes em logar seguro.

—Então jurae-me, Carlos, que o vosso amor será inextinguivel.

—Juro. Certifica-me tambem que o vosso coração é inteiramente meu.

—Duvidaes?

—Que não haverá poder humano, que vos faça esquecer o vosso desgraçado amante.

—Juro.

—Deus seja, pois, disse Carlos solemnemente, o depositario dos nossos votos. O teu coração, a tua fê, a tua alma, são meus.

—Os teus juramentos, a tua vida, o teu destino, pertençam-me, respondeu Gabriela.

Carlos estreitou a mão da joven ao coração, imprimindo-lhe ao mesmo tempo um casto e ardente beijo.

Era o pacto supremo d'este amor sem ventura.

Não bem se havia ratificado esta nova alliança entre aquelles dois entes que tanto se queriam, eis que assoma á porta o barão de San Yuste.

CAPITULO VI

HESPAÑHOES E FRANCEZES

Estava pallido e commovido, e parecia ser o mensageiro de uma desgraça.

Apertava convulsivamente na mão um papel.

— Carlos, disse elle.

— Que ordenaes ?

— Estamos perdidos: segui-me.

Esta exclamação gelou de terror o coração de Gabriela, que não sabendo o que isto significava, correu para junto de sua mãe.

O barão entrou para uma casa, que lhe servia de secretaria, e depois de apresentar um assento a Carlos:

— Fomos vendidos, bradou, amarrotando com violencia o papel que conservava na mão.

— Já tive a honra de vol-o dizer, respondeu o mancebo com resignação.

— Comtudo, então não tinha provas, e agora tenho-as.

—Tendes provas!

—Sim.

—Quaes?

—Esta carta, disse o barão, atirando-a sobre a mēza. Somos victima de uma horrivel vingança. Estamos em poder de um demonio.

Estas palavras, ditas com energia notavel, assombraram o cavalheiro.

—Oh! não posso comprehender-vos; todavia adivinho uma couza.

—Que adivinhaes?

—Que fallaes da condessa de Segalvo.

—Certamente.

—Meu Deus! esta mulher, que parecia um genio salvador...

—E' o genio da vingança. Lêde.

Carlos abriu o papel, e leu estas palavras:

«Vosso pae, quando voltou da America, faltou á fê jurada, e illudio a condessa de Segalvo. Fui sua victima. Não esqueço affrontas, e vingo-me. Estaes entregue aos francezes: soube enganar-vos, para que saibaes agora o destino que vos espera.

Francisca Hipolita Neira de Yusa.»

—Isto é horrivel, exclamou Carlos, deixando cair a carta sobre a mēza, e sentindo a fronte banhada de suor. A propria mão que vos fere vibrou o golpe de morte sobre nós.

—Que dizeis? respondeu o barão por sua vez, ainda no auge do assombro.

—Poucos momentos antes da catastrophe de Rivadesella, meu pae recebeu outra carta.

—Outra carta!

—Outra ameaça como a que acabaes de receber. Eil-a aqui.

E Carlos tirou de uma carteira outra carta escripta pela mão, que havia escripto a primeira.

—Lêde, proseguiu, entregando-a ao barão.

Este, ballucinado por aquella extraordinaria coincidência, apressou-se a ler o que continha o papel.

Dizia assim:

«Rocordae-vos do dia 15 de agosto de 1790.

Francisca Hipolita Neira de Yusa.»

—O que nos succede é misterioso e horrendo, continuou o barão, devolvendo o papel a Carlos.

—Apezar desse misterio, exclamou Carlos com violencia, eu juro pela alma de meu pae, morto por um infame capitão de dragões; pela sombra de minha querida mãe, morta desgraçadamente; e pela honra de toda a minha familia, que saberei o que significam essas palavras; procurarei essa mulher infernal, que neste momento tira a mascara da hypocrisia, e nella vingarei as lagrimas de sangue, que me faz verter.

—Se eu morrer, proseguiu o barão, sêde vós, Carlos, o meu vingador, e o protector de minha esposa e de minha filha.

O nobre mancebo assim o jurou, apertando ao mesmo tempo, com respeito e amizade, a mão que o barão lhe offereceu.

Neste instante, como se as ameaças da condessa de Segalvo tivessem de cumprir-se á risca, á maneira de um ora-

culo tremendo, abriu-se repentinamente a porta, e appareceu Anselmo, sem chapéu, com o cabello em desordem, e ar assombrado.

— Senhor! bradou elle com precipitação.

— O que ha? perguntou o senhor de San Yuste, adiantando-se.

— Os francezes aproximam-se do castello. Apenas ha tempo de tomar qualquer resolução.

Esta noticia consternou por um pouco os dois cavalheiros.

— Que dizes! Isso não é crível, replicou o barão.

— Estaes enganado, senhor. Acabo de avistar as guardas avançadas.

— Onde?

— Na ponte do rio Cábra.

Por esperada que fosse esta noticia, não deixou de produzir algum desalento.

Anselmo ficou immovel, esperando uma resolução que podia salvá-los. O barão comprehendeu que um minuto perdido era uma grande desgraça; porém, como homem de valor e presença de espirito, perguntou immediatamente, em quanto Carlos se dirigia a uma janella para observar:

— Posso crêr-te, Anselmo?

— Oh! senhor, não o duvideis.

— E' grande a força que viste?

— Vinte cavallos.

— Distinguieste o uniforme?

— Perfeitamente. São dragões.

— E que força temos nós reunida?

— Uns quatrocentos montanhezes. Os outros certamente extraviaram-se.

— Foram enganados, murmurou surdamente o barão. Todavia com quatrocentos homens podemos resistir-lhe.

—Isso seria bom, se não houvesse tres mil francezes em San Acisclo.

O barão empallideceu.

—Então que faremos? exclamou com desespero.

—Já vol-o disse: fugir, disse Carlos com reconcentrada voz.

—Fugir, sim; é tempo, acrescentou Anselmo enfurecido.

—Para onde?

—O ceu nos guiará.

—Mas é impossível abandonar esses quatrocentos homens leaes, expondo-os a cair em poder dos inimigos.

—Já tomei as minhas medidas, replicou Anselmo.

—Tu!

—Sim, senhor; eu. Nos momentos criticos, sempre ouvi dizer, que um soldado pode servir de capitão.

—E que fizeste tu?

—Dei as minhas ordens, para que retirem pela costa, e unam ás forças que se organisam nas montanhas de Santander.

—Principiaram já a retirada?

—Ainda não. Esperamos as vossas ordens.

—Então, Anselmo, vae já participar-lhes a minha resolução, a fim de que favorecidos pela escuridade da noite possam ainda salvar-se esses futuros soldados da independencia da Hespanha. Ao mesmo tempo manda fechar as portas do castello, e dá as necessarias instrucções para que tudo esteja disposto para a nossa fuga.

Anselmo não esperou a repetição da ordem: desapareceu immediatamente, deixando o barão e Carlos tratando das ultimas disposições, ainda que parecia ler-se-lhe no rosto uma segunda intenção.

A baroneza de San Yuste, sua filha, Tula e as demais mulheres que habitavam a casa, vieram agrupar-se, desoladas e cheias de pavor, em torno do barão e de Carlos, únicos homens que havia no castello.

—E' impossivel salvar-nos, disse o chefe desta numerosa familia, o qual em toda esta scena observava a occulta vingança da condessa de Segalvo.—Carlos, collocae-vos a meu lado; com vosso corpo defendei minha filha, eu defenderei minha esposa. Vós outros, collocae-vos atraz de nós.

—Oh! que vós fazer? perguntou a baroneza juntando as mãos na maior afflicção.

—Morrer, se por acaso chegou a nossa hora, como morre um hespanhol, quando é sorprendido e enganado cobardemente.

Estas importantes palavras, pronunciadas com magestade suprema naquelle lance terrivel, conseguiram que a unica resposta deste grupo tão interessante fosse um silencio eloquente e doloroso ao mesmo tempo.

Carlos puxou por umas pistolas.

—Detende-vos, lhe disse Gabriela, caindo a seus pés, meia desfallecida. Olhae que a sua vingança será mais terrivel.

—Sois vós que o ordenaes?

—Sou eu que rogo.

Carlos guardou as pistolas, e cruzou os braços.

Em quanto esta rapida e compungente scena, que nós tentámos esboçar, se passava num sallão do castello, Anselmo dava execução a suas proprias ordens. O ruido que se ouve indica terem já conseguido o intento. Esperemos no nosso posto.

Por alguns momentos só se ouviu o murmurio agitado

das respirações comprimidas, e o violento palpar dos corações.

Bem depressa na immediata galeria soaram numerosos passos, acompanhados do bater de muitas armas; até que, abrindo-se a porta principal, appareceu um capitão de dragões, seguido de uns vinte soldados.

Era o capitão, que vimos na *Atalaia maldita* conferenciando com a condessa de Segalvo; o ajudante de campo do general Maurice Mathieu, Edgardo Laforet.

Por algum tempo olharam-se mutuamente em silencio; e na verdade, o grupo formado em torno do barão era bastante interessante, para deter os passos aos soberbos conquistadores.

Carlos, logo que avistou o capitão, levou instinctivamente as mãos aos bolsos, onde metterá as pistolas, e tornou-se em extremo pallido. Entretanto Laforet avançou solemnemente alguns passos, e perguntou:

—Quem é o barão de San Yuste?

—Sou eu, respondeu o barão com dignidade, dando dois passos. Que quereis cavalheiro?

—Devo communicar-vos uma ordem do general Maurice Mathieu, a cuja divisão tenho a honra de pertencer.

—Podeis dizel-a.

—O general ordena que me entregueis este castello, e que vós e vossa familia vos considereis prisioneiros de guerra, por haverdes movido a revolução desta provincia.

—Creio, senhor capitão, que é demasiadamente arbitrar a ordem de vosso general.

—Desobedeceis!

—Não pode obedecer quem não tem liberdade.

—Parece que sois atrevido, bradou o capitão, lançando-lhe torvo olhar.

—Sou mais do que vós, porque tenho a razão e a justiça em meu favor, em quanto vós, estrangeiros malditos, só tendes o atrevimento que a força vos dá.

Com tanta energia foram ditas estas palavras, que o proprio Laforet retrocedeu um passo.

—Soldados, disse elle, apoderae-vos desse homem.

Quatro dragões avançaram para prender o barão, porém, sua esposa e sua filha collocaram-se diante delle.

Até este momento Edgardo Laforet não tinha ainda fixado sua attenção naquellas duas mulheres, que se antepunham como um escudo, a defender o barão.

Quando, porem, fitou Gabriela de um modo insolente, só proprio de um soldado brutal, e contemplou aquella figura celestial, pallida, olhando os soldados com assombro e horror, Laforet sentiu o que nunca sentira; uma sensação nova e desconhecida, que lhe abalava a alma, endurecida pelo espectáculo do sangue e da matança.

Ficou immovel, admirando Gabriela. O capitão era porém senhor da situação; aquella joven podia ser uma preza magnifica, tratou por tanto de apoderar-se della.

Carlos leu no olhar do francez seus infames desejos, e empunhou uma pistola.

Aquelle homem era tambem o matador de seu pae.

Laforet só via Gabriela, e allucinado caminhava para ella. Mas neste instante Carlos avança rapidamente, e embargalhe o passo, apontando-lhe uma pistola ao peito.

—Para traz miseravel! lhe diz. Não pretendas, assassino de anciãos, ser tambem verdugo de donzellas.

Estas palavras resoaram por tal modo no sallão, que de todos os peitos se escapou um grito.

Os francezes dirigiram os sabres contra Carlos.

—Prendei esse homem, bradou Laforet, com frenesi.

—Para traz! repetiu Carlos, resolvido a morrer matando.

—Para traz! Sim, para traz! gritou uma voz, ao mesmo tempo que na janella apparecia um homem, armado com uma espingarda.

—Viva Hespanha! Viva a independencia!

Era Anselmo.

Ainda bem não tinham soado estes gritos, uma descarga troou junto dos muros do castello.

—Viva a independencia! repetiu Anselmo, agitando a espingarda, em quanto os francezes, assombrados, retrocediam para o logar do fogo. A elles, valentes montanhezes! Eu estou aqui, senhor barão. Firmes! Tenho-os cercados... não ouvis? Bem!... Bravo! Os nossos sustentam o fogo como uns veteranos. Lembrae-vos de Covadonga, meus filhos! A elles. Ninguém se mova do seu posto! Lembrae-vos do rei... da patria e da Virgem da Soledade!... Animo!... Já principiou a nossa vingança... Oh! cuidaes que estamos em Riva-desela? Cautela, senhor capitão de dragões... não me olheis dessa maneira. Já vos teria feito saltar os miolos, se não estivessem de permeio os meus queridos amos... Atraz canalha! Viva Hespanha! Viva el-rei.

Todo este aranzel, pronunciado com um forte pulmão, e um enthusiasmo difficil de descrever, causou, como era de esperar, o espanto de um e de outros. Às palavras de Anselmo respondia um bem sustentado tiroteio, que abafara o pavoroso estrondo da tempestade, e obrigou Edgardo Laforet a correr ao seu posto, acompanhado dos dragões.

Anselmo tinhaprehendido tudo quanto acabava de executar, quando viu que seus amos iam ficar prisioneiros.

Favorecido pela obscuridade, e pelo conhecimento do ter-

reno, escalára a janella, a fim de dar a conhecer o seu arrojo, antes que os francezes tivessem tempo de causar o mais leve damno.

Aconteceu o que tinha previsto. As primeiras descargas produziram um movimento de retrocesso na columna franceza, que lhe proporcionou a tão desejada oportunidade de salvar a familia e o barão de San Yuste.

Logo que os dragões evacuaram a salla, Anselmo saltou dentro de casa, e foi immediatamente rodeado por todos.

—Que succede ? perguntou o barão com anciedade.

—Permitti, senhor, disse o nobre montanhez, que não vos responda. Não ha tempo a perder, é inutil contar-vos agora o que haveis de saber mais tarde.

—E's um nobre e generoso rapaz, disse o barão.

—Agradeço tantos elogios. Reflecti, porém, que os nossos apoderaram-se de uma porta do castello, e que os francezes, se descobrirem o meu plano, podem fazel-os em postas.

—Tens razão.

—Por tanto arrecadae todo o dinheiro, e alfaias, e fugir, que é tempo. Eu protegerei a fuga.

—Sim... Sim, meu amigo.

—Então, mãos á obra, e viva el-rei !

Depois aproximando-se de Tula.

—Vem, Tula, dá-me um abraço, para que Deus permitta que eu saia bem dos acontecimentos d'esta noite.

A joven lançou-se-lhe ao pescoço.

—E agora, exclamou elle, trema Napoleão de minhas futuras façanhas.

Todos se dispozeram a dar cumprimento aos desejos de Anselmo.

D'ali a meia hora o castello achava-se abandonado, e o barão de San Yuste fugia com toda a sua familia.

Os montanhezes retiraram-se, e a fortaleza, foi incendiada pelos inimigos, segundo o costume, que elles tinham, de entregar ás chamas os nossos mais formosos monumentos.

CAPITULO VII

o ANCIÃO

Não tencionando nós escrever uma historia, desenharemos apenas com ligeiros traços os acontecimentos que deram logar a essa grande epopeia da nossa independencia, que causou o assombro do mundo.

A 19 de março de 1808 rebentou a revolução de Aranjuez, que obrigou Carlos IV a abdicar a corôa em seu filho Fernando.

Napolêão, empregando astutos agentes, soube semear a discórdia na familia real, de modo que, com o pretexto de mediador imparcial, enviou um numeroso exercito, que entrou em Madrid a 22 do mesmo mez e anno.

Tudo isto era o primeiro annuncio da tempestade, ou melhor diremos, o prologo do drama, de que a Hespanha havia de ser theatro.

Fernando fez a sua entrada em Madrid a 24, e foi acolhido com o mais vivo enthusiasmo.

Este immenso jubilo do povo hespanhol, que aborrecia os estrangeiros, atravessou os Pyreneos, e fez tremer o heroe do seculo.

Tratou elle então de fazer acreditar que vinha á Hespanha, e principiou a representar a mais ridicula comedia, que a má fé tem podido inventar.

Para conseguir os seus intentos, o homem grande, como lhe chama mr. Laurent de Ardeche, tornou-se pigmeu.

Por outro lado aquellas subtilezas podiam causar admiração igual áquella que experimentou certo sultão, que jogava o xadrez com um mono.

O resultado de tudo foi, que a 10 de abril Fernando saiu de Madrid com o fim de receber Napoleão.

Napoleão, porém, era então como o espectro de Baneo, o qual, no momento em que Macbeth o julgava ter a seu lado, se evaporava como fumo.

Fernando partiu, e em vez de receber Napoleão, ficou prisioneiro.

Em 17, uma nova peripecia, inventada por Napoleão, veio complicar os negocios.

Carlos IV protestou contra a sua abdicação, dizendo que tinha sido violenta.

O povo ia perdendo a paciencia.

Assim como uma velha foi causa da morte de Pyrrho, assim tambem uma outra foi o primeiro motor da nossa revolução.

A 2 de maio, na occasião em que partia o resto da familia real, uma velha soltou algumas palavras, e isto foi bastante.

Mil rugidos saíram de todos os peitos: a barbara carnificina executada por Murat devia ser vingada.

Em todo o mez de maio as provincias sublevaram-se es-

pontaneamente, e arremessaram os seus exercitos contra os vencedores da Europa.

O heroe pensou que era facil subjugar-nos, como subjuggára outras nações; esqueceu, porém, que estava no paiz, onde Cezar chorou ao ver a estatua de Alexandre, e onde não foram bastantes oito seculos, para os filhos de Mahomet poderem estabelecer um reino tranquillo e independente.

Em todo o mez de junho organisaram-se numerosos corpos militares, e em junho foi pela primeira vez destruido um exercito francez nos campos de Bailen.

Sequer esta gloria não nol-a'podêram arrebatat como fizeram á espada de Francisco I, que se achava na Armeria Real.

Porém Murat não se recordou da torre dos Lujanes, onde este monarcha esteve prisioneiro.

Em quanto este edificio estiver de pé, inutil é toda a circumspecção.

Em 20 entrou José I em Madrid, e dirigiu uma proclamação aos hespanhoes; em 31, porém, foi obrigado a retirar para a outra margem do Ebro, e esperar que Napoleão entrasse em Hespanha, precedido por um exercito formidavel.

A 5 de novembro de 1808 o conquistador pisou o territorio hespanhol.

Logo que Madrid foi abandonado por José Bonaparte, formou-se uma junta central, para dirigir os negocios do reino, e as cousas da guerra. Continuavam os armamentos, organisavam-se divisões, e não diminuia o ardor patriotico.

Em 30 de novembro passaram os francezes o porto de Somosierra, e Napoleão dirigiu-se a Madrid, onde entrou a 4 de dezembro, depois de esta cidade ter capitulado no fim de heroica resistencia.

Os successos da guerra tornaram a apresentar o mesmo

aspecto, que apresentavam antes da gloriosa batalha de Bailen.

Napoleão, quando subiu a magnifica escadaria do Palacio Real, disse a seu irmão que possuia melhor alojamento do que elle; e em acto continuo, com aquella actividade prodigiosa, que era um dos principaes elementos da sua força, principiou a trabalhar, a escrever instrucções para os seus generaes, a dar conselhos a seu irmão, e finalmente a meditar em uma proxima campanha contra os inglezes, que projectavam um desembarque nas costas de Portugal e Galiza.

Até aqui fomos historiadores: permitta-nos agora o leitor que voltemos ao nosso primitivo proposito.

Em a noite de 9 dezembro, Madrid jazia em morno silencio; unicamente o monotono e uniforme passo das numerosas patrulhas de infantaria e cavallaria resoava na humida calçada das ruas, ouvindo-se de vez em quando as vozes das sentinellas estrangeiras, perguntando no idioma francez *o quem vive*, ao qual, havia sempre um atrevido hespanhol, que respondesse com alguma phrase energica e pouco decente.

Dentro da antiga e coroada cidade tudo parecia repou-sar, profundamente, tal era o silencio que n'ella reinava.

Subjugava-a a desgraça, e não o poder dos conquistadores; opprimia-a o infortunio, e não a ignominiosa servidão com que os francezes queriam humilhar o povo hespanhol.

Os homens, que, esquecidos da honra, da patria e de seu nome, se haviam convertido em aulicos do novo monarca, iam nesta noite ao palacio beijar as plantas do conquistador, em quanto o povo, collocado ás entradas das ruas menos concorridas, os via e observava com os punhos cerrados, e os olhos afogueados pela colera: silenciosa ameaça era esta que não tardaria em manifestar-se.

Vistosos ajudantes corriam levando ordens aos quarteis mais longiquos da povoação. Às vezes dasappareciam subi-

tamente em alguma cilada, zombando-se deste modo da força da auctoridade.

Nos bairros mais distantes, as precauções redobravam; pois era bem difficil conter em seus latibulos a grande multidão de homens atrevidos e temerarios, que n'elles havia.

Napoleão pisava um terreno abalado por volcão muito mais impetuoso, do que aquelles que havia suffocado no resto da Europa.

Dissera elle antes de emprehender a conquista: *Paiz onde ha muitos frades, subjugu-se facilmente; sei isto por experiencia.*

O oraculo moderno não estava muito inspirado quando proferiu similhante absurdo.

E' verdade que então cegava-o o pó do ouro da sua grandeza, e por isso não poudes ver os nossos monges correrem á brecha, combaterem nas ruas, prégarem a guerra nas praças publicas, e multiplicarem-se conforme as necessidades e as circumstancias.

A milicia de Deus não temia as hostes do segundo Attila.

Com effeito, o primeiro cuidado de Napoleão, quando entrou em Madrid foi supprimir os conventos e abolir a Inquisição.

Publicou-se o decreto, e os frades dispersaram-se apparenentemente.

Em quanto na tenebrosa noite de 9 de dezembro Napoleão dictava importantes disposições, sem lhe importar a auctoridade, de que havia revestido seu irmão José; um homem envolto em longa capa, com um *sombrero* hespanhol na cabeça caminhava só pela *calle* de San Bernardo, dirigindo-se para o campo.

Era vagaroso o seu andar, ainda que com certa segurança, que denotava não temer elle encontrar-se com as numerosas patrulhas, que cruzavam a capital em todas as direcções.

Encostava-se a um bordão, como se lhe custasse susten-

tar o corpo, e na mão esquerda segurava uma lanterna, cuja luz lhe guiava os passos.

O chão estava immundo e lamacento.

Principiava a cair n'aquella occasião uma chuva miuda; o ceo, cada vez mais negro, annunciava proxima tempestade.

A claridade, que a luz da lanterna espargia, deixava observar parte do rosto do embuçado; representava pouco mais ou menos uns setenta annos de idade: cabellos brancos lhe cobriam as fronte, e uma barba da mesma côr embelezava-lhe magistosamente a fronte serena e respeitavel.

Proseguiu o desconhecido seu caminho, respondendo em francez ás repetidas perguntas das rondas que encontrava a cada passo, até que chegou á porta de San Bernardino.

A guarda ali era numerosa, comtudo, o homem de que fallamos aproximou-se de um soldado, perguntou pelo commandante do posto, e, sendo conduzido á sua presença, apresentou-lhe um passa-porte, que o auctorisava a sair fóra das portas da capital.

Depois d'isto, brevemente se achou no arido espaço que circunda Madrid por aquelle lado.

Voltou á esquerda, e, sem se importar com os inconvenientes da estrada, foi andando com a mesma tranquillidade que até ali tinha mostrado.

Teria talvez andado uns quinhentos passos, parou um instante; voltou a cabeça para a direita e para a esquerda, a fim de escutar algum rumor, que denotasse ser seguido ou observado, e convencendo-se de que ninguem o vigiava, assoprou a luz da lanterna, ficando na mais completa escuridão.

Concluida esta operação, avançou com mais rapidez e mais seguro passo.

Dentro em pouco havia passado além do sitio, onde hoje está o cemiterio de San Luiz.

Dirigiu-se primeiro a uma azinhaga, pouco profunda, e ali encontrou um coche de viagem, tirado por seis mulas.

O desconhecido não disse uma palavra, todavia um homem abriu a portinhola, e o nosso personagem entrou no coche.

Este poz-se em movimento, primeiro a passo, em quanto rodava fóra da estrada, e depois a trote; em seguida, descendo pela encosta de Areneros, penetrou nos espessos arvoredos de Santo Antonio da Florida.

Quando se acharam no caminho da Granja, a carroagem partiu a galope com uma rapidez extraordinaria, sem que para isso se tornasse necessario o azorrage, ou as vozes do cocheiro.

As intelligentes mulas sentiam talvez a necessidade de empregar todos os esforços n'aquella occasião.

Era tão escura a noite, que, se o misterioso viajante quizesse examinar as immediações do caminho, ter-lhe-hia sido quasi impossivel.

Aconteceu, porém, que, accommodando-se da melhor maneira no interior do coche, ali ficou adormecido, ou talvez entregue a tão profunda meditação, que não poderam despertar-o as duas detenções, que tiveram logar na occasião da mudança dos tiros.

Quatro horas, pouco mais ou menos, durou a jornada.

Das oito até ás doze haviam percorrido as sete legoas, que separam Madrid do Escorial.

O coche parou por de traz da cerca do mosteiro, e o desconhecido desceu da carroagem.

Achando-se n'este logar solitario, começou a caminhar pausadamente, porém com a segurança de quem conhece o terreno que pisa.

Assim continuou, servindo-lhe de guia a sebe da cerca, pois a obscuridade o fazia vacillar algumas vezes, não dei-

xando tambem de lhe causar bastante incommodo a chuva, que continuamente lhe açoutava o rosto.

Seguindo sempre aquella direcção, no fim de algum tempo tropeçou com uma porta, que, impellida levemente, se abriu de par em par.

O nosso desconhecido não duvidou entrar, conhecendo talvez que esta porta entreaberta era um signal convencionado de antemão. Penetrou pois em uma vereda coberta por um parreiral, cujas folhas seccas, caidas no chão, estalavam surdamente debaixo dos seus pés.

D'este modo foi aproximando-se lentamente do magnifico mosteiro, cuja imponente mole se lobrigava ao fundo.

Quando chegou ao fim do trilho, notou que tinha de descer umas escadas. Desceu, e depois do ultimo degrau encontrou uma porta demasiadamente pequena.

Era tempo de parar. O desconhecido assim o comprehendeu, porque, detendo-se, bateu tres vezes com largos intervallos.

A este chamamento ninguem respondeu.

Bateu novamente, e o mesmo silencio obteve em resultado.

Repetiu esta operação terceira vez, e foi então que uma voz pronunciou em latim estas palavras :

—Quem chama na casa do Senhor?

—Um homem, respondeu o incognito no mesmo idioma.

—Que quer esse homem?

—Que a justiça triumphhe.

—Quem o guia?

—A fé.

—D'onde vem?

—Do Sul.

—Que espera?

—A queda de Molock.

A voz emmudeceu, e a porta abriu-se a pouco e pouco.

Então, invisível mão apoderou-se de uma das do desconhecido, e o puchou para si. Sem oppôr a mais leve resistencia, assim foi conduzido no meio de espessa escuridão.

D'esta sorte caminhou por algum tempo, até que a mão que o guiava o largou bruscamente.

Quem não estivesse iniciado em taes mysterios, não teria outro remedio senão ficar abandonado nos longos e escuros corredores, que havia atravessado; o embuçado, porém, esperava sem duvida outro recurso, por quanto, longe de atemorizar-se, proseguiu directamente, contando doze passos.

Depois de haver contado o ultimo passo, as suas mãos encontraram outra porta, que se abriu, como se um encanto a movesse.

Dava esta porta entrada para o magnifico templo do Escorial.

Lampadas agonisantes espargiam debil claridade por aquelles solitarios altares, povoados sómente de quadros e de imagens: na vaga penumbra das naves destacavam immensas pilastras, similhando gigantes de granito a velar dia e noite o repouso do mosteiro, em quanto algum raio de luz, illuminando aqui e ali os angulos do enorme côro, parecia um alvo espectro saído de algum sepulchro.

A egreja estava deserta.

O viajante aproximou-se de um confissionario, tirou a longa capa, que até ali o envolvera, e largando o chapéu que lhe havia encoberto a alva cabelleira, appareceu adornado com o pardo habito de um religioso.

Durante um momento poudo observar-se n'aquelle homem, vestido com o modesto traje de monge, um rosto que, a pezar de abatido pela idade, possuia o brilho da intelligencia, o ardor da fé, e o enthusiasmo da juventude.

Immediatamente puxou seu capuz, occultando o rosto de

modo que não fosse conhecido, e dirigiu-se para o magnifico portal do pantheon.

A sumptuosa grade de bronze que separa o mundo dos mortos do mundo dos vivos, estava fechada, segundo parecia; bastou, porém, um leve impulso do religioso, para que cedesse silenciosamente.

Principiou então a descer a escadaria, por onde descem os nossos reis, quando trocam a purpura pela mortalha. Em breve achou-se no centro da grande estancia octogona onde se encerram as cinerarias urnas dos monarchas hespanhoes.

Uma unica lampada alumia a morada funebre; junto de cada tumulo, e formando um grande circulo, havia uma immensidade de homens, envolvidos todos em longos e negros mantos.

Dirieis vêr os phantasmas reaes, saindo de seus ataudes n'aquella hora solemne.

Longe de aterrar-se, o ancião atravessou por meio dos espectros, e foi encostar-se ao sepulchro de Isabel Farnesio, segunda mulher de Philippe V.

CAPITULO VIII

A REUNIÃO DOS ESPECTROS

A entrada do monge produzia um ligeiro murmurio entre os immoveis personagens, e notou-se certa agitação simplesmente nas negras vestimentas. Parecia que a presença d'este homem era esperada com impaciencia.

A este sussurro, especie de respiração anhelante, que se sumiu, á maneira de zumbido causado pelo vento na espacosa abobada do pantheon, seguiu-se o mesmo silencio, que havia reinado anteriormente.

Um dos phantasmas observava uma ampulheta cujo deposito superior ia deixando cair na parte inferior os ultimos grãos, e parecia esperar esta occasião, para dar principio a uma d'aquellas impuras reacções, que nos descreveram Cardene e Delanere.

Ainda bem não tinha caído o ultimo grão de areia marcando de tal sorte o momento esperado, uma voz funebre e suffocada proferiu estas palavras:

—E' meia noite.

Taes palavras produziram novo movimento oscilatorio na misteriosa assemblea.

O vulto que se apoiava na urna de Philippe II disse então:

—Estamos todos reunidos?

—Todos, respondeu uma voz.

—Devem achar-se aqui cincoenta irmãos, que representam os cincoenta districtos, em que dividimos a monarchia hespanhola.

—Uns a outros se observaram mutuamente, talvez com o fim de se reconhecerem a través dos grosseiros habitos que os cobriam.

O que parecia presidente da assemblea proseguiu:

—Deposite cada irmão sobre a pedra do altar do pantheon a senha que o auctorisa a fazer parte d'esta reunião.

Todos estes embuçados foram collocando, um por um, e sem se atropellarem, uma pequena cruz de cobre, da mesma configuração do Labaro de Constantino, com a legenda *Hoc signum crucis*, gravada nos braços da cruz.

Concluida esta operação, o presidente contou cincoenta cruces, que foram entregues immediatamente aos que as haviam trazido pela mesma ordem, por que as tinham apresentado.

—Podemos deliberar, sem temermos que ouvidos profanos ouçam o que vae esta noite aqui discutir-se. Procederemos com ordem, e eu ousarei expor os factos, a fim de que haja a maior clareza e precisão possível em nossos projectos.

Brando sussurro correu a assemblea ao ouvir o que dissera o presidente.

—Fallae, disse a mesma voz, que anteriormente se fizera ouvir.

—Irmãos, exclamou o presidente, não pretendo relatar-vos os males que nos affligem, porque vós mui bem os sabeis.

Uma perfidia diplomatica nos arrebatou o nosso rei; uma traição occulta encheu-nos o paiz de soldados estrangeiros. Os generaes do novo Alexandre, invadindo as nossas provincias, atacaram os templos; violaram o religioso asylo de nossos claustros; roubaram os diamantes e pedras preciosas que homens piedosos doaram ás sagradas imagens, para com estas joias adornar o collo de impudicas cortezãs; sem respeitar os direitos, costumes e instituições, ameaça-nos o moderno Nabosar com suas algemas, carceres e verdugos. Eis em rapido esboço succinta exposição dos acontecimentos que a Hespanha tem presenciado. Até hoje o povo, inspirado umas vezes por seu entusiasmo e patriotismo, outras movido por nossas admoestações, tem sabido recordar os tempos de Sagunto em Zaragoza e os de Numancia em Madrid; carecendo, porém, o todo de unidade, e sendo necessario que a resistencia parta de um centro commum, resolvemos por isso congregar-nos, a fim de que cada um de nós dê sua pedra para o magestoso edificio da nossa independencia.

Novo sussurro acolheu aquellas singulares palavras, que pareciam sair do tumulto de Philippe II.

Ninguem ousou n'este momento pronunciar uma palavra; unicamente o ancião, que seguimos desde Madrid, exclamou com voz tranquilla e sonora:

—E' muito louvavel esse pensamento; comtudo antes de projectar o que convem fazer, carecemos saber se podemos contar com seguros cimentos para levantar esse grandioso monumento.

—Que desejaes saber? perguntou o presidente.

—O estado em que se encontram os nossos districtos.

—Tendes razão, irmão, vou perguntar.

—E em acto continuo dirigiu-se ao individuo mais proximo á sua direita.

—Dizei-me, em que estado se acha o vosso districto?

—Em aberta insurreição, respondeu o negro fantasma interrogado.

—Ha forças sufficientes para resistir ás hostes do tyrano?

—Organisam-se algumas de per si, outras incorporam-se ás grandes divisões.

—Qual é a ordem que dirige o movimento?

—Os filhos de S. Francisco.

—Confiam no triumpho?

—Esperamos não ceder em quanto existir um hespanhol.

Egual interrogatorio foi feito á maior parte dos que se achavam presentes, e todos responderam em termos satisfatórios.

—Já sabeis o que desejaveis, disse o presidente, dirigindo-se ao ancião.

—Estou satisfeito, respondeu elle.

—Ha, por tanto, um segundo exercito, que, se não apparece orgonizado em parte alguma, alenta e corroborá a fé dos soldados combatentes, dirige-os ao combate, exhorta-os com firmeza, e augmenta progressivamente a sua força. Este exercito, bem o sabeis, formam-no os nossos irmãos, compõem-no todos quantos pertencem a alguma instituição religiosa. São elle do fundo dos claustros, para defender a nossa religião e a nossa patria, o reino do ceo, e o reino da terra: arma-se com a couraça de diamante do anjo, e com a espada do espirito da vingança celeste. Creio, pois, meus irmãos, que dirigindo-nos tão sómente ao fim sagrado, a que nos propomos, será nossa a victoria, obteremos o triumpho, teremos finalmente a gloria de esmagar a cabeça ao monstro.

O presidente concluiu o seu discurso, aconselhando a todos uma fé ardente, uma perseverança incançavel, e uma abnegação suprema em todos os sacrificios, pedindo luzes, conselhos e meios, para conseguir o exterminio dos invasores.

O monge ancião esperava este momento para levantar-se.

— Ser-me-ha permittido, disse, que exponha quanto penso a tal respeito?

— Fallae; tendes esse direito.

— Vou mostrar-vos, meus irmãos, que a experiencia, e causas mui obvias, nos obrigam a secundar com os maiores esforços os conselhos e palavras de nosso digno presidente. Eu sou, já o sabeis, um pobre frade beneditino, consagrado á solidão e ao estudo até agora, que a trombeta do barbaro me obrigou a correr aos muros de Roma. Não sou guerreiro, as minhas armas são este habito que me cobre, e que desde os tempos de Paulo, o primeiro eremita, invadiu todas as zonas, resplandeceu em todas as latitudes. Conheço que Deus envia de tempos a tempos á humanidade verdugos terriveis, taes como Attila, Alarico, Mahomet, Luthero, e Napoleão. Todavia, tambem sei, que todas as vezes, que uma d'estas collossaes figuras apparece no decurso dos seculos, á maneira de horrifica tormenta nos limites do horisonte, verifica-se uma mudança social, que dá novas formas ao pensamento, operando insensivelmente uma revolução, que modifica as ideias, como as ondas do mar com seu continuo choque transformam a configuração dos rochedos. Esta revolução não a fez Attila com os seus soldados, nem Alarico com as suas victorias; não a operou Mahomet com o seu alfange, Luthero com as suas heresias, nem ainda Napoleão com os seus exercitos. O primeiro plantou o marco de ferro da idade mediã: o segundo fez conhecer que as nações pequenas podiam ter vida, sem estar submettidas ao poder e aos costumes de Roma: o terceiro, com sua legislação, embruteceu e affeminou as raças tropicaes do Oriente e do meio dia: o quarto fez comprehender a liberdade religiosa, e o quinto, a liberdade politica; uma, o abismo primordial da nossa fê, outra, embrião potente, que pode produzir a felicidade ou a desgraça, conforme os cidadãos que hajam de a gozar. Eis o legado d'esta invasão, que

combatemos com tão heroico ardor. Não é, todavia, o presente que me preocupa, é o futuro que me horrorisa.

As palavras do beneditino derramaram na assembléa uma inquietação, que se tornou mais notavel, pelo movimento oscilatorio que se fez patente n'aquelles cincoenta vultos negros, sentados ou reclinados sobre o pó das magestades da terra.

—Irmão, disse o presidente, estabeleceis uma questão, que nos desvia do nosso intento. Viemos aqui, para dar força e consistencia á defesa nacional: para combater o tyranno, que actualmente usurpa o palacio dos nossos reis: para combinar os meios adequados a conseguir, que tanto nas grandes cidades, como nas simples aldeias um irmão nosso, arvorando o signal da redempção, conduza os mancebos á frente do inimigo, os leve á brecha, aberta pela metralha, servindo de trincheira o peito de nossos bravos: trata-se, finalmente, de dar maiores proporções á gigantesca lucta, que vamos sustentando para gloria da religião, e para honra da nossa patria.

—E' cuidaes, exclamou o monge, que o meu intento é distrahir com patheticas e scientificas considerações a attenção dos nossos irmãos? Não exprimi talvez as minhas ideias com a precisão indispensavel; por tanto vou immediatamente emendar o erro, dando mais clareza á minha linguagem. Partilhando de todo o coração os esforços que nós, obscuros soldados dos mosteiros, estamos praticando para derribar por terra o novo Samsão, emprego todas as minhas forças para conseguir esse supremo fim: conheço todós, quantos consagram generosamente o poder, a riqueza, energia e valor a esta santa cruzada: sei quem são os traidores; atrevo-me ainda a apontar com o dedo os que fabricam punhaes, para craval-os no seio da mãe patria; ainda mais, sondo os segredos dos gabinetes dos principes, porque nós, os filhos de S. Bento, possuimos os recursos da intelligencia, essa mais sublime ema-

nação da Divindade. Sabei por tanto que não aprecio tanto as armas materiaes, como as que ministra o dom da palavra: eu sei que venceremos o inimigo; porém crêdes que debellando-o temos conseguido a victoria? Eis a unica differença do nosso modo de pensar.

—Que perigo nos ameaça pois?

—Já vol-o disse. Assim como depois da appareição de uma d'essas colossaes figuras ficou uma ideia germinando na sociedade; Napoleão deixará entre nós poderosa semente, que se desenvolverá subitamente no nosso povo. E' ella a emancipação dos velhos e patriarchaes costumes: é o divorcio dos nossos sagrados codigos: é o deslumbramento que produz a chama electrica na retina: é, finalmente, o embrião, de que ha pouco vos fallei, que vae progredindo. Então nós, que exercemos o dominio da sciencia; que exploramos em silencio todas as verdades; que aperfeçoamos as descobertas; que possuímos, como os sacerdotes egypcios, todas as fontes do saber, essa encyclopedia de conhecimentos uteis, que tem dado ao mundo milhões de livros, escriptos por nossos irmãos; então nós, seremos considerados como egoistas, as nossas casas serão olhadas como ninhos immensos, que infestam a sociedade. Apostolos das novas doutrinas predicarão contra o pobre religioso, que tem consagrado a vida ao bem dos seus semelhantes; e ultimamente, talvez nos lancem, para alguma terra ingrata, que semearemos com os nossos ossos, se ella ainda assim nos conceder hospitalidade e um canto para morrer. Ousei descrever-vos a triste historia do porvir, para que nos acautelemos no presente. Lutemos, sim, lutemos, por nossa fé ultrajada, por nossa patria vilipendiada, por nosso rei no captiveiro; mas não lutemos, tomando parte activa nos movimentos. Combatamos com a palavra, que é o mais formidavel ariete, que o homem sabio pode e deve manejar. Demos exemplos publicos de abnegação, de patriotismo, de

desinteresse, não capitaneando massas de homens, mas caminhando após essas phalanges, a fim de curar o ferido, sustentar o debil, consolar o moribundo, e dar sepultura aos mortos. Soldados de um Deus de paz, a nossa missão é esta. Praticando d'este modo, tornaremos inefficazes todos os golpes do futuro. O nosso exemplo animará os que estiverem prêtes a succumbir, porque nós não devemos nunca succumbir. Morreremos no nosso posto, á maneira d'aquelles senadores romanos, degolados pelos sicarios de Brenno. Este systema, ao passo que nos promete um brilhante futuro, evita que nos mesclemos em tudo quanto é terreno e mundano; se o seguirmos, eu vos asseguro que a tormenta, formada sobre as nossas cabeças, nos deixará incolumes.

Um novo murmurio, mais significativo do que o primeiro, acolheu estas palavras, tornando-se bem manifestas as diversas impressões que causaram.

—Esse temor é imaginario, disse uma voz.

—Aprovera ao ceo que assim fosse, respondeu o benedictino.

—Baseaes-vos nos acontecimentos do passado, para calcular o que ha de succeder no futuro, disse outra voz.

—Ainda que assim fosse, o resultado seria ficarem demonstrados os meus temores.

—Irmão, exclamou o presidente, depois de se haver acalmado a agitação: a ultima parte do vosso discurso é puramente evangelica; é essa a nossa escola, e devemos segui-la. Todavia, deveis ter conhecido que é inevitavel tomar interesse mais activo nos acontecimentos. Quando a razão e a justiça estão de nosso lado, toda a iniciativa está justificada. Assim o comprehendereis, por certo, vós, que vos mostraes tão instruido na historia, quando vos recordardes que os Templarios, os cavalleiros Hospitalarios, e as nossas quatro ordens

militares, combatiam pelo seu Deus, e pela sua patria, ao lado de qualquer guerreiro secular.

—Esses tinham os seus regulamentos firmados num principio militar, em quanto que os nossos unicamente se firmam na caridade, na beneficencia, na practica constante do bem.

O presidente ficou sem saber o que havia de responder:

—Não posso negar a exactidão dessas observações, continuou depois de alguma pausa; mas talvez o mesmo zelo que vos anima, e o cuidado que tendes na nossa conservação, vos tenham apresentado as cousas com diversas cores, do que verdadeiramente têm.

—Não, não é assim.

—Então crêdes que corremos perigos?

—Prognostico-os desde este instante.

—E as provas?

—Tenho muitas.

—Sendo assim, a assemblea escutar-vos-ia com muito interesse, visto tratar-se de um assumpto tão transcendente.

—Apresental-as-hei quando quizerdes.

—Podeis fallar.

O monge beneditino assumiu novamente a sua nobre e inspirada attitude.

—Irmãos, vou dizer-vos o que todos sabeis, aquillo que preocupa a nossa sociedade, e que vae dilatando-se pelo coração das nossas populosas cidades, á maneira da agonia franceza que as ameaça e paira sobre as suas cabeças. Uma religião nova, uma seita poderosa, é o dogma que prepara o espirito humano: para realisar esta transformação, que pode trazer a nossa ruina, adoptou elle tudo quanto é symbolico e misterioso; para fazer-se comprehender por meio de objectos extravagantes, extrahiu d'entre as ruinas do velho Egypto as practicas estranhas dos seus sacerdotes, e terriveis formula-

rios, que convertem os seus filiados em terríveis instrumentos de vingança. Fallo do *carbonarismo*.

Esta palavra produziu sinistro rumor entre os ouvintes.

O *carbonarismo*, que existia sómente em França, na Suíça, e nas margens do Rheno, atravessou os Pyreneos : agentes, propagadores de tal doutrina, filiam a juventude avida de novidade ; e, á medida que a guerra com o seu poder devastador assola e destroe, assim aquella influencia mortífera, assaltando os povos, qual centauro aggressor no festim das nupcias do rei dos Lapithas, vae causando ainda maiores estragos e desordens. Essa seita dá origem á opinião que emitti ; contém em si a electricidade da nuvem ; é finalmente o volcão que aggrega as materias candentes, que hão de causar a explosão. Como unicos depositarios dos conhecimentos humanos até hoje, somos considerados espiritos reaccionarios, inimigos dos modernos propagadores. E com effeito, força é que assim seja, porque a illustração em alguns entes sem moral é mais vezes causa da sua desgraça e da dos seus semelhantes, do que da sua felicidade. Eis aqui o principio d'esta grande luta. O carbonarismo fará valer a sua influencia, e, desenvolvida ella, a nossa existencia está ameaçada, se com prudencia não trabalharmos na obra da regeneração. Devemos ceder parte dos nossos privilegios ; querer conservá-los todos, é perdê-los, é arrogar-nos uma intolerancia que fica mal ao nosso character. O carbonarismo será o que tem sido noutros paizes, tomando o nome *liberdade* : a liberdade tropeçará, não o duvideis, com os nossos mosteiros : e, em vez de quebrar-se, passará sobre nós, se não construirmos diques, que a contenham. Aqui tendes a prova que me exigistes.

—E tendes a certeza, perguntou o presidente, de que o carbonarismo existe em Hespanha ?

—Poderei nomear-vos o seu Gran Mestre.

—Conheceil-o ?

—Chama-se José Bonaparte.

—O rei intruso! exclamou a multidão admirada, ouvindo-se por algum tempo um ruido semelhante ao que produz um enxame de abelhas, inquieto dentro da colmeia.

—Sim; contemporisa publicamente com os nossos costumes, a fim de adquirir a sympathia que não encontra, e de noite semeia a sizania nos tenebrosos conciliabulos, conseguindo desta arte mais victorias que os exercitos de seu irmão. Fez saber que os prussianos, para reanimar o espirito nacional quebrantado nos campos de Jena, constituíram uma associação mysteriosa intitulada o Tugenal, ou a liga da virtude, e que os alemães fundaram a Burchenschaft: nestas sociedades, debaixo do manto do patriotismo, affia-se o punhal para ferir tudo quanto é sublime, como a religião; tudo quanto é secular, como a monarchia; tudo quanto é grande, como a lembrança do passado. O triângulo do carbonarismo é, por tanto, não um toxico que envenena, mas um laço fatal que prende insensivelmente o coração. Com os solemnnes jogos tornaram-se os gregos grandes e poderosos: assim tambem os que apenas são hoje joguetes no carbonarismo, podem vir a transformar-se em armas invenciveis, se nós não tratarmos com antecipação de lhes embotar os gumes.

—Vossa opinião é pois que ha duas guerras a sustentar? disse o presidente.

—Temos a guerra material e a guerra moral. Com respeito á primeira, emittí a minha opinião: quanto á segunda, já vos expuz o unico meio de a acabar, e de a vencer.

—Estaes seguro dos resultados?

—Maiores illustrações vos poderão responder. Ainda ou-sarei apresentar-vos um outro formidavel escolho, que antevejo mui proximo.

—Qual é.

—A fome! exclamou o beneditino, fazendo vibrar esta

tremenda palavra nas escuras concavidades do pantheon. Sabeis, meus irmãos, o que é a fome? o que é privar um povo do sustento necessario para manter a vida? Sabeis que cousa é algemar quatorze milhões de creaturas com o horri-vel laço da necessidade? Perguntar-me-heis talvez, onde existe a origem de meus temores; força é, pois, que eu acabe de elucidar-vos á cerca do que penso sobre o assumpto. Vejo symptomas mui simples na apparencia, mas gravissimos depois de melhor analysados: é o começo da praga que nos ameaça, que já se vae manifestando. Este symptoma é o augmento natural de todos os preços, por causa dos males da guerra. Mas, desgraçadamente, este augmento irá crescendo como a maré, porque ha uma ordem secreta para embargar todos os aveaes, para tirar os cereaes da circulação, transportar uns ao estrangeiro, e armazenar outros para a manutenção dos exercitos invasores, destruir as sementeiras, queimar as searas, e aniquilar por estes meios barbaros a nossa bravura e o nosso valor. Eis o novo escolho que se nos apresenta, talvez mais cruel e mais temivel do que os anteriores. Por esta forma pretende-se vencer os mais dedicados, e reduzir-nos a uma condição mais triste, que a dos ilotes de Athenas. Então, quando essa horrenda praga se propagar entre nós, quem responderá por si? Quem evitará que os cerebros, transtornados pela necessidade, se deixem illudir pelos espiritos tentadores, que querem destruir a nossa independencia? E, destruida ella, quem não prevê uma cruzada contra nós, mais proxima, talvez, do que a que tive a honra de vos manifestar? Exemplos mui recentes o patentêam. Logo que Napoleão entrou em Madrid, supprimiu as ordens religiosas: na actualidade andamos errantes e dispersos como os filhos de Israel: não temos santuario, não nos protege a tranquilla sombra de nossos claustros, e muito receio que o camartello devastador se cêve nesses solitarios edificios, que tem sido o re-

fugio do pobre, o asylo do desditoso, o porto de descanso, o oasis da virtude. A fome, meus irmãos, é uma nova cabeça, que nasce dessa hydra espantosa, que com suas mil fauces nos ameaça. Sejamos prudentes, e permaneçamos em nossos postos com a sancta dignidade que o ceo nos concede. Azais da caridade, derramemos entre o povo abundantes soccorros, logo que o fracasso da tormenta fôr por nós ouvido; sacerdotes da religião christã, morramos, se fôr preciso, abraçados a uma cruz aos pés do altar: soldados da fé, préguemos como Pedro o eremita, a guerra nacional. Não nos mesclemos, porém, nas batalhas, senão para soccorrer o moribundo: filhos de um Deus de paz, não nos manchemos de sangue, porque desde esse momento perderemos a nossa pureza.

Um brado de admiração e de enthusiasmo respondeu a este notavel discurso.

Todos os monges se moveram espontaneamente, e, descedo os degraos de seus sepulchros, foram abraçar o nobre ancião, que, com os braços estendidos para elles, parecia abraçar a todos.

Socegada aquella agitação, e depois de prometter solememente seguir as instrucções do monge benedictino, o presidente disse com voz commovida:

—Está terminada a nossa reunião, irmãos meus; e creio, todos vós levareis impressa em vossos corações a recordação desta noite, a fim de evitar os males que nos ameaçam. Voltae a vossos mosteiros, e secundae heroicamente os esforços que exige a patria, e a defeza de nossa religião, que temos por dever guardar illesa. Cada um de vós inspire uma ardente fé aos espiritos debeis: evitae, por meio de exemplos de heroismo, que se desenvolva e ramifique essa funesta planta que brota das obscuras profundidades das sociedades secretas: morrei de fome e de fadiga, ao lado de vossos irmãos, com tanto que os salveis a elles. Ide... a benção do ceo vos

acompanhe: sêde heroes da virtude, martyres da caridade, e apóstolos da religião.

Silencio profundo acolheu estas palavras.

Os monges foram-se levantando successivamente, e, á maneira das sombras da *Dança dos mortos*, dispersaram-se pela escadaria do pantheon.

Pouco depois, ficava sómente ali a fria cinza dos nossos reis.

CAPITULO IX

GENARO

Envolveu-se novamente o monge beneditino na longa capa, e cobriu a cabeça com o chapeo, objectos que encontrára no confissionario, onde os tinha deixado, e atravessando em seguida as escuras galerias, achou-se de novo na extensa cerca do convento.

Ainda era noite, e a chuva caía cada vez com mais violencia; comtudo muito facil lhe foi encontrar a portinha, por onde havia entrado, e mais facilmente ainda poudo descobrir a sua carruagem debaixo de um espesso arvored.

Subio para a carruagem, o cocheiro, sem esperar ordens, açoutou as mulas, fazendo estalar o chicote, e estas partiram a galope pelo caminho de Madrid.

Obrigados a seguir o misterioso frade de S. Bento, que está destinado a representar um importante papel nesta obra, não molestaremos os nossos leitores com a fadiga da jornada, e os collocaremos á porta de Fuencarral ás seis horas da ma-

nhã, hora precisa em que o coche tornava a entrar na capital.

D'este ponto pedimos que nos acompanhem pela lamacenta calçada das tortuosas e pouco esclarecidas ruas, que conduzem á *plazuela* de Affligidos, por que é na parte mais retirada deste logar que, á semilhança de Christovão Colombo, encontrarão o termo da sua viagem.

As manhãs de dezembro são em Madrid extremamente frias. Naquelle dia a chuva havia-se condensado, e uma nevoa espessa cobria as ruas, as casas e o espaço.

A luz do dia fazia supremos esforços para romper aquelles vapores matutinos; e apenas uma escassa claridade principiava a illuminar tão densa cerração.

As ruas estavam desertas: faltava aos mercados a sua primeira animação, que tem alguma semilhança com os primeiros e fugazes cantos das aves, quando saúdam a desejada aurora: todas as portas estavam fechadas, e só se ouvia o surdo rumor produzido pelo rodar do coche que conduzia o beneditino, perdendo-se ou prolongando-se ao longo daquellas mesmas ruas, que pareciam envoltas nas pregas de uma mortalha.

A carruagem por fim parou, como já dissemos, á porta de uma casa de humilde apparencia, na *plazuela* de Affligidos.

O monge desceu com placidez: abriu-se uma porta e elle entrou, tornando logo a fechar-se, e o coche afastou-se daquelle sitio com toda a celeridade.

Uma mulher de uns quarenta e quatro a quarenta e seis annos, appareceu com uma luz na mão, tirou-lhe a capa e o chapeo, e precedeu-o subindo uma escada, que conduzia ao andar superior.

Atravessaram primeiramente uma pequena ante-salla bem modesta; depois uma salla de maiores dimensões, adornada

com gosto e accio, e finalmente entraram num gabinete, que merece lhe prestemos attenção.

Uma grande poltrona de couro, pregada com cravos de bronze, se achava collocada diante uma mesa. Sobre esta mesa, que teria tres varas de comprimento e uma e meia de largura, havia um sem numero de objectos differentes, cada um dos quaes por si formava o symbolo de uma sciencia ou de uma faculdade. Duas grandes espheras, um hygrometro figurando um frade na acção de cobrir a cabeça com o capuz; moedas antigas; laminas de chumbo, cobre, e prata, com inscripções; pedras archiologicas, pranchas, fosseis, esqueletos de animaes, alguns dissecados em attitudes convenientes: muitissimos instrumentos de physica e de mathematica; cartas maritimas, desenhos de diversas machinas, e grande numero de objectos, cada qual mais util e mais curioso.

Duas grandes estantes, contendo muitos livros de todos os tamanhos, cobriam as paredes, e sobre ellas viam-se os retratos de alguns sabios hespanhoes.

Sentou-se o benedictino na poltrona, quando já penetravam pelas janellas os primeiros raios do dia, e deixou cair para traz o longo capuz de seu habito.

Appareceu então completamente a sua formosa e intelligente cabeça, coroada de cabellos brancos. No rosto distinguia-se-lhe a austeridade de uma vida consagrada ao estudo e á meditação; o nariz e a boca, eram perfeitamente regulares, notando-se-lhe apenas no primeiro um gesto de desdem. Debaixo de abundantes sobranceiras, e na profunda concavidade da orbita, resplandeciam dois olhos negros, vivos, penetrantes, sempre ávidos de saber, e de investigar, e que davam animação á marmorea pallidez da sua cutis. Sulcavam-lhe o rosto duas rugas fundas e verticaes.

Tal era a presença daquelle ancião, cuja intelligencia vigorosa parecia coraal-o de vivo resplendor.

Como se o cansaço não lhe prostrasse as forças e o vigor, olhou para a mulher que o precedera, e perguntou :

—E Genaro ?

—Ainda não appareceu, respondeu a mulher.

O monge não fez nova pergunta.

—Está bem, disse elle, tenha a bondade de abrir as janelas, para que entre a luz do dia ; e diga a Genaro, quando voltar, que venha falar-me.

A creada saudou e retirou-se.

O beneditino tomou um masso de papeis, e começou a trabalhar, como se o somno o não mortificasse depois d'aquella noite inteira de vigilia.

Escreveu algumas cartas, e quando acabou, observou um relógio de parede, cuja pendula monotona oscilava, produzindo fatigantes sons, uniformes e invariáveis como o palpitante do coração humano.

O mostrador marcava oito horas menos alguns minutos.

—Não abuzemos das nossas forças, disse consigo o monge, largando ao mesmo tempo a penna : tem passado duas horas, como o sopro da vida passa pelo homem. Todavia não tenho somno : a demora de Genaro impacienta-me. Eu não sei, mas parece-me que aquelle coração sente alguma dor. Propuz-me formar um homem, não como o louco de Arnaldo de Villanueva, medico, ou empirico talvez da idade media ; mas sim edificando-lhe a alma por meio de acções generosas, operando nessa materia tosca, que se chama carne, uma transformação com a coadjuvação dos esforços do espirito, uma metempsychosis sublime, em que a alma se eleve ás purissimas fontes da intelligencia. Esperemos.

Pegou num livro infolio e principiou a ler.

Quando se ia absorvendo na leitura, abriu-se a porta do gabinete e appareceu um mancebo de dezoito annos, de nobre e proporcionada estatura, bello como o pode ser Apollo de

Belvedere ; possuia physionomia grega, como a que David deu a Leonidas no seu magnifico quadro das Termopilas, onde se descobria a força physica e a força moral ; reflexão severa e calculo sublime, olhar audaz e tímido ao mesmo tempo, como uma certa confusão de modestia e de valor, de talento e de esperança.

O perfil era de uma pureza tal, que teria podido servir de modelo para desenhar o dos grandes horoes como Alexandre, Cesar, Augusto e Trajano.

O traje guardava proporção com a extrema belleza.

Não vestia, nem com o rigor da moda, nem com a severidade dos costumes. Podia apparecer como uma grotesca figura do seculo XIX, e a par de um senador romano, envolto na longa toga, ou em sua chlamyde semi-barbara.

Tal era Genaro.

Olhou para elle attentamente o religioso, como se quizesse investigar o que se passava no seu interior a través da superficie do rosto, e finalmente perguntou com suave accento :

—Porque motivo tardaste tanto, meu filho ?

—A escuridão da noite não me permittiu regressar mais cedo a Madrid, respondeu Genaro, adiantando-se respeitosa-mente para beijar a mão do benedictino.

—Desempenhaste a tua missão ?

— Inteiramente. Posso dar-vos excellentes noticias. O commerciante de Alcalá satisfaz a todas as perguntas que lhe fiz.

Um movimento de alegria brillhou nos olhos do religioso.

—Bem, falla : escuto-te com anxiedade. Onde está meu nobre amigo o barão de San Yuste ?

—Em Santander. Depois de uma renhida acção com os francezes, poudes escapar com toda a sua familia, auxiliado por uma partida de montanhezes.

—E trabalha na santa causa da patria?

—Cada vez com mais ardor.

—Recebeu a minha correspondencia?

—Sim, senhor.

—E qual é o seu designio?

—Trata de vir a Madrid, para o que vos pede o obsequio de lhe arranjardes casa.

—Tel-a-ha.

—O barão, continuou Genaro, lutaria abertamente, se não temesse abandonar a sua familia, e por isso contenta-se com ser inimigo occulto.

—Sim, o barão, disse o monge, á maneira do imperador Theodosio, tem ouro para seus amigos, e ferro para seus inimigos.

—Essa foi a resposta que Theodosia soube dar a Attila.

—Sim, meu filho.

—Chamae-me, proseguiu o joven com doce sorriso, Scévola, Horacio, Graco, Bruto, Alcibiades, Themistocles.

—Porque? perguntou o religioso, cravando n'elle um olhar brilhante.

—Porque a juventude adorna-se hoje com estes nomes heroicos, para engrandecer seus feitos.

—E' um abuso de enthusiasmo, que na apparencia deslumbra, mas que pode damnificar a sociedade. Tu chamas-te Genaro.

—Bem sei, respondeu tristemente o educando do beneditino. Genaro! nome isolado e solitario, que nem ainda a consolação tem de unir-se a um appellido, porque não o tenho, meu pae. Tirastes-me d'esses asylos, que edificou a caridade christã, para occultar a impureza e a prostituição, e talvez eu seja o descendente de uma d'essas cortezãs, que venderam seu nome e sua honra por um punhado de ouro.

Bem o vêdes, às vezes renego quem me deu o ser. Que ha de estranho em eu querer mudar de nome? Sou um pobre exposto.

—O homem, meu filho, não deve queixar-se da sua sorte. Tu tens uma mãe, a mais sancta das mães, é a caridade. Tens um arrimo, que é este pobre velho, que te ama como verdadeiro pae. Esse verme voraz, que de vez em quando te morde o coração, para recordar-te mais a escura origem que deves ao acaso, do que o brilhante destino que deves á Providencia, é o orgulho. Mas eu sei que tu aniquilarás esse asqueroso reptil. Esses sentimentos são as queixas da tua alma, porque jamais sentiste em tuas faces o beijo ardente de mãe carinhosa, e nunca a desesperação do ente que odeia o que deve amar. Emquanto a mudar de nome, recorda, meu filho, o pacto de alliança que contrahiste com a egreja, quando esta te regenerou com a agua do baptismo. Ella deu-te um nome. Por que has de repudial-o?

—Oh! exclamou Genaro, vivamente commovido: sois para mim o que é a fonte para o sedento, o que é o sol para as trevas, que as afugenta e dissipa. Despertaes em minha alma sentimentos desconhecidos: tendes para mim — perdoae-me se me atrevo a usar de similhante comparação — a poderosa eloquencia que em outro tempo teve S. Bernardo para commover a Europa, incitando-a á conquista da terra sancta, e para stigmatizar o escolasticismo de Abeilard. Inflamma-se-me o sangue, e vós o calmaes com um olhar; se me opprime a tristeza, vós com uma palavra daes-me forças ao espirito; se me domina a desesperação, como n'este momento, com um sorriso applacaeis-me a tempestade.

E ao mesmo tempo o nobre e agradecido mancebo cairia de joelhos ante o religioso, se elle não se apressasse a recebello nos braços.

—Se isso acontece, querido disciplo, é porque o teu co-

ração, recto e puro desde a infancia, se tem prestado ao meu desejo de torcer a arvore, quando é debil e que merece cuidado. Mais deves a ti mesmo, do que a mim. Eu sómente te hei guiado pela mão, como o anjo a Tobias, fazendo ver á tua comprehensão todos os horisontes. Assignalei-te com o dedo a historia do mundo, o desenvolvimento da humanidade, ás transformações que ella tem ido recebendo á medida que teem avançado os seculos; o engrandecimento prodigioso de algumas nações, e a decadencia e destruição de outras.

—Oh! não digaes tal, exclamou Genaro: não fui eu que descobri a luz, fostes vós que m'a mostrastes. Obscuro insecto, escondido no lodaçal da ignorancia, jamais houvera saído da minha abjecta condição, se não fossem os vossos esforços. A vós devo quanto sei... Ensinastes-me a conhecer a humanidade, não só nos grandes acontecimentos do mundo, mas até nos resultados e effeitos que produziram as gerações na sua passagem pela superficie da terra. Uma pedra ás vezes, uma crusta pulverolenta, uma tumba escondida no claustro de um mosteiro, teem sido os livros, que em muitas occasiões tendes apresentado á minha vista, sempre ávida de sondar os mysterios: posestes-me nas mãos autores celebres, que de noite temos lido á tranquillã luz da lampada da nossa cella: tendes-me feito caminhar por toda a terra, afim de estudar a geographia, já buscando grandes verdades nas ruínas do velho Egypto, entre os areaes da Libia, e o berço dos Chaldeus; já revolvendo os sepulchros e os marmores da Asia, para comprehender o estado de civilisação das primitivas gerações. Conduzistes-me junto d'aquellas famosas muralhas, que inspiraram a Homero um immortal poema: sentámo-nos ambos dentro da cabana do arabe, a ouvir, talvez, muitas d'aquellas historias mirificas dos Saranides: comvosco descí pela corrente do Nilo, procurando aquelles canaes de Necax, que em tempo fizeram communicar o mar Roxo com

o Mediterraneo: admoestado por vós ajoelhei successivamente, no cume do Calvario, no Parthenon de Athenas, e nas ruínas de Roma, para adorar no primeiro lugar o berço da civilização do mundo; invocar no segundo os grandes varões, paes do talento e da litteratura; no ultimo para memorar os dominadores da terra. N'estas viagens haveis-me aberto o sagrado tabernaculo das sciencias: tudo haveis facilitado á minha comprehensão desde a planta imperceptivel que se adhire aos penhascos, até o ente mais sublime da criação, que é o homem. Ja vêdes quanto vos devo.

— Quiz antes ouvir-te com orgulho, que interromper-te por modestia, respondeu o religioso beneditino: estou satisfeito, e creio não deveres fatigar a imaginação com inuteis demonstrações de agradecimento. Entre nós existem os laços da amizade, os vinculos que devem mediar entre um pae e um filho, porque eu sou o pae que a Providencia te concedeu. Agora pensemos no presente. A tempestade que nos ameaça é mister detel-a, como aquelle que fez retroceder o *Açoute de Deus*. Reproduziram-se os tempos de Alarico. Será preciso gritar ao conquistador: «*Que nos deixas?*» para que elle nos responda: «*A vida.*»

— Não, replicou Genaro, assomando-lhe ao rosto a pallidez da morte: não faltaria então quem lançasse o seu machado ao carvalho, á maneira d'aquelle lombardo, que pediu a mão de Teodelinda.

— Ah! não digas isso, meu filho. Não cheguem por acaso a realisar-se os meus temores. Espero na bondade divina que a nossa causa triumphe. A monarchia hespanhola é sustentada pela fê, e pelo direito dos seculos. O furacão faz vergar a palmeira, mas não a arranca.

— Essa é a minha suprema esperanza.

— Pensas d'esta sorte?

— Sim, meu pae.

—Então, comprehendes tambem um dever sagrado a cumprir, o de trabalhar assiduamente em prol da nossa patria.

—Comprehendo-o muito bem.

—Foi por isso que te obriguei a ir a Alcalá, e é necessario que lá voltes esta tarde.

—Irei onde me mandardes, respondeu Genaro com alegria.

—Tenho precisão de responder ao barão de San Yuste. E' urgente que elle e sua familia estejam em Madrid dentro em quinze dias. A proposito, querido filho, tens ouvido falar ao commerciante de Alcalá de um cavalheiro muito chegado á familia do senhor barão, que se chama dom Carlos de Montalban?

—Não me lembro d'esse nome.

—E' indispensavel que tambem esteja em Madrid no mesmo prazo. Agora vou trabalhar. Descansa até á tarde. Hoje, mais que em outras occasiões, me tens feito comprehender os generosos dotes de teu coração. Recebe a minha bênção, e confiemos na Providencia.

Genaro inclinou-se ante seu protector, e este, com uma actividade prodigiosa, tomou penna e papel, logo que a porta se fechou atrás do galante mancebo.

CAPITULO X

LUZ E TREVAS

N'aquella tarde o padre Roberto de Santa Maria, que assim se chama o beneditino, depois de longa entrevista com Genaro, entregou-lhe algumas cartas, deu-lhe as suas ultimas instrucções, e mandou-o a Alcalá.

Esperava-o á porta um cavallo de raça andaluza e arabe, não muito alto, mas que, pelo delgado das pernas, formosura da cabeça, dilatação das ventas, e viveza dos olhos, parecia um d'esses magnificos animaes, que Le-Brun tão bem soube pintar puchando o carro triumphal de Alexandre.

Ao sentir os passos de seu joven cavalleiro relinchou de impaciencia, como se desejára atravessar o espaço com a velocidade do relampago.

Genaro saltou-lhe para cima quasi sem tocar no estribo, e desapareceu nas ruas da capital.

Já dissemos alguma cousa da physionomia e traje do mancebo.

Era de uma belleza perfeitamente varonil: negra e anelada cabelleira lhe caía sobre os hombros, e havia certa distinção em todos os seus ademanes, como se houvesse nascido para mandar ou imperar.

Todavia revelava no semblante um mixto singular produzido pela impetuosidade das paixões, e pela tranquillidade da reflexão, que se patenteava como um eterno contraste n'aquella delicada natureza,

Facilmente um observador curioso poderia descobrir-lhe no olhar o fogo do raio, e a pura limpidez de um espirito philosophico.

Pondo de parte estes detalhes, limitar-nos-hemos unicamente a seguir-lhe os passos.

Montava bizarramente a cavallo; o traje realçava-lhe a interessante figura, pois já dissemos que elle não estava sujeito aos caprichos da moda que então imperava, porque tinha escolhido o mais elegante e bello de quanto tinha visto, e lhe parecêra melhor, nas diversas nações que visitara, e do que haviam preferido os seculos passados para adornar os seus generaes.

Um chapeo com a configuração dos que se usavam no seculo XVII; uma elegante jaqueta de velludo verde-escuro, com alamares de seda preta, de um feitio parecido á dos turcos; calção côr de perola, sobre o qual sobressaíam até meia perna umas botas com a parte superior dos canos côr de anta, e uma longa capa escarlata com bandas brancas, completavam o vestuário de Genaro.

Podia dizer-se que estava em aberta contradicção com as modas hespanholas de então; mas tambem podia affirmar-se que estava muito mais formoso com tão caprichoso vestido.

Logo que o nosso mancebo ganhou a distancia que separa a *plazuela* de Affligidos do Palacio Real, sopeou pouco a pouco a fogosidade do cavallo, até penetrar na *calle* Maior.

Daqui dirigiu-se a passo para a *calle* de Alcalá como se um segundo pensamento lhe fizesse esquecer a missão de que o haviam encarregado.

A pezar de esta rua não ser então o que é presentemente, era, contudo, n'aquelle tempo a melhor da capital, onde habitava, se não o mais aristocratico, pelo menos o mais elegante da sociedade matritense.

Acontecia que muitos palacios, pertencentes a titulares de Castella, abandonados pelos seus donos em razão da invasão estrangeira, serviam de habitação aos mesmos cortesãos, que queimavam um miseravel incenso ao rei José Bonaparte.

Não era, pois, de estranhar, ver os modernos possuidores sair e entrar como verdadeiros donos n'aquellas mansões senhoriaes.

Genaro sabia tudo isto, e olhava com profundo desprezo para semelhante attentado; porém, a pezar de tudo, soffria-lhe o pensamento uma transformação completa, quando fitava o antigo palacio do marquez de Alcanices.

Uma familia intrusa se havia apoderado dos seus salões. Mas que lhe importava esta usurpação, se ali estava o centro de todos os seus desejos, o constante sonho das suas mais fagueiras esperanças?

Genaro amava com o ardor com que se ama aos dezoito annos.

Foi por este motivo que, ao chegar defronte do convento das Commendadeiras de Calatrava, fixou seus olhos no formoso edificio de Alcanices, procurando ali de certo algum objecto querido nas suas numerosas sacadas.

O cavallo conheceu sem duvida o desejo do dono e partiu a galope, sem que o estimulassem as redeas nem as esporas.

Ao ruido do galope appareceu instantaneamente a uma sacada uma dama formosissima.

Genaro saudou-a; e parou á porta do palacio.

Um laçao apressou-se a tomar as redeas, e Genaro, pondo o pé em terra, perguntou:

—Pode falar-se á senhora condessa?

—Espera-vos, cavalheiro, respondeu o interrogado, fazendo profunda venia.

O joven entrou. Brilhava-lhe nos olhos a anxiedade do amor, a avidez da felicidade. N'um instante subiu as escadas com a ligeireza da impaciencia.

Atravessou alguns sallões, onde passeavam varios domesticos de confiança, até chegar a uma preciosa antesalla, onde encontrou uma camareira.

—E a senhora, Inez? perguntou Genaro, batendo com o bonito chicote, que levava na mão, em uma das lustrosas botas.

—Está no gabinete branco, respondeu a camareira, abrindo discretamente uma portinha particular.

Genaro entrou, como acostumado a passar por este lugar, e achou-se no mais lindo gabinete, que poderam adornar os tapeceiros da proscripta rainha Maria Luiza.

Era um compartimento octogono, cuja cúpula, pintada a fresco por Maella, representava scenas mythologicas, tão riso-nhas como as de Albano.

As paredes, forradas de velludo branco, semeado de estrellinhas de ouro, eram divididas nos angulos por formosos cantos dourados: pendia do tecto riquissimo candelabro de bronze e crystal, e por baixo havia um divan no centro do gabinete.

Ricas alfombras, abafavam o ruido dos passos n'aquelle santuario habitado por uma divindade, e cortinas de gaze azul interceptavam a claridade do dia, que penetrava pelas sacadas fronteiras aos jardins do palacio.

Sentada no divan estava a joven, que ha pouco vimos á janella.

Não é facil descrever a rara formosura d'esta mulher.

Era alta e elegante como uma rainha joven e formosa. A frescura do rosto e a côr da pelle eram semelhantes ás d'essas pinturas de Murillo, que umas vezes parecem um vapor que se esvae, outras uma recordação que se desvanece. Negros e avelludados cabellos lhe ondulavam de um modo um pouco profano sobre sua cabeça, bem como se observa em alguns retratos de Cleopatra, quando, rodeada de flores, applica ao seio o venenoso reptil. A fronte elevada, ainda que transparecendo n'ella ligeiras sombras, que podiam denotar os pensamentos de sua alma, era um foco de luz e de trevas, onde resplandecia uma intelligencia superior. Tinha nos olhos uma attracção a que se não podia resistir; negros como a noite, eram um abismo insondavel, d'onde podiam brotar flores e tempestades. O nariz, recto e perfeito, roubava aos labios os encantos do sorriso, ou os resfriava ao menos, sob certo desdem altivo e magestoso ao mesmo tempo.

Tal era a formosura que pela vez primeira apresentamos em scena, sem ousarmos marcar-lhe a idade; por quanto phisionomias ha em que a idade se esconde, como a da famosa Ninon de Lenclos.

Genaro dominado pela paixão correu para ella.

—Mathilde! Esperaveis-me?

—Ouvi o galope de vosso cavallo, e corri a dar-vos o adeus da despedida.

Estas palavras foram ditas, não só com frieza, mas até com amarga ironia.

O mancebo conteve-se ao ouvir-lhe a recriminação. Acalava de soffrer a dor de um golpe de punhal.

—Reprehendeis-me? perguntou, suspirando.

—Pelo contrario, meu amigo, desejo-vos boa viagem.

Genaro sentiu novamente que o feriam no coração.

—Sabeis acaso que vou partir?

—Como posso eu duvidal-o, quando apenas estaes em Madrid o tempo necessario para visitar os que vos amam?

—Mathilde! exclamou Genaro com uma vehemencia apaixonada. Sois injusta comigo.

—Eu!?

—Bem sabeis que tenho sagrados deveres a cumprir.

—Que quereis dizer com isso?

E ao mesmo tempo desprendeou meigo sorriso, que electrison Genaro.

O mancebo não soube de repente que responder.

—Quero dizer, que não disponho de mim mesmo.

—Logo é certo, perguntou ella, que ides de partida?

—Não posso negar: vou.

—Então porque estranhaes que eu vos dê o adeus da despedida? Para vós não quer dizer cousa alguma, meu coração adivinhar o que vos succede? Não é uma prova de que existe na minha alma esse presentimento generoso da mulher que ama, presentimento, que é o livro secreto do nosso amor? Oh! Vinde para aqui... Sentae-vos a meu lado, espirito incomprehensivel, alma fogosa. Crêdes que sejam reprehensões o que é sómente amor, o que é unicamente um lamento da minha alma amorosa? Vêde a que me obrigaes; a dar explicações mui claras, que nunca assentam bem nos labios de uma mulher, por muito que ame.

Genaro, em vez de sentar-se ao lado da joven formosa, caiu a seus pés, tremulo e palpitante.

—Oh! perdoae-me, Mathilde! exclamou, juntando as mãos em attitude supplicante. E' tão poderoso o dominio que exerceis em mim, que uma só das vossas palavras me perturba a razão, e me paralysa a lingua. Fui um insensato em crer que

serieis capaz de reprehender-me, quando o que fazieis era tão sómente provar-me de novo o affecto que nos une.

—Porém não estejaes assim; eu não vos quero de joelhos, quero-vos junto a mim.

Genaro apoderou-se da mão que se lhe offerecia, e, depois de a cobrir de beijos, sentou-se ao lado de Mathilde.

Por muito tempo se olharam em silencio.

—Haveis de estar muito tempo ao pé de mim? disse finalmente a donzella.

—Uma hora, se m'o permittirdes.

Ella suspirou.

—Sempre me concedeis pouco tempo! Uma hora é um sopro, um atomo da vida.

—E, ainda assim, disse Genaro, não posso dispor de mais.

—Quem vos impede?

—Os meus deveres, a minha honra, Mathilde.

—Sempre sois ambiguo em responder, disse ella com encantador sorriso.

—Que quereis que vos diga?

—Nada. Conheço que não tenho direito para sondar os segredos da vossa alma.

—A minha alma não tem segredos, respondeu Genaro apaixonadamente.

—Para mim, sim.

—Provae-m'o.

Mathilde fitou no joven um olhar, que para elle podia ser uma terna reconvenção, e para outro um astucioso estratagemas.

—Escutae: já que me provocaes, acceito o repto. Aonde ides, separando-vos de mim?

O mancebo conheceu que esta pergunta de Mathilde occultava uma segunda intenção.

—Não posso dizer-vol-o, respondeu sorrindo.

—Ahi tendes a prova, replicou ella. Eis ahi um segredo.

—Mas este segredo não é meu, este segredo não provém da minha alma, Mathilde. Não é a minha vontade que obra; é, sim, outra vontade que me impelle.

—Uma escusa demasiadamente vulgar. Confessae que estaes envolvido em misterios.

—Duvidaes das minhas palavras?

—Duvido: digo-vol-o com toda a franqueza, respondeu a joven. Encontro em vós a razão dominando o coração, um culto de sentimentos oppostos áquelle, pelo qual deveis ser mais consequente. Tendes-me feito amar, para dedicar-me apenas parte, e não todo, um amor, que se converte em doblez e falsidade, quando se torna indispensavel que o faças acreditar, ao menos, com um sacrificio: fizestes-me vêr horisontes brilhantes, para depois os povoardes de negras nuvens. Ha algum tempo negaes-me, até, os momentos necessarios, para que nossos corações se entendam por meio da tacita e sublime linguagem da adoração. Vejo que outras vontades, mais potentes do que a minha, vos fazem um instrumento de seus desejos, ou um severo executor de seus mandados: que sempre, montando a cavallo, voaes como o vento, sem ter para quem vos ama tanto como sua propria vida, senão um triste adeus, como um echo de desesperação, que se reproduz a cada instante.

Mathilde, ao pronunciar estas palavras, sublime queixa de seus pezares, soubera parecer mais bella e mais seductora, e estas palavras caíam como chumbo derretido sobre o palpitante coração de Genaro, que fazia supremos esforços para não perder a razão. Era-lhe necessario appellar para a rectidão do seu juizo, soccorrer-se a toda a força do seu talento, a toda a inflexibilidade da sua logica, para permanecer tranquillo entre os laços de mil flores d'aquella nova Artemisa.

—Ouvi, Mathilde, exclamou, tremendo de emoção: creio

que me dirijis arguições injustas. Ou não me haveis comprehendido, ou não soube apresentar-me ante vós como verdadeiramente sou. Amo-vos como nenhum homem é capaz de amar-vos: consagro-vos toda a lealdade de que a minha alma é susceptível. Seria tão impossivel eu enganar-vos, como é impossivel paralisar com o poder da vontade as correntes electricas que cruzam o espaço. Sois vós, que me dominaes o coração, e que, apenas com um olhar, tendes o poder de tornar-me feliz ou desgraçado; porém consenti que vos diga, que partis de uma exaggeração do vosso character. Na sociedade egoista, na qual vivemos, ha vinculos poderosos que prendem a vontade. Vós mesma, que tanto me amaes, poderieis por ventura sair de casa, e correr a meu lado de uma para outra parte, guiada tão sómente pela vossa paixão? Não, Mathilde. Pois do mesmo modo que sois obrigada a cumprir certos deveres, tambem eu o sou: tenho vinculos sociaes, que respeitar, da mesma sorte que vós tendes de cumprir deveres, que não podeis olvidar; eis aqui a razão, porque me vêdes correr após objectos que não alcanço, e a impulso de pensamentos que não trato de prescrutar.

—Conheço que tendes razão, observou a joven, asso-mando-lhe aos labios um novo sorriso: quero repulsar as inquietações que a vossa conducta tem causado ao meu coração; ha, porém, outros temores que imperam no meu espirito.

—Quaes são?

—Bem sabeis quanto é tumultuosa a epocha que atravessamos. Um numeroso exercito domina Madrid, e os caminhos estão povoados de soldados. Não poderá succeder-vos uma desgraça?

—A observação é justa; mas talvez não saibaes que, quando devo obedecer, faço completa abnegação de mim mesmo.

—Não temeis a morte?

—Não.

—Então mui fortes motivos devem ser os que vos impulsam, continuou a joven. Sois, talvez, um agente da politica napoleónica, e levaeis um salvo-conducto que vos livra de todos os perigos, ou então um conspirador consummado.

Genaro desprendeum tranquillo sorriso, em quanto Mathilde mordida os labios imperceptivelmente.

—Não sou nem uma nem outra coisa.

—Que sois então?

—Hespanhol, respondeu com orgulho nacional o ardente mancebo.

—E' que esse nome está riscado no livro da historia.

—Perdoae, Mathilde, mas não podeis ser juiz competente em tão seria questão. Não vos accuso, simplesmente arguo pessoas que vos são mui chegadas. Viveis n'um palacio que o governo actual vos deu em recompensa de serviços recentes, e mal podeis apreciar os meus sentimentos n'esta materia.

Mathilde ficára vencida n'esta nova tentativa, e brilhou em seus olhos certo fulgor sombrio, que mais podia traduzir-se por colera, do que por amor.

Guardou-se, todavia, de manifestar a tormenta que no intimo lhe bramava, e, dando subitamente ao rosto uma expressão de profunda tristeza, exclamou suspirando:

—Perdoae, Genaro. O amor conduziu-me aonde nunca pensára chegar. Acabaes de me dirigir amarga censura, que me demonstra um facto bem triste: e é que olhaes com desprezo a opulencia que me rodeia, e que lancaes sobre mim o anathema da opinião.

—Não, replicou o joven com sua inflexivel logica; respondi unicamente ao que me perguntastes. Em nós assentam mal conversações d'este genero; mas assim o quizestes...

—Não era essa a minha intenção. Eu em vós só tenho

encontrado enigmas. Que ha de estranho que o meu amor, porque o amor é sempre egoista, tenha querido penetrar as trevas que vos cercam?

—E' só o amor?

—Essa duvida offende-me.

—Não, Mathilde: quero crêr-vos, porque essa crença restitue-me a tranquillidade; salvaes-me a alma da incerteza, que é o tormento dos enamorados, reanimaes a fé que me alenta, e tornaes-me novamente feliz. Se sois egoista por amor, eu tambem o sou. Quizera poder a vosso lado isolar-me da sociedade que nos escravisa, e do imperioso dever que nos subjuga: viver como vivem as aves do ceo, sem outra esperança que um amor insaciavel. São estes os meus sonhos, irrealisaveis sonhos, mas que elevam a alma além d'este charco mundanal, que tudo materialisa. Em vós, Mathilde, cuido haver encontrado essa felicidade suprema, esse delirio da juventude, essa epopeia do coração: causaes-me, por tanto, cruel magoa, quando, em vez de deixar-me vagar pelas ethereas regiões, me conduzis pela terra immunda.

Genaro estava mais formoso ao pronunciar estas palavras. Havia n'ellas tanta verdade, que não era possivel duvidar um instante.

Mathilde sorria.

—Oh! sois poeta, disse ella, e os poetas pintam, mas não sentem.

—Ingrata!

—Tratae-me como vos parecer, mas digo-vos a verdade.

—Não me acreditaes?

—Não.

—Mathilde, olhae que, se ainda sou um adolescente pela idade, sou já homem pela conducta. Aprendi a não mentir quando pisei a sepultura de Jesus Christo; aprendi a amar sob o famoso ceo da Grecia.

—Eu não posso crer em quem tem o peito como um tabernaculo impenetravel.

—Exigi-me o que depender exclusivamente de mim, e se eu faltar a qualquer sacrificio que me impozerdes, dar-vos-hei o direito de queixar-vos.

Genaro pronunciou estas palavras com tal vehemencia, que Mathilde o olhou fixamente.

—Acceito a proposta, respondeu ella. Será a ultima prova.

—Pois seja.

—Se ella vos fôr adversa, separar-nos-hemos, como se separam dois bons amigos, que se encontram n'um deserto, tomando direcções oppostas para se não encontrár jamais.

Pallidez mortal cobriu o rosto do mancebo ao ouvir esta ameaça.

—Como quizerdes, respondeu com a voz tremula.

Mathilde olhou para elle de um modo irresistivel: todos os raios dos seus olhos coincidiram n'um só ponto. Estas palavras tinham-lhe saído dos labios, e não do coração.

—Agora, disse ella, respondei a uma pergunta.

—Fallae.

—Tendes familia?

—Não.

—Sois, portanto, inteiramente livre?

—Não.

Mathilde olhou-o com bastante estranheza.

—Não posso comprehender essá negativa; mas não importa. A prova que exijo é que guardeis este punhal.

Quando disse estas palavras, a joven tirou do seio uma pequena adaga com punho de prata sinzelada. No centro via-se um escudo quadrangular, descobrindo-se n'elle uma palma e um ramo de louro entrelaçados, dentro dos quaes havia

duas espadas cruzadas. Nos quatro angulos do escudo distinguia-se perfeitamente estas iniciaes : I. E. N. R.

Genaro ficou mudo de assombro, como se aquella mulher, que até ali fôra um anjo, se tivesse convertido repentinamente em demonio.

—Daes-me um punhal ! exclamou elle, repellindo a arma, que brilhava sinistramente nas mãos de sua amada. E' acaso o pacto de um crime o que vamos sancionar ?

—Não : é um laço de indissolúvel alliança, é a recordação da vossa promessa. Sabeis o que significa esta arma ?

—Não sei.

—Quer dizer que devereis matar-vos com ella, se faltardes á verdade; que devereis matar-me a mim, se eu vos fôr infiel. Aceitaes agora ?

—Acceito, exclamou Genaro com enthusiasmo, caindo aos pés de Mathilde.

Um sorriso de triumpho brilhou no rosto da donzella.

—Agora, disse, já não me atreverei a duvidar de vós. Seja esse punhal o symbolo da nossa alliança, o laço do nosso amor.

—Seja.

—Elle vos trará á memoria que não haverá em vós uma vontade nem um pensamento que me não pertença.

—Assim como serão meus a vossa alma e o vosso coração.

E Genaro no cumulo do delirio apertou com os braços a encantadora cabeça da sua seductora amante.

Mathilde inclinou languidamente a fronte sobre um hombro do mancebo, e ao mesmo tempo collocava-lhe o punhal nas mãos.

CAPITULO XI

SEGREDOS DA VIDA

Com a alma trasbordando de felicidade saiu Genaro d'aquella casa, ainda que era bem verdade haver no fundo de tanta ventura uma gota amarga que turbava o tranquillo oceano das suas esperanças.

Mathilde vira-o partir, e despedira-se d'elle com um sorriso feiticeiro; depois deixara-se cair no divan, como se as forças, que até áquelle momento a haviam sustentado, a abandonassem de repente.

Que era isto?

Era impossivel adivinhar-se. O coração feminino, por mais que alguém insista em dizer o contrario, é para nós o problema mais estranho e difficil que a humanidade em si contem.

Assim, bem se pode affirmar que todo aquelle entusiasmo que Mathilde tinha mostrado, o encanto semivoluptuoso de que se havia tão caprichosamente servido, a variedade de perguntas, de ideias e intenções, tudo desapareceu, de tudo

se despojou, como a actriz limpa o carmim da face e muda de trage, convertendo-se em outro ser diverso, ao correr-se pela última vez o panno.

As primeiras sombras da noite foram invadindo a pouco e pouco aquelle magnifico gabinete, sem que a joven pensasse em sair da singular prostração que a dominava.

O velludo, as estrellas de ouro, o sumptuoso divan, tudo ia desaparecendo pausadamente, como se funebres crepes cobrissem toda a estancia.

De subito, abriu-se uma porta, e appareceu Inez a camareira, com uma luz.

Mathilde levantou rapidamente a cabeça, temendo talvez ser sorprendida n'aquelle languido abatimento.

—A mãe de v. ex.^a, a senhora condessa, espera-vos nos seus aposentos, disse a joven.

Mathilde suspirou, e fazendo um esforço que parecia superior á sua propria energia, saiu do gabinete.

Quando saiu tornou a apparecer-lhe nos olhos o brilho fascinador da juventude, e em todos os seus ademanes uma confiança absoluta de si mesma, para apagar os signaes de pezar e abatimento que até ali a tinham dominado.

Occultando as suas magoas com este disfarce, apresentou-se nas habitações de sua mãe, que estavam esplendidamente adornadas.

Vestindo uma *toilette* magnifica, o cabello com admiravel profusão de brilhantes, o peito com algumas distincções honorificas, estava sentada n'uma poltrona uma anciã de olhar vivo, inquieto e penetrante.

Era a condessa de Segalvo: a mesma que vimos na *Atalia maldita*.

Mathilde aproximou-se d'ella, e beijou-a carinhosamente, em quanto a condessa, sem mover os labios, a observava com olhos prescrutadores.

—Chamastes-me, minha mãe? perguntou a joven.

—Sim: preciso fallar-te, respondeu a condessa de Segalvo com certa frieza, que formava singular contraste com as suas palavras.

—N'esse caso aqui me tendes.

Mathilde foi para junto de uma mesa, e começou a folhear uma brochura politica, que então estava muito em voga, e tinha por titulo: *Esposicion de los hechos y maquinaciones que han preparado la usurpacion de la corona de Espana, y los medios que el emperador de los franceses ha puesto en obra para realizarla.*

A condessa aproximou-se de um fogão francez, onde ardiam alguns pedaços de madeira sobre cães de bronze. Arrojou uma poltrona e sentou-se,

Houve um momento de silencio, e depois perguntou:

—Porque estás tão pallida, minha filha?

Mathilde levantou a cabeça.

—Eu pallida! não sei porque.

—Genaro veio visitar-te?

—Sim, senhora.

Um sorriso sarcastico assomou aos labios da anciã.

—Já comprehendi, respondeu ella.

—Não o sabeis?

—Sabia; ha, porém, factos, que de per si se revelam, sem haver necessidade de os adivinhar.

—Porque dizeis isso?

—Attende: existe entre nós uma certa dependência que me priva a mim de alguns direitos, que concede a maternidade, e a ti de certos deveres, que como filha devias praticar. Quero dizer, ha uma amizade reciproca, baseada em nosso interesse e engrandecimento. Seria, por consequencia, um principio de deslealdade, occultar o que se vê claramente, porque essa reserva seria a causa da nossa ruina.

Este preambulo causou na joven uma ligeira inquietação.

—Por acaso commetti eu alguma falta para convosco? perguntou Mathilde, deixando de folhear o livro.

—Sim: respondeu a condessa com severidade.

—Que motivos tendes para dizer tal?

—Um: tens no coração um segredo, que ainda não confiaste a tua mãe.

—Um segredo?

—Sim; o amor.

—O amor! exclamou Mathilde levantando desdenhosamente o labio superior.

—Sim; amas Genaro.

—Eu!

—Não o negues, minha filha. Pouco importa esse amor, com tanto que esse joven ardente, impetuoso, incompreensivel, seja um instrumento que nos possa ser util. A nova côrte conserva-nos e adula-nos, porque nos crê senhoras de muitos segredos importantes: os gentis-homens mais queridos do monarcha enchem-nos os sallões deslumbrados por tua rara belleza: generaes de grande vulto já te offereceram sua mão, e fabulosas riquezas; porém, não podemos contar com um espirito leal e energico, subordinado a nossos desejos. Por isso julguei que Genaro seria esse ente salvador, que necessitamos, já para dar consistencia a nossas negociações, já para realizar certos projectos, que não parece bem serem pôstos em pratica por senhoras da nossa classe. Havia um só caminho a seguir para chegar a conseguir esse fim: estendeste a tua teia para aprisionar a formosa mosca; mas tu, pobre aranha, enredaste-te nos proprios fios, e és victima da tua mesma obra.

—Estaes illudidã, minha mãe.

—Muito mal sabes fingir, respondeu a condessa com um sorriso sombrio e aterrador. A minha experiencia não me engana.

—Pois bem; dir-vos-hei então ingenuamente que o amo, exclamou com resolução Mathilde. A belleza d'esse mancebo é demasiadamente seductora, para que um coração como o meu tenha forças para resistir-lhe. Ha certo encanto no seu porte, e não sei que abandono irresistivel na sua conversação, que a minha alma não póde deixar de lhe pertencer.

A condessa mordeu os labios, como se assim pertendesse suffocar a colera que a dominava.

—Tenho em pouco esse amor, se te não esqueceres dos teus deveres; disse a velha dama, cravando seu olhar com mais persistencia no rosto da donzella.

Pallidez mortal velava os encantos de Mathilde.

—Meus deveres, dizeis?

—Sim, os compromissos que se acham pendentes com os chefes do exercito francez. O general Maurice Mathieu ama-te.

—Oh! eu não posso corresponder-lhe, replicou Mathilde com vivacidade.

—Pessoas ha que teem fallado a José Napoleão de tua deslumbrante belleza, e então nada de estranho é que chegue a visitar as nossas sallas. Ora tu bem comprehendes que isto nos dá dobrada importancia na côrte.

—Minha mãe, exclamou Mathilde, levantando magestosamente a frente, e fitando por sua vez o rosto da condessa, eu quizera saber a que vos propondes com essas relações, em que me fazeis representar sempre o primeiro papel; papel, senhora, em que muito se expõe o meu nome, o meu decoro e o meu futuro.

—Exiges uma explicação? perguntou a condessa com violencia.

—Tenho esse direito, e exijo a.

—Então, dar-t'a-hei, respondeu, erguendo a cabeça com um vigor que estava em contradicção com a avançada idade.

—Escuto-vos.

Houve um momento de pausa, como a que precede o começo de um combatê.

Finalmente a anciã expressou-se n'estes termos:

—Os modernos conquistadores crêem, e com razão, que chegaram ao paiz das mulheres formosas. Esta é a razão, por que muitos te teem visto e adorado. Compromettidas com a nova dynastia, estamos ligadas ao seu destino. Se a guerra terminar em seu favor, bem está; mas se, ao contrario, a lucta se prolongar, e lhe for adversa, teremos de fugir para onde fugir a côrte. Por isso, em Genaro queria encontrar um espirito cego, subordinado, em tudo sujeito á tua vontade, escravizado por um dos teus olhares; homem que por uma esperança fosse capaz de commetter as mais sublimes acções, e perpetrar os crimes mais horrendos...

—Isto é, observou Mathilde, quereis um automato, mais ainda, um escravo.

—Isso mesmo. Desejava tambem uma protecção mais poderosa, um d'esses generaes repletos dos despojos do mundo que te elevasse á grandeza, te protegesse, e te dêsse muitas riquezas; um heroe que ao mesmo tempo se cobrisse de louros nos combates, e caísse rendido a teus pés.

—Quereis um Maurice Mathieu?

—Exactamente. Uma vez collocada n'essa dourada nuvem que rodeia os conquistadores, é facil vir a ser ainda o idolo do monarcha, o genio protector da Hespanha.

—Em resumo, disse Mathilde com sorriso amargo, tentastes um commercio, e julgando-me necessaria aos vossos designios, tendes-me collocado no vergonhoso caminho da prostituição. Não é assim?

A condessa soltou uma gargalhada com cynismo tal, que houvera envergonhado as afamadas cortezãs de Luiz XV.

—Essa linguagem é muito subversiva, minha querida.

—E' a verdadeira, respondeu a joven com energia; sinto, porem, dizer-vos que aqui dentro da minha alma ha um germen invencivel, que nem o ouro, nem as seducções do luxo, poderão superar: esse germen, senhora, é a virtude.

Em logar de continuar rindo, a anciã poz-se de pé com as mãos cerradas pela colera, que começava a rugir-lhe no coração.

—E' uma negativa que pronunciaes?

—Terminante, minha mãe, respondeu com serenidade.

—Eu não sou vossa mãe, exclamou a condessa com supremo despreso.

—Bem o sei; por isso quereis brincar com a minha honra, como o menino com o brinquedo, que por fim despedaça.

—Mas ainda que não sou vossa mãe, proseguiu a hyena, lançando de seu peito um surdo bramido, tenho sobre vós direitos indestructiveis.

—Quaes são, senhora condessa? continuou Mathilde devolvendo altivez por altivez, despreso por despreso.

—Os de haver-vos tirado do nada, os que me concedem a educação que vos tenho dado, os sacrificios que me tendes imposto, os vinculos que nos ligam mutuamente, os annos que vos tenho conservado debaixo da minha tutela; e se isto não é bastante, accrescentarei tambem as riquezas de que vos tenho rodeado.

—Por isso, respondeu a joven com os olhos afogados em pranto, tenho sido obediente ás vossas ordens, e aos vossos caprichos, fazendo completa abnegação de mim mesma: por isso tenho prodigalisado meus sorrisos, para comprazer com certos desejos, tenho sido galanteadora, não por vontade, senão porque assim m'o tendes aconselhado; mas quando essas admoestações me indicam a florida senda, por onde tantas desventuradas se teem perdido e quereis que me asseme-

lhe a uma d'essas innumeradas cortezãs, que medem o decoro pelas dadas que recebem, e pelo esplendor e riquezas que rodeiam os seus adoradores, então não ha poder no mundo, que me obrigue a dar um passo para esse abismo coberto de florés, que me apontaes. Se não vos agrada esta declaração franca e simples, que acabo de vos fazer, podeis expulsar-me de vossa casa, podeis arrancar-me do luxo, em que me tendes feito viver, tão sómente por um infame calculo, que agora comprehendo claramente; podeis finalmente lançar-me na miseria. Prefiro essa degradação a fluctuar no futuro entre tantas falsidades reunidas.

A condessa estava abrazada por um fogo interior que se lhe patenteava nos olhos: tinha de suffocar a colera no amago do coração. Bem sabia ella que a brilhante concurrencia que a cercava, os esplendidos regalos que recebia, as considerações de que diariamente era objecto, a intimidade que ás vezes se lhe concedia nos negocios do estado, tudo era por Mathilde; era bem claro, que esta era a pedra angular do diabolico edificio que havia levantado, e, faltando ella, forçosamente se desmoronaria essa trabalhosa obra, abismando-a com a sua queda no desvalimento e no abandono.

Dotada de um talento nimiamente sagaz, para comprehender as consequencias do rompimento que a ameaçava, encobriu o furor com um sorriso,

—Não, lhe disse, não devemos chegar ao escandalo: desisto de meus projectos, com tanto que façaes tambem algum sacrificio.

—De que classe quereis vós esse sacrificio ?

—Eil-o aqui : esquecei Genaro.

—E' já impossivel, respondeu a joven com resolução.

—Tanto o amaes, para não poder esquecel-o ?

—Até ao delirio, senhora. Posto que se ache quebrantada a nossa amisade, comtudo vede a verdade no fundo do

meu coração. Também podeis por este motivo expulsar-me ignominiosamente. Se isso vos não convém, haveis de acceitar as condições, que por gratidão vou apresentar-vos.

—Pois vós offereceis-me condições?

—Eu! sim, senhora. Podemos permanecer sob o mesmo tecto: também podereis tornar-me o centro de todos os olhares, de todas as aspirações; porém não me marqueis jamais a linha de conducta que devo seguir. Assim, viveremos como boas amigas em particular, e como mãe e filha em publico.

A condessa ficou pensativa por alguns segundos.

—Assim o quereis? perguntou.

—Assim o quero, disse resolutamente Mathilde. Ao mesmo tempo abriu-se a porta do sallão, e um criado grave annunciou emphaticamente o general Maurice Mathieu.

As duas damas olharam-se reciprocamente, como se duvidassem uma da outra.

—Que entre, disse por fim a condessa, mudando rapidamente de aspecto.

Era o general um homem de trinta a trinta e cinco annos, rosto queimado pelo sol e ennegrecido pela polvora, mas sympathico e expressivo. Seus olhos negros eram profusamente dotados de viveza e animação, e uns dentes alvos como o marfim mais puro, obscureciam graciosamente um farto e comprido bigode. Trajava mais a capricho, que ás leis da moda ou ao rigor da ordenança franceza.

Vestia um riquissimo traje hungaro forrado de pelles, e coberto de cordões e cadeias de ouro.

Ao primeiro lançar de olhos conheceu-se o effeito que produzia na sua alma a formosura de Mathilde, que folheava novamente a brochura, em que ao principio fallamos.

—Que lêdes? perguntou o general, dirigindo-se á donzella.

—Podeis ver, respondeu Mathilde, apresentando-lhe o folheto.

—Ah! é a exposição de Dom Pedro Ceballos, primeiro secretario de Estado e do Despacho de vosso antigo monarcha.

—Um miseravel conto, cheio de falsidades, disse a condessa com desdem.

O general olhou para Mathilde, esperando encontrar nos seus olhos uma esperança; esta, porém, permaneceu grave e silenciosa, deixando apenas de olhar para o chão.

O general fitou a condessa, como se lhe fizera uma pergunta.

—Aproximae vos, general, disse ella com um sorriso significativo: tenho que vos dizer.

—Serei acaso importuna com a minha presença? perguntou Mathilde inclinando-se.

—Não, minha filha: mas estás indisposta, convém que te retires para descansar.

Mathilde desejava muito este momento, não só para entregar-se ás suas reflexões, mas tambem para tranquilisar o espirito bastante agitado pelo que acabava de succeder.

O general ficou só defronte da condessa.

Largo tempo assim permaneceram sem dizer uma só palavra, temendo talvez, tanto um como outro, entrar em explicações.

CAPITULO. XII

MESSALINA

—Senhora, disse por fim Maurice Mathieu, que, mais resolutos, ou talvez mais interessado na conferencia que ia ter logar, não acho inconveniente em romper o silencio: a filha de v. ex.^a o que tem? Serei tão infeliz que perdesse já para com ella esse limitado favor, que apenas me tem concedido desde que tenho a honra de frequentar esta casa?

—General, respondeu com reserva a astuta condessa, ha respostas que se tornam summamente difficeis, e causam profunda dor a uma mãe, quando ella se vê na dura necessidade de explicitamente as dar.

O francez tornou-se pallido. Estas palavras, em vez de applicarem, augmentavam-lhe o tormento.

—A pezar de não comprehender, entrevejo no fundo d'essas palavras alguma cousa dolorosa, que me despedaça o coração. Já sabeis que amo Mathilde com toda a exaltação e fogo do meu character. Franco como militar, tenho-vos manifestado,

a vós que sois sua mãe, os sentimentos que me animam. Até agora tendes-me sempre dado esperanças, e com ellas tem crescido o amor que Mathilde soube iuspirar-me. No momento, porém, em que eu esperava alcançar a suprema felicidade que havia imaginado, eis que recebo crueis e acerbos desganhos. Saibamos, senhora, o que devemos julgar. Dizei-me: não me ama vossa filha?

— Já vos disse que é bem difficil a resposta.

— Porque?

— Deveis saber que não se sonda facilmente o coração das mulheres.

O general ia exaltando-se gradualmente, e parecia faltar-lhe parte da sua vitalidade.

— Senhora, exclamou, levando ao mesmo tempo as mãos ao peito como se quizesa comprimir o coração: não gosto de posições indeterminadas. Prefiro a morte a uma vida morta como o crepusculo; prefiro a verdade, terrivel que seja, a obscuras suspeitas.

— Não é meu intento enganar-vos, disse a condessa, dominada por sinistro pensamento: queria unicamente attenuar o effeito de uma noticia dolorosa.

Maurice Mathieu tornou-se livido. Nunca assim estivera talvez em meio do fogo do mais encarniçado combate. Todavia fazendo um esforço sobre si mesmo:

— Fallae, disse elle, eu vos escuto com socego.

— Cavalheiro, tendes um rival.

— Ah! exclamou com accento de desesperação: um rival! Será talvez aquelle que o meu coração tem denunciado em diversas occasiões? Será esse que se cobre com o manto da impunidade, porque é rei? José I, talvez? !...

— Não.

— Não me illudaes, senhora: ignoro o fundo de verdade que pode ter esta historia; porém ides torturando a minha

alma, como se vos comprazesseis com o horrivel martyrio que me infligis. Quem é esse rival? Consta-me que o rei soubera da extraordinaria formosura de vossa filha; que vós, senhora condessa, vou offender-vos a delicadeza, mas é para que conheçaes o estado do meu coração; que vós, repito, não haveis tido escrupulo em fazer um contracto miseravel, para vender isso que em Hespanha se idolatra—a honra. Se isto é verdade, eu compro essa honra a preço de tanto ouro, quanto seja preciso para saciar-vos a ambição. Mas se tudo é falso, se esse rival é um estratagemma vosso, um fantasma creado pela minha imaginação, então, senhora, impõe condições, exige o que quizerdes, com tanto que vossa filha chegue a ser minha.

—Porque não dizeis vossa esposa?

—Minha esposa: essa era a verdadeira phrase.

—Assim, observou a condessa, não posso deixar de continuar a approvar o vosso amor; porém esse rival paralysa todos os nossos projectos.

—Logo, é certo que existe?

—Sim, existe.

—Quem é?

—Um obscuro estudante, um viajante, um ser cosmopolita, que falla de tudo, e que possui encantos singulares.

—E Mathilde ama-o?

—Com delirio: é assim mesmo que se expressa.

—Oh! então...

—Então, que?

—Mataria o miseravel que me rouba tanta felicidade.

—Sangue!?

—Seria preciso derramal-o, senhora.

A condessa não poudo occultar um olhar de triumpho.

—Então, disse, nunca sabereis quem é.

—Eu tratarei de o descobrir.

—Cavalheiro, previno-vos que perdereis na lucta.

—Estaes-me causando intensa desesperação, senhora.

—Porque? Attendei que, se vos fallo d'este modo, é por muito desejar o vosso bem.

—Dizei-me, ha algum meio que possa salvar-nos? perguntou o general tremulo de afflicção e de amor.

—Pode havel-o.

—Qual é?

—Creio que o atrevido joven, de quem fallamos, é inimigo do novo governo.

—Se é nosso inimigo, uma commissão militar pode julgalo, disse o francez.

—Uma commissão militar mandal-o-ia fuzilar.

—E não seria isso bom?

—Não convém tanto ruido para um negocio de tão pouca monta.

—Dizei-me o vosso parecer.

—Um inimigo das instituições pode ser mandado ao norte da Europa, onde os vossos exercitos combatem contra a Austria e a Russia, e d'esta sorte tereis um inimigo de menos.

O general começou a reflectir, dando ao mesmo tempo alguns passos pela sala.

—Não é possível realizar-se esse projecto, murmurou surdamente.

—Porque?

—Porque um inimigo das modernas instituições deve morrer.

—Oh!

—Evitaremos o apparato de um fuzilamento, e buscaremos um meio seguro e legal.

—Que meio, general?

—Delatando-o no Grande Oriente.

—Na loja?

—Sim.

—Visto isso é precisa a sua morte? perguntou a condessa com um sorriso de vingança.

—Já vol-o disse. D'este modo, um punhal invisível, manejado por mão desconhecida, o privará da existencia.

—Seja assim, respondeu a condessa. Quando se ha de fazer a accusação?

—Esta noite. Só falta saber-lhe os signaes, que me dareis.

Maurice Mathieu achava-se por tal modo dominado pela paixão, e a condessa tinha sabido exaltal-o a tal ponto, que n'aquelle homem, em cuja fronte resplandecia a grandeza d'alma de soldado, e em cujo coração existiam generosos sentimentos, só se via um tigre sedento de sangue, ou um delirante abrasado pelo tormento do ciume.

A terrivel condessa saboreava de antemão a victoria. Sabia muito bem que os francezes não eram escrupulosos em fuzilar, não só os seus verdadeiros inimigos, mas ainda aquelles, de cuja conducta se temia por meras suspeitas: por isso considerou desde logo certa a sua vingança.

Dotada de um espirito emprehendedor e temerario, ainda podia chegar a ver realizados os seus pensamentos, arredando Genaro do caminho, que na imaginação havia traçado para chegar ao fim a que se propunha, pois era elle um obstaculo insuperavel para a realização de sonhos dourados.

—Quereis os signaes? perguntou, lançando ao mesmo tempo sobre o general sombrio olhar.

—Sim, preciso sabel-os.

—São muito conhecidos, e facilmente a vossa excellente policia poderá dar com elle.

—Fallae.

—O rival, cavalheiro, chama-se Genaro, disse a velha com intenção sinistra.

O general tirou uma carteira magnifica, e n'ella escreveu este nome.

—Que idade representa?

—Dezoito annos.

—Physionomia?

—Formosa: cabello negro e naturalmente annellado, olhos tambem negros.

O general escreveu, perguntando em seguida:

—Estatura?

—Elevada.

—Como traja?

—A capricho; veste de um modo extravagante e magnifico. Ordinariamente usa capa de velludo escarlate forrada de branco.

—E' acaso um mancebo, perguntou Maurice Mathieu, deixando de escrever, que monta um magnifico cavallo de raça arabe?

—Exactamente, disse a condessa.

—Então ceneço-o, exclamou o general, apertando a fronte com as mãos: tenho-o visto muitas vezes.

—Se assim é, está vencida metade da difficuldade.

—E' verdade, senhora, disse Maurice Mathieu; porém esse joven parece assaz distincto, para que eu desça ao aviltamento dos delatores e verdugos. Allucinado um momento, transtornada a razão pelo ciume, concebi ha pouco ideias, que não estão em harmonia com os meus sentimentos; agora mudei de parecer.

—Qual é a vossa intenção? perguntou a condessa com anxiedade, ao ver que repentinamente se destruíam os seus projectos sanguinarios.

—Procural-o, e propor-lhe um desafio.

—Que dizeis!

—Assim, ou eu o matarei, ou elle me matará. Não me é possível continuar a viver d'esta maneira.

O general deixou-se cair n'uma cadeira, acabrunhado pela exaltação do espirito.

Depois, em quanto a condessa calculava com perfeito sangue-frio os resultados que poderia ter aquelle acontecimento inevitavel, Maurice Mathieu, com esse socego proprio do que adopta uma resolução immutavel, ficou tranquillo na apparencia.

A tempestade tinha-lhe desaparecido do rosto, mas desceu a concentrar-se no coração.

—Escutae-me, senhora, disse por ultimo, enxugando o suor que lhe corria em bagas pela testa; amo apaixonadamente vossa filha, e antes do desafio quizera vel-a, fallar-lhe como quem arrisca por ella a vida, carreira, e porvir, quero fazer-lhe comprehender o horrivel estado em que tenho o coração.

—Como muito bem deveis saber, isso depende de circumstancias. Creio, todavia, que Mathilde não se negará a receber-vos. Quando desejaes ter essa entrevista? perguntou por fim, passando-lhe pela physionomia a sombra de um pensamento abominavel.

—Na noite que preceder o duello.

—E quando será essa noite?

—A'manhã.

—Pois bem, ámanhã ás dez da noite sereis conduzido aos quartos de minha filha.

—Crêdes que ainda pode dar-me alguma esperanza?

—Senhor, só vos direi estas palavras: minha filha não vos ama, mas pode amar-vos.

—Atê ámanhã, condessa. Confio na promessa.

—Confiae.

O general saudou com respeito, e saiu da salla.

A condessa ficou só com os seus pensamentos.

Ao natural atordimento que produzem as grandes crises, succede sempre nos espiritos fortes e vingativos uma certa tranquillidade ou prostração, que é a reflexão maligna operando e tratando de ligar entre si os factos, que uns após outros vão occorrendo.

A condessa de Segalvo, essa mulher, que no decurso d'esta historia temos visto brilhar qual sinistro cometa precursor de calamidades, ficou sepultada no mais profundo silencio, cuidando em reunir os fios dispersos d'esta nova tunica de Dejanira, que ia tecendo no intimo da sua mente.

Enigma singular e problema indefinivel! Esta mulher, que só temos visto produzir o mal, aniquilando todos os projectos e matando todas as esperanças, como a pisada do cavallo de Attila; esta mulher, quando se viu só, quando se dissipou o mais leve ruido, n'essa occasião em que a consciencia humana abre o misterioso tabernaculo occulto no mais recondito do coração, então, despojando-se das joias que a cobriam, arrancando os laços e as rendas do seu brilhante vestuario, e fazendo gala da propria decrepitude, exclamou com sorriso forçado:

—Prosigamos embriagando-nos com veneno. De tal arte gosa-se prazer no crime, como outros podem tel-o na virtude. Os perversos ensinaram-me este tenebroso caminho, cujo termo é a morte. Fizeram da minha vida uma monstruosidade, que se nutre do mal, e cujos resultados são facéis de prever. Dezeses annos tinha quando principiei esta longa cadeia de abominações. Um homem pretendeu lutar comigo; venci-o. Outro abandonou-me: o desgraçado fructo do meu infortunio foi-me arrebatado... Houve sangue! um fantasma horriavel... o monge negro seguiu meus passos... Será meu destino arcar com o crime e com a desesperação durante toda a minha vida! Que me importa o mais? Aquelle ficou sepultado em eterno esquecimento... Nada posso temer. Agora quero riquezas, quero

ouro, viver engolfada n'uma opulencia immensa, como as concubinas de Pericles... e só Mathilde pode completar os meus desejos. Genaro é um estorvo: a morte o ameaça. Se triumphar, vinte delatores dirão que elle foi o assassino de Maurice Mathieu, e morrerá. Em quanto a Mathilde, ha um meio... um narcotico pode vencer-lhe a virtude.

A hedionda condessa soltou gargalhada diabolica, e depois de se ver n'um espelho, recostou-se em macia poltrona, procurando madurar na mente os pensamentos que concebera.

CAPITULO XIII

ANTES DO AMOR ESTA' A HONRA

Genaro e Mathilde ignoravam inteiramente os males que lhes estavam eminentes.

O primeiro, quando no dia seguinte regressava da sua expedição, na occasião de atravessar a *Puerta del Sol*, viu sair um ajudante da casa de *Correos*, montando um excellente cavallo, e dirigir-se ao seu encontro.

O mancebo ou não tinha porque fugir, ou se julgava com valor sufficiente para faser frente ao ajudante que se aproximava.

Seguiu tranquillamente pela *calle Mayor*, até o francez se collocar a seu lado.

—Cavalheiro, lhe disse, necessito fallar-vos.

Prescindindo da natural antipathia que havia entre hespanhoes e francezes, Genaro voltou a cabeça, fez parar o seu formoso cavallo arabe, e respondeu:

—Em que posso servir-vos?

O ajudante nada disse; tirou um papel da pasta magnifica que lhe pendia do cinturão e perguntou depois :

—Chamaes-vos o cavalheiro Genaro?...

—Sim, senhor.

—Este bilhete é para vós.

O ajudante deixou o papel nas mãos do absorto joven, e afastou-se d'aquelle sitio.

Genaro continuou a caminhar; porém a curiosidade, vivamente excitada pela aventura que acabava de lhe acontecer o obrigou a quebrar o lacre com que vinha fechada a carta, e leu o seguinte :

«Cavalheiro : amaes Mathilde de Segalvo, e eu tambem
«a adoro : odeio-vos com todo o rancor de que minha alma
«é susceptivel, porque me roubaes a felicidade; e para a read-
«quirir desejo a vossa morte. Se tendes pundonor, amanhã,
«pelas dez horas, comparecei na ponte de Toledo, onde vos
«espera o vosso rival, para bater-se convosco. Deixo-vos a
«escolha das armas.

«O general de divisão do exercito francez,

«*Maurice Mathieu*»

Genaro leu repetidas vezes aquelle escripto fatal, para comprehender bem o que significava.

Depois dobrou-o com suprema indifferença e guardou-o no bolso.

Pouco tempo depois achava-se na modesta habitação da plazuela de Affligidos, onde o esperava ancioso o padre Roberto de Sancta Maria.

O bom velho abraçou o educando, e pediu-lhe contas da sua expedição. Genaro provou ao beneditino que soubera cumprir pontualmente a missão de que fora encarregado, e entregou-lhe algumas cartas.

Leu-as o religioso, e disse depois:

—Temos noticias do barão de San Yuste: abreviou a partida, e dirige-se á corte, onde deve chegar dentro em poucos dias. Com respeito a dom Carlos Montalban diz-me que está no exercito do general Cuesta. Será indispensavel que tambem venha a Madrid, e para esse effeito proporcionar-lhe-hemos passaportes.

O rosto do ancião exprimiu a mais viva alegria durante alguns instantes.

—Agora, meu pae, disse Genaro, vós que sois meu unico protector; vós que me arrancastes do nada, e me haveis prodigalisado tantos e tão grandes beneficios, concedei-me um instante para ouvir-me. Devo-vos a existencia, seria por tanto o mais ingrato dos homens, se não vos relatasse quanto me succede.

O mancebo, com o socego de quem tem a consciencia tranquilla, e não teme reprehensões de nenhum genero, apertou uma das mãos do padre Roberto, e permaneceu em silencio, esperando com placidez a resposta do seu protector.

—Tens direito, meu filho, lhe disse este, de manifestar-me o que quizeres. A occupação mais agradavel da minha vida tem sido sempre dedicar-me á tua felicidade. Podes dizer-me o que te acontece.

Genaro sentou-se junto de seu pae adoptivo.

—Sabei, disse, que ha algum tempo vi uma mulher que me pareceu a imagem da virtude. Amei esta mulher, com delirio.

O padre sorriu ligeiramente.

—Estás na idade das paixões, e por isso é mui natural experimentar teu coração essas sensações, a que todos estamos condemnados. Tua confissão tem merecimento duplicado, pela franqueza com que é feita, e pelo dever que a motivou. Não posso deixar de assim dizer, porque sou o teu melhor

amigo, e tambem o teu melhor conselheiro. Saibamos agora a quantos grãos sóbe essa enfermidade da juventude. Amas muito essa mulher?

—Tanto como a minha vida.

—E' formosa? Quero dizer, tem essa formosura de alma, onde sobressaê o pudor, onde brilha a virtude e resplandece a modestia?

—Não posso responder-vos a tal respeito.

—Não?

—Ouvi-me : nas poucas vezes que lhe tenho fallado, hei descoberto n'ella um claro-escuro sempre indeterminado : tenho visto sombras e luz; elevação e pequenez: um não sei quê de arrebatador, e alguma cousa, que, se não repugna, tudo gela como a morte.

—A pintura que me fazes d'essa mulher revela um coração depravado, ou uma luta interior originada por causas que não é facil comprehender. Felizmente, tens um juizo que sabe distinguir o bem e o mal; assim o estás provando agora e pouco peso póde ter a minha opinião, quando a tua se acha formada com tanta exactidão.

—Não tivera molestado a vossa attenção com esta puerilidade, se um acontecimento, que eu não sei bem explicar, me não collocasse na necessidade de vir consultar-vos, disse Genaro.

—E que acontecimento é esse? perguntou o religioso, olhando com cuidado para seu filho adoptivo.

—Esta manhã, quando voltava de Alcalá, saíu-me ao encontro um ajudante do exercito francez, e depois de algumas perguntas, entregou-me um bilhete com sobrescripto para mim.

O ancião prestou dobrada attenção a estas palavras.

—E' cousa bem para admirar. E esse bilhete?

—Aqui o tendes, respondeu Genaro entregando-lh'o.

O religioso começou a ler. A' medida que ia inteirando se do conteúdo, os olhos tão serenos e tranquillos ordinariamente, iam adquirindo um brilho sombrio e ameaçador: o rosto tão nobre e expressivo, mudou rudemente de aspecto: notou-se que a barba era agitada por tremor de cólera ou de assombro, e que os dedos encurvados e nervosos amarrotavam o papel, como se quizesse despedaçal-o.

Genaro, a pezar da tranquillidade que mostrava, não sabia como explicar aquella transformação.

Leu o ancião repetidas vezes o bilhete. Por fim levantou a fronte pallida:

—Um general francez te desafia, disse elle, por causa do amor que existe entre ti e Mathilde de Segalvo. Com effeito é um caso estranho; não me causa, porém, tanto terror esse desafio, como o amor que sentes; porque... vamos, meu filho, teu pobre pae exige agora de ti toda a ingenuidade do teu coração, toda a rectidão do teu juizo. Este bilhete, sem tu o cuidares, é um aviso da Providencia. Dize-me, quem é essa Mathilde de Segalvo?

—Não sei: apenas posso dar-vos mui ligeiros sinaes.

—Bem; pouco importa, proseguiu o beneditino com anxiedade crescente, com tanto que possamos investigar alguma cousa da historia d'essa joven.

—Interessa-vos por ventura?

—Tanto, quanto pode interessar á terra a chuva benefica do ceo, meu filho. Porém dize-me... a descripção, que me fizeste do seu character, é por si muito ambigua. E' muito joven?

—Tambem não posso dizer-vol-o.

—Sabes se tem mãe?

—Sim.

—Oh, meu Deus! exclamou o padre Roberto, com scintillante olhar. Conheces sua mãe?

—Tenho-a visto duas ou tres vezes.

—E' muito edósa?

—Terá talvez a vossa idade.

—Providencia divina! poderão sair os mortos dos seus sepulchros? exclamou o nobre ancião, levantando a vista para o ceo. Mas escuta, Genaro, meu querido filho. Ha uma importante historia n'essas revelações que me vás fazendo. Esqueci o desafio, isto é, a tua vida, por esse nome de Segalvo, que apparece n'este bilhete. Prosigamos fallando d'essa senhora. Sabes onde reside?

—Muito bem.

—Dize-me onde vive.

—No palacio de Alcanhices.

—Isto é, habita uma esplendida mansão senhorial, o que significa que é traidora á sua patria?

—Pertence á nova côrte.

—Não podia deixar de assim ser. A vibora sempre é vibora.

—Que dizeis?

—Desculpa estas palavras, se ellas te causam tanta surpresa, disse o religioso cada vez mais agitado. Já não posso duvidar, e dou graças ao ceo por me descobrir horisontes, que pensava haver perdido de vista para sempre. E' indispensavel que eu veja essa mulher: existem entre nós antigas relações, e certos vinculos, que só o poder do Omnipotente quebrará. Agora pensemos em ti, meu pobre filho: olvidei-te ao ver apparecer ante mim recordações, solemnes como o tempo. Esse papel, pelo que vejo, é um cartel que te dirige não simplesmente um homem, mas um inimigo da tua patria. Que tencionas fazer?

—Reservo os meus pensamentos, e submetto este assumpto á vossa deliberação.

—Sempre nobre! sempre cheio de abnegação! exclamou

o ancião pondo-lhe ao mesmo tempo a mão no hombro. Já que em tudo te sujeitas á minha vontade, vou dizer-t'a. É necessario que te batas.

Immensa alegria brillhou no formoso rosto do mancebo.

—Sim, meu filho; custa-me um enorme sacrificio consentir que exponhas a vida; porém é este um dos lances em que não ha remedio senão acceitar. Sei que o desafio está condemnado pela religião, e sou eu o primeiro a reverenciar-lhe os divinos preceitos; quando, porém, um inimigo da tua patria te chama ao campo da honra; quando um francez, que conquistou o nosso solo por meio de perfidas machinações, quer provar as forças de um hespanhol, seria insultar a patria e rebaixar o nosso valor, se esse hespanhol não concorresse ao ponto dado. Deus me perdõe, se consinto em expor o teu sangue e a tua vida, tão caros para mim; mas ha occasiões extremas, em que é mister assimillar-nos áquella mulher grega, que, á noticia da morte de seus filhos, correu cheia de alegria ao templo, a dar graças aos deuses, por se haver ganhado a batalha. Sim, meu Genaro, bater-te-has; é absolutamente necessario que te batas. Eu n'outro tempo houvera ido em teu lugar; porém hoje não tenho forças, e este habito que me cobre não m'o permite. Todavia, em quanto durar esse duello, teu pae adoptivo ficará orando aos pés do altar, para que o anjo da tua guarda te proteja com seu escudo. Tu não provocaste esse terrivel lance; por tanto defende-te, e sê cavalheiro, como são todos os que sabem apreciar a honra.

E ao pronunciar estas palavras, o religioso estreitava o joven contra o peito, banhando-o com suas lagrimas.

Depois houve um silencio, durante o qual aquelles dois corações sentiram mutuamente a magoa que os turturava, e o padre Roberto proseguiu:

—Agora que já sabes a maneira como aprecio essa triste

aventura, pensemos na tua conversação. Ainda retenho alguma reminiscencia das cousas profanas, para preservar-te dos golpes do teu adversario. Tens coragem, meu filho?

—Collocae a vossa mão sobre o meu coração, e elle vos responderá.

O ancião não duvidou seguir a indicação de Genaro.

—Bate, disse elle, com a regularidade do coração de um homem que não teme; com a indifferença de quem confia em si mesmo; com a placidez que infunde o valor. Porém isto não basta. Hoje é preciso saber manejar a espada, a pistola e o punhal; tres armas fataes, com que os homens costumam matar-se: ha regras certas; é tudo uma arte, sujeita á geometria e ao calculo, tanto quanto ao valor, como se por ventura, matando um homem, se resolvesse com a ponta da espada um problema mathematico. Vamos, sabes um pouco d'estas tres cousas?

—Creio que sim.

—Vejamos, disse o padre Roberto: tira do armario do meu quarto algumas armas que lá encontrarás. São armas que pertenceram aos meus antepassados, e conservo-as como doces memorias de outras epochas.

Genaro obedeceu, e tirou duas pistolas, duas espadas e dous punhaes.

O religioso com cansada mão pegou n'uma espada; mas conhecia-se, pelo movimento que soube imprimir-lhe, que em outro tempo esta arma lhe fôra familiar.

O mancebo mostrou que conhecia a arte da esgrima com todas as suas regras, explicando e praticando difficeis manobras.

—Perfeitamente, exclamou com alegria o beneditino. Quem te deu essas lições?

—Estudei a esgrima quando me leva stes a Paris.

—Frequentaste de noite alguma academia?

—Frequentei.

—E com respeito á pistola?

—Sim, meu pae. Posso assegurar-vos que atiro soffrivelmente.

—Como assim?

—Quando visitámos a Arabia, recordar-vos-heis que tivemos de parar em um aduar de beduinos. Um d'elles deu-me suas lições, de modo que cortava com um tiro as hastes de onde pendiam os cachos de tamaras nos ramos das palmeiras.

—E o punhal?

Genaro não respondeu, tomou uma adaga de aguçada ponta, e, retirando-se para o fundo da casa, apontou a uma janella que se achava situada na extremidade contraria, a doze passos de distancia.

—Vêdes, disse elle ao religioso, aquella mosca que passeia pela madeira d'essa janella?

—Sim, vejo.

—Ajuizae se sei manejar o punhal.

E arrojando a adaga com firmeza e segurança, a fez cruzar o espaço, e ir cravar-se na janella.

A mosca estava partida pela ponta do punhal.

O beneditino, assombrado por aquella prova de destreza, abraçou seu filho.

—Agora, meu Genaro, que presenciei a tua rara habili-dade, dar-te-hei um conselho.

—Estou prompto a recebê-lo.

—Defende-te, porém não mates. Provocaram-te, e por isso tens direito a livrar-te dos golpes que te dirigirem. Perdoando a teu inimigo, será mais honroso o triumpho.

—Assim o praticarei, se me couber a vez de vencer.

—Eu vou principiar uma outra classe de lucta talvez

mais terrível do que a tua. A luta da força pertence-te ; a mim toca-me a da intelligencia.

O padre Roberto, como se estivera animado em ardente febre, ou possuido de uma inspiração ainda mais potente que os generosos sentimentos da sua alma, começou a despojar-se do grosseiro habito que o cobria.

—Que ides fazer, meu pae? perguntou Genaro.

—Vou sair n'este mesmo instante.

—Sabei que vos expondes.

—Não importa.

—E ser-me-ha permittido saber aonde vos dirigis, para seguir-vos?

—Ao palacio de Alcanices, procurar a condessa de Segalvo.

Foram proferidas estas palavras em tom tão terminante que Genaro não ousou replicar.

Momentos depois, o padre Roberto de Sancta Maria saia do seu quarto completamente transformado.

Havia desaparecido o severo religioso, em seu lugar ficara um altivo cavalheiro.

CAPITULO XIV

PRINCIPIO DE UMA HISTORIA

O padre Roberto de Santa Maria, vestia n'aquelle momento um magnifico fato do tempo da cõrte de Carlos III.

Elegante casaca de chamalote cõr de amarantho, bordada com raminhos de ouro, lhe apertava o corpo, que em outro tempo fora esbelto e bem formado: um colête de setim branco, com egual bordado ao da casaca, abotoava sobre finissima camisa de rendas de Flandres, e uma gravata de cambraia pregada com esmero, com pontas caidas de ambos os lados: o calção era do mesmo tecido da casaca, e ricas meias de seda, seguras com ligas de fecho de ouro, apertava a bem feita perna, signal distinctivo de raça e pureza de sangue.

O chapeo era angular, ornado de formosas plumas brancas.

Da cintura pendia-lhe uma magnifica espada com punhos de prata sinzelada.

Não podia imaginar-se figura mais nobre e respeitavel. Ao vel-o dirieis ser um d'aquelles dignos hespanhoes que

acompanhavam o grande rei, ou que o seculo passado lançava do fundo de alguma sepultura aquelle cavalheiro, para recordar uma epocha, emblema das nossas glorias, e da nossa grandeza.

Genaro ficára assombrado, pois não podia deixar de imaginar que a determinação do seu protector devia nascer de grandes e poderosas causas.

Tambem temia que aquella arrogante figura fosse olhada pelo publico como uma appareição grotesca, e por isso, dirigindo-se ao denedictino, lhe disse:

—Quereis um coche?

—E' indispensavel: não devo atravessar as principaes ruas de Madrid n'este estado, respondeu o ancião.

Genaro apressou-se a dar as ordens convenientes, para que fossem cumpridos os desejos do seu protector.

—Devo acompanhar-vos? perguntou o mancebo,

—Sim, meu filho; quero que venhas comigo.

Pouco tempo depois, Genaro achava-se vestido com um d'aquelles caprichosos e elegantes vestuarios, que tão bem lhe diziam, e o coche parava á porta de casa.

—Vamos, disse o ancião, começando a caminhar com seguro passo.

A carruagem era das mais faustosas e esplendidas que então se usavam. Alta e espaçosa, era adornada, segundo a moda d'aquelle tempo, de grupos e figuras mythologicas vasadas em bronze.

O cocheiro recebeu a ordem, e partiu a todo o galope.

Á medida que se adiantavam, o rosto do religioso ia-se contrahindo e tornando sombrio, á maneira de ceu carregado de negras nuvens.

A conversação foi curta durante o caminho. Finalmente o coche parou á porta do palacio de Alcanices.

Genaro era conhecido, e por isso os lacaios, que conti-

nuamente occupavam o atrio da mansão senhorial, o deixaram passar em companhia do ancião, cuja figura não deixou de os espantar. D'esta sorte chegaram ao andar principal, onde um mordomo os deteve e lhes perguntou:

—Quem procuraes?

—A condessa de Segalvo, respondeu o beneditino.

—Então, tende a bondade de dizer-me quem devo annunciar.

—O conde Roberto Mauricio de Malvar.

O mordomo saudou e desapareceu no fundo dos salões.

—Agora, meu filho, proseguiu o ancião, que ao pronunciar aquelle titulo fizera um supremo esforço, podes esperar-me n'este sitio, ou nas habitações da condessa Mathilde.

Pouco tempo depois voltou o mordomo e fez signal ao ancião para que o seguisse.

Este avançou com passo firme por meio dos dourados e magnificos salões do palacio, até que ante elle se abriu a porta da mesma casa, em que vimos a noite passada o general Maurice Mathieu.

O nosso religioso tinha recobrado toda a serenidade: a sua nobre physionomia, duplamente magestosa com o esplendido vestuario que trajava, estava tão immutavel e tranquilla, que ninguem teria podido adivinhar o que se passava em sua alma.

A condessa estava assentada junto de um precioso fogão francez de marmore branco, em cuja cornija um relógio marcava as horas silenciosamente. Vestia uma elegante bata de quadradinhos negros e brancos.

Se ficára surprehendida ao ouvir o titulo, desconhecido para ella, com que se havia annuciado o religioso, maior foi a surpresa quando o viu adiantar-se vestido com similhante traje, já quasi esquecido da sua memoria, e que tão rude contraste formava com a época em que se estava.

Em principio duvidára do que vira, e tivera tentações de rir ao contemplar a figura do ancião; mas certo presentimento extraordinario, lhe assaltou o coração, e a fez reprimir, como se uma vaga lembrança lhe houvesse repentinamente paralyzado as faculdades.

A bocca semi-aberta, como se quizera dar um grito, e pallidez mortal lhe foi tomando o rosto, á medida que contemplava o semblante do conde.

Sem duvida este rosto tinha para ella a propriedade de um espelho, em que vira a imagem do passado; pois quando o observou com maior attenção fez um movimento para fugir.

O ancião saudou profundamente, da mesma sorte que um antigo cortezão se inclinaria ante uma rainha.

A condessa apênas cõrrespondeu com ligeiro movimento de cabeça, tratando ao mesmo tempo de dominar a inquietação, de que se achava possuida.

—Tenho a honra, perguntou o padre Roberto, de fallar com a senhora condessa de Segalvo?

—Sim, cavalheiro, ousou articular esta, opprimindo ao mesmo tempo o peito com as mãos. E sois vós o conde Roberto Mauricio de Malvar?

—Vosso criado.

E o religioso saudou novamente.

—N'esse caso, accrescentou a condessa, espero tenhaes a bondade de indicar-me o objecto da vossa visita, por quanto, entre o crescido numero de amigos que frequentam a minha casa, não conheço o titulo com que vos haveis annuciado.

—Incontestavel direito vos assiste, replicou o religioso com exquisito sorriso, de exigir de mim uma explicação que legitime a minha presença n'este logar, e por tanto vou sem demora satisfazer-vos. Senhora, venho das Asturias.

A esta ultima palavra a condessa não poudo conter um

ligeiro estremecimento, que procurou dissimular como um indifferentismo bem mal estudado.

—Das Asturias? perguntou.

—Sim, senhora condessa: tendo sabido que eramos patricios, seria em mim uma falta indesculpavel não correr immediatamente a offerecer-vos os meus respeitos.

A condessa respirou, vendo que as terriveis suspeitas, que lhe haviam nascido no coração, pareciam dissipar-se em vista de uma explicação tão simples como natural. Por tanto, substituiu a reserva e frieza por uma urbanidade affectada.

—Agradeço sinceramente, disse com doce sorriso, a distincção que vos deveu o nome e a minha pessoa. Ha muito tempo que chegastes, senhor conde?

—Ha poucos dias.

—Conhece-se, murmurou a astuta anciã, deslisando um olhor pelo desusado vestuario do conde. Todavia, não me lembro de que exista no principado um titulo como o vosso.

—E' exacta a observação, respondeu o padre Roberto, sentando-se e collocando uma perna sobre a outra. Como sou bastante rico, possuo diversos titulos e baronias, não só na Hespanha, mas ainda n'outros paizes. Caprichoso, como homem que carece de herdeiros e só cuida em si proprio, umas vezes me intitulo, como agora, o conde de Malvar; outras, o marquez de Tiobre; outras, o duque de Penafiel; e outras, o barão de tal ou qual estado dos muitos que me pertencem.

A condessa, dominada pela ambição, abriu desmesuradamente os olhos.

—Então sois muitissimo rico?

—Dozentos mil duros de renda, minha senhora.

—Fortuna colossal nos tempos em que vivêmos. Dizei-me, não tendes soffrido contratempo algum com a mudança que experimentámos de dynastia?

—Nenhum, absolutamente. Sou um ser cosmopolita que

vivo em todas as côrtes; amam-me todos os soberanos, offerecem-me sempre um lugar á sua mesa; e como, por assim dizer, não tenho nacionalidade, todos me teem por seu, e respeitam os meus interesses.

A condessa ia se tranquillizando cada vez mais. A recordação, que á maneira de horrífico fantasma de épocas passadas lhe havia ferido tão vivamente a imaginação dissipava-se pouco a pouco ante aquelle novo Cresco.

As ultimas explicações do conde acabaram por tranquillisal-a de todo.

Desde logo começou a reflectir que a casualidade lhe apresentava um amigo, a quem podia explorar em occasião de apuro.

Disse Leoís que é mais facil ajuizar do talento de qualquer homem por suas perguntas do que por suas respostas; porém a condessa, que ignorava este excellente pensamento, tinha formado juizo mais pelas respostas do que pelas perguntas do conde de Malvar.

Tornou pois a ser a mulher astuta, sagaz e atrevida, que conhecemos.

—Duplicadamente célebro, disse, a occasião que vos faz apparecer nos meus sallões. Sem duvida viestes a Madrid para gastar as enormes sommas, que tendes de sobra?

—Foi esse o meu fim principal, senhora; ainda que posso assegurar-vos que tambem me conduzem aqui negocios de importancia.

—Se em taes assumptos julgardes que eu posso ser-vos util, disse a condessa, terei verdadeiro prazer em servir-vos. Tenho muito valimento na côrte.

—Dou-vos os mais sinceros agradecimentos, respondeu o padre Roberto com certa galanteria, que não deixou de agradecer á condessa. São dois negocios faceis, extremamente faceis, que penso vencer sem trabalho. Isto não é desprezar a vossa proposição, que acceito desde este momento. Talvez com os

vossos conselhos e relações me seja possível encontrar meios mais rapidos e seguros para conseguir o meu intento.

A condessa não poudo occultar a agradável sensação que lhe causavam estas palavras.

—Honraes-me em demasia com esse favor, disse ella.

—Figurae-vos que se trata de um negocio de familia, e do encargo de um amigo.

—Sim?

—O negocio de familia é o seguinte. Tenho um sobrinho, a quem provavelmente irão parar todos os meus titulos e possessões; porque necessariamente a alguem tenho de deixar a fortuna quando morrer.

—Um sobrinho!

—E' rapaz e um tanto estouvado. Educado em Madrid é facil corromper-se estando só; e tenho pensado, para evitar os escolhos em que quasi sempre tropeça a juventude, procurar uma joven, que se ache nas mesmas circumstancias, modesta, nobre e bem educada, e casal-o com ella.

Ao ouvir este desejo do cavalheiro, a condessa lembrou-se immediatamente de Mathilde; pois que, a pezar de ella não ser sua filha, era um meio apreciavel de especulação, que não deixaria de empregar admiravelmente em seu beneficio.

O conde de Malvar lia quanto se passava no coração miseravel d'aquella mulher.

—E' bem difficil encontrar, disse a condessa, uma donzella com as qualidades que exigis para vosso sobrinho; porém, se me concederdes permissão para procural-a, talvez a cheguemos a encontrar.

—Cuido que não será preciso usar do methodo de Diogenes, que saiu ao meio dia com uma lanterna na mão em busca do homem.

—Por fortuna não estamos na época dos philosophos gregos.

—Então estaes plenamente auctorisada a proporcionar uma esposa a meu sobrinho.

—Todavia, observou a senhora de Segalvo, comprehendereis que não deixa de ter suas difficuldades a delicada commissão com que acabaes de me honrar. Hoje medem-se as pessoas pelo valor que representam, e ainda a mesma virtude fluctua ás vezes ante ideias tão mundanas e desleaes...

—Com effeito assim é.

—Por tanto, não porque sejaes tres vezes duque, quatro vezes conde, seis vezes marquez e oito vezes barão, vosso sobrinho pode sêr o que hoje principia a chamar-se um partido conveniente.

—Possuis uma logica admiravel, respondeu com um sorriso assaz satirico o benedictino. Quereis dizer que por meu sobrinho ter em perspectiva uma riqueza immensa, não é comtudo rico na actualidade? Fazeis uma verdadeira distincção do relativo e do absoluto; porém vou desenganar-vos. Meu sobrinho, no mesmo dia em que se casar, entrará em plena posse de todos os meus titulos e riquezas. Eu já sou velho, e por isso contento-me de viver com parcimonia, logo que tenha feito a sua felicidade.

—Então ficae certo que tudo corre por minha conta.

—Agora, proseguiu o padre Roberto, vou pôr-vos ao facto do encargo sagrado, que recebi de um amigo á hora da morte.

—E' a vontade de um defuncto, que estaes encarregado de executar?

—Justamente, condessa.

Esta sem saber porque, ou talvez porque no fundo da sua alma havia uma ulcera que lhe causava terriveis dores, começou a tornar-se pallida.

O benedictino, sempre indifferente a tudo, proseguiu:

—Este amigo era um patricio nosso.

—Era das Asturias?

—Sim, condessa: *figurae-vos* e *dispensae* que por duas vezes haja empregado esta palavra: é um defeito de provincia incorrigivel; *figurae-vos*, repito, que quando eu tinha vinte annos, possui um d'esses amigos, que são mais que irmãos, quando os unem vinculos de amizade que nunca se esquece.

—Oh! sim: respondeu a condessa, *distrahida* na *apparença*.

—Amámo-nos, não quero dizer como Orestes e Pylades, porque esta comparação é demasiado vulgar; mas sim como se amam dois corações juvenis e ardentes, duas almas que sentem as mesmas aspirações e os mesmos desejos. Que vos parece isto, querida condessa?

—Parece-me muito digna essa amizade.

—Pois bem, *escutae-me*. Meu amigo encontrou um dia, não saberei agora dizer onde, uma mulher joven, formosa, nobre e rica; possuía essas quatro qualidades principaes, que fazem as mulheres perfeitas. Naturalmente, enamorou-se d'ella, e ella enamorou-se d'elle. Ha quem diga que o primeiro amor é um ramalhete de flores; porém aquelle ramalhete teve de murchar com o tempo, não sei porque motivo; mas a razão logica, que encontro em todo este negocio, é que necessariamente havia de chegar a hora em que se manchassem tão formosas flores; pois é bem sabido que ellas não são eternas, e que por fim de tempos perdem a sua pureza.

A condessa começou a prestar mais attenção. N'aquellas palavras, ditas com tanta naturalidade, havia o quer que era que a fazia ter medo.

—E' original essa historia.

—Oh! ainda não chegámos ao mais interessante.

—Prosegni.

—Uma noite, uma d'essas noites de inverno, negra como uma maldição, em que o vento e a neve caíam do ceo

com tremendo fracasso, o meu amigo dirigiu-se a casa da sua amante. Vivía esta em logar bem solitario, proximo ás ribas do mar.

—Proximo ao mar! exclamou a condessa vivamente sobresaltada.

—Creio que sim: o tempo desvanece muitas ideias, e pode ser que eu esteja equivocado. Comtudo, continuarei abusando da vossa bondade.

A velha fez um aceno com a cabeça em signal de assentimento.

—N'aquella noite estavam tumultuosos os elementos como o coração do meu amigo. E em verdade, proseguiu o padre Roberto com um sorriso bondoso, não era para estranhar soffrer elle tanto. Aquelle mancebo, cheio de esperanças, tinha recebido n'aquella tarde duas cartas.

—Duas cartas?

—Sim, condessa; uma era da sua amante; a outra, de um amigo. Na primeira diziam-lhe: *Vou ser mãe; corre a meus braços.*—Na segunda escreviam-lhe:—*Morro assassinado: a mulher que amas é quem me mata, e não é quem tu cuidas. Essa morreu como eu: esta usurpou seus titulos e seu nome. A bolsa de velludo encarnado que te remetto, aclarar-te-ha o mysterio: foge da criminosa.*

Ao proferir estas palavras, o padre Roberto deu tal expressão a seus olhos, tal entonação á sua voz, que a condessa quiz fugir; não teve porém forças, senão para occultar o terror escondendo o rosto entre as mãos.

Um tremor nervoso lhe agitou repentinamente os membros; contrahiram-se-lhe as feições de um modo horrivel; a sombra do crime e da maldição illuminou de côr sangrenta a sua enrugada physionomia, e por alguns instantes tudo lhe fugiu da vista, a luz do dia e a estranha figura do conde de Malvar.

Quando, depois de serenada a primeira impressão, olhou para elle de novo, observou que se sorria com tanta naturalidade, como se nada houvesse occorrido.

— Conheço que vos causei medo, querida condessa, disse elle com accento gracioso.

Esta, que não comprehendia a repentina antithese, respondeu :

— Com effeito, assustastes-me.

— Isso prova que tendes exquisita sensibilidade; e Deus me livre de continuar a minha historia, se vos hei de causar tão forte sensação.

— Oh ! não; podeis continuar, senhor conde, respondeu com lugubre accento. Tendes despertado a minha curiosidade e por isso muito desejo saber o fim.

— Advirto-vos que é muito horrivel o que falta por dizer.

— Não importa, dizei.

— Então desejaes ?

— Desejo.

O conde de Malvar tornou a deitar uma perna sobre a outra, e, tirando uma caixa magnifica de ouro, cheia de excellente rapé:

— O meu amigo, continuou, era homem de genio tranquillo; porém aquellas duas cartas fizeram-lhe perder toda a serenidade : ser pae por um lado, e encontrar-se por outro lado com um amigo assassinado, era para não saber que fazer. Correu ao sitio, onde estava o seu amigo, porém ja tinha expirado. Comprehendeu então a verdade, pois os documentos contidos na bolsa de velludo desvaneceram todas as suas dividas. Entre a honra e a infamia ha uma muralha de bronze: meu amigo soube o que lhe restava praticar n'aquella tragedia, em que elle figurava como um dos principaes

personagens. Jurou sobre o cadaver do seu amigo vingal o, e encaminhou-se para a habitação da sua amada.

—Oh meu Deus! exclamou a condessa.

—Ahi tornaes novamente a assustar-vos, senhora?

—Não; prosegui.

O conde sorriu sinistramente, e continuou.

—Envolto nas trevas da noite, acompanhado pelo furacão e coberto de neve, chegou meu amigo á habitação da sua amante. Quando entrou, estava pallido como um espectro; mas a dama, apesar de o olhar com alguma inquietação, apresentou-lhe um lindo menino que acabava de dar á luz. O pae cobriu o filho de beijos, e soube dizer á mãe tão meigas palavras, mostrar-lhe tanto affecto, que ella não adivinhou a tormenta que lhe ia no peito. Assim passaram alguns dias até que chegou o instante do meu amigo patentear todo o odio, que havia concebido contra a mulher que tanto amára. O seu primeiro cuidado foi procurar uma ama de leite: depois apresentou-se á sua amante, como um homem que tomou uma determinação irrevogavel. Estava pallido e sombrio, immovel como um juiz, inflexivel como o destino, Ella tremeu, porque a consciencia a accusava. «Que tendes?» lhe disse por fim. — «Senhora, respondeu o meu amigo, dae o ultimo beijo a vosso filho, porque o não tornareis a ver. A que roubou um titulo de um modo infame, e mandou assassinar um homem que lhe sabia o segredo, e podia perdela com uma unica palavra, não é digna de ser, nem a amante de um homem, nem a mãe d'esta criança.»

A estas palavras a condessa de Segalvo deu um grito, e o conde de Malvar foi levantando-se do seu assento até ficar em frente da velha, lançando-lhe ao mesmo tempo terrivel e ameaçador olhar.

Tudo isto foi rapido como um relampago.

Porém a condessa recuperou rapidamente o sangue-frio, e o conde ficou tão tranquillo como se nada dissera.

—Sabeis contar histórias que affectam os nervos disse ella com o sorriso mais natural do mundo.

—Senhora, respondeu o cavalheiro, sinto em extremo causar-vos similhantes sensações. Se me prestardes attenção ainda mais vos assombrareis.

—Ha mais?

—Sim, condessa; resta ainda o mais horroroso.

—Nesse caso, permitti-me que vos diga que não tenho valor para escutar-vos. Fazeis-me tremer sem eu saber porque. Rogo-vos pois, que incurveis a narração, para chegardes ao encargo do vosso amigo.

—Vou satisfazer-vos, querida condessa. O encargo reduz-se a procurar certos documentos, que devem existir na corte, não sei em que repartição, relativos ás causas que se seguiram sobre os attentados d'essa mulher, cuja historia vos hei contado ligeiramente.

—E que fim tendes vós em vista com a acquisição d'esses papeis?

—Um muito simples, senhora, respondeu o conde de Malvar. Comprovada a retenção dos bens, e a identidade da pessoa, a quem suplantou a dama de quem fallamos; reproduzidas as provas sobre o assassinato d'aquelle cavalheiro, que entregou ao meu amigo a bolsa de velludo, será facil proceder á busca da auctora de tantas atrocidades.

—E estaes incumbido d'isso?

—Justamente.

—Bem; e no caso de a encontrardes?...

—Em tal caso entregal-a-hei aos tribunaes, com todos os documentos que acreditem essa historia, sepultada nas trevas do passado, e...

O conde deteve-se, em quanto a condessa o olhava com avidez.

—E que ? perguntou.

—Provavelmente hão de enforcal-a, respondeu o ancião encolhendo os hombros.

Uma gargalhada sardonica foi a resposta a estas palavras.

—Estaes decidido a levar essa empreza por diante ?

—Senhora, não é a minha vontade que obra, é a de um sugeito, morto tambem por essa mulher.

—Oh !

—E' a segunda parte da minha historia, que já agora relatar-vos-hei em outro dia, quando não vos causem espanto as minhas palavras. Por agora, como não creio mui difficil achar esses documentos, se acaso não desapareceram por occasião da desordem occasionada pelas tristes vicissitudes que temos presenciado, limitar-nos-hemos a pensar exclusivamente na felicidade de meu sobrinho. Ficaes revestida de plenos poderes para procurar-lhe esposa.

—Acceito com muito gosto a incumbencia, respondeu a condessa de Segalvo, passando a mão pela fronte.

O conde não tinha mais que dizer. Tratou de despedir-se da condessa, que com o olhar fixo n'elle, o acompanhou até á porta, e ali acceitou as ultimas saudações; quando porém, o viu desaparecer quando ficou só, sem bem comprehender ainda tudo por quanto acabava de passar, caiu n'uma poltrona, e, cobrindo o rosto com as mãos, exclamou :

—Este homem é um demonio ! E' elle !... Sabe toda a minha historia ! Quem, senão elle, pode sabel-a ?

E ficou suffocada sob o peso da sua consciencia, com pensamentos lugubres e sangrentos.

CAPITULO XV

O NARCOTICO

A condessa de Segalvo, longe de retroceder em seus negros projectos, dedicou-se com mais empenho a fazel-os progredir, e logo principiou a encontrar obstaculos insuperaveis na sua nefanda carreira.

Espirito rebelde, alma indomavel, repleta de poder e de riquezas, estava resolvida a escudar-se contra aquelle conde de Malvar, que saia do amago da terra para contar-lhe a sua historia, e que, sob a mascara de uma politica fingida, parecia disposto a conduzil-a ao mais horroroso termo da existencia : á fôrça.

Tinha, por tanto, imperiosa necessidade de achar apoio no partido francez, unico que podia protegel-a e encobrir os seus crimes, se por desgraça elles chegassem a ser divulgados: era-lhe preciso procurar uma alliança formada em solidos principios, para assim livrar-se de toda a perseguição, que lhe viesse do misterioso conde de Malvar, cuja presença

tinha a significação de um cadaver, que apparece por supremo mandado, para levantar o negro véo do passado.

Lutando, pois, entre dois temores, um real e positivo, outro imaginario, a condessa de Segalvo decidiu sustentar até ao fim aquelle novo combate da fatalidade, que o destino lhe offerecia. Os meios eram facéis.

O primeiro consistia em saber onde vivia o conde de Malvar, seguil-o secretamente, preparar-lhe uma cilada, e fazer finalmente que n'ella caísse.

O segundo nada mais era que, procurar conseguir que os amores do general Maurice Mathieu alcançassem as mais lisongeiras esperanças, e os mais supremos gosos; obrigar Mathilde a entregar-se, já como amante, já como esposa, a este campeão dos francezes, obtendo d'esta arte um protector infallivel, em caso de imprevistos contratempos.

Para realizar este ultimo intento, era preciso vencer a repugnancia de Mathilde. Este obstaculo, que repentinamente surgira para deter ou paralisar a sua marcha a través de tantos escolhos, a obrigou a pensar em um meio, que já uma vez havia imaginado.

Era o narcotico.

Entregar esta creatura, sem vontade, atada de pés e mãos, ao general francez, era o mesmo que praticar uma venda infame da sua honra; porém, uma vez consummado o vil attentado, estava segura a victoria.

Não tardou, por conseguinte, em preparar tudo com uma sagacidade infernal. Tinha a certeza de que Maurice Mathieu não faltaria á entrevista aprazada na noite anterior; e por isso, só restava esperar que Mathilde fosse victima do horrivel laço que lhe estendia.

Porém a Providencia, mais que o acaso, havia disposto as cousas de outro modo.

Durante a visita do padre Roberto á condessa de Segalvo

Genaro encaminhara-se para a habitação de Mathilde, a qual permanecia no magnifico gabinete forrado de velludo branco, que os nossos leitores já conhecem.

E' facil comprehender o estado da formosa joven depois da violenta scena, que na anterior noite tivera logar entre ella e a condessa de Segalvo.

Mathilde estava disposta a confiar a Genaro os mais intimos segredos da sua alma, pois que já se lhe tornava impossivel regular o amor por uma conducta estudada e egoista; quando porém, o viu a seu lado, sempre attencioso e delicado; quando elle lhe recitou a carta que havia recebido n'aquella manhã, lhe referiu o desafio do general Maurice Mathieu, e lhe affirmou que estava resolvido a morrer por ella, Mathilde esqueceu tudo, para só pensar n'esta nova desgraça que a ameaçava.

O tempo, que os dois amantes gosaram juntos, foi uma hora de angustia. Mathilde exigiu de Genaro que voltasse n'aquella noite, e Genaro, que encontrava nas palavras da donzella um amor mais vehemente, mais verdadeiro, mais leal que nunca, prometteu voltar; para este effeito, entregou-lhe ella a chave de uma porta secreta temerosa de alguma nova traição da condessa, pois não duvidava que era ella a auctora do desafio.

Pela mesma porta secreta podia Genaro ir ao gabinete branco, sem ser visto por nenhum olhar investigador.

Mathilde ficára só por ultimo, atormentada por pensamentos cruéis.

Seu coração, tão energico e apaixonado, deixou-se impressionar d'essas ideias exageradas, que nascem da vehemencia de uma alma ardente como a sua; e as horas foram passando insensivelmente, em quanto o espirito lhe voava por espaços novos desconhecidos.

Pensava em Genaro, unica felicidade da sua vida; no

duello que no dia seguinte devia verificar-se; na sua critica situação; e ultimamente, n'aquella mãe adoptiva que o destino ou o acaso lhe havia dado.

Tudo lhe causava temor e assombro.

No fim de longo tempo de soledade e isolamento, abriu-se a porta do gabinete, e appareceu a camareira Ignez.

—Que é? perguntou Mathilde.

—Onde deseja jantar a senhora condessa? disse a criada.

Mathilde não estava em disposição de sair fóra d'aquelle estreito recinto, que guardava todos os seus segredos, e respondeu que estava indisposta.

—Desejaes que vos sirva o jantar n'este gabinete? perguntou Ignez.

—Faça o que lhe parecer.

Esta especie de auctorisação foi sufficiente, para que a camareira se apressasse a servir em uma preciosa mesinha marchetada alguns manjares dos mais predilectos da joven condessa.

Esta olhou-os com indifferença.

—Não comeis?

—Por ora não tenho vontade. Retire-se.

A camareira fez um gesto de desgosto, mas tratou de obedecer. Saudou e saiu.

Mathilde respirou, quando se viu novamente só. A melancolia é irmã da solidão, e ha momentos, em que aborrece-mos até a formosura do dia e o resplendor do sol.

A joven contava as horas, pensando que assim mais depressa chegaria a noite: sentia que o palpar do seu coração era o ecco fiel da tormenta que a subjugava: todos os rumores a faziam estremecer. A's vezes tinha desejos de chamar o general Maurice Mathieu, e oppor-se a que se effectuasse aquelle duello, que lhe enchia a alma de terror; porém chamando-o, ia dar-lhe certos direitos, que ella não queria

conceder-lhe. Era preciso soffrer em silencio as terriveis consequencias.

Ultimamente, com o coração immerso na amargura, só desafogára chorando.

As lagrimas eram de fogo: alma apaixonada e ardente ao mesmo tempo, adestrada na escola do grande mundo, e rodeada sempre de uma atmosphera falsa e glacial, não pôde resistir ao choque de tantas emoções, e teria desmaiado, se não tivesse aberto uma d'aquellas magnificas sacadas, por onde as geladas brisas da tarde vinham suavisar-lhe a exaltação.

Mathilde sentiu uma sêde devoradora, e depois de ter permanecido alguns momentos na sacada, dirigiu-se á meza, onde estavam os manjares ainda intactos; deitou n'um copo uma pouca d'agua, e bebeu com avidez.

Em acto continuo voltou a recostar-se no divan.

A janella ficou aberta, e os seus formosissimos olhos principiaram a vagar pelo exterior, com um olhar indeterminado.

Via o céu coberto de cinzentas nuvens, orladas de vermelho e violeta como se o sol quizesse com esta côr tornar mais melancolico o crepusculo vespertino. As arvores do espaçoso jardim, despidas de folhas, pareciam esqueletos da natureza, agitando a impulsos do vento os braços seculares. Caiam-lhe aos pés algumas folhas seccas, symbolo talvez de uma esperanza perdida ou de uma juventude passada: mas tudo isto nada era para o que sentia no intimo d'alma.

Todas estas côres tão legubres, todos estes incidentes despidos, não podiam ser um prenuncio de que Genaro morreria no dia seguinte?

Os namorados são supersticiosos como os velhos; e Mathilde que amava apaixonadamente tremeu de novo ao pen-

sar na possibilidade de se realisarem tão aterradores preságios.

Todavia, desde que tinha bebido o copo de agua um torpôr desconhecido e inexplicavel ia-lhe tomando a pouco e pouco as faculdades: os pensamentos começavam a carecer d'aquella rigida que tanto damno lhe causava, fluctuando entre um sem numero de imagens, que, á maneira dos fantasmas da gruta de Merlin, iam desapparecendo no fundo da sua imaginação.

Figurou-se-lhe estar presenciando o duello; e por um phenomeno que ella não podia explicar, distinguu claramente Genaro e Maurice Mathieu, lutando como dois cavalleiros de outros tempos. Aquelle combate ia adquirindo um faze cada vez mais incerta, como se fossem elevando-se, entre ella e os dois amantes, veos de gaze que obscureciam progressivamente tão prodigioso espectaculo.

A sua alma em sublime transporte procurou a imagem de Genaro, e viu-o só, enviando-lhe terno sorriso e meigo olhar. Depois, quiz fazer um esforço sobre si mesma para corresponder-lhe com egual extremo; mas os labios permaneceram-lhe mudos não poudo affastar de um horisonte sem limites o seu olhar triste e meditabundo.

Tambem o ceo e o jardim iam adquirindo lenta transformação. As cinzentas nuvens desfizeram-se como as ondas do mar, deixando brilhar um firmamento puro e azulado como um espelho de prata: as arvores vestiram-se de folhas e de sezonados fructos, e Mathilde experimentou essa doce somnolencia da primavera, impregnada de perfumes e voluptuosidade.

Por vezes tinha querido a formosa joven definir taes maravilhas mas a sua vontade sem energia, deixou-a enlevar a través d'aquelles prodigios, que successivamente ante ella se iam desenrolando, á maneira de quadros dissolventes.

Sentiu que as palpebras se lhe cerravam, como se o espirito dos sonhos lhe tivesse tocado com a sua vara magica. Certa prostração lhe enervou o corpo, como se cadeias invisiveis o prendessem: quiz gritar, os labios apenas se abriram para soltar um som languido e moribundo. As perspectivas, que por algum tempo a haviam encantado, desfaziam-se successivamente, como acontece a um quadro inutilisado pelo pintor, onde ficam as côres e desaparecem as fôrmas: depois, estas vagas imagens foram-se cobrindo de densas sombras, até que veio a noite, profunda e negra como a do sepulchro, envolver Mathilde, que caiu immovel no divan...

Crer-se-ia morta, se o magnifico seio se lhe não levantasse com a ligeira respiração.

Era uma escultura de alabastro, deitada sobre um leito de marmore: os olhos cerrados, o semblante pallido como a açucena, com uma das mãos descuidosamente caída sobre o vestido, enquanto com a outra collocada sobre o peito, parecia querer arrancar alguma cousa dolorosa que a mortificava.

Taes tinham sido os effeitos do narcotico que a condessa de Segalvo lhe acabava de ministrar por meio do copo de agua.

D'esta sorte, a pobre donzella ficava exposta ao capricho de um amante estrangeiro, que não sabia talvez guardar, sequer por generosidade, o respeito que merecia aquella victima infortunada.

Veio a noite e Maurice Mathieu, segundo o ponto-dado na noite anterior, devia apresentar-se de um instante para o outro no gabinete branco.

Faltavam poucos minutos para as dez horas assignaladas.

Mão desconhecida ou assalariada tinha accendido uma lampada, que reflectia moribundos clarões no lindo gabinete, agitando as figuras pintadas na cupula com seu movimento convulsivo e fantastico.

Lá fóra soprava o vento, produzindo monotono zumbido entre as folhas das arvores, e a chuva açoutava os cristaes do pavilhão.

Nenhum outro ruido chegava até ao fundo d'aquelle retirado gabinete.

De subito, sentiram-se passos, que se iam aproximando com lentidão: aos passos succedeu o ligeiro rangido de uma porta, e depois d'esta se abrir appareceu um homem no gabinete.

Estava embuçado até aos olhos, e ficou immovel diante da misteriosa porta, que se havia novamente cerrado.

A lampada projectava tão incerta claridade, que o embuçado teve de parar por alguns instantes.

Depois de distinguir melhor os objectos fitou o seu olhar no divan, e avançou lentamente; descobriu então o rosto, e poute ver-se a pallida e elevada figura de Maurice Mathieu.

Mathilde conservava-se immovel, e o enamorado general sentiu que lhe estremecia o coração, por achar-se ao lado d'aquella mulher tão adorada. Ficou, porém, mudo e silencioso ao notar a reservada attitude em que se achava.

Vendo que Mathilde continuava reclinada, sem levantar a cabeça, nem mesmo para saudal-o, chamou:

—Mathilde!

Ninguem respondeu.

Todavia, o ecco d'esta voz resoou sem duvida no peito da joven, que se agitou em ligeiro tremor, como se presentisse o perigo que a ameaçava.

—Mathilde! repetiu o general, cada vez mais admirado d'aquelle silencio. Não me ouvis? Sou eu... o general Maurice Mathieu, que vem ajoelhar a vossos pés, para jurar-vos um amor eterno.

O mesmo silencio continuou.

—Ah! não quereis ouvir-me? exclamou Maurice, atiran-

do a capa ao chão. Tanto me odiaes, que não mereço de vós uma palavra consoladora, nem ao menos um ligeiro sorriso! Conheço que fiz mal em invadir este solitario gabinete, porém se comprehendeseis o estado em que tenho o espirito; se podesseis ler o que existe aqui no meu coração, terieis compaixão d'este infeliz.

O general caiu de joelhos, dominado por paixão sem limite. Mathilde não respondia: estava inerte como um cadaver.

—E' singular, disse Maurice, fixando a joven. Não responder sequer uma palavra, não fazer um unico movimento... Oh! não parece senão que a pallidez da morte lhe tocou as faces. Mathilde! tornou a exclamar com voz commovida.

E levantando-se com presteza e afflicção, correu para junto da donzella.

Quando a viu tão formosa, tão insensivel, em tanto abandono; quando tomou uma das suas mãos, e aquella mão gelada permaneceu entre as suas sem oppor nenhuma resistencia; e lhe viu os olhos fechados e a cabeça pendida para traz, o general experimentou dois sentimentos poderosos e ao mesmo tempo oppostos. O sentimento que infunde a desgraça, e o que produz o amor.

Aquella entrevista, o somno da joven, todo aquelle apparato fascinador, tão habilmente disposto para impressionar o espirito mais forte, não podia ser uma combinação estudada de antemão entre a mãe e a filha, para dar-lhe a posse d'aquelle corpo encantador, e d'aquella alma que parecia tão pura?

E ainda que assim não fosse, a occasião, as circumstancias, a situação, não eram completamente suas?

Ante a ideia de uma victoria sem esforços, parece que ha sempre certa repugnancia em conseguil-a. E' preciso haver muita degradação na alma do individuo, que se vale da impunidade para commetter uma acção reprehensivel. Com-

tudo, ha momentos em que desaparece toda a reflexão; a luz que nos illumina o entendimento chega a apagar-se, e então, nada é capaz de conter o homem n'esse perigoso declive, aonde suas paixões o arrastaram.

O general tinha apoderado-se da mão de Mathilde, e terribes pensamentos lhe assaltavam o espirito.

Mathilde estava ao pé d'elle, formosa e deslumbrante, prostrada por um somno inexplicavel, como se lhe offerecesse o seu mais secreto amor: sentia na fronte vapores de fogo que o faziam estremecer dos pés até á cabeça: queria fugir, e aproximava-se mais procurando o calor d'aquelle corpo idolatrado...

Similhante lucta não podia durar muito tempo.

Mathilde! exclamou novamente, acabando de perder inteiramente a razão. Sem duvida um poder mysterioso preparou esta occasião para se confundirem as nossas almas. Tu, a quem tanto hei adorado, sem jámais obter a minima esperanza; tu, que me inspiraste o desejo de conseguir todos os triumphos para deposital-os a teus pés; tu, por quem amanhã exporei a vida, compromettendo nome e futuro, unicos sonhos de um soldado, acceita agora a eterna prova do meu amor, como amanhã receberás a eterna prova da minha fé.

E ao proferir estas palavras, o general Maurice Mathieu arrojava-se aos braços d'aquella mulher encantadora.

Porém no mesmo instante, mão de ferro o agarrou pelo pescoço e o fez cair de costas.

Tão rapida tinha sido esta operação, que o francez não teve tempo de defender-se.

—Miseraval! gritou uma voz.

E ao mesmo tempo um homem. isto é Genaro, com o cabello em desordem pela colera e surpresa, olhos scintillantes como os do leão, segurando com uma das mãos o hombro do general, e elevando com a outra um punhal, que brilhava

sinistramente por cima da sua cabeça, soltava surdos bramidos de raiva.

—Quem es tu? exclamou Maurice Mathieu, ainda aterado por aquelle inesperado ataque.

—Sou... olhae bem para mim... sou quem está destinado a proteger a honra d'essa desgraçada, victima de uma infame intriga: sou o que tem forças sufficientes para fazer-vos em pedaços como a um vaso de barro, que se atira ao chão: sou o que sabe respeitar o somno das mulheres, se elle é natural, e procurar o culpado, se esse somno é produzido pelo opio, como observo n'esta donzella, cuja pureza ieis manchar.

—Que estaes dizendo? exclamou o general, que, olvidando os insultos que lhe dirigiam, só pensou no que dizia respeito a Mathilde.

—Com opio, repito, bradou Genaro com suprema indignação. Conheço perfeitamente os effeitos d'esse narcotico, e ainda o ar que aqui se respira está impregnado das moleculas d'essa planta... Ah! sem duvida sois o auctor d'este attentado, e ideis morrer.

—Podeis matar-me, porque me surpredestes, exclamou Maurice Mathieu. Consiste meu crime em ter cedido a um momento de transporte... em quanto ao mais, a minha consciencia está tranquilla.

—Então, quem sois?

—O general Maurice Mathieu.

—Meu rival!

—Sim; sois vós que amanhã deveis concorrer ao duello por mim proposto na ponte de Toledo?

—Eu mesmo, respondeu Genaro, baixando o punhal e deixando livre o inimigo.

Maurice Mathieu levantou-se envergonhado do desaire porque passára.

—Em tal caso, replicou com rancoroso accento, poucas

horas faltam á nossa vingança. Comtudo, devo-vos a vida, e quero ser generoso como vós. Juro-vos que não tenho culpa alguma do somno d'esta joven, que deixo entregue á vossa honra. Demais, julgo que tendes na mão um emblema de alliança. Deveríamos ser irmãos em vez de rivaes.

Genaro não comprehendeu o sentido d'estas palavras, porém viu que o seu adversario tirava do seio um punhal, inteiramente egual ao que elle tinha na mão.

—Eis aqui a prova, proseguiu, mostrando a arma. Este punhal devia tornar impossivel o nosso combate: não posso levantar mão contra vós; não tenho braço para ferir-vos, nem espirito para aborrecer-vos como até agora.

—Oh! não vos comprehendo, bradou o mancebo.

O general embuçou-se na capa, e depois de fazer um signal estranho, fitou seus olhos no pallido rosto de Genaro, que olhava para o punhal, sem nada perceber do que estava presenciando.

—Escutae: somos irmãos, a egualdade das armas o manifesta; porém esse anjo, que disputamos, torna-nos inimigos irreconciliaveis. Não vos olvideis da entrevista de amanhã. Vosso sangue ou o meu lavará a affronta d'esta noite.

O general saiu quando disse estas palavras.

—Seja como desejaes, respondeu Genaro caindo de joelhos ao lado de Mathilde.

CAPITULO XVI

O DUELLO

Toda a noite esteve Genaro ao lado de Mathilde, prodigalizando-lhe os mais ternos cuidados, e procurando despertar-a d'aquelle somno fatal, que tanto havia feito perigar sua honra.

A principio e durante as longas horas que haviam decorrido, meditára com bastante magoa que Mathilde era victima de uma perfidia, a que podia renovar-se em occasião mais favoravel.

Esta ideia o fez tremer, pois era bem verdade que a joven estava envolvida nos laços de uma intriga, que lhe era possivel adivinhar.

Devorou em silencio o fel que semelhantes reflexões deram a ver no seu coração, disposto a morrer por aquella mulher adorada, ou buscar a origem dos perigos que a rodeavam, ainda que tivesse d'expôr a vida a todas as horas do dia.

Os primeiros raios de uma aurora pallida e nebulosa

princiariam a córar os cristaes do gabinete branco, e Genaro conheceu que não podia permanecer mais tempo n'aquelle lugar sem comprometter a honra da sua amada.

Satisfeito ao mesmo tempo por ver que os effeitos do opio iam desaparecendo, embrulhou-se na sua capa, cobriu a cabeça com um chapeo de aba larga, e saiu do gabinete pelo corredor secreto de que tinha a chave, resolvido a voltar, se por fortuna fosse feliz no desafio que ia ter lugar.

Uma vez na rua, respirou o gelado ambiente da manhã com toda a força de vontade da sua alma vigorosa e altiva, e preparou-se para fazer frente a todos os azares e contratempos, que podessem sobrevir-lhe.

Genaro tinha feito completa abnegação de si mesmo, e pouco lhe importava o duello que devia verificar-se ás dez horas da manhã. Comtudo, ao passar pela *calle del Arenal*, entrou no templo de San Ginés, pois como hespanhol e como christão necessitava fortalecer o espirito com o auxilio da religião. Ouviu missa com egual devoção á de um cruzado antes de entrar em batalha, e saiu de novo para a rua, mais tranquillo, mais resolutu, e finalmente mais seguro de vencer.

Quando chegou á *plazuela* de Affligidos já o esperava cuidadoso o seu protector.

Estava pallido; conhecia-se a inquietação que o devorava pela alteração da physionomia, produzida pelos vagos temores que lhe atormentavam a alma generosa.

O bom velho esperava-o na escada, e logo estudou com attenção o rosto de seu educando, para se certificar se n'elle havia algum indicio de pusilanimidade.

Nunca Genaro estivera tão tranquillo, nem com olhar mais limpo.

Este ligeiro exame soceçou algum tanto o padre Roberto, o qual, pondo carinhosamente a mão sobre o hombro do manco:

—Vamos, meu filho, lhe disse com doce e commovido accentto; tens-me feito esperar toda a noite, e tive occasiões de temer por ti.

—Perdoae, meu pae, respondeu Genaro, um dever imperioso me obrigou a estar ausente de vós. Oh! se soubesses... Ha na vida cousas horriveis, como a natureza tem venenosos vermes.

—A experiencia te irá mostrando que a sociedade é um abysmo de miserias; uma flor, que, á semilhança da fructa do Jordão, é bella por fóra e hedionda no interior. Porém não nos demoremos aqui mais, querido Genaro: os instantes passam rapidamente. A's dez é de necessidade comparecer na ponte de Toledo: eu preciso que me concedas as horas que faltam, para que o meu coração desafogue. O unico ente a quem no mundo amo és tu; se te perco, provavelmente perder-me-hei tambem: quero dizer, perderei a energia, unico fogo que me alimenta o espirito.

—Não, meu pae, respondeu o joven profundamente enternecido: eu não devo morrer: ha uma voz que m'o diz.

—Assim o espero; mas bem sabes que, por grande que seja a minha confiança, não posso deixar de abrigar temores, que a ti só manifesto.

O beneditino conduziu o joven para o seu escriptorio, e fechou a porta por dentro.

Na mesa que lhe servia para o estudo havia alguns manjares e garrafas com excellentes vinhos. Genaro não poudedeixar de admirar-se.

—Senta-te, disse o religioso com paternal ternura, offerecendo-lhe a cadeira que elle costumava occupar; quero que fortaleças o corpo, para que te não desampare o vigor no momento opportuno. Eu te servirei: é esta uma sincera prova da minha amizade, e por isso não duvido que me deixarás fazer-te as honras da casa. Tens vontade de comer?

—Muito pouca.

—Não importa: eu procurei manjares que te hão de abrir o appetite.

Genaro, enternecido por tão sollicitos cuidados, deixou-se levar dos conselhos do seu protector. Em quanto comia e bebia, este olhava-o em silencio, procurando occultar alguma lagrima rebelde, que de quando em quando lhe assomava aos olhos.

Concluido o almoço, o padre Roberto observou um relógio de parede, que agitava a pendula entre as estantes de livros, que forravam as paredes do gabinete de estudo.

—São oito horas, meu filho: temos sómente uma hora para nos consagrarmos a nós mesmos; para fazer-mos as nossas mais intimas confidencias; finalmente para as nossas almas melhor se comprehenderem em meio d'esta soledade em que vivemos. Deus será a unica testemunha das nossas palavras. Os nossos sentimentos serão a cadeia harmoniosa que nos ha de unir; pois é preciso que por fim nos portemos como homens, e mais que tudo como hespanhoes. E' inutil lembrar cousas tristes: cada um soffra em sua alma o que o mortifica; porque a dôr é o mesmo que a inercia, debilita. Quero crer em um resultado lisongeiro e favoravel. Fallemos, pois, até ás nove.

—Sempre estou disposto a satisfazer-vos.

—A's nove, proseguiu o ancião, vestir-nos-hemos; entraremos na carruagem, e ella nos levará ao logar do combate.

—Mas vós ides? perguntou o joven com um sentimento indefinivel.

—Vejo-me obrigado a faltar ao que a mim mesmo devo, respondeu o padre Roberto com melancolico sorriso: a dominação estrangeira tem-me constrangido a fugir dos meus proprios amigos: estamos sós, e a não ser este pobre velho que tanto te estima, quem te servirá de padrinho? Força é por

tanto que esqueça o meu character, a minha idade, e ainda a amizade que te consagro, para impôr-me este duro sacrificio. Trata-se de cumprir, não o desejo de um particular, mas sim o dever de um hespanhol. N'elle firma-se o principio da nossa honra nacional. Oh! que não se diga nunca que os hespanhoes costumam faltar ás leis de cavalheiro.

E os olhos do ancião, ao pronunciar estas palavras brilhavam como duas estrellas: a severa fronte parecia elevar-se ante a recordação d'aquella dignidade sublime, que exalta o coração nos bellos dias da juventude e um sorriso de bondade expressava eloquentemente a immutavel resolução que havia adoptado.

—Nunca poderei consentir que vos exponhaes por minha causa. A idade, estado, tudo se oppõe a um tal designio.

—Segue os meus conselhos, e não queiras estorvar o que determino. Em mim está personalisada a experiencia, em ti, o ardor da mocidade; eu sou o tempo passado, tu, o presente. Calcula n'essa yoragem de dias, quantos successos de todos os generos terá agglomerado sobre este coração o vendaval da existencia. Crês tu que a risonha apparencia, que offerece o lago em sua limpida superficie, não encobre escolhos perigosos ou occultas syrtes? Inexperto! Deixa-te conduzir como Telemaco por Mentor. N'estes momentos supremos, periodos de prôva que apresenta a vida, é myster sobrepujar as ondas da tempestade, grandes que ellas sejam; é necessario revestir a alma de uma couraça de diamante, tornando-a insensivel a certos pezares, que nos venceriam antes de principiar a lucta. Suffoquemos, meu filho, as puras e sensiveis emanações, que se desprendem do nosso coração, e tratemos de preparar-nos para tudo quanto possa sobrevir.

Ainda que as palavras do ancião eram energicas e persuasivas, as acções estavam em contradicção com o que dizia.

por quanto amimava e affagava Genaro, como um pae extremamente um filho muito querido.

—Nada tenho que dizer em opposição á vossa vontade, respondeu o joven suspirando.

—Essa obediencia, Genaro, replicou o padre Roberto, é a mais eloquente prova do teu character. Está bem; o tempo corre, e é preciso que não se consumma em inutil conversação. Pensemos no desafio. Serás tu que deverás eleger as armas. Que pensas escolher?

—Qualquer d'ellas me é indifferente, respondeu Genaro, encolhendo os hombros.

—Todavia, é preciso que te decidas por uma.

—Em tal caso, escolherei a pistola.

—Bem; seja a pistola. Agora has de dizer-me que vestuario tencionas levar.

—Ainda não pensei em tal.

—Pois omittes uma circumstancia das mais importantes. Tudo tem suas relações; e visto que se trata de apontar a um homem, e que esse homem tem de servir de alvo, convem que o alvo seja o mais confuso possivel; que seus perfis não estejam determinados por uma côr viva; e que o trajo seja largo e leve ao mesmo tempo, não só para que o adversario possa equivocar-se, mas tambem para não haver embaraço nos movimentos.

—Seguirei os vossos conselhos.

—Quando te achares no campo, creio escusado fazer-te observações sobre o que deves praticar, para conseguires a victoria moral sobre teu contrario. A mofa e o bom humor são já um mesquinho recurso gasto entre os esplendores das côrtes de Carlos III e Fernando VI. E' myster apresentar-te tranquillo sem affectação, loquaz sem que se perceba que a loquacidade pode servir para occultar e disfarçar o medo; perfeito sangue-frio, certeza no pulso, e firmeza na vista.

—Tudo isso observareis em mim.

—Com a superioridade que te dão estas circunstancias, e com a que tu naturalmente tens adquirido com o uso e conhecimento das armas, o triumpho é quasi certo. Porém em meio da tua victoria assalta-me um temor.

—Qual?

—Escuta-me, disse o ancião: as leis actuaes castigam severamente o duellista: a organização militar que pésa sobre nós e nos opprime, mais rigida ainda, appella para um conselho de guerra, e este conclue por uma sentença de morte. Logo que terminar o desafio, deves fugir.

—Fugir! exclamou Genaro, empallidecendo. Então terei de separar-me de vós!

—Sim meu filho: não ha outro remedio.

O joven pareceu perturbar-se ao ouvir esta noticia.

—Não ha razão para desesperar, proseguiu o religioso. Somos homens, e como taes devemos portar-nos. As tormentas d'este mar que se chama vida, chegam ás vezes a ter tão poderoso impulso, que separam os navios, que vogam movidos pela mesma brisa. Tenho tudo disposto. O teu formoso cavallo arabe esperar-te-ha á porta de San Vicente: em uma pequena mala, collocada á garupa, encontrarás duzentas onças de ouro, armas, um passaporte em toda a regra, e roupa branca. O teu cavallo percorre mais de trinta leguas por dia sem fadigar-se, podes, por tanto, ausentar-te de Madrid, sem temer uma perseguição por parte dos francezes.

—Oh! quanto vos devo!

—Não gastemos e tempo inutilmente, continuou o religioso, e ouve as minhas instrucções.

—Dizei.

—Uma vez fóra de Madrid, tomarás o caminho de França, que seguirás até chegar a Burgos.

—Bem, meu pae.

—Ali has de informar-te do ponto, onde se acha acampado o exercito hespanhol sob o commando do general Cuesta, e para lá te dirigirás. Dentro da tua mala encontrarás um pequeno papel branco; guarda-o, e quando estiveres na presença do general, entrega-lh'o.

—E' por ventura de grande importancia?

—Sim, Genaro: o papel branco está escripto com tinta sympathica. O general mandará chamar immediatamente um cavalheiro militar dos que servem em suas fileiras, e este cavalheiro se reunirá contigo.

—E que deverei depois fazer?

—O cavalheiro, que, segundo me parece, tem alcançado em pouco tempo o grau de coronel, chama-se dom Carlos de Montalban; é filho de um dos meus melhores amigos, e possui esse espirito ardente e cavalheiroso, que tanto te domina. Unidos os dois, pôr-vos-heis a caminho sem demora.

—Para onde?

—Para as provincias Vascongadas.

—E logo que lá chegarmos?

—Vos dirigireis a Vitoria.

—Obedeceremos com pontualidade.

—Antes de entrar na illustre cidade que tem este nome, encontrareis um pobre que vos pedirá esmola. Esse pobre terá uma crescida barba branca; estará curvado pelo peso dos annos, e encostar-se-ha a um bordão ou cajado.

—Não me esquecerei d'esses signaes.

—Logo que se aproximar de ti, dar-lhe-has esta moeda de prata que vou entregar-te.

O religioso pegou então n'uma peseta, que, em vez do busto do rei e das armas de Hespanha, tinha na frente um raio saindo de uma nuvem; e no reverso uma nobre matrona chorando junto de um leão, que parecia rugir, com a cabeça voltada para longiquo horisonte.

Genaro arrecadou aquella rara moeda, e disse:

—Depois de dar a esmola, que faremos?

—Seguir o pobre. Elle começará a andar adiante até chegar á portaria de um convento solitario, que encontrareis na outra extremidade da povoação.

—E ali?

—Nada mais vos compete fazer. Estareis em um lugar placido e seguro, onde vos conservareis até que eu me una convosco.

—Vós, meu pae! disse Genaro com suprema alegria.

—Eu, sim.

—Então, quando saireis de Madrid?

—Logo que chegue o barão de San Yuste.

—Esperaes por elle?

—Espero; assim é preciso. Ha um projecto gigantesco que é mister levar a cabo. Mas deixemos isto; as nove horas estão a cair, e é preciso que não percamos um minuto. O tempo é ouro, como disse Franklin.

—Tendês razão; observou Genaro com voz melancolica; porém antes de morrer ou de ausentar-me, cumpre-me um dever de honra, e por isso vou fazer-vos um pedido, meu pae.

O religioso estava enternecido, e ao ouvir o tristissimo accento de seu filho adoptivo, respondeu:

—Falla; o meu coração saberá cumprir os teus desejos.

—Já sabeis que amo, disse o joven brandamente.

—Bem sei.

—Essa joven que adoro está exposta a perigos desconhecidos, e tremo por ella.

—Por acaso ameaça-a alguma desgraça?

—Muito grande.

—Explica-te, meu filho.

—A noite passada foi adormecida com uma quantidade de opio, com o fim sem duvida de vender a honra.

O padre Roberto fez-se horrivelmente pallido.

—Não estranho, murmurou surdamente.

—Não estranhaes?

—Meu filho, disse o beneditino arremecendo ameaçador olhar, hontem perguntei-te: conheces sua mãe?

—Sim,

—Pois essa mãe é uma vibora que se roja sob a herva, é o escorpião que mata com veneno, o basilisco que aniquila com um olhar, a hyena que se ensopa no sangue de victimas inermes.

Genaro tremeu dos pés á cabeça.

—Oh! Mathilde! exclamou, como se a houvera perdido para sempre.

—Tranquilla-te, filho: esse narcotico demonstra o que é essa mãe desnaturada. Porém eu, desde este momento, serei o pae de Mathilde; livrarei a sua honra de todas as insidias, e conservar-a-hei para ti intacta e pura como uma flor da primavera. Felizmente a casa da condessa de Segalvo franqueia-se-me a toda a hora.

—Sois o meu salvador, a minha esperança, exclamou Genaro enthusiasmado.

—Nada de arrebatamentos: se sou a tua providencia, tu és a minha ambição... Mas, são nove horas... o coche nos espera. Chegou o momento, meu filho. Nada de fraqueza. Sejam fortes em meio da desgraça: já que as circumstancias nos impellem a um acto odioso e repugnante, consideremos que nem somos os provocadores nem os culpados. Caminhemos com a fronte erguida e a consciencia tranquilla. Deus que nos vê, nos julgará. D'este modo fortalecidos, vem a meus braços... prestamos-nos n'este ultimo abraço, eu a experiencia que te falta, tu o vigor que necessito.

Genaro lançou-se ao pescoço do seu protector. Nem um suspiro, nem um soluço, nem uma palavra soltou aquelle in-

tefessante grupo, que representava verdadeiramente a magoa e a dôr desafogando em prolongado periodo de amor e affecto.

Assim permaneceram algum tempo. Sómente as lagrimas brotavam silenciosamente dos olhos, indo perder-se no seio dos dois amigos.

O padre Roberto foi o primeiro a separar-se, levantando ao mesmo tempo a pallida fronte.

—Vamos, basta já de lagrimas, disse com voz commo-vida; vae vestir-te. No teu quarto encontrarás duas caixas de pistolas. São obra de Esquivel, e comprei-as para ti. Tambem lá estão quatro espadas e quatro punhaes, as primeiras toledanas, e os segundos *de Albacete*.

Genaro obedeceu. Ao lado das armas encontrou um bello casaco de magnifico panno côr de cinza feito de proposito de modo que fossem mais indeterminados os elegantes perfis do seu corpo; um calção escuro cingido á perna, e umas excellentes botas com esporas de prata.

Em tudo se revelava a previsão do digno padre Roberto.

Genaro vestiu-se rapidamente. Um eriado transportou as armas para a carroagem, onde o esperava o seu protector. Tinha elle trocado seu tosco saio por um vestido igual ao de Genaro, mas todo negro; e achava-se tão tranquillo como se se tratasse unicamente de dar um passeio pelos arredores de Madrid.

Pode-se affirmar que desde então não desmentiu nem um instante a serenidade do semblante. Principiou a fallar com facilidade e indifferença a respeito do dia, do frio, da gente que transitava pelas ruas, e de outros mil assumptos amenos e instructivos.

Conhecia-se que o fim era distrahir a imaginação de Genaro, para que não reflexionasse na scena em que ia ser actor principal.

—Mas bem depressa conheceu que eram inuteis estas precauções.

O mancebo sorria, não estava alterada a natural côr do seu rosto, nem a voz agitada. N'aquelle momento o pulso batia-lhe com a placidez do de um menino.

As dez menos um quarto chegaram á ponte de Toledo.

Não tinha ainda vindo o general, e por isso desceram do coche com o fim de gosar de um tenue e pallido raio de sol, que se filtrava por entre duas espessas nuvens.

As dez em ponto viram aproximar-se dois cavalleiros montados em ligeiros cavallos.

Eram o general Maurice Mathieu e seu ajudante de campo Laforet. Vinham vestidos á paizana.

O primeiro reconheceu Genaro, e dirigiu-se immediatamente a elle.

—Fostes mais exacto do que eu, disse Maurice Mathieu com desconcertada galantaria, contemplando a interessante figura do seu adversario. Ha muito que esperaes?

—Dez minutos, cavalleiro, respondeu o padre Roberto inclinando-se.

Os dois francezes olharam para o ancião que tão dignamente respondia.

—Sois, sem duvida, o padrinho d'este cavalleiro? perguntou o capitão Laforet saudando ao mesmo tempo.

—A's vossas ordens.

—Visto isso podemos tratar das condições do duello.

—Pouco ou nada ha que combinar, respondeu o ancião com altivez.

—Como!

—O meu afilhado, ainda que tem o direito de impor condições, segundo as leis da cavallaria que na actualidade vigoram, não quer usar d'esta prerogativa. Na minha carruagem ha armas, podeis escolher a que melhor vos convenha.

O general e Laforet ficaram admirados.

—Se não vos agradam as que por simples formalidade trazemos á vista, continuou o padre Roberto, na caixa secreta do coche as encontrareis em abundancia. A lança prussiana, a carabina franceza, o punhal italiano, o alfange turco, a *claimora* escoceza, a *gumia* arabe, a espada hespanhola e a pistola ingleza.

—Nós não viemos aqui, respondeu Laforet, para lutar servindo-nos de tão crescido numero de armas: qualquer d'ellas é sufficiente.

—Por isso vos dou direito de escolherdes.

—Bem, respondeu o capitão um pouco incommodado; cuidemos no logar do combate.

—Um ou outro logar nos é indifferente.

—Convem-vos detraz do cemiterio?

—De accordo.

—E a respeito de armas, a pistola, se vos parece.

—Perfeitamente, seja a pistola, respondeu o padre Roberto.

Os quatro cavalleiros dirigiram-se tranquillamente para o cemiterio, que está na eminencia que se encontra logo depois de passar a ponte.

Este sitio era então mais solitario do que é hoje. Aquelle caminho funebre só o transitavam os nicrophos quando iam sepultar algum cadaver, ou algum piedoso mortal, que ia depositar sobre a tumba de uma esposa ou de uma filha um beijo, uma corôa de rosas brancas.

A nebulosidade do dia fazia com que aquelle sitio estivesse ainda mais deserto, de modo que, chegaram ao lado posterior do cemiterio sem encontrar ninguem.

Ali o padre, com um socego cada vez mais imponente, ordenou ao lacaio que vinha na trazeira do seu coche, que trouxesse as caixas que estavam dentro d'elle.

—Aqui tendes, cavalheiro, proseguin o religioso, pistolas de todos os tamanhos. Escolhei.

Laforet pegou em duas magnificas pistolas sinzeladas com raminhos de ouro, e com o nome de *Esquivel* gravado na parte mais grossa do cano.

—Nós tambem trazemos armas, murmurou o capitão; mas em abono da verdade, não são tão boas como as vossas.

O padre Roberto respondeu com um ligeiro sorriso.

—De que modo quereis que seja o duello? com uma pistola carregada e outra vasia?

—Não: isso não é combate, é um jogo de dados.

—Quereis que se carreguem as duas?

—Sim.

—E para disparar? A' sorte, ou ao mesmo tempo?

—Como melhor vos parecer, replicou Laforet, dominado a seu pezar por aquelle homem.

O beneditino não respondeu: tirou do seio um pequeno frasco de marfim com embocadura de prata, onde estava graduada, por meio de um mecanismo, a quantidade de polvora precisa para cada tiro.

—Podeis carregar, disse, entregando-lhe o polvorinho.

Laforet carregou, e em seguida entregou o ao religioso.

Este praticou egual operação com o esmero de um consummado entendedor.

Depois tomou uma caixinha, onde havia balas de todos os tamanhos. Pegou em duas eguaes, collocou-as na palma da mão, e apresentou-as ao capitão francez.

As balas foram introduzidas nos canos, e em acto continuo escorvaram com toda a minuciosidade.

Preparadas as armas, disse o religioso:

—Só falta uma cousa, cavalheiro.

—O que? perguntou Laforet.

—A quantos passos se ha de fazer fogo?

—A vinte.

—Advirto-vos que estas pistolas alcançam a cem passos.

—Propondes-me por acaso essa distancia? exclamou Laforet assombrado.

—Nada d'isso; acceito os vinte; e se quereis a dez, tambem.

O capitão experimentou novo assombro, mas de distincto genero.

O general e Genaro ouviam este dialogo com verdadeira indifferença.

Contaram os passos, e foram marcados os logarès que haviam de occupar os combatentes. Depois, cada padrinho entregou a seu afilhado uma pistola, e estes dirigiram-se aos seus postos com verdadeira serenidade.

O padre Roberto olhou para Genaro de um modo tão eloquente e sublime, que podia dizer-se que elle reconcentrava n'este olhar toda a sua energia.

O joven correspondeu sorrindo.

—Quereis que se dispare á sorte? perguntou Laforet tirando um napoleão de ouro.

—Seja assim, respondeu o padrinho de Genaro, fazendo brilhar entre os dedos uma onça hespanhola. Esta moeda é mais apropriada, cavalheiro. Podeis atirar com ella.

—Cedo-vos esse direito.

—Então, se apparecer a cara, toca a meu afilhado disparar primeiro; se a cruz, pertence ao general.

E arremeçou a moeda ao ar.

A onça caiu no chão, e offereceu o escudo com as armas de Hespanha.

—Quem atira é o general, respondeu o padre Roberto, sem trahir a sua extraordinaria serenidade.

Depois d'isto, os antagonistas collocaram-se nos respecti-

vos postos, os padrinhos foram para o logar que lhes competia, e ninguém mais fallou.

Maurice Mathieu engatilhou a pistola, estendeu o braço, e apontou com firmeza e segurança á cabeça de Genaro.

Este conservou-se indifferente e glacial, como se não existisse a dois passos da morte.

Poucos momentos depois ouviu-se a explosão: Genaro permaneceu firme e tranquillo, e o padre Roberto correu para elle.

—Não tenhaes cuidado, meu pae, disse o mancebo em voz baixa. A bala passou-me a um dedo da cabeça.

O francez mordeu os labios; disse com voz forte:

—Compete-vos agora, cavalheiro.

Genaro preparou em silencio a sua pistola, estendeu o braço e apontou com indifferença. Então pela primeira vez se tornou pallido o seu protector.

Maurice Mathieu estava immovel.

—Não quero matar-vos, disse o joven abaixando a pistola. O duello pode continuar á espada.

—E' o mesmo dizer que quereis parecer generoso, gritou Maurice Mathieu cheio de coragem. Cavalheiro, exijo-vos que façaes o vosso dever. O perdão é para mim um desprezo.

—Adverti que não vos provoquei: não faço senão cumprir com meus sentimentos e com minha consciencia.

O general estava pallido.

—Oh! não; dispara... matae-me. E' preciso que um de nós fique no campo.

—Dispararei para satisfazer-vos, não para vos matar.

—Que dizeis? exclamou o general admirado.

—Farei com que a bala se vá amolgar n'essa condecoração que vos adorna o peito.

Maurice Mathieu tornou-se livido; mas ao mesmo tempo

a explosão da pistola de Genaro lhe fez comprehender que o inimigo não tinha exagerado a promessa que lhe fizera.

A condecoração caiu no chão feita em pedaços, e a bala, que devia matal-o, só internou o sufficiente para que o general caísse ferido.

— Isto é admiravel! exclamou o general, sem fazer caso do sangue que lhe saía do peito.

— Portentoso! acrescentou Laforet, levantando o seu chefe. Mas não percamos tempo: mancebo, tanta generosidade interessa-nos. Fugi. Os nossos cavallos, a nossa fortuna, tudo vos offerecemos para que vos salveis de um conselho de guerra.

— Obrigado, respondeu nobremente o padre Roberto; tomámos todas as nossas medidas para evitar a perseguição. Ah! tendes o nosso coche para o general.

E aproximando-se de Genaro, abraçou-o.

— Agora, meu filho, chegou o instante de separar-nos. Esperança e valor. Portaste-te como um bom hespanhol deve portar-se. Generoso e magnanimo. Agora, mais que nunca, te recommendo as minhas instrucções. Dia virá em que a paz nos volte. Entretanto corramos no meio do turbilhão que nos arrasta. Adeus! Os momentos são preciosos, e não devemos roubar a mais sagradas causas o tempo que nos não pertence.

O nobre ancião indicou ao joven a porta de San Vicente, que se descobria no outro lado do Manzanares.

Precisamos de vosso coche, disse Laforet, e aqui tendes um cavallo; confiae na nossa discrição: ella vos salvará.

Genaro saltou sobre um cavallo, e acenando com a mão ao seu protector, partiu a galope.

Enquanto se trocaram estes cumprimentos o general foi collocado no coche do padre Roberto, e conduzido vagarosamente a Madrid.

CAPITULO XVII

o PROTECTOR

Em quanto Genaro se afastava de Madrid, correndo á redea, solta pela estrada de França, o padre Roberto deixava em sua casa o general Maurice Mathieu, e dirigia-se occultamente á morada da *plazuela* de Affligidos.

Ali soube por um criado que o seu pupilo tinha partido e enviou ao capitão Laforet o cavallo, que tão generosamente lhe fôra offerecido depois do desafio.

Depois de attender com escrupulosa exactidão a todos estes promenores, o padre Roberto pensou em cousas de summa importancia.

Lembrou-se, primeiro que tudo, da commissão feita por Genaro. Por tanto, pensar em Mathilde, era pensar na victima, que necessitava n'aquella occasião de um sustentaculo que a protegesse, de um escudo que a amparasse; era compadecer-se de uma desgraçada, proxima a cair em um laço infame.

O padre Roberto, ou o conde de Malvar, sentiu uma atracção irresistivel para aquella infeliz.

Os nossos leitores de certo já formavam o seu juizo á cerca do character d'este homem extraordinario; por que nós longe de o descrevermos segundo a nossa curta intelligencia quizemos antes que os accidentes da acção o pintassem tal qual é.

Tomada uma resolução, pediu novamente o coche; e sem mudar o severo e escuro vestido, que lhe realçava a nobre magestade do rosto, dirigiu-se ao antigo palacio Alcanhices, com aquella placidez e indifferentismo que lhe servia de mascara quando não queria que alguém lhe adivinhasse os pensamentos.

Chegou, pois, ao palacio, foi lá acompanhado pelos officiosos lacaios até á sala de espera, onde o mordomo da casa o deteve.

—Desejo ver, disse o conde de Malvar, a condessa Mathilde, e espero que tenha a bondade de annunciar-lhe a minha visita.

O mordomo saudou e foi cumprir esta incumbencia. Pouco depois, voltou dizendo que a condessa estava incomodada, e que sentia não poder recebê-lo.

Em lugar de retirar-se, o conde puchou pela sua formosa caixa de ouro, tomou rapé com minucioso escrupulo e disse:

—A condessa não me conhece, e por isso é natural não receber desconhecidos. Mas se lhe dissesse que sou intimo amigo do cavalheiro Genaro de Sancta Maria...

Este nome produziu o desejado effeito, e o mordomo respondeu:

—Senhor, essa recommendação é por nós muito considerada, e por isso podeis entrar.

O conde foi conduzido ao gabinete branco, onde ficou

contemplando tranquillamente as bellezas d'aquella mansão encantadora, em quanto davam parte a Mathilde do que acontecia.

Assim permaneceu algum tempo, até que, abrindo-se uma d'aquellas portinhas misteriosas, que tão bem dissimuladas estavam nas paredes, appareceu Mathilde, vestida singelamente com um chambre de velludo azul.

O conde de Malvar observou com bastante curiosidade a pallida e formosa joven. Conheceu logo que a dor lhe tinha ferido o coração, como as lagrimas e a insomnia desbotado as faces; um olhar bastou para comprehender-lhe a alma, e os instinctos.

Com este olhar profundo, e investigador, fez rapidamente o seu estudo.

Genaro não o tinha enganado. Mathilde era o ludibrio de um espirito depravado: não era possivel que a limpidez d'aquelle olhar estivesse manchada já pelo remorso.

A formosura d'esta criança era uma formosura que não necessitava da arte para deslumbrar, nem o coração do artificio para ser generoso e magnanimo.

Mathilde cumprimentou o desconhecido cavalheiro com um mixto de admiração e de respeito.

—Senhora, disse o ancião correspondendo, talvez me aleunheis de atrevido, por vos vir importunar, sem licença prévia. Mas tinha-me interessado muito para deixar de sentir a maior satisfação em estar n'esta casa... onde existe uma joven como vós.

—Cavalheiro !... respondeu ella abaixando a cabeça.

—Nada de estranho tem que vos melindre esta linguagem, mas bem sabeis que nós os velhos temos certos privilegios, que nos auctorisam a dizer algumas cousas. Permitir-me-heis, pois, em vista da minha franqueza, que fallemos,

ao menos por meia hora, de assumptos que podem interessar-nos?

Mathilde sorriu ligeiramente.

—Senhor, respondeu ella, não posso deixar de annuir, muito principalmente, quando m'o pedis com tão agradaveis maneiras.

—Sendo assim, primeiro que tudo agradeço-vos; depois rogar-vos-hei que tomeis assento, e escutae-me.

—A joven sorriu novamente e sentou-se no divan. O beneditino fez outro tanto.

—Senorita, proseguiu olhando-a com affecto, antes de principiar, considero uma homenagem de respeito dizer-vos quem sou.

—Satisfareis a minha justa curiosidade, respondeu Mathilde.

—Pois bem; chamo-me Roberto Mauricio de Malvar, duque de Penafiel e de Almazano, condé de Soto Jove e de Malvar, marquez de Tiobre e de Belmonte, e barão de Tebar e de Beloy.

Mathilde levantou a cabeça ao ouvir aquella longa enumeração de titulos, como temendo ser este alarde um nescio acto de orgulho.

Surpreendeu o religioso o gesto, e não deixou de alegrar-se quando notou, que aquelle coração não se deixava deslumbrar pelas pompas humanas.

—Ah! não tinha a honra de conhecer-vos, disse Mathilde, saudando de novo.

—Ha já bastante tempo, senhora, que o meu nome não circula pelo mundo. Troquei as honras e grandezas por um humilde habito de S. Bento, e se não tivera sido expulso de nossa modesta casa por Napoleão, não teria agora a alta satisfação de visitar-vos.

—Sois religioso?

—Justamente, um pobre frade, que teve de lembrar-se do que out'ora foi, para penetrar em alguns salões. Eis tudo explicado.

—N'esse caso, só espero saber o fim da vossa visita, disse Mathilde com voz tremula.

—Venho aqui por pedido de um mancebo que conheceis. Venho em nome de Genaro.

A formosa joven levantou a fronte, assomando-lhe ao rosto vivissimo rubor.

—Conheceis Genaro?

—E' meu amigo, meu filho adoptivo, o ente a quem mais amo na terra.

Estas palavras, proferidas com vehemencia, fizeram comprehender a Mathilde que havia outro coração, além do seu, que amava o joven, a quem ella dedicava todo o seu carinho.

Mas quando reflectiu que Genaro não estava ali, tremeu-lhe o coração, e lembrou-se do desafio que devia ter-se realiado. Desappareceu-lhe instantaneamente o rubor das faces ante outro sentimento mais poderoso, o temor de uma desgraça.

—Oh! e porque não veio elle? perdoae-me, cavalheiro, que me expresse d'este modo.

—Ignoro se sabeis que Genaro havia recebido um cartel para hoje ás dez horas da manhã.

—Sim... sei. Porém, Deus meu! succedeu alguma desgraça? Verificou-se o duello?

—Sim, senhora.

—Oh! e Genaro? Está ferido!...

—Teve a felicidade de vencer, respondeu o ancião.

Mathilde soltou um abafado grito. Era o mais profundo suspiro do seu peito, o que exhalava n'aquelle instante.

—E o general Maurice Mathieu? perguntou.

—Teria morrido, se Genaro não fosse generoso.

Mathilde cruzou as mãos sobre o peito e elevou os olhos ao ceo em signal de gratidão.

—Pelo que acabo de dizer-vos, proseguiu, creio que já comprehendereis o objecto da minha vinda. Meu filho adoptivo não poudes despedir-se de vós, e por isso enviou-me aqui a manifestar-vos toda a effusão do seu affecto.

—Mas onde está?

—Teve de fugir.

Mortal pallidez tornou a apparecer no rosto de Mathilde.

—Ah! exclamou, abandona-me!

—Pelo contrario, senhora, disse o padre Roberto com accento commovido; agora estaes mais protegida que nunca.

—Por quem, senhor?

—Por mim.

Estas palavras fizeram transparecer no rosto da donzella um vivo assombro.

—Estranhaes talvez? disse o beneditino com melancolico sorriso. Pobre menina! Tão pouca fê tendes na Providencia, duvidaes tanto do porvir, que apenas vêdes o horizonte das vossas esperanças! Ah! eu o comprehendo... Sei que soffreis; julgae-vos perdida em meio do oceano da existencia, como um misero baixel sem vela, sem leme para seguir seu rumo. Mas, nada temaes senhora... melhor direi, minha filha... Desde este instante sou vosso protector; falta-vos um apoio, eu vol-o offereço... sou a vosso lado o representante de Genaro, e não consentirei que sejaes o alvo de perfidas machinações. Espero de vós a mais franca cordialidade, o affecto mais ingenuo, os mais nobres sentimentos; porque desde agora é preciso trabalhar para quebrar os fios da tenebrosa rede que vos vão tecendo.

Havia nas generosas expressões do bom velho tanta harmonia, tanta verdade, que Mathilde sentia uma inclinação po-

derosa para aquelle nobre cavalheiro, que assim se constituia seu defensor, seu unico arrimo.

—Restituís-me a felicidade, senhor. O ceo vos envia.

—Quereis dizer, que desde este instante depositaes em mim toda a confiança?

—Sim, senhor.

—Estaes resolvida a seguir á risca os meus conselhos?

Mathilde olhou o ancião por um momento; e ao notar-lhe a nobreza do semblante e a limpidez do olhar, não duvidou responder :

—Seguil-os-hei.

—Oh! Quão boa sois, minha filha! Permitti-me que continue dando-vos este nome.—A's vezes sente-se inexplicavel goso em pronunciar esta palavra tão doce e apaixonada; porque os seres, que, como eu, se encontram sós e isolados na velhice, necessitam de ternas emoções para não aborrecer a vida.

—Concedo-vos esse direito. E' muito do meu agrado.

—Sei. Agora fallemos de cousas importantes: eu vim aqui para salvar-vos.

—Ameaça-me algum perigo? perguntou com afflicção.

—Immenso, minha filha. E para conhecerdes é necessario que eu rasgue o mal tecido veo das vossas illusões. Já vos vistes hoje ao espelho?

—Sim.

—Não notaste no rosto uma desusada pallidez?

—Com effeito, observei isso.

—Não sentis algum incommodo na cabeça, um estranho peso na vista, uma falta de força nos membros, que vos obriga a um esforço extraordinario?

—Deus meu! exclamou Mathilde; quem vos deu a conhecer tão exactamente o estado em que me acho?

—Ninguem: adivinhei-o eu. Não tenho outro remedio

senão ser cruel. Ouvi-me. Não sabeis a causa d'esse estado de morbidez invensível?

—Ignoro.

—Pois ides saber.

Mathilde tremia.

—Sim, sim, murmurou; escuto-vos anciosamente.

—Está bem. Tende a bondade de responder-me. Que fizestes hontem á noite?

—Hontem á noite! respondeu Mathilde, levando a mão á fronte, como se quizesse ver nas trevas... E' estranho! Não me recordo, cavalheiro.

—Procurae na memoria algum raio de luz que vos illumine.

—Oh! só posso dizer-vos que um somno tenaz se apoderou de mim.

—E antes de adormecerdes, não vos lembraes de cousa alguma?

—Esperae. Lembro-me que estava n'este gabinete.

—E não saistes d'aqui?

—Não.

—Tomastes algum alimento?

—Tambem não. Dominada pela ideia do desafio de Genaro, só pensei em rogar a Deus pela sua vida.

—Todavia, parece-me que tomastes alguma coisa.

—Oh! Agora me recordo. Hontem á hora do crepusculo tive uma ardente sêde.

—E bebestes?

—Um copo de agua.

Desdenhoso sorriso contrahi os labios do ancião, que disse suspirando:

—Não vos cause admiração, minha filha, o que ides ouvir. Esse copo de agua estava narcotizado.

—Isso é horrivel! exclamou a donzella tremendo.

—Mas é verdade. Estava narcotizado por meio do opio, e ahi tendes a razão por que tivestes primeiro aquelle desfalecimento; depois, sobreveiu-vos um somno mui semelhante ao da morte; e finalmente, pobre Mathilde, ficastes abandonada á misericórdia divina, unica que podia salvar-vos em tão dolorosa situação. Esse abatimento, que presentemente sentis, é o effeito da acção enervante d'essa fatal bebida. Agora, já podeis suppor os males que vos ameaçam, as desgraças que o futuro vos trará, se não vos unirdes a este pobre velho que vem estender-vos a mão.

—Oh! fallae. Vou comprehendendo espantosas cousas, disse Mathilde juntando as mãos sobre o peito.

—Logo que ficastes adormecida, proseguiu o padre Roberto, abriram-se as portas d'este gabinete, e deixaram entrar um homem.

—Genaro talvez?

—Não: era o general Mourice Mathieu.

Mathilde soltou um grito.

—Não vos assusteis, minha filha.

—Tratava-se de abusar de mim!...

—Tencionava-se fazer um infame trafico com a vossa honra. O general amava-vos: estaveis perante elle sem forças e sem vontade: tudo isto podia passar por uma comedia perfeitamente estudada, e situavam-vos assim a dois passos da deshonra, entregando-vos em seus braços, sem que poder humano vos salvasse de tão vil artificio. Por fortuna, ha um Deus, que vela sempre a innocencia e a virtude. No momento em que o halito do inferno ia embaciar a vossa pureza, esse Deus lançou-vos um olhar compassivo, e mandou outro homem como anjo da guarda.

—Estaes-me devolvendo a vida.

—Esse homem era Genaro.

—Genaro, Sempre elle!

—Comparecia, com a lealdade que o caracteriza, á entrevista que lhe haveis promettido.

—Com effeito, elle devia vir.

—E chegou ao pé de vós antes de se perpetrar o nefando crime. Compreendei agora, minha filha, se ha perigos que vos ameacem, laços, intrigas, que vos envolvem como se fosseis uma pobre mosca presa pelos fios de uma teia de aranha. Agora é preciso que nos internemos mais n'este temivel labyrintho, para ver d'onde partem essas miseraveis machinações, que vos collocam á beira do precipicio.

E ao dizer isto, o olhar, até ali doce e tranquillo do ancião, brilhou como um relampago, ou qual raio que rompendo a nuvem vae abraçar o cume da montanha.

Mathilde, umas vezes pallida outras roborisada, sentia a tormentosa inquietação, que a narração do conde de Malvar lhe produzia no espirito. Cobriu o rosto com as mãos, como se quizesse occultar o seductor carmim de que o pudor lhe tingia as faces, em quanto vertia silenciosas lagrimas, como perolas caidas das tranças de princeza oriental.

—Tranquilisai-vos, minha filha, continuou o padre Roberto, readquirindo o gesto doce e consolador. Tendes-me a vosso lado, nada deveis temer d'hoje em diante, se vos dignardes seguir as minhas aspirações. Exijo de vós toda a sinceridade, porque vamos penetrar n'esse dedalo que ameaça perder-vos. Quem ha n'esta casa, que vos aborreça a ponto de envenenar a agua que bebeis?

—Não sei quem seja, respondeu Mathilde com timidez, porque não a enganava o coração.

—O beneditino lançou-lhe um olhar significativo.

—Vamos, disse elle, não sois bastante franca para comigo, e eu adivinho a nobre causa que vos move a occultar-me o que n'este instante tendes no coração. Eu, que tenho passado por todas as provações, que conheço o espirito humano,

que tenho lido esse alphabeto misterioso, occulto no mais recondito da nossa mente, tenho menos inconvenientes em falar. Sómente vos exijo resposta, minha filha.

—Responder-vos-hei sinceramente.

—Vou fazer-vos uma pergunta que estranhareis bastante, disse o ancião com accento carinhoso. E' vossa mãe a condessa de Segalvo?

Lathilde dilatou os formosos olhos, como se todos os segredos da sua vida estivessem em poder d'aquelle homem extraordinario. Ainda assim, antes de responder, teve de vacillar entre uma declaração ingenua da verdade, e as consequencias que poderiam resultar, se occultasse completamente aquelle segredo.

O padre Roberto sentiu o que se passava no intimo de Mathilde, e apressou-se a facilitar lhe o caminho da franqueza por meio das seguintes phrases:

—Não vos assuste a temeridade d'esta pergunta, nem temaes indiscrição. Sou um antigo amigo da senhora condessa de Segalvo, e declarando o que desejo saber, não fazeis senão confirmar o que me consta com bastante veracidade.

—Então se tudo sabeis, que quereis que eu diga?

—Tendes razão. Fica por tanto estabelecido que não é vossa mãe.

—Com effeito não é, respondeu a joven corando.

—Não vos envergonhe essa declaração, minha filha. A verdadeira desgraça seria terdes nascido d'essa mulher infernal, cuja negra historia é uma longa cadeia de maldades, escriptas no meu coração com indeleveis caractêres. Quem, senão ella, podia dar-vos esse funesto narcotico? Quem, senão ella, se atreviria a vender a vossa honra, para chegar ao fim a que se propõe com suas malevolas intenções?

—Logo crêdes que foi a condessa?

—E vós também o não duvidaes. Essa mulher é capaz de tudo.

—Oh! mas que hei de fazer?

—Não ha senão um caminho a seguir,

—Qual?

—Fugir d'esta casa.

—Em toda a parte me alcançará o seu odio.

—Alcançar-vos-ia, se eu não estivesse a vosso lado. A condessa é terrivel, e ainda eu mesmo temo um accesso da sua colera. Para dominal-a, é preciso que o seu antagonista tenha a habilidade de se converter n'um ente tão sagaz, tão astuto, tão maligno como ella, é necessario adivinhar-lhe os pensamentos, antes de lhe sairem da mente, para que o adversario possa defender-se dos formidaveis golpes que lhe dirige; é indispensavel levar uma cota interior, como faziam os antigos guerreiros, para evitar o punhal da sua ira.

Mathilde tremia e chorava.

—Mas para onde hei de eu fugir?... Estou só no mundo, exclamou com suprema angustia.

—Donzella, honrar-me-ieis muito, se vos dignasseis acceitar as minhas condicções.

—Que exigis de mim?

—Em primeiro logar, que me considereis vosso pae. É este o unico meio de salvar-vos.

—Oh! mas então descobrir-se-ha esse indigno embuste, que até agora me tem unido á condessa.

—Eu espero que tereis confiança nos meus projectos. Não deixa de ser rude o rompimento d'essa ligação, que vos tem feito permanecer n'esta casa. Mas, amaes Genaro?

—Sim, muito.

—Desejaes salvar a honra?

—Desejo.

—Tendes fé na minha estima?

—Tambem.

—Então não vacilleis.

—Estou decidida.

—Aqui está o meu braço: acompanhae-me, disse o conde de Malvar pondo-se de pé.

Mathilde derramando copiosas lagrimas fez outro tanto. Tinha apenas forças para suster-se: a sua formosura, a sua pallidez e prostração contrastavam com a juventude e encantador donaire.

Cobriu-se com um longo chale de cachemira, e deitando um veio pela cabeça para occultar as lagrimas que inundavam suas faces:

—Aqui me tendes, disse. Confio em vós, porque uma voz intima me diz que essas palavras são a linguagem da lealdade e da nobreza. Orphã, só no mundo, não tenho outro futuro, senão a honradez de meus sentimentos, a pureza do meu coração. Faço-vos depositario d'este porvir. Esta casa é um abysmo coberto de flores, onde por fim me precipitaria. Partamos: Deus, que é o pae dos desditosos, dos tristes e dos perseguidos, estenda a sua mão protectora sobre mim.

—Sim, respondeu o padre Roberto; fortalecida com essa esperança, aguardae dias mais bonancosos. Vamos pois.

O conde de Malvar deu o braço á joven, que sem hesitar o acceitou.

—Não quero, proseguiu o ancião com sorriso um tanto malicioso, que vossa mãe imagine que eu commetto um rapto, ou pelo menos que ataco os direitos domesticos. Desejava, por isso, uma cousa.

—Dizei.

—Que fossemos offerecer-lhe os nossos humildes respeitos, e participar-lhe a resolução.

—Attendei que esse passo pode estorvar a minha saída d'esta casa.

—Pelo contrario. Já vos disse que a condessa e eu somos antigos amigos. Quero que saiba quem é o Páris que lhe rouba a linda Helena, a qual por certo ha de dar logar a uma nova guerra de Troia.

Este gracejo, dito em tom de ameaça, fez comprehender a Mathilde, que o ancião, longe de temer o furor da condessa, a despresava solememente.

Emmudeceu por tanto, e tremendo continuou a caminhar a seu lado.

CAPITULO XVIII

EL REI

A condessa de Segalvo, alheia ao que occorria no gabinete branco, estava brilhantemente vestida em um dos salões principaes do palacio de Alcanices, e d'ali prestava esculpula attenção ao surdo ruido, que produziam as carruagens na immunda calçada das ruas.

Esperava de certo alguém, porque o seu coração batia com violencia, todas as vezes que ouvia mais proximo o estrondo produzido pelo rodar dos coches; e tornava a ficar em expectativa quando os sentia affastar, contando os minutos n'uma formosa pendula colocada sobre uma mesa de marmore.

D'este modo estivera perto de uma hora. Por fim abriu-se a porta do salão, e appareceu Mathilde e o conde de Malvar.

Não poudes a condessa explicar a si propria o motivo d'esta dupla visita, todavia sentiu um incommodo inexplicavel.

—A senhora condessa permite-me que entre? perguntou o cavalheiro, inclinando-se respeitosamente.

—Oh! o senhor conde de Malvar! exclamou a senhora de Segalvo com fingido sorriso. Ha tanta differença do vosso traje de hontem para o de hoje, que não vos tinha conhecido. Mas permitti-me que seja um pouco curiosa. Que significa essa intima união em que vos vejo com minha querida filha?

—Ah, senhora! replicou o conde sorrindo-se; tendo eu tão fortes razões para render á mãe o mais humilde preto pareceu-me tambem conveniente collocarme hoje ás ordens de vossa Mathilde.

Havia tanta mordacidade n'estas expressões, que a condessa cravou n'elle um olhar incisivo e penetrante.

—E' isso verdade, cavalheiro?

—Creio que não tendes motivos para duvidar das minhas palavras, respondeu o conde.

—Comtudo, replicou a condessa algum tanto admirada, é d'estrnhar que Mathilde vos acompanhe com esse vestuario, mais proprio para sahir á rua, do que para vir a estes salões.

E ao mesmo tempo olhava para o conde de Malvar de um modo sombrio e aterrador.

—Vossa filha acha-se assim vestida, disse o conde com seu eterno sorriso, unicamente por conselho meu.

—Por conselho vosso?

—Figurae-vos, dispensae que torne a pronunciar a minha palavra favorita; figurae-vos, condessa, que Mathilde teve esta noite uma ligeira indisposição.

A condessa fez-se livida ao ouvir o tom ironico com que foram proferidas estas palavras.

—Pois com effeito esteve indisposta?

—Sem duvida os vossos domesticos cuidaram estar na

Turquia, porque lhe ministraram, ignoro por que occulta influencia, certa quantidade de opio.

—Opio !

E os dentes da condessa rangeram surdamente, quando soube que aquelle homem extraordinario lhe lia no pensamento.

—Como a minha vida tem sido um pouco extravagante, aprendi de tudo, ou ao menos tentei ser um encyclopedista, não do genero de Voltaire e Diderot, mas como um homem que deseja alcançar vastos conhecimentos em todas as materias.

—Pois bem; que quereis dizer com isso ? instou a condessa, mudando de côr a cada instante.

—Queria dizer que estudei alguma cousa de medicina.

—Ah !

—Sendo assim como tenho a honra de vos dizer, observei o estado d'esta menina, e aconselhei-a que mude de aguas, ou para melhor dizer, que mude de ares.

—Cavalheiro !

—Receioso de que uma estúpida mão, já vêdes que não quero qualificar-a de outro modo, pretenda subministrar-lhe uma segunda dóse d'esta bebida soporifera, offereci-lhe o meu coche, a minha protecção e a minha riqueza, e levo-a comigo.

O conde disse isto com tanta naturalidade, que a condessa, soffocada pela colera, ferida pela consciencia, temerosa d'este homem que se oppunha aos seus projectos, ao mesmo tempo que recordava uma historia envolta nas sombras do passado, ficou por alguns instantes não sobendo se fugir, se lutar até morrer.

Passou a mão pela fronte, e aproximando-se de Mathilde, disse-lhe com voz pausada:

—Abandonas-me, Mathilde !

—Eu parto, senhora, respondeu a joven.

—Bem vêdes: a enferma não quer separar-se do seu medico.

—E vós, exclamou a condessa de Segalvo, deixando-se arrebatado pela colera, que lhe ia subindo do peito como as negras vagas de encapellado mar, que direito tendes para separar uma filha de sua mãe?

—Um direito muito simples: o da humanidade.

—Quem sois, então, para vos introduzirdes em uma casa onde apenas vos conhecem, e obrar por conta propria em casos d'esta importancia?

—Senhora, hontem tive a honra de dizer-vos o meu nome: hoje não quiz partir sem vir offerecer-vos os meus respeitos, e participar-vos a decisão adoptada. Já vêdes que não faltamos a nenhum dever social.

Ante aquella urbanidade, que á maneira de um escudo aparava todos os seus golpes, a condessa encolerisou-se novamente.

Conhecendo, porém, que nada conseguiria deixando-se levar da indignação que a dominava, optou repentinamente por um sangue-frio extraordinario.

—Sois invulneravel, senhor conde, disse ella, reprimindo a agitação da voz. Mas, já que pareceis tão amante das formalidades exteriores, creio respeitareis o poder de uma mãe, e o julgareis superior a essa emancipação filial que quereis proteger.

O conde tirou a sua caixa de ouro para aspirar o aromatico rapê.

—Senhora condessa, não sou affeiçãoado a questões domesticas, nem quero entremetter-me n'ellas. Respeitae a minha reserva: eu contentar-me-hei dando-vos uma resposta terminante.

—Que resposta?

—Que levo *vossa filha*, porque assim me pareceu conveniente.

Soblinhámos as palavras *vossa filha*, porque as proferiu o conde de tal maneira, que a condessa de Segalvo comprehendeu que aquelle homem singular sabia tudo:

—Parece que me insultaes?

—Deus me livre, disse Malvar, de faltar á consideração que vos devo. Já disse hontem alguma cousa do meu caracter. A pesar de sermos amigos de algumas horas, nem por isso deixo de conhecer-vos ha muito tempo. Attenta esta circumstancia, parece-me que a um amigo como eu não se pode negar um favor.

E ao dizer isto, revestiu o semblante de uma soberania imponente e ameaçadora, deixou o braço de Mathilde e aproximou-se da velha.

—Que dizeis? murmurou a condessa retrocedendo.

—Digo—e aqui o conde abaixou a voz de modo que só podesse ser ouvido pela condessa,—digo, senhora, que o meu coração é um archivo de antigas historias, d'essas que servem de metter medo aos meninos nas longas noites de inverno, e que poderei relatar-vos algumas, com que vos provarei que nunca tivestes filha alguma.

A condessa, ao ouvir estas expressões, lançou um grito e caiu para traz, cobrindo o rosto com as mãos.

Mathilde correu para junto de sua mãe, sustendo-a por um braço, em quanto o padre Roberto a amparava do outro lado.

—Que tendes, minha mãe? exclamou a generosa donzella, esquecendo n'aquelle instante todos os seus resentimentos.

—Não é nada, respondeu o conde de Malvar com o seu mais benevolo sorriso: um pequeno desmaio... de magoa sem duvida por se separar de vós.

Chegou o drama a uma d'essas situações em que é preciso retroceder ou provocar um conflicto, cujas consequencias não se podem calcular. O padre Roberto, com o seu fino tacto, conheceu o partido que lhe convinha tomar, e no mesmo instante o poz em pratica. Tomou a mão de Mathilde, e fazendo uma ligeira saudação, dirigiu-se para a porta do salão, a fim de partir com a joven protegida.

Mas n'aquelle momentó appareceu no limiar da mesma um porteiro, vestido sumptuosamente, e annunciou:

—El-rei.

Não é facil expressar o rapido effeito produzido por esta palavra.

A condessa, como impellida por móla de aço, poz-se de pê; afastou os cabellos que lhe caiam sobre a fronte, e deu alguns passos como um automato, posto pela primeira vez em movimento. O conde de Malvar, a pezar do seu eterno sangue-frio, pareceu perplexo por alguns instantes, e olhou para a condessa de Segalvo, como se quizesse encontrar no fundo do seu olhar a causa d'aquella visita. Mathilde deu um grito como se a ameaçasse um novo perigo, pois adivinhava a origem da visita do rei.

Pouco tempo bastou para que o padre Roberto comprehendesse a verdade. Então recobrou a serenidade, e em vez de avançar, retrocedeu alguns passos até encostar-se á cornija de alabastro de um fogão francez.

Mathilde ficou no meio da sala; quasi a cair desmaiada n'uma cadeira.

A condessa adiantou-se até á porta, para receber o celebre personagem que honrava a sua casa.

Pouco tardou em apparecer o rei, seguido de um d'aquelles hespanhoes espurios, que ou por medo, ou por ambição, tinha jurado fidelidade ao monarcha improvisado.

Entretanto, nós que somos amantes da verdade e da jus-

tiça, faltariamos a estes dois sagrados principios, se não o pintássemos com as suas proprias côres.

José Napoleão não era aquelle *Pepe Botellas*, que o bom humor e espirito nacional dos hespanhoes nos desenhou, gordo, corado, semi-ebrio, torpe e intolerante. José I era um homem de rosto sympathico, intelligente, talhado pelo mesmo molde que o de seu irmão, sem os traços de aguia que se descobriam nas feições d'este, e sem a pureza meio grega meio romana, que o assimilhava um tanto aos bustos de Alexandre e de Cezar.

Conhecia-se no monarcha hespanhol certa timidez que contrastava com a illustração do seu espirito e com a bondade das suas intenções; pois seguramente, José comprehendeu muito melhor do que seu irmão o character dos hespanhoes.

Adoptou os nossos trajes nacionaes, para se fazer popular; primou em fallar o nosso idioma, imitar as nossas maneiras e costumes, e fazer reviver a nossa antiga galanteria, da qual elle pretendia ser consummado discipulo.

Era um talento observador, mais vagaroso em conceber do que seu irmão; porém mais propenso a fazer bem. Este, ao menos, cria dever-se a seu povo, e não que o povo se devia a elle.

Ainda que não é nossa intenção fazer um retrato historico d'este homem, não só porque a indole da obra não o permite, mas porque não vamos ser juizes dos seus actos e muito menos da sua vida; todavia, temos de dar algumas ligeiras amostras do seu character e paixões.

José I, como todos os francezes, tinha admirado a belleza das hespanholas. Encontrou n'ellas essa fidalguia castelhana, que sabe resistir ao prestigio da riqueza e da gloria, e isto augmentou dobradamente o seu amor ao paiz e o desejo de permanecer n'elle.

José Napoleão necessitava de um coração que compre-

hendessem o seu. Até então, só tinha encontrado faceis conquistas, mulheres anteriormente prostituídas, que buscavam, não o amor, mas o engrandecimento; e o rei sentiu que a multidão de jovens que lhe sorria não preenchia o vacuo que sentia no coração.

Alguns individuos, que conheciam a condessa de Segalvo, tiveram com ella conferencias secretas; resultando de tudo isto, que o rei desejava ver Mathilde, de cuja formosura lhe tinham feito os maiores elogios.

A condessa sabia quanto podia ganhar, se lograsse que a filha fosse amada pelo rei: dirigiu pois o negocio com extraordinaria sagacidade, por que d'elle dependia o seu porvir, até conseguir por meio de falsos mensageiros, decidir o rei a ir incognito visitar Mathilde.

Recebera a condessa aviso n'aquella manhã, e por isso a vimos, no principio d'este capitulo, tão attenta ao rumor das carruagens na calçada das ruas.

Agora facilmente adivinharão os nossos leitores o effeito que n'ella produziriam a appareição do conde de Malvar, a resolução de Mathilde e a chegada do rei.

Este triplice acontecimento era, por assim dizer, um laço que lhe opprimia a garganta.

José Napoleão entrou vestido de negro, envolto em longo sobretudo forrado de seda, chapeo de copa alta, e sem nenhuma insignia, que denunciasse a sua elevada gerarchia.

—Senhora, disse inclinando-se, creio ter a honra de saudar a condessa de Segalvo.

—Sou uma humilde serva de Vossa Magestade.

José I franziu um pouco as sobrancelhas, e olhou para o cavalheiro que o acompanhava.

Este aproximou-se ao ouvido da condessa, e disse-lhe algumas palavras em segredo.

—Ah! perdoae... o senhor marquez pode sentar-se e dispor d'esta sua casa, proseguiu a velha inclinando-se.

O rei queria passar ali por um simples marquez.

Sentou-se o irmão de Napoleão, quasi defronte do lugar onde se achava Mathilde. Desde logo se fixaram os seus olhos na joven.

O conde de Malvar, immovel, observava toda a scena do sitio que occupava, e comprehendia a turbulencia agitada que impressionava aquelles corações.

—Senhora, disse José I, depois de por um instante ter olhado para o ancião, este cavalheiro deve ser um vosso intimo amigo?

—Sim, senhor, respondeu a condessa, occultando com um sorriso o terror que lhe causava a reconvenção do rei.

—E esta menina?

—E' minha filha.

Mathilde inclinou-se tremendo, sentindo sobre si o peso do olhar de José.

Este, por sua parte, tratou de contemplar em silencio a resplandecente formosura da donzella. Ao principio pareceu indifferente; mas depois, uma pallidez excessiva lhe cobriu as faces, a belleza de Mathilde não só o tinha surpreendido, mas tinha-lhe ferido o coração tão profundamente que por alguns momentos julgou que ia perder a reserva e a prudencia, que o seu character requeria.

A ferida era mortal: aquella pallidez era precursora da paixão que lhe começava a nascer no seio.

O conde de Malvar sorria.

—Tendes uma filha adoravel, disse o rei por ultimo, dirigindo-se á condessa: espero que d'hoje em diante esse formoso astro brilhará nos principaes salões de Madrid.

Estas palavras equivaliam uma ordem.

—Minha filha, senhor, gosta do retiro, respondeu a condessa.

—Ella se afeiçoará ao esplendor da elevada sociedade, a que é chamada. Por fortuna prepararam-se uns festejos no palacio, e seria uma falta imperdoavel não assistir a elles vossa filha: prometto-vos bilhetes de convite.

A condessa inclinou-se, e o rei tornou a fitar os olhos em Mathilde. Mas n'este momento o conde de Malvar não achou inconveniente dizer:

—Devo confessar-vos uma cousa, cavalheiro.

José I voltou a cabeça com orgulho: a pesar de se valer do incognito, não cria que fosse desconhecido, a ponto de um estranho lhe dirigir a palavra com tanta liberdade.

Olhou para o conde com insolencia, e a condessa principiou a tremer.

—Dirigieis-vos a mim? disse José Napoleão, medindo-o dos pés á cabeça.

—Tive essa honra, respondeu o ancião com tão perfeito sangue-frio, que obrigou o rei a occultar a sua colera, para não se ver humilhado n'esta occasião.

—Bem; que desejaes? perguntou, tomando o partido de se não dar a conhecer.

—Queria fazer uma observação.

—Fazei-a.

—Tive o prazer de ouvir-vos offerecer bilhetes para uma festividade, que deverá ter logar no palacio.

—Pretendeis algum?

—Teria uma duzia se os precisasse, respondeu o conde com indifferença.

O rei mordeu os labios de despeito.

—Então, não vos comprehendí, disse elle tornando a olhar.

—Effectivamente. Queria dizer que parte d'esses bilhetes é inutil.

—Porque?

E ao mesmo tempo o rei devorava em silencio o furor que o possuia. Todos olhavam o conde com espanto.

Este, sem perder a paz de espirito, respondeu:

—Porque esta menina,—e apontou para Mathilde—não poderá concorrer a essa brilhante reunião.

José I olhou para a condessa, e notou que estava aterrada.

—Oh! é estranho o que me dizeis, cavalheiro, murmurou surdamente.

—Esta joven, respondeu o conde de Malvar inclinando-se, sae de Madrid dentro de algumas horas.

—Sae de Madrid! exclamou o rei intruso, sentindo que esta noticia lhe fazia profunda sensação.

—Já tive a honra de vol-o dizer, disse seccamente o ancião.

José I fitou a condessa, que, suffocada pela colera, e confundida pela temeridade de Malvar, não sabia que fazer.

A situação estava, por assim dizer, pendente de um fio, para produzir uma catastrophe.

O rei assim o percebeu: viu que a sua dignidade estava altamente compromettida, e por isso levantou-se.

—Sinto, senhora, disse ao despedir-se, que vossa filha não possa abrilhantar com a sua presença as festas que vos hei annunciado: e com respeito a este cavalheiro, que tanto interesse manifesta por esta menina, fazei-lhe entender que ha desejos que podem ser ordens, quando se oppõem a elles vontades albeias.

José Napoleão, sem esperar resposta, saudou com áltivo porte, e saiu d'ali com uma ferida no coração, e a vermelhidão no rosto.

—Repito-vos as ultimas palavras do rei, exclamou o conde de Malvar, offerecendo de novo o braço a Mathilde. *Ha desejos que podem ser ordens.* Os meus limitam-se a dizer-vos, que não torneis a comprometter a honra d'esta donzella; porque então, quem sabe se se levantará algum cadaver da sepultura, para oppor-se á vossa vontade?

CAPITULO XIX

DOIS CORAÇÕES CASTELHANOS

Alguns dias depois das scenas que acabamos de descrever, o conde de Malvar, ou o padre Roberto, foi avisado de que o barão de San Yuste e sua familia se achavam nas immedições de Madrid, n'uma casa de campo, situada entre Fuencarral e Alcobendas.

O conde tinha arrendado esta solitaria granja, escondida n'um pittoresco valle, se pittorescos se podem chamar os valles que circumdam Madrid, com o fim de que o seu amigo podesse viver no meio de sua familia, sem temer a espionagem da capital, e tambem movido por motivos, que não é facil comprehender agora.

Correu o bom religioso aos braços do seu melhor amigo: apertou-o ao coração com o affecto de um verdadeiro pae: felicitou sua esposa: encantou-o a candura e pureza de Gabriela; e riu-se com os bons ditos de Tula, que se tinha encarregado do papel de caracteristica d'esta familia errante.

Depois de se instruir das vicissitudes soffridas: depois de saber o arrojo de Anselmo, a quem deviam a salvação; os perigos que tinham corrido a través das montanhas: as immensas perdas, occasionadas pela confiscação dos bens, e outras mil circumstancias, todas dolorosas e interessantes: o padre Roberto encontrou palavras com que tranquillisar aquella familia, tão pouco favorecida da sorte.

No fim de tantos revezes, principiava ella a viver a vida tranquilla em contacto com a natureza, que lhes fez lembrar os apraziveis dias que passaram no castello de San Yuste.

A granja estava situada á entrada de um pequeno bosque de castanheiros, á maneira d'essas cabanas de nipa que se descobrem nas relvas seculares das Carolinas, quasi occultas pela sombra de frondosas arvores. Um arroiosinho serpenteava por entre o verde musgo, indo verter as suas cristallinas aguas n'um tanque rodeado de espadanas. Um pouco mais longe viam-se algumas sementeiras e alguns grupos de arvores, cujos ramos seccos se alongavam, á maneira dos inertes braços de um esqueleto.

Por sobre as longas curvas que traçavam os serros visinhos, assomava aqui a aguda flecha de alguma torre de parochia, ali a amarellenta chaminé de alguma choupana lançando tortuosas columnas de fumo.

Cerrava o horisonte pelo norte o extenso Guadarrama, cujas elevadas cristas, cobertas de neve, brilhavam como prata aos raios de um sol de inverno; e pelo sul um denso vapor que não era senão a respiração que exhalava Madrid, bem semelhante a esses monstros que arrojam fogo pelos narizes e pela bocca.

Tal era o valle onde se achava a familia do barão de San Yuste.

A granja era de um só andar.

As casas estavam perfeitamente combinadas. Havia espa-

cosos quartos de dormir, sala de visitas, gabinete de leitura, e outros repartimentos tão uteis como acertadamente construídos.

Bonitas rotulas pintadas de verde, com gelosias da mesma côr, davam luz a esta linda mansão.

Por um gosto original e caprichoso, o adorno da granja era de uma belleza rustica, onde a arte tinha imitado a natureza. Esta côr local, esta propriedade graphica, permitia-se-nos a expressão, dava duplo realce á granja.

Poucos dias bastaram para que o barão recuperasse a sua tranquillidade n'aquelle feliz retiro, e para que sua familia vivesse contente e satisfeita.

O conde de Malvar esperou esta occasião, e depois de manifestar a mais viva alegria, olhou o barão como se esperasse d'elle uma resolução extraordinaria.

Trocaram algumas palavras, e ajustaram uma entrevista secreta para a noite immediata.

Esta entrevista tinha de realizar-se na granja á meia noite, hora a que todas as pessoas da familia estariam dormindo.

Nenhum dos dois faltou a comparecer no ponto combinado.

O padre Roberto, vestido de camponez, pois este homem singular accomodava-se a todos os trajes, chegou á granja á hora convencionada.

O barão esperava-o junto de uma porta falsa, e ambos entraram n'uma casa, afastada do edificio.

Os dois amigos sentaram-se junto de uma meza, á pallida luz de uma lamparina.

Ambos pareciam abatidos e perturbados, se bem que o padre Roberto, ou mais socegado, ou mais senhor de si, occultava a vaga inquietação, que, talvez pela primeira vez, lhe brilhava no olhar.

—Chegou o momento, disse por ultimo o beneditino,

de se reunirem os nossos esforços para dar execução a um pensamento elevado, patriótico e poderoso. As nossas sociedades secretas resolveram fazer-nos instrumentos da grande idea, que tem por fim destruir a escravidão que nos opprime e segundo as ordens recebidas, devemos principiar immediatamente.

—Eu cria, respondeu o barão, que á minha chegada a esta granja me guardavam novos trabalhos. Aqui estou prompto. Tendo feito abnegação da minha vida, para contribuir para o aniquilamento d'essa aborrecida dominação, estou preparado para correr todos os perigos; para lutar com as armas intellectuaes e materiaes: para morrer finalmente, se não podermos vencer.

—Sempre assim tendes sido, meu amigo, respondeu o ancião com gravidade.

—Bem: saibamos de que se trata, perguntou o barão. O religioso abaixou a voz e disse:

—Dentro em dois dias devemos partir para França.

—Para França!

—Taes são as ordens recebidas, meu amigo. A poderosa acção, empregada pelos nossos irmãos, faz-se sentir em toda a parte. Longe de diminuir o enthusiasmo, augmenta: começa-se a sentir nos povos a falta de comestiveis: e, a pezar da fome que nos ameaça, novos soldados correm a defender a patria: um fogo subterraneo se propaga por toda a Peninsula, e o estrangeiro apenas tem o palmo de terra que pisa. Já não bastam trezentos mil francezes. O tyranno retira os seus batalhões do Vistula e do Danubio, para afogar-nos com expensas massas de infantaria e cavallaria. Em toda a parte onde existe um convento, ali está o foco do volcão que abraza milhões de inimigos: onde um irmão da nossa poderosa sociedade exerce a sua influencia, ali renascem as façanhas de Viriato.

—Logo jnlgaes que havemos de triumphar?

—O paiz que lutou oitocentos annos com incrível tenacidade, para expulsar os mouros da Hespanha, lutará agora com mais energia, para quebrar as cadeias com que pretendem algemal-o.

—Creio-vos; essa é a minha convicção, exclamou San Yuste.

—Então escutae-me. A empresa, que se acha confiada á nossa sagacidade e prudencia, é de tão grande importancia, que ella só por si pode terminar a guerra no espaço de um anno.

—Tende a bondade de communicar-m'a, disse o barão.

—E' salvar Fernando VII da escravidão em que jaz.

O barão abriu os olhos com espanto.

—Salvar o rei! exclamou, como se o atherrasse a magnitude do pensamento.

—Sim.

—Conde, calculastes bem a incommensuravel grandeza de tal projecto?

—Tudo está calculado com admiravel precissão: nada falta para o exito favoravel. Não cuideis, amigo, que a nossa obra seja unicamente uma empresa nacional, é tambem européa. O mundo inteiro tem os olhos fitos em nós. Caning disse: *se se frustrar em Hespanha o projecto de Napoleão, a sua queda é certa*. Minemos, pois, o pedestal do colosso. Um grão de areia pode fazer voltar o carro triumphal do conquistador.

Havia tanta energia n'estas palavras; brilhava nos olhos do ancião tão vivo fogo, que o barão de San Yuste comprehendeu que um grande plano occupava a infatigavel imaginação do conde de Malvar.

Isto o obrigou a escutar com mais confiança.

—Eu nada mais posso fazer, disse, senão augmentar as

minhas forças, fazer novos sacrificios, expor a minha pessoa e os meus interesses, isto é, vida e fortuna.

—E' essa a prova mais genuina do vosso elevado modo de pensar. Agora ouvi-me.

—Escuto-vos.

O beneditino proseguiu.

—Unidos a todos os inimigos de Napoleão, formamos em Hespanha uma associação immensa, que com infatigavel constancia mina e cava os alicerces d'esse throno imperial, nascido do sangue de uma revolução. Não ha pontó na Europa, onde agentes nossos não fermentem o germen do odio. A Inglaterra envia-nos dinheiro; estamos alliados com o governo britannico, com o *Tugendbund* prussiano e com o *Burchenschaft* allemão. Mil bandeiras se agitam nas trevas, prestes a tremular á luz brilhante do sol da liberdade: movem-se todas as molas; experimentam-se todos os recursos; admittem-se todos os esforços, quer o da formiga, conduzindo a tenue palha, quer o do leão, afiando as garras para despedaçar. Adoptam-se todos os meios para vencer, desde o punhal até á lança. Quando uma causa é justa, Deus permite que um novo David maneje a funda para esmagar a cabeça de Goliát.

—Eu sei a crescente actividade que desenvolvem as sociedades secretas filiadas aos nossos principios, respondeu o barão; porém nunca acreditei que estivessem trabalhando com tão poderosa influencia.

—E' uma grande colmeia, onde os obreiros não cessam de construir. Só em algumas associações, taes como as allemãs, principia a dominar um espirito demasiadamente livre, que com o tempo produzirá novas tendencias; comtudo, cada nação, cada provincia, cada povo, cada individuo luta contra esses Titães que intentam escalar o ceo. Em Hespanha principalmente, segundo a expressão de lord Canning, «O exercito francez poderá subjugar uma provincia, e após esta, outra;

mas não lhe é possível conservar nenhuma conquista, porque o conquistador sómente domina os pontos militares que occupa, e a sua auctoridade está limitada ás fortalezas ou aos cantões que guarnece; na vanguarda, nos flancos, na retaguarda não encontra senão obstinado descontentamento, vingança premeditada, resistencia indomavel, odio mortal. Se Hespanha soffre, em troca, esta guerra custa á França mais do que lhe teem custado as anteriores contra o resto da Europa». Outro inglez, Sheridan, tambem disse: «Bonaparte tem percorrido até hoje uma estrada de triumphos, porque ainda não teve de haver-se senão com principes sem dignidade, ministros sem prudencia, e paizes em que o povo não se interessava pela superioridade de seus governos. Agora aprenderá o que é uma nação animada do espirito de resistencia». Vêde pois o quadro que o nosso paiz offerece á vista da Europa em espectativa: só falta salvarmos o rei.

As enthusiasticas expressões do beneditino fizeram bater o coração ardente e feroso do barão.

—Estou disposto a tudo. Quando havemos de partir?

—Amanhã: os agentes, que temos nas proprias secretarias do governo, nos facilitarão os passaportes, e uma carruagem de posta nos conduzirá á fronteira. Vossa familia ficará entretanto n'esta mesma casa, protegida por amigos invisiveis.

—E havemos nós unicamente emprender o difficil commettimento que me annunciaes?

—Com tres homens mais.

—Onde estão?

—Em Vitorio.

—Sabe o rei o que se projecta?

—Sim, sabe: Napoleão quer fazer do nosso monarcha um sybarita ou um Sardanapalo, para desvanecer-lhe da imaginação as affrontas que tem recebido, e a corôa que lhe arrebatou. Encerrou-o no castello de Valencey, pertencente a Talley-

rand, a quem escreveu recommendando-lhe que não lhe falte roupa branca, *nem utencilios de cosinha, que lhe apresente varias senhoras, e procure relational-o com alguma*. Esta carta será a baze dos nossos projectos. Feriremos com as mesmas armas, com que intentam ferir-nos. Bem vêdes o que se trata de fazer do nosso rei: um d'esses principes turcos, que entorpecem as faculdades physicas e moraes por meio da sensualidade.

—Isso é horrivel, exclamou o barão.

—Logo que se conheceu este systema tão cheio de degradação, pensou-se na maneira de arrancar o principe da prisão. A fortuna nos é propicia. Toda a Europa estremece ante os vapores de sangue que a Hespanha exhala. Dumouriez, esse general da republica, escreveu um manual sobre a tactica de guerrilha; e a Allemanha, ao mesmo tempo que projecta uma insurreição geral igual á nossa, declara a guerra n'esta occasião.

—Que dizeis?

—A verdade, respondeu Malvar. Já sabeis que Napoleão saiu de Galliza a bater os inglezes?

—Sim.

—Pois antes de os avistar teve de abandonar o exercito, e marchar para as margens do Rheno. Aqui tendes o genio acochado por todas as partes. Debalde o governo luta, e se torna execravel pelas medidas que adopta. Por cada hespanhol morto, morrerão dez francezes: pouco importa que cheguem até á barbarie, mandando tirar um olho ao cavallo que não necessitam para preencher os seus dizimados esquadões. O que ha pouco disse a seus soldados: *Levemos nossas aguias triumphantes até ás columnas de Hercules, onde temos de vingar ultrages*, afasta-se de nós. Eis a occasião opportuna.

—Voemos, pois, respondeu o barão entusiasmado.

—Só resta pômo-nos de acordo, proseguia o ancião, cuja

prodigiosa actividade crescia com o ardor que lhe fervia no peito. Determinada para amanhã a hora da partida, nem o barão nem eu podemos ir d'este modo, que sempre se torna suspeito em França. E' necessario que transformemos a physionomia, a linguagem, o vestuario e o nome.

—Acceito esse pensamento.

—N'esse caso, creio que vos assenta perfeitamente o traje de um abbadé francez.

—E vós?

—Eu posso passar por um honrado marinheiro ou contramestre da goleta *Arcadia*, que naufragou com a maior parte da tripulação nas ilhas Thormigos, diante do cabo de Palos.

—Perfeitamente.

—Os documentos serão despachados em toda a regra. Chamar-vos-heis mr. Bignon.

—E vós?

—Juan Thibaud.

—Estamos conformes.

—Eu vos irei instruindo das medidas e projectos, que é mister adoptar. Isto depende exclusivamente de nós, porque o mais pequeno deseuído, a mais leve imprudencia, pode custar nos a vida.

—Deixo á vossa experiencia e talento este delicado assumpto. Saberei sómente obedecer, e favorecer cegamente essas determinações.

—Sob este ponto de vista, não é justo que eu me arrogue faculdades, que me não competem. Perfeitamente unidos, venceremos ou morreremos: eis a minha divisa.

—E a minha também, respondeu o barão, dominado pelo prestigio d'estas palavras.

—Agora devo dizer quem são os unicos companheiros que encontraremos em Vitoria, para nos coadjuvarem.

—Quem são?

—Dom Carlos de Montalban.

—Oh! Dom Carlos! meu segundo filho!

—Já sabieis que se achava no exercito do general Cuesta?

—Com effeito, já sabia.

—Que ali tambem se encontra o valente Anselmo?

—E' tambem da expedição?

—Sim. O outro é meu filho adoptivo.

—Genaro?

—Tem-se feito um esforçado mancebo, capaz das mais arriscadas empresas. Não quiz mais gente.

—Fizestes uma escolha admiravel.

—Quero almas que me comprehendam, espiritos que me adivinhem os pensamentos, seres que saibam desprezar a vida, corações que não temam nem a morte nem o tyranno. Procurando pessoas vulgares, d'essas que nada comprehendem, o nosso emprehendimento desmoronar-se-ia. Dae-me uma abnegação suprema, e dar-vos-hei um feliz exito em tudo.

—Admiro-vos, meu amigo, disse o barão ao ouvir aquelle incansavel velho, cuja cabeça parecia circumdada de luminosos raios, quando se lhe exaltava o coração.

—Ah! Se eu tivesse vinte annos menos! Mas não: é necessario que se cumpram os decretos do Creador; todavia tenho aqui, dentro no peito, uma cousa estranha que me faz remoeçar, certos atomos de luz que me cruzam a cabeça e dão uma poderosa lucidez a todas as minhas ideias. Eu quizera centuplicar esta energia, dar vigor aos musculos, elasticidade á vontade, força aos membros, robustez ao talento; mas isto são os derradeiros clarões de uma luz que cedo se apagará.

—Não, meu amigo. Sois forte, energico, activo. Reunis as qualidades mais brilhantes para dominar todas as situações. Representante das nossas antigas raças, sois o genio que caes em meio das trevas a sepultura d'essas arrogantes aguias,

que veem quebrar o somno do leão castelhano. Apreciando como devo o que sois e o que valeis, resta dizer-vos: partamos.

O conde de Malvar desprendeu triumphante sorriso, e repetiu:

—Sim, vamos a salvar o rei.

Os dois amigos apertaram-se as mãos; e não tendo mais que dispor, o barão disse:

—Até amanhã, meu amigo: Deus proteja os nossos projectos.

—Esta obra é santa: o ceo protege tudo que é justo e nobre, respondeu Malvar, apontando para a limpidez do firmamento, semeado de estrellas.

CAPITULO XX

PRIMEIRA NOITE DE JORNADA

Na tarde do dia seguinte á entrevista que descrevemos, via-se n'um dos angulos da *Casa de Postas*, contigua ao magnifico edificio de *Correos*, um coche de jornada, prompto a partir puchado por quatro cavallos que estremeciam ao estado do chicote do postilhão.

O conductor esperava que chegassem os viajantes, e ao mesmo tempo accommodava na trazeira da carruagem alguns cofres e malas.

Davam quatro horas no relógio de *Buen Suceso*.

O ceo estava coberto de densas nuvens: alguns flocos de neve voavam pelo espaço á maneira de grandes mosquitos; as ruas estavam quasi desertas; o transeunte que cruzava a *Puerta del Sol* caminhava envolto em longa capa, sem parar um instante; as mulheres corriam para casa e as sentinellas tiritavam sob a impressão do vento e da visinhança da noite.

Approximava-se ella com celeridade, pela negrura das nuvens que encobriam o firmamento.

As quatro e meia apresentou-se um passageiro.

Era um abbade, embrulhado em sobretudo negro, pescocinho de volta branca, e com seu breviario debaixo do braço.

Occultava-lhe parte do rosto um chapeo angular, moi semelhante aos que usam os sacerdotes italianos; e notava-se n'elle uma timidez natural e ascetica, que o fazia parecer muito mais humilde.

O abbade approximou-se do conductor, e disse-lhe chamar-se mr. Bignon.

Puxou o empregado por um caderno, examinou os signaes que n'elle se achavam apontados, para ver se estavam em completa analogia com os do individuo que se apresentava, e concluida esta operação, de muita importancia por certo, porque a maior parte dos conductores, fiscaes e demais pessoas empregadas nas postas, pertenciam á policia franceza, pediu o passaporte.

Mr. Bignon entregou-o logo, fazendo uma reverencia ao empregado tão observador de seu dever.

O passaporte foi sujeito ao mais escrupuloso exame, até que, satisfeito d'esta ultima analyse, o homem fez signal ao abbade de que podia tomar assento no interior da carruagem.

O abbade, antes de subir, quiz informar-se da collocação da bagagem que consistia sómente em um pequeno cofre. Viu que estava bem acondicionado, e entrou no coche.

Pouco tempo depois, appareceu um segundo viajante.

Trazia chapeo de palha, cinta preta, barba crescida; e vinha coberto com um largo albornoz, muito igual aos que usam os marinheiros em noite de temporal. O resto do vestuario era simples e vistoso. Trazia no pescoço uma manta de estambre, listrada de brilhantes côres. Vestia jaleco côr de chumbo e calça de fazenda igual.

Este, longe de affectar a modestia do abbade, chegou-se ao conductor e deu-lhe uma pancada no hombro.

—Estamos promptos? bradou elle em gíria mui semelhante ao *patois* que se falla nas proximidades de Oleron.

O conductor levantou a cabeça e olhou para o brusco interrogante.

—Diabo! exclamou. Que quer dizer com isso?

—Que se não partimos... Vão bater as cinco não tarda.

—Ah! é passageiro?

—Justamente.

—Então, isso é outro caso, respondeu o conductor tirando o livrete. O seu nome?

—Como me chamo? Estranha pergunta é essa! Não o tem escripto no livro?

—Assim deve ser.

—Então, é desnecessaria a interogação.

—Devo advertir-lhe que são estas as ordens.

O passageiro, ao ouvir esta palavra, deixou apparecer no seu semblante viva expressão de surpresa.

—Ah! diz que assim mandam as ordens?

—Sim, senhor.

—Então, aqui me tem á sua disposição. O que quer?

—Saber-lhe o nome.

—Juan Thibaud, contramestre da goleta imperial *Arcadia*.

—Cá está.

O conductor observou o livro com attenção, confrontando os signaes.

—Estamos correntes? perguntou o contramestre,

—Ainda falta alguma cousa.

—O que falta?

—O passaporte.

O marinheiro puxou uma carteira atada com uma fita, abriu-a, e tirou d'ella um papel.

Estava passado em regra, e o exigente conductor ficou satisfeito.

—Podeis entrar na carruagem, disse elle, devolvendo o passaporte.

—Quem ha dentro?

—Um abbade, um clerigo.

—Safa! mau negocio temos. Falta alguem mais?

—Sim, um terceiro viajante.

O contramestre não fez movimento algum de desgosto

—Quem é? perguntou com indifferença.

—Não sei.

O curioso passageiro convenceu-se de que não tinha direito para fazer mais perguntas, e subiu para a carruagem.

Apenas se tinha accommodado da melhor maneira possível, ouviu chamar o conductor. Quem fallava tinha voz de mulher.

Deitou a cabeça por uma das portinholas, e viu que era uma dama, acompanhada por meia duzia de cavalheiros e outros tantos criados, a pessoa que fallava ao inexoravel cocheiro.

—Senhora, vosso nome?" dizia este; não podeis entrar, sem que estejaes identificada com as notas recebidas da policia; do contrario sereis julgada suspeita.

—Esta senhora não tem necessidade de dizer o seu nome, respondeu um dos cavalheiros que a acompanhavam.

—Então porque não? N'esse caso não a admitto.

—Tem ordens especiaes, instou o cavalheiro, que a isentam d'essa fastidiosa averiguação.

—Não obsta.

—Mas...

—Aqui não ha *mas* que valha. O nome?

O cavalheiro comprehendeu que não devia entrar em questão com aquelle inflexivel bipede, e resignou-se.

—Deixae-o, Cabarrus, disse a dama. Chamo-me a condessa de Segalvo.

O contramestre estirou o pescoço mais de um terço, para ver e ouvir melhor.

O abbade persignou-se e começou a rezar.

O nome de Cabarrus era então muito conhecido em Madrid; e por isso o conductor se mostrou menos idomito.

Sabia que o ministro da fazenda se chamava Cabarrus.

Esta circumstancia obrigou-o a usar da galanteria de não pedir passaporte, e a condessa entrou na carruagem de posta.

A noite estava tão adiantada, que mal distinguui os dois companheiros de viagem, que a casualidade lhe proporcionava.

O conductor preparou-se para subir ao tombadilho, e o postilhão tratou de montar n'um dos cavallos.

A condessa assomou-se ao postigo para dizer adeus aos seus amigos.

Cabarrus approximou-se mais que os outros, e entabou o seguinte dialogo com a nossa conhecida condessa.

—Logo que chegardes a Paris, visitae madame Tallieu, disse elle, é uma mulher de talento.

—E' vossa filha, querido conde, replicou a condessa.

—Obrigado. Possuis a arte da lisonja, e dos delicados complementos.

—Julgaes que Napoleão está em Paris? perguntou a condessa.

—Sim; não deve ter saído para a guerra da quarta colligação.

—Então tende confiança na missão de que me haveis encarregado.

—Compreheideis a immensa importancia. Minha filha vos dará excellentes conselhos.

—Mas a vossa filha não falla com o imperador?

—Não importa: ella vos proporcionará meios de serdes recebida n'um momento. Pintae-lhe a nossa situação.

—Com as mais sinistras cores?

—Com as mais horriveis. Dizei-lhe que não se teme a guerra.

—Bem.

—Porém que temos sobre nós um mal muito peor.

—A fome?

—Sim; a fome: repetiu Cabarrus. Se o imperador toma interesse por Hespanha, que nos envie recursos. O seu immenso engenho achará remedio para tudo.

A condessa respondeu que cumpriria fielmente a missão.

—Resta fazer-vos outra prevenção, disse o conde de Cabarrus a meia voz.

—Dizei.

—Dentro em seis dias deveis estar em Paris.

—Sei.

—Dois dias depois voltareis a Hespanha.

—Assim farei.

—No regresso detende-vos em Chateauroux, cidade que encontrareis para cá de Tours.

—Por muito tempo?

—O mais possivel.

—E que hei de fazer?

—Ao pé de Chateauroux está Valencey.

—Ah!

—O governo tem noticias de que ha conspiradores, que tentam salvar Fernando VII da prisão.

—Sim?

—Calculae as graves complicações que haveria se tal succedesse.

—E' certo. Mas n'esse caso que devo fazer?

—Uma vez em Chateauroux, dirigi-vos a Valencey. Observae, e dae-me parte.

—Comprehendo-vos.

Ao pronunciar estas palavras soaram as cinco horas.

Era a hora da partida.

Estalou o azorrague do postilhão, retumbaram as asperas interjeições do conductor, as rodas resoaram na calçada, e a diligencia partiu a galope pela estrada de França.

Ainda que não ha muitos annos que occorreram os successos que vamos narrando, ha tanta differença do Madrid de então para o Madrid de agora, que seria preciso fazer uma prolixa discripção das suas ruas principaes, para se conhecer a brilhante metamorphose, que se tem verificado.

As lojas eram então escuros portaes alumiados por candeias; as casas eram de mesquinha apparencia, e o luxo municipal não era conhecido.

Assim, pouco ou nada tiveram que observar os nossos viajantes. Trataram sómente de arranjar-se o mais commodamente possivel, guardando aquellas conveniencias a que uma senhora tem direito quando viaja na companhia de cavalheiros.

O contramestre da *Arcadia* foi o primeiro que, em uma giria difficil, se não impossivel de entender, se dirigiu á condessa, offerecendo-lhe tudo quanto podia prestar-lhe n'aquelle logar.

O abbafe mr. Bignon, para não parecer descortez, fez outro tanto, se bem que com certo egoismo, que não escapou á penetração dos seus companheiros.

D'esta sorte se acharam na estrada de França.

Já era noite.

Soprava o vento lugubrememente, e o ceo continuava envolto em negras e densas nuvens: o frio era intenso, e só o

escasso raio de luz, que a lanterna da carruagem despedia, se lobrigava a través da escuridão que os cercava.

A condessa tiritava; o contramestre, que o notou, deitou-lhe o seu albornoz sobre os hombros.

—Agradeço-vos, cavalheiro, disse esta mulher acceitando o obsequio. Faz um frio cruel.

—E' verdade, respondeu o contramestre.

A condessa de Segalvo teria arriscado alguma cousa por conhecer o seu companheiro, ou melhor, por lhe observar a cara.

Como isto n'aquella occasião era impossivel, aventurou-se a perguntar:

—Pelo que me denota a accentuação da pronuncia, parece-me que sois francez.

—Sim, minha senhora.

—Hoje, por fortuna, toda a Europa é franceza, repetiu ella com satisfação.

—Ah! sim.

O abbade Bignon, que parecia muito alheio á conversação, deixou ouvir um murmurio, que não poudo bem qualificar-se de tédio, de somno ou de devoção.

—E ides a Paris? perguntou a condessa.

—Não, senhora. Fico em Oléron, respondeu o contramestre. D'ali passarei a Bayonna, e apresentar-me-hei ao chefe da repartição de marinha, de quem dependo.

—Ah! sois marinheiro?

—Contramestre da real e imperial armada de França.

A condessa alegrou-se ao ouvir esta noticia.

Não era, comtudo, facil continuar a conversação sem parecer indiscreta. Mas como ella era d'essas mulheres que dormem pouco, e além d'isso o frio intenso, que fazia, se ia tornando, cada vez mais era necessario, *passar o tempo*, com se diz em Hespanha.

Dirigiu-se, pois, d'esta vez ao silencioso abbade.

—Se não dormis, cavalheiro, disse ella, podeis collocar-vos mais commodamente.

—Oh! obrigado, murmurou o abbade inclinando-se; vou perfeitamente.

—Pelo tom conhece-se que sois tambem francez.

—Sim, minha senhora.

—De que ponto sois? perguntou a condessa, que era entusiasta por tudo quanto era transpyrenaico.

—De Chateauroux.

O marinheiro começou a cantarolar um dos hymnos populares de França.

—Do meio-dia da França? perguntou a condessa.

—Exactamente.

—Perto de Valencey?

—Não está longe, respondeu o abbade com modo distraído.

—Em Valencey estão fitos os olhos dos hespanhoes, que ainda sonham com reis propriamente seus, disse a condessa, procurando ler na alma do abbade.

—Delirios! exclamou o contramestre.

—Não conhecem ainda os hespanhoes, que só o governo paternal de José I pode tornal-os temidos e felizes? perguntou o abbade com candido accento.

—E' para que se veja a obstinação d'esta população! disse a condessa.

—Mas, esses pensamentos serão talvez da baixa plebe, murmurou o abbade.

—Quem sabe! disse involuntariamente a condessa.

O contramestre e o abbade cruzaram a través das trevas um olhar, que se não foi visto, foi comprehendido; e ficaram silenciosos, abysmados nas suas reflexões.

—Todos hoje veneram Napoleão, disse a condessa, como se respondera ao proprio pensamento.

—E quem não ha de venerar o homem do seculo? exclamou o abbade.

—Como bem se conhece que sois francez! disse a condessa sorrindo-se: o nome de Napoleão basta para exaltar-vos.

—E' certo, accrescentou o contramestre.

A condessa achava-se perfeitamente tranquillizada, com respeito aos seus companheiros de viagem.

Occupou-a então o exito da empreza, que tinha de realisar; e a ideia de ver-se demorada por qualquer contratempo durante a viagem, a fez tremer. Para recobrar sangue-frio, dirigiu-se ao conductor.

—Julga que faremos a jornada sem novidade? perguntou.

—Creio que sim, replicou o interrogado.

—O corpo de exercito do general Cuesta opéra em Castella a Velha.

—Sim, é verdade; mas Ney, o valente dos valentes, hade dar-lhe que fazer.

—Logo, o caminho está desembaraçado.

—Parece que sim.

A condessa acabou de tranquillisar-se.

Approximavam-se de Buitrago.

Estavam os campos cobertos de neve. Ao fundo desceobriam-se as velhas e feudaes muralhas da villa e mais longe os selvaticos cimos de Somosierra. A atmosfera pesada e nevoenta.

Pouco a pouco se foram approximando da povoação.

Apresentava ella, como a maior parte das povoações de Castella a Velha, um aspecto triste e de abandono, como um classico monumento de outras eras, ou esquecido vestigio historico.

O Lozoya, cristalino rio que vem serpeando por entre desfiladeiros desde as proximidades do Paular, banha-a com as suas aguas. Não era porém occasião propria para admirar estas bellezas: a sege de posta entrava em Buitrago, sem que os viajantes tivessem o incommodo de deitar a cabeça de fora, sequer por consideração, para saudar as soberbas reliquias da antiga *Litrabune*.

Parou a carruagem n'uma espaçosa estalagem que tinha o brilhante titulo *del Sol*: O dono d'este acreditado estabelecimento era um excellente cosinheiro, que sempre satisfazia o appetite dos passageiros, e reunia tambem o pomposo titulo de mestre de postas.

Logo que a carruagem parou, os viajantes comprehendiram que tinham meia hora de descanso na estalagem *del Sol*.

O contramestre abriu os olhos, como se lhe tocasse fazer quarto a bordo da perdida *Arcadia*, e viu os companheiros em movimento.

—Onde estamos? perguntou bocejando admiravelmente.

—No porto, respondeu a condessa com lisongeiro sorriso.

—Visto isso, abaixo o traquete e a mezena, e dêmos fundo.

Este gracejo foi acolhido pela condessa com agrado.

Momentos depois entraram na estalagem, e logo appareceu o estalajadeiro, de barrete na mão; fez tres ou quatro medidas, e dirigiu aos recém-chegados estas hospitaleiras palavras:

—Acabaes, senhores, de tomar posse da estalagem *del Sol*, o estabelecimento mais celebre e economico das duas Castellas. Já podeis passar á casa de jantar, onde ha uma chaminé que vos espera, lançando resplandecente labareda. Ao pé d'essa chaminé collocar-se-ha uma mesa, e n'ella comereis quanto appetecerdes. Podeis contar, como introdução, com um prato de sopas d'ovos; depois, apresentar-vos-hei perdizes,

carne de cabrito montez, lombo de javali e trutas do Lozoyo; por sobre-mesa tereis o queijo pyramidal de Villalon e as substanciaes bolachinhas de Segovia. Esta refeição é capaz de confortar o delicado estomago de um prior, e até de fortalecer o do mais escrupuloso bispo. Espero, pois, que me honreis, acceitando o convite.

Este discurso emphatico e empolado produziu nos tres passageiros um effeito admiravel.

Ignoramos se o estalajadeiro tinha sido estudante nos bons tempos da sua mocidade, e por isso lhe fora facil engendrar este bello trecho de eloquencia bucolica; mas o que podemos affirmar é que a logica, se não movia o coração, convencia o estomago, e isso era bastante.

Os tres viajantes sentiram-se attrahidos pela casa de jantar, e dominados pelas persuasivas phrases do bom estalajadeiro.

CAPITULO XXI

UM CORREIO IMPORTANTE

O hospedeiro tinha dito a verdade.

O fogo crepitava alegremente: dois rapazes punham a mesa: a habitação era commoda e asseada, as toalhas brancas como a neve, o vinho puro e transparente como oriundo de Arganda, o pão fino, e alvo, o dono da casa servçal e attencioso.

Tirou elle ao abbade o redingote, ao marinheiro o albornoz, á condessa um bem tecido chale de abafar que a cobria, e finalmente assoprou o lume para dar calor e elasticidade aos entumecidos corpos dos seus hospedes.

Quando se sentaram á roda do lar, olharam pela primeira vez um para o outro o contramestre e o abbade.

Aquelle olhar podia passar por indifferente para quem o tivesse observado, mas não para elles, que muito bem sabiam quanto queria dizer.

Succedia isto em quanto a condessa tratava de si.

—E' certo, disse o contramestre, sem nunca desmentir o vasconço franco-hespanhol que fallava, que entre viajantes deve haver completa confiança. O frio tem nos prohibido fallar até agora, e não é bom que permaneçamos tanto tempo calados. Creio que vos ouvi dizer, senhor abbade, que ides a Chateauroux.

—E' verdade, replicou este.

—Tereis a bondade de dizer-me o nome? dois bons compatriotas não devem conhecer-se superficialmente.

—Abbate Bignon.

—Chamaes-vos mr. Bignon? perguntou a condessa de Segalvo.

—Um criado vosso, minha senhora.

A condessa de Segalvo tomou um bonito livro de lembranças, bordado de raminhos de ouro, e começou a ler uma multidão de nomes ali escriptos.

Durante esta operação olharam-se novamente os dois passageiros.

—Não me é desconhecido o nome, disse a condessa; eu creio que alguns cavalheiros com esse appellido teem frequentado os meus salões.

—Pode ser, respondeu o abbade. Por ventura são militares esses cavalheiros?

—Justamente.

—Do estado maior do gran duque de Berg?

—Oh! sim. E' verdade.

—Esses cavalheiros são meus primos.

A condessa pareceu alegrar-se com esta nova.

—Tenho agora, disse ella, duplicada satisfação em saudar-vos.

—Muito me obsequiareis dizendo-me como vos chamaes. Haveis-me interessado com a noticia que acabaes de dar-me,

e eu muito desejo saber quem é a senhora, que tenho a honra de cumprimentar.

—E' muito justo o desejo. Sou a condessa de Segalvo.

—A condessa de Segalvo! A confidente do duque! A amiga de José Bonaparte!

E o abbade soube fazer alguns gestos de admiração, que adularam extraordinariamente a condessa.

O contramestre, a este tempo, tinha enchido um copo de vinho, e saboreava-o a pequenos sorvos.

Desde este momento estabeleceu-se entre o abbade e a senhora de Segalvo uma franqueza mui affectuosa, e começaram logo a fallar em politica. O abbade era um imperialista decidido, e por consequente, desejava muito a consolidação da dynastia napoleonica em Hespanha.

A condessa fez algumas reflexões sobre a importancia d'este assumpto; e das ideias geraes, que baseou n'um principio, desceu a ideias especiaes summamente curiosas.

O abbade, depois de ouvir as suas theorias, tornou-se seu decidido admirador; mas quando principiava a sentir-se arrebatado pela feminil eloquencia da dama, eis que na penumbra se avista o digno dono da estalagem *del Sol*, conduzindo as tão decantadas sopas d'ovos.

Suspenderam-se as considerações politicas: o contramestre afilou os narizes, a condessa julgou conveniente tomar assento à mesa, e o bom abbade Bignon tratou de fazer outro tanto.

Com respeito às sopas, só podemos dizer que estavam excellentes. Os tres viajantes fizeram-lhes a merecida honra; e a nós só é dado tributar uma homenagem posthuma á habilidade culinaria, com que estavam confeccionadas; não só porque, segundo é fama, não se fazem hoje com o esmero de então, mas tambem porque, tendo nós vindo ao mundo muitos

annos depois d'este acontecimento, não podemos ser competentes juizes na materia.

Os outros pratos do almoço ajantarado mereceram voto unanime e toda a admiração e parabens dos commensaes. Verdade é que houve suas duvidas, se o cabrito montez era cabrito commum, e se o lombo de javali era lombo de porco; mas estas duvidas não poderam eclipsar a boa fama do estalajadeiro, que se achava satisfeitissimo de ver a sua mesa tão bem honrada.

A appareição do conductor manifestou claramente ter chegado o momento de partir: o hospedeiro por sua parte, sem fazer novo discurso, contentou-se com fazer conhecer que se lhe deviam cincoenta reales, quantia que satisfiz por galanteria o abbade Bignon.

Poucos momentos depois saíam de Buitrago.

Tinha chegado a occasião de passar o porto de Somosierra. A condessa teve medo; mas o contramestre, que depois do almoço se achava disposto a palrar, começou a amenisar a jornada com jocosas anedotas e curiosas aventuras, em termos taes, que conseguiu chamar a attenção da dama.

A confiança ia naturalmente crescendo á medida que se adiantavam: é bem sabido que os viajantes se consideram como uma mesma familia, cujo domicilio é a estreita e incommoda carruagem que os transporta.

Depois do contramestre descrever o naufragio da *Arca-dia*, a condessa aventurou-se a perguntar-lhe como se chamava.

—Juan Thibaud, respondeu o marinheiro.

—E tencionaes voltar para a armada imperial?

—Espero que sim; a não ser que uma contra-ordem me detenha em Bayonna.

—Temeis esse acontecimento?

—Segundo me disseram em Madrid, poderá muito bem succeder.

—Como?

—Mui simplesmente. Figurae-vos...—Esta palavra obrigou a condessa a observal-o detidamente.

—Que hei de figurar-me? perguntou ella admirada.

—Que o imperador intente preparar em Belonha uma expedição maritima.

—Ah!

—Uma pelo estylo da que preparou contra Inglaterra.

—Sim?

—Fallando-vos sem reserva, disse Juan Thibaud, é negocio quasi decidido.

A condessa olhou o contramestre com curiosidade.

—Essa noticia é de summa importancia, disse sorrindo-se de satisfação.

—Trata-se nada menos que de destruir o poder maritimo dos inglezes, accrescentou o contramestre. Mas que diabo!... já vol-o disse. Agora concluiréi dizendo que nada de estranho é tornarmo-nos a ver em Paris.

A conversação tornou-se geral, e cada vez mais espontanea e amigavel. A condessa estava satisfeita, e pensou valer-se da lealdade d'estes dois homens para a execução dos seus projectos.

D'este modo se passou o dia, até que pararam em Aranda do Douro para comer e mudar de tiros.

Aqui o estalajadeiro não pronunciou discursos, nem fez apologia da sua cosinha. Prometteu comprazer a seus hospedes com o que houvesse de mais substancial e succolento, e immediatamente tratou de cumprir a sua palavra.

A fome é a melhor mostarda que se conhece. A condessa, o abbade Bignon e o contramestre Thibaud tinham um appetite voraz. Por tanto, a collação não foi examinada sob o ponto de vista critico, com que um bom gastronomo analysa o adubo

dos guisados, mas sim debaixo do instante aspecto da necessidade.

Por algum tempo não se ouviu senão o movimento dos dentes mastigando; mas depois foi necessario pedir informações ao estalajadeiro ácerca da seguridade do caminho.

Este deu as noticias mais satisfactorias, accrescentando que, nas quatorze leguas que os separavam de Burgos, encontrariam livre o transito, visto que as tropas hespanholas e francezas se haviam dirigido para Galliza, uns com o fim de proteger, e outros para atacar os inglezes, que avançavam por aquella parte.

Estas boas novas augmentaram o appetite dos viajantes, e lhes deram azo de entregar-se ás suas habituaes conversações.

O jantar terminou alegremente, e em quanto chegava a hora de partir, approximaram-se de uma espaçosa chaminé, para aquecer os extenuados membros.

Mas ainda bem se não tinham sentado ao lar, sentiu-se no immediato pateo o estrepido de um cavallo, que entrava a galope e parava repentinamente.

Em tempos normaes este acontecimento nada tinha de particular; mas em tempo de guerra, a insolita carreira d'aquelle cavallo era um motivo de alarma.

Olharam-se os tres passageiros, como perguntando uns aos outros a causa d'aquelle ruido; o contramestre, porém, que devia ser mais curioso, tratou de se levantar e foi collocar-se a uma janella que dava para o pateo.

Ainda que as primeiras sombras da noite se iam desenrolando a pouco e pouco, não foi isto obstaculo para que Juan Thibaud visse um homem vestido com o uniforme usado então pelos postilhões, e fallando n'esta occasião com o conductor.

O recém-chegado ainda retinha pelo freio um cavallo alagado em suor.

Não deixava o bom contramestre de ser homem animoso, mas, ao ver que o desconhecido e o conductor se dirigiam para a casa em que se achavam, não poudo ser insensível a uma ligeira inquietação que o sobresaltou. Todavia, tornou a sentar-se ao pé do lume, affectando uma indifferença completa, e ali esperou o resultado do que podesse occorrer.

Momentos depois sentiram-se passos de quem se approximava, e os tres viajantes voltaram a cabeça.

O conductor e o recém-chegado dirigiram-se para elles.

—Sois a condessa de Segalvo? perguntou o postilhão, inclinando-se.

Esta fez com a cabeça um movimento affirmativo, a cujo signal o postilhão puxou por uma carteira, e d'esta tirou uma carta.

Trazia estampado um sello, em que brilhavam os castellos e leões hespanhoes.

O contramestre e o abbade Bignon contentaram-se em observar com modestia tudo o que se passava. A condessa olhou para o correio, e depois de um momento de pausa.

—Vindes procurar-me? perguntou ao portador do officio.

—Sim, minha senhora, respondeu elle inclinando-se.

—Quem vos envia?

—Não sei.

—Mas quem vos entregou este papel?

—O director geral das postas. Recebi ordem de alcançar-vos ainda que tivesse de rebentar cavallos.

—Quando saistes de Madrid?

—Quatro horas depois que partistes de lá.

A condessa tirou de uma linda bolsinha de malha de seda um napoleão de ouro, e entregou-o ao postilhão.

Fez elle tantas venias, quantas merecia a gratidão que n'elle produzira tão grande generosidade, e affastou-se um pouco.

Então a condessa quebrou o lacre que fechava a carta sellada, e depois de aberta leu o seguinte:

«Condessa: O governo acaba de saber n'este instante, que partiram diversos emissarios para Valencey, com o proposito de libertar Fernando VII da prisão em que se acha. E' indispensavel, por tanto, que, em vez de dirigir-vos a Paris, vos demoreis em Chateauroux, e d'ali partaes immediatamente para o palacio occupado pelo rei desthronado. Juntamente se vos remette uma ordem para poderdes penetrar no alludido palacio, e n'esta data se avisa o governador de Valencey, para que vos reconheça e auxilie, em caso de intentar tão louco projecto. Astucia e vigilancia. Segundo as vagas noticias, que até agora tem sido possivel colher, parece que um conde de Malvar e um barão de San Yuste são os chefes e directores d'esta empreza. Vós, que conheceis toda a antiga nobreza hespanhola, podeis evitar um golpe, que, além de ser atrevido, seria terrivel para a nossa causa.

Vosso amigo e servidor

«O Conde de Cabarrús.

A condessa leu por duas vezes o officio que acabava de receber, e não poudé deixar de empallidecer. Os dois nomes, escriptos n'aquelle papel, eram os dos seus dois maiores inimigos; e ao mesmo tempo que os temia, principiou a saborear de antemão o prazer de uma vingança, como se já estivessem em seu poder.

—Espero resposta? perguntou n'este momento o portador.

—Não é necessario; eu avisarei pelo correio ordinario,

respondeu a condessa, dominada pela impressão que acabava de receber.

Quando de novo ficaram sós os nossos viajantes, a senhora de Segalvo bebeu agua, e passou a mão pela fronte para desvanecer as densas nuvens, que, á maneira de mensageiros de fatalidade, n'ella se agglomeravam.

O contramestre, que não tinha perdido particularidade alguma do que acabava de succeder, apressou-se a dizer:

—Sentis-vos indisposta, senhora?

—Oh! não. Recebi uma forte impressão, causada pela carta que acabo de ler. E' sómente isto.

—Por acaso tivestes alguma má noticia da vossa familia? tornou o marinheiro.

—Eu não tenho familia, cavalheiro.

—Então será outra cousa. Em todo o caso é inutil fazer-vos novos offerecimentos, porque podeis dispor de mim como vos parecer.

—Obrigado, respondeu a condessa.

Em seguida, depois de um momento de reflexão, proseguiu:

—A quem talvez tenha de importunar, é ao senhor abade.

—A mim? perguntou mr. Bignon levantando a cabeça.

—Talvez, cavalheiro.

—Não podeis causar-me incommodo em cousa alguma. No curto tempo que tenho tido a honra de conhecer-vos, haveis sabido inspirar-me uma sincera amisade, uma estima inextinguivel.

—Outro tanto me succede a mim, observou o maritimo.

—Visto isso, creio encontrar-me entre excellentes amigos.

—Com effeito, respondeu mr. Bignon.

—Dedicados em corpo e alma á causa do imperador!

—Assim o temos provado com acções e derramando o nosso sangue, repetiu o contramestre com enthusiasmo tal que enterneceu a condessa.

—Então escutae-me. Reclamo o vosso auxilio.

—Pela minha parte, podeis contar com o que poder prestar-vos, disse o abbade.

—Eu professo eguaes sentimentos, repetiu o marinheiro.

—Trata-se de um negocio importantissimo.

—Sim? perguntou o abbade.

—Talvez da consolidação do imperio.

Mr. Bignon abriu os olhos com espanto, e o contramestre inchou as bochechas como um inglez suffocado pela colera.

—Não vos espantem estas palavras, proseguiu a condessa. Digo a verdade.

—Que succede? disse o clérigo.

—Que aguaceiro apparece no horisonte? replicou o outro.

—Vistes esse correio?

—Sim.

—Não sabeis o que contém o papel que me entregou?

—Não, condessa.

—Pois escutae.

A condessa desdobrou-o de nove para manifestar a seus companheiros de viagem o que continha; mas n'este instante apresentou-se o conductor, seguido pelo estalajadeiro.

—Para o coche, disse o primeiro.

—A conta, disse o segundo.

Estas duas intimações despoticas cerraram a porta ás confidencias. A condessa guardou o papel no seio, porque não era prudente continuar. Contentou-se de fazer um gesto a seus commensaes, significando com elle que mais tarde continuaria a conversação interrompida, e levantou-se.

—A noite vae estar muito fria, disse o contramestre; ro-

go-vos condessa, que bebaes este copo de vinho para conservar o calor.

O conselho era hygienico, e por tanto foi acceito pela condessa.

O marinheiro sabia que o vinho, ministrado em certa quantidade, provoca a loquacidade.

Em acto continuo collocou sobre a mesa uma moeda de onro. Esta nova galanteria aturdiu a dama.

Quando subiram para a carruagem, não ponde ella ver que Juan Thibaud e o abbade Bignon apertavam a mão um ao outro com bastante alegria.

CAPITULO XXII

HA MOMENTOS DE VERDADEIRA SINCERIDADE

A noticia que acabava de receber a condessa de Segalvo era d'essas em que qualquer mulher, ao passo que experimenta um immenso desejo de vingança, sente tambem não menos intensa impressão de temor.

A casualidade, as circumstancias, ou, para melhor dizer, o destino, collocava-a frente a frente d'aquelle conde de Malvar, que parecia senhor de todos os segredos da sua vida, e que nas duas vezes que lhe apparecera, contára-lhe na primeira, parte da sua historia, e na segunda tirára Mathilde do seu poder.

O mesmo acontecia a respeito do barão de San Yuste. Alem dos antigos resentimentos de familia, que já em outra parte manifestámos, accrescia ser elle um dos chefes das forças sublevadas nas Asturias.

Succedia pois que, sem ella o pensar, e quando menos

o imaginava, tropeçava com estes dois homens no seu caminho, e tanto ella corria o risco de ser por elles esmagada, como os dois amigos de serem por ella aniquilados.

A consciencia é o eterno juiz da nossa alma.

Um olhar sobre o passado bastou á condessa para se atemorizar.

Assim, o copo de vinho, que tão destramente lhe offereceu Juan Thibaud, foi um salutar narcotico para adormecer os occultos terrores que ultimamente a atormentavam.

N'esse estado de benefica reacção subiu para a carruagem.

Tinha medo. Pensava na vingança. Necessitava fallar para fortalecer o espirito; e á semelhança dos gladiadores romanos a condessa saudava o fantasma do seu terror com o funebre sarcasmo da ameaça.

A sege começou a rodar pela estrada de França. A noite corria tenebrosa: chovia continuamente, e o vento soprava prolongada e tristemente pelas extensas planicies de Aranda, por onde o Douro desliza, até chegar á fronteira de Portugal.

Juan Thibaud tinha o ouvido attento, e o abbade esperava o desejado instante, em que a condessa rompesse o silencio em que iam, e que tão aborrecido se lhe tornava.

Pouco tempo tardou a realisação d'este desejo.

—Senhor abbade, disse ella por fim, exhalando um suspiro, não me dissestes no principio da nossa viagem, que vos dirigieis a Chateauroux?

—Sim, minha senhora.

—N'esse caso, eu tambem vou para esse ponto.

—E a viagem a Paris? perguntou o contramestre.

—Recebi contra-ordem. Era isto o que eu queria dizer-vos.

—Ah!

—Cuido estar rodeada de bons amigos, e por isso não devo temer expor-vos a causa d'esta contra-ordem, e o conteúdo da carta que acabo de receber.

—Confiae inteiramente em nós, disse o abbade.

—Ouvi-me, pois. Necessito de vós. Principio, por tanto, pedindo-vos um favor.

—Podeis contar comigo.

—E comigo tambem, repetiu o contramestre.

A condessa fez uma pausa, como se meditasse na maneira de dar principio ás suas revelações. Finalmente disse :

—A elevada posição que occupo na côrte, os serviços que tenho prestado á causa de José Bonaparte, e outras muitas circumstancias que omitto, teem-me alcançado illimitada confiança da parte do governo, de modo que mereço a honra de se me confiarem certas missões, cujo bom desempenho requer o delicado tacto de uma mulher, mais que toda a diplomacia de um consumado politico.

Este exordio fez expirrar o senhor abbade e abrir e fechar a bocca por duas ou trez vezes o contramestre.

—Por estes precedentes, continuou a condessa, comprehendereis que a minha viagem significa uma missão importante.

—Ah ! sim exclamou Juan Thibaud.

—Ia a Paris com poderes bastantes para dar solução a um negocio de alta monta ; porém a carta que acabo de receber, como já tive a satisfação de vos dizer, obriga-me a parar em Chateauroux.

—Será por acaso, perguntou o abbade algum tanto espantado, esse ponto o centro de secretas machinações.

—Sim. Sabei que o governo me diz, que tem noticia de haverem sido emissarios com o fim de libertar Fernando VII do castello de Valencey.

—Diabo, exclamou o contramestre.

Tirar Fernando VII do castello de Valencey! repetiu o abba de com desdenhoso sorriso.

—Porque vos rides?

—Porque isso é impossivel.

—Oh! não, cavalheiro; nada ha impossivel n'este mundo principalmente quando as pessoas que me designam reúnem as mais ousadas condições, para levar essa empreza por diante.

—Fallam em pessoas?

—Duas.

—E vós conheceil-as?

—Muito bem.

—Então, é vossa a victoria, visto possuides-o fio do trama.

—E' que essas pessoas são verdadeiramente temiveis, disse a condessa, como se fallasse comsigo mesma.

—Mas bem sabeis, que nada resiste á finura e astucia de uma mulher.

—E' certo: por isso vos pedi auxilio. E' um assumpto este, que deve inspirar interesse a todo o bom francez.

—Com effeito, tendes razão.

—Agora mais que nunca tenho necessidade de vencer. Os inimigos, que tentam libertar Fernando VII, são meus inimigos pessoases.

—Terieis a bondade de dizernos os seus nomes? perguntou mr. Bignon, que se ia tornando curioso.

—Um chama-se o barão de San Yuste, arrogante asturiano que detesta os francezes.

—Oh!

Esta exclamação produziu tres ou quatro notas de musica. Tal era o effeito que a noticia operára no bom abba de.

—E o outro ? perguntou Juan Thibaud.

—O outro, respondeu a condessa, é um maldito velho, capaz de gelar o sol com seu olhar. Chama-se o conde de Malvar.

O contramestre, em vez de admirar-se, fez um gesto de indiferença.

—Parece-me, disse elle por ultimo, que essas noticias são filhas de algum temor infundado. Não é possivel que dois homens se atrevam a libertar um principe que se acha encerrado e guardado no coração de uma formidavel fortaleza.

—Se fosse outra classe de individuos, eu tambem duvidaria.

—Então esses homens são alguns diabos ?

—Pouco menos.

O abbade abanou a cabeça.

—Aconteça o que acontecer, disse elle aproximando-se da condessa, nós offerecemos o nosso prestimo, e havemos de cumprir a nossa palavra. Mandai o que quizerdes.

—Obrigado, senhores. Desejo permanecer occulta em Chateaurouz, e até será melhor disfarçada. Para surprender o conde de Malvar, é preciso que elle não me presinta.

—Eu me encarrego disso.

—Desconhecida por todos, dirigirme-hei a Valencey, onde terei entrada franca, segundo uma ordem que o conde de Cabarrús me envia, inclusa na communicação d'esta noite. Naquelle lugar, agradecerei os vossos favores e vos recomendarei ao governo, a fim de vos recompensar.

—Permetti, senhora, disse Juan Thibaud, que vos offereça a minha pessoa, os meus esforços, os meus interesses. Desde este momento estou decidido a não me dirigir nem a

Oleron nem a Baionna. Acompanhar-vos-hei n'essa empreza. Só o que desejo é uma cousa.

—Que desejaes? perguntou a condessa.

—Bem vêdes que estou atrasado na minha carreira.

—Pois bem, que quereis?

—Uma praça de piloto com a consideração de official de marinha.

—Visto que é permittido solicitar algum premio, accrescentou timidamente mr. Bignon, eu tambem desejava um emprego correspondente ao meu estado.

—Tel-o-heis, meu amigo, acudiu a condessa.

E todos tres ficaram entregues ás suas reflexões.

D'este modo se passou a segunda noite de jornada.

No dia seguinte, fallaram da questão palpitante que ame-drontava a condessa, até que as gothicas torres e os som-brios edificios de Burgos destacaram no horisonte, appare-cendo esta cidade com todo o seu brilhantismo historico, e com essa belleza veneravel, que dão os seculos a seus monu-mentos.

Nós, que somos partidarios e amantes de tudo quanto é antigo, deter-nos-iamos um instante, para saudar essa rai-nha da idade media, essa côrte dos nossos reis, o emporio de illustres e celebres varões, se o character da nossa obra nol-o permitisse.

Destinados a passar rapidamente pela superficie da terra, como o peregrino dos tempos heroicos, só podemos inclinar-nos de longe ante essa cidade, que descança nas pittorescas margens do Arlanzon, ao pé das escarpadas cordilheiras, que vão unir-se aos selvaticos Pyreneos.

Todavia, a sege de posta teve de demorar-se, para tor-nar a mudar de tiros, e para os passageiros tomarem al-guma refeição.

A condessa com o inesperado apoio que tinha encon-

trado, estava muito mais animada, e possuia mui regular appetite.

Mr. Bignon e mr. Thibaud estavam tambem em disposição de atacar uma mesa bem provida. Com tão excellentes condições o almoço promettia ser delicioso. .

Estas bem fundadas esperanças não foram illusorias. Mr. Bignon estava mais prazenteiro que de ordinario, e ao mesmo tempo que lhe occorriam mil chistes, devorava os guisados que lhe servia um corpulento estalajadeiro, armado de um formidavel gorro branco, e de um immenso avental da mesma côr.

O contramestré affeiçãoou-se a um vinhito da Rioja, e não cessava de lhe dar continuados osculos.

A condessa fazia a segunda aos contos do primeiro e ás orações do segundo.

Perguntaram noticias do estado do caminho, e o estalajadeiro, depois de endireitar o gorro, declarou que não havia muita segurança; que se fallava de umas partidas destinadas a surprender os correios de França, e a bater os destacamentos francezes; e ultimamente disse, que tinham saído tropas de Vitoria para perseguir os revoltosos.

Estes boatos produziram algum temor no animo dos passageiros, mas não tanto que os obrigasse a demorar-se ali.

Era preciso chegar a Vitoria n'aquella mesma noite.

Concluido o almoço, a condessa pediu ao estalajadeiro que a conduzisse a um quarto para se lavar e pentear, promettendo voltar breve.

Este era o momento que desejavam mr. Thibaud e mr. Bignon, desde que saíram de Madrid. Trataram, pois, de aproveitar a ausencia da condessa, e logo que se viram sós na casa do jantar, disse o primeiro com o sorriso nos labios :

— Já vedes, meu amigo, como nos protege a fortuna.

— Tudo vae perfeitamente; respondeu o abbade.

--Agora, replicou Thibaud, falta uma cousa.

--O que é?

--E' urgente pararmos em Vitoria.

--Ah! sim.

--E' preciso hucar um meio, que não chame a attenção da condessa, para nos demorarmos algum tempo n'este ponto.

--E que expediente esperaes achar?

--Um, seja qual for; por exemplo, não haver cavallos de posta.

--Isso é quasi impossivel.

--Quebrar-se a carruagem.

--Isso é mais facil.

--E se nós embriagassemos o conductor?

--Ah!

--Em summa, murmurou Thibaud, é preciso demorarmos, e havemos de nos demorar.

--Pensae n'isso, disse o abbade.

--Veremos, respondeu o maritimo, esfregando a testa.

Depois, olharam um para o outro os dois amigos, como se esperassem da sua boa estrella um acontecimento favoravel, e guardaram silencio.

A condessa de Segalvo não tardou em voltar, depois de haver feito a sua *toilette*—servindo-nos da mesma expressão que ella acabava de proferir—e d'ahi a pouco saiam de Burgos com direcção a Briviesca.

Logo que se sae da capital de Castella a Velha, o paiz começa a perder a sua monotona regularidade. A Brujula, montanha gigante que domina o extenso territorio, eleva-se coroada de nuvens, similhando a fada Melusina circumdada dos seus veos: a través das refegas e dos nevoeiros vêem-se tansparecer alguns vapores no horisonte, saidos da escura

profundeza de algum bosque, e descobrem-se aqui e ali ruínas da antiga cidade romana denominada *Tricio*.

Juan Thibaud indifferente, na apparencia, a todas estas circumstancias, observava-as com curiosidade, e parecia retel-as na memoria.

E' necessario, porém, desviar a vista d'esta paizagem, que principia a ser pittoresca, e que vae perdendo o severo corte d'essas linhas parallelas, que cruzam o horisonte.

A sege de posta corria rapidamente por meio d'aquelles campos, nos quaes se notavam os signaes da guerra, e a passagem dos exercitos invasores.

Approximavam-se da antiga *Virovesca* (*Briviesca*), famosa pelas côrtes ali celebradas no tempo de D. João I, nas quaes se estatuiu que o herdeiro primitivo da coroa tomasse o titulo de principe das Asturias.

Mais longe estava Pancorbo, no meio dos seus imponentes desfiladeiros; e em seguida o Ebro, limite de Castella.

A' hora em que o sol se enclina para o poente, avistaram as apraziveis margens d'êste rio.

Mas a noite, com as suas nuvens e escuridão, bem depressa desenrolou os lugubres crepes por sobre aquella paizagem tão deliciosa.

CAPITULO XXIII

O QUE SE PASSA EM UM CONVENTO A'S DUAS HORAS DA NOITE

Era já bem de noite, quando se approximaram de Miranda do Ebro.

Envolto o horisonte em negras sombras, apenas se percebia a immensa escuridão donde saiam os surdos rumores do rio, do vento e da natureza, triplice harmonia que gelava o coração de susto.

Do ceo, tenebroso e sem estrellas, caía densa e miuda chuva, que pouco a pouco se congelava, formando alvos flocos que se amontoavam no solo. O frio era agudissimo.

As pittorescas ribeiras da povoação apenas se distinguiam á maneira de informes massas de arbustos, que na incerta penumbra da noite pareciam fantasticos e gigantescos esqueletos.

No fundo lorigavam-se algumas luzes, que denotavam estarem proximos das portas de Miranda.

Entraram n'esta povoação, e apenas se demoraram o tempo preciso para mudar de tiros. Acto continuo partiram para Victoria.

Fosse porque a conversação anterior tivera preocupado os animos de mr. Bignon e de Juan Thibaud, ou porque outros pensamentos mais profundos os obrigassem a ir calados, o certo é que no interior da diligencia reinava um silencio profundo.

A condessa tinha cedido as cansaço, e talvez pela primeira vez depois de sair de Madrid, dormia esse somno incommodo produsido pelo movimento de uma carruagem.

Os dois francezes comprehenderam que não podiam ser observados n'aquella occasião; mas longe de communicarem reciprocamente os seus pensamentos, permaneceram immoveis e sem pronunciar palavra.

Unicamente Juan Thibaud tinha deitado frequentes vezes a cabeça pelo postigo da carruagem para observar o estado da noite.

Era cada vez mais assustador. A chuva tinha-se convertido em neve; e á medida que avançavam, os campos iam adquirindo uma lugubre alvura.

Este acontecimento era uma esperança. O coche tinha de ser levado com precaução, para não se errar o caminho e precipitar-se em algum barranco.

Depois de uma hora de jornada, o conductor fez ver aos viajantes que seria muito difficil continuar a jornada se proseguisse o mau tempo.

—E que havemos de fazer? perguntou Juan Thibaud.

—Ficar na primeira parada.

Esta noticia fez franzir a testa ao contramestre.

—E onde é a primeira parada? perguntou elle com o seu socego de pedra.

—Na Puebla.

—Mau sitio é esse, replicou. Quantas leguas faltam para chegar a Vitoria?

—Umas quatro leguas.

—Tem quatro duros, se nos levar lá esta noite.

Um offerecimento feito tão opportunamente, obrigou o conductor a mudar de parecer.

—Veremos, respondeu elle com um tom de voz que denotava esperanza.

E agitou o chicote para excitar os quatro cavallos que puxavam a carruagem.

Este curto dialogo produziu o resultado que o contramestre desejava.

A's duas horas da madrugada entravam em Vitoria, tendo corrido perigo de tombar-se a carruagem nas numerosas sanjas occultas pela neve.

O conductor manifestou aos passageiros que tinha cumprido religiosamente os seus desejos.

—Obrigado, amigo, respondeu Juan Thibaud, pondo-lhe na mão um dobrão de oitenta reales; já vê que nós tambem somos fieis no cumprimento da nossa promessa. Muda-se de cavallos n'esta cidade?

—Sim, senhor.

—E onde vamos apear-nos?

—A' hospedaria da *Aguia imperial*.

—Gosto da *Aguia imperial*. E' um titulo de bom agouro. Sabe se descansaremos lá?

—Não ha outro remedio, respondeu o conductor.

—Porque?

—Bem vêdes o estado em que se acham os caminhos.

—Isso é verdade.

—Por tanto o mais prudente é esperar que nasça o dia.

Esta determinação fez resmungar o marinheiro e incom-

modou o abbade; mas a condessa, que tudo tinha ouvido, conheceu que o conductor tinha razão.

—A logica dos factos é irresistivel, disse ella, dirigindo-se aos seus companheiros. Seria luctar contra a natureza querer seguir jornada esta noite. Esperemos que volte o dia.

Este parecer moderou o descontentamento de mr. Bignon e de Juan Thibaud, e finalmente entraram todos na hospedaria da *Aguia imperial*, rendidos de somno e de fadiga.

Como faltava muito tempo para amanhecer, adoptou-se como medida reparadora pedir quartos e camas para descansar.

A condessa approvou esta resolução, e d'ali a pouco um criado conduzia os tres passageiros aos seus quartos.

Antes de separar-se Juan Thibaud dirigiu ao abbade um olhar luminoso e rapido, e este respondeu com outro não menos significativo.

Que quereria dizer este signal de intelligencia?

Era uma entrevista combinada, um signal de satisfação, ou uma demonstração dos seus projectos?

Logo que a condessa de Segalvo se recolheu, mr. Bignon e Juan Thibaud saíram dos seus quartos e reuniram-se na casa de jantar contigua.

—Segui-me, disse o segundo ao primeiro; os momentos são preciosos, e é preciso aproveitá-los.

Obedeceu o abbade sem replicar.

Desceram por uma escada um tanto estreita, e penetraram em uma outra casa.

Ali encontraram um criado occupado em arreeadar a baixela do serviço ordinario do estabelecimento.

O contramestre dirigiu-se a elle, e rogou-lhe que tivesse a bondade de abrir a porta da hospedaria. Ao mesmo tempo introduziu-lhe na mão um meio duro mexicano.

Os criados das estalagens são de si muito attenciosos e

serviçaes, e muito mais quando acontece mediar uma gratificação d'este genero.

Guardou o dinheiro e tratou de abrir a porta, conforme os desejos dos passageiros.

Thibaud começou a andar como pessoa muito vista na topographia da povoação, e o abbade seguiu-lhe os passos.

Continuava nevando, e as ruas achavam-se cobertas de gelo.

Ninguém transitava então pela cidade.

As rondas não tinham saído dos quarteis, e as sentinelas não tinham valor para mover-se das suas guaridas.

Escudados com o rigor da intemperie, poderam atravessar grande parte da cidade, e finalmente approximaram-se de um edificio sombrio e vasto, que se destacava da neve.

Era um convento.

Juan Thibaud, logo que chegou, dirigiu-se á portaria. Encontrou o cordão da campainha, puxou, resoando immediatamente na profundidade do claustro.

Seguiu-se um prolongado silencio. Depois abriu-se um postigo, e ouviu-se uma voz perguntar:

—Quem é?

O contramestre não respondeu: metteu a mão no bolso, e tirou uma moeda que entregou á pessoa que perguntava.

Não foi preciso mais. Pouco depois, os ferrolhos correram-se e a porta abriu-se.

—Louvado seja Deus, exclamou Juan Thibaud quando se viu n'aquelle lugar, abraçando ao mesmo tempo mr. Bignon: a Providencia nos guiou até aqui. Podemos fallar.

Estas phrases, longe de terem o accento afrancezado, que até ali usára o contramestre, eram em hespanhol castiço, sumamente puro e correcto.

Em acto continuo, voltando-se para o religioso que tinha aberto a porta.

—Onde está o vosso superior? lhe perguntou com ansiedade.

Na sua cella. Necessitaes fallar-lhe? replicou o religioso.

—Sim.

—Vou avisal-o immediatamente.

—Esperae irmão, disse o marinheiro; dignae-vos responder antes ás perguntas que vou fazer-vos.

—Escuto-vos.

—Sabeis se chegaram aqui alguns passageiros vindos de Madrid?

—Quando?

—Haverá, quando muito, um mez.

—Perguntaes por tres mancebos?

—Justamente.

—Um d'elles coronel?

—E' certo.

—Outro estudante?

—Exactamente.

—E o terceiro sargento?

—Sim.

—Pois chegaram, respondeu o religioso.

—E onde estão?

—Dentro d'esta casa.

—Pois estão aqui?

—Já tive a satisfação de vol-o dizer.

—Visto isso, é necessario que nos conduzaes ao seu quarto, em quanto o superior se levanta.

—Vinde comigo.

Thibaud e mr. Bignon avançaram por um claustro solitario, illuminado por algumas lampadas collocadas de espaço a espaço, até chegarem a uma porta.

—E' aqui, disse o religioso afastando-se.

O contramestre deu com discrição uma pancada na porta, que lhe foi indicada, e que immediatamente se abriu.

Quem abriu foi um joven, vestido de religioso como o anterior, que manifestou não pouca estranheza ao contemplar a physionomia avinagrada de mr. Bignon e a figura um pouco excentrica de mr. Thibaud.

Estes, longe de se demorarem, deram alguns passos no interior da cella, e com um olhar registraram todo o interior.

Havia ali tres leitos. No centro uma mesa, tres ou quatro cadeiras colocadas aqui e ali, um candieiro acceso, umas tantas garrafas, e alguns copos que rolavam em caprichosa desordem sobre a mencionada mesa.

Um frade joven, com o capuz caído para traz, e algum tanto semelhante a um noviço desenvolto, estava recostado sobre uma cadeira; outro estendido sobre o leito.

O mais não era digno de notar-se.

Logo que os nossos viajantes entraram na cella, o noviço que estava sentado na cadeira levantou-se, e empunhou uma garrafa, disposto a defender-se com ella; o do leito deitou a cabeça como uma tartaruga fora da concha.

Olharam uns para os outros, como desconhecendo-se inteiramente, mas foi obra de um momento, porque o contramestre, dirigindo-se ao frade que encontrámos sentado:

—Genaro, lhe disse com suave accento, não me conhece?

A esta voz deu um salto o fingido religioso, e dirigindo-se ao contramestre, olhou para elle com inexplicavel enleio.

—Vós!... Sois vós, meu pae! exclamou davidando.

A unica resposta do contramestre foi apertal-o nos seus braços.

—Sim, disse elle depois: Roberto de Santa Maria: olha bem para mim. Vê se cumpri fielmente a minha palavra.

E dizendo isto tirou seu amplo chapeo, arrancou uma

cabelleira perfeitamente arranjada, e ficou transformado no ousado beneditino, no verdadeiro conde de Malvar.

Cenaro que tivera de vestir um habito de religioso durante a sua estada no convento, estreitou ao coração o seu bom protector.

Entretanto, mr. Bignon que contemplava esta scena com alegria, aproximou-se do religioso do leito, e disse-lhe:

—Levantae-vos, e observae-me.

Tanto aquelle a quem se dirigiam estas palavras, como o que tinha aberto a porta, ficaram assombrados.

—Approximae-vos, disse o padre Roberto; quem vos falla é um amigo.

Tirou mr. Bignon o chinó que o disfarçava, e perguntou:

—Conheceis-me:

—O barão de San Yuste! exclamou o joven Carlos de Montalban.

—Meu amo! repetiu Anselmo.

E os dois lançaram-se-lhe nos braços.

Depois d'esta surpresa, que fez palpitár aquelles corações com sincera effusão; depois d'essas mil perguntas de interesse que se succedem umas ás outras, o conde de Malvar fez um aceno chamando todos para junto da mesa.

—Os instantes são preciosos, e não devemos perder o tempo em inuteis perguntas. Approximae-vos e ouvi-me.

A' voz imponente e magestosa do ancião todos obedeceram.

—E' chegado o momento de darmos provas do nosso valor. Posso contar convosco?

—Sim, responderam todos.

Estas palavras, proferidas com tanta naturalidade, expressavam o pensamento grandioso que germinava na mente do padre Roberto.

Depois de um momento de pausa, continuou:

—Se por caminhos não seguidos temos conseguido che-

gar aqui; se por meio de disfarces temos zombado das pesquisas da policia; se nos esperaveis n'este asylo, tendo-vos dirigido para aqui por instrucções anticipadas, é porque um plano grande e perfeitamente combinado deve ser posto em pratica por todos nós.

—Assim m'o indicastes á minha saida de Madrid, respondeu Genaro,

—Estae, pois, attentos, proseguiu o padre Roberto. Uma palavra perdida ou mal interpretada, pode enredar o imperceptivel fio do meu projecto. E' indispensavel que cada um de vós execute á risca o que por mim lhe for ordenado.

—Estamos promptos, disse Carlos, sem comprehender ainda o que significava quanto ouvia.

—Um pensamento immenso é a causa primaria de todas as nossas fadigas. Sabei que aos cinco que estamos presentes nos coube em sorte salvar Fernando VII da prisão que o encerra, e restitui-l-o á nossa querida Hespanha, que centuplicará as forças com a presença do seu rei. Para tanto, necessito do vosso valor: para effectuar tão grande plano, nos reunimos aqui.

Nasceu o mais vivo entusiasmo no coração dos dois mancebos, que nunca tinham imaginado, serem os agentes mysteriosos de tão grande commettimento.

—Salvar o rei! exclamaram com alegria.

—Sim, é esse o pensamento que nos anima, respondeu o conde.

—Estamos promptos, replicou Genaro.

—Assim o esperava de vós, disse o ancião; e esse bom desejo enche-me de esperanças. Escutae-me, pois. Dirijo-me a vós, senhor de Montalban.

O galhardo joven saudou cortezmente.

—Eu vos escuto, disse elle.

—Sois um militar completo e exemplar, e espero não

esquecereis o que vou dizer-vos. Hoje de tarde abandonareis este convento.

—E para onde devo dirigir-me?

—Para França. O superior d'este mosteiro vos dará um vestuário, que vos ha de livrar de curiosas investigações: cobrir-vos-heis com elle, procurando levar as vossas armas escondidas.

—Está bem.

—Devo advertir-vos, que o trajo que se vos destina é de bufarinheiro.

—Sim?

—Por tanto, é indispensavel que não desmintaes um momento a vossa fingida profissão.

—Ficae descansado.

—Em França, dirigir-vos-heis pela estrada real de Paris ao departamento do Indre.

—Em que tempo?

—No menor possivel.

—Serei pontual.

—Não vos desviando da referida estrada, chegareis a Chateauroux.

—Devo demorar-me n'esse ponto?

—Não. Marchareis logo para Valencey.

—E ali?

—Não deveis lá chegar.

—Porque?

—Um pouco ao sul, e perto da fortaleza, encontrareis umas ruínas romanas abandonadas. São vestígios de um amphitheatro, de um circo e de uma naumachia. Parareis ahi.

—Assim farei.

—Não serviriam de nada instrucções, se não vos desse a planta d'este sitio.

E ao mesmo tempo tirou do seio um mappa cuidadosamente dobrado, que estendeu sobre a mesa.

Todos fixaram a vista no papel, principalmente dom Carlos.

—Aqui estão, proseguiu o padre Roberto, marcadas as ruínas que indiquei.

—E' verdade.

—Ali está, um pouco mais distante, o plano de Valencey, particularmente o castello onde existe Fernando VII.

—Perfeitamente.

—Entrando por esta porta, que vêdes na parte oriental, acha-se uma galeria, que aqui está perfeitamente assignalada.

—Vejo-a muito bem.

—A galeria conduz a umas escadas; eil-as aqui.

—Bem as vejo.

—Estas escadas vão dar a um subterraneo.

—Aqui está elle.

—Agora bem, proseguiu o religioso; este traço azul, que liga a fortaleza com as ruínas, é uma mina antigamente construída.

—Tem, pelo que se vê, communicação com o subterraneo, disse dom Carlos.

—Exatamente. Por consequencia, é facil comprehender que esta mina deve servir-nos para a fuga do rei.

—Oh!

—Para que haja intelligencia sobre esta particularidade; accendei todas as noites uma luz, que collocareis n'esta canho-neira que aqui está desenhada, e que é fronteira á fortaleza. Essa luz servirá de signal aos que trabalhamos n'outra parte, de que estaes vigilante e prevenido.

—Perfeitamente.

—A essa luz corresponderá outra nas janellas da forta-

leza. Esta será um signal de esperança e de que não occorre novidade alguma.

—E se ella não apparecer?

—Isso demonstrará que tudo saiu frustrado. Porém advirto-vos uma cousa.

—Dizei.

—Quando uma noite apparecer e desaparecer por tres vezes a luz, tende por certo que o rei foge infallivelmente n'essa noite pelo subterraneo. Estaes inteirado de tudo?

—Estou.

—Então nada mais tenho a dizer-vos. Valor, esperança e constancia.

O padre Roberto, como se estivesse ajustando o projecto mais simples do mundo, voltou-se para seu filho adoptivo.

—Agora pertence-te a tua vez de ouvir-me.

O mancebo, attento como se fosse ouvir um oraculo, respondeu:

—Presto-vos attenção.

—Vou marcar-te as instrucções que te dizem respeito. N'este assumpto, cada um de nós tem obrigação de desempenhar um papel, que nos expõe á morte, mas que nos leva á gloria ao mesmo tempo. Amanhã sairás d'este convento.

—Cumprirei fielmente o que me ordenardes.

—O superior disfarçar-te-ha de soldado francez, que é quem mais se respeita na actualidade, e assim poderás caminhar, sem temor de causar suspeitas, pelo centro de França.

—Para onde devo dirigir-me?

—Em vez de seguires a estrada real, marcharás para Pamplona. O passaporte que vou dar-te está em regra.

—E de Pamplona?

—Passarás a Roncesvalles. D'aqui partirás para Oleron, e de Oleron a Valencey.

—Não me desviarei d'esse caminho.

—Na tua guia militar passarás por um soldado convalescente, que vae restabelecer-se ao seu paiz natal; de modo que, em Valencey, tratarás de observar as luzes do castello e das ruinas.

—Está tratado.

—Durante a tua estada em Valencey, comprarás com muita cautela meia duzia de eguas neerlandezas, que correm muito e resistem a grandes massadas.

—Que devo fazer com allas?

—Conduzill-as secretamente ás ruinas.

—E depois?

—Comprarás pannos e mais objectos, de modo que na fuga pareçamos uns mercadores, que vão vender fazendas a alguma feira proxima.

Todos estavam absortos a ouvir as palavras do conde de Malvar, nas quaes iam comprehendendo a possibilidade de se realisar o seu pensamento.

—Estou certo de tudo quanto me dizeis, tornou Genaro, e creio que não ha nada mais a dizer.

—Parece-me, se não me engano, que está proxima a feira da Rochella, e isso é uma grande vantagem.

—Quereis dizer, que em caso de lograrmos o nosso intento, nos dirigiremos á Rochella.

—Essa particularidade, replicou o ancião, pertence ás instrucções que vou dar ao valente Anselmo, que nos escuta com tanta attenção.

O conde fitou o olhar no nobre montanhez, com quem fizemos conhecimento no principio d'esta obra, e que era agora um bravo sargento de infantaria.

—Vamos nós cá. Não devo perguntar se está disposto a coadjuvar os nossos projectos, porque sei quanto é excellente esse coração. Conhece o mar?

—Criei-me nas suas praias, respondeu Anselmo suspirando.

—Quero dizer, se já embarcou?

—Muitas vezes.

—Bem: visto isso, amanhã de tarde irá a Pasages.

—Disfarçado?

—De marinheiro. Depois de chegar ao porto, dirigir-se-ha à margem da ria.

—E que deverei fazer ali?

—Entre os diversos barcos, alli ancorados, hade ver uma falúa com bandeira dinamarqueza. Conhece esta bandeira?

—Sim, senhor.

—Falla com o patrão, e entrega-lhe esta carta.

E o conde tirou do seio um papel que entregou a Anselmo.

—Cumprirei as vossas instrucções, disse este guardando a carta.

—A falúa chama-se *Christian*, e logo que o patrão tiver lido esse escripto, o reconhecerá por dono d'ella. Immediatamente mandará levantar ancora.

—Para onde nos havemos fazer á vela?

—Para o golfo de Gascunha. Ainda não navegou por este golfo?

—Nunca.

—Não importa: os marinheiros da falúa são muito entendidos n'esse mar, e elles os conduzirão.

—Para onde?

—Ha um pouco acima da Rochella, disse o ancião, uma ilhota proxima á costa. O mar está ordinariamente tempestuoso, e raro é o navio que se atreve a sulcar as ondas quando ali rugo o temporal.

—E essa ilha...

—E' a ilha de Ré. Devem ancorar na ilha.

—Em que paragem?

—Na parte septentrional ha uma bahia occulta e de difficil accesso.

—Assim se fará.

—Da ilha de Ré á costa de França ha pouco caminho; por conseguinte, todas as noites os seus marinheiros se dirigirão á força de remos, em uma lancha que se acha á pôpa do *Christian*, até ás ribeiras immediatas: esperarão o romper d'alva, e depois voltem á falua.

—Bem. Serei pontual.

—Desembarque na primeira noite que chegar e com um passaporte que lá tem o patrão do barco, dirija-se a Niort, atravessando a Vendée.

—Logo que chegue a Niort, que mais me cumpre fazer?

—Esperar na pousada do *Cavallo branco*.

—Nada mais?

—Nada mais, respondeu Malvar, lançando um olhar ardente e luminoso aos mancebos que o escutavam. Approxima-se a hora da esperança: cumprâmos cada qual o nosso dever.

Houve um momento de silencio, durante o qual todos estes homens, dominados pela voz, attitudo e ademanes do conde de Malvar, se sentiram maravilhados pelo gigantesco projecto, que elle em ligeiro esboço tinha apresentado á consideração geral.

Depois disse Genaro:

—E vós, meu pae, sereis talvez o que mais se arrisca n'este intento?

—Eu sómente cumpro com o meu dever.

—Quando nos havemos de separar?

—N'este mesmo instante.

—Ah! tão depressa!

—Assim é preciso. Mensageiros mysteriosos, atravesse-

mos o espaço que nos separa do nosso rei. Se morrermos, teremos ao menos sido fieis até o ultimo suspiro ás ideias monarchicas que professamos, aos dictames da nossa consciencia, e ao nosso soberano: se triumpharmos, então de victoria em victoria os hespanhoes aniquilarão o exercito inimigo, e devolveremos á nossa querida patria a paz, a ventura e a prosperidade, que lhe falta.

Todos abraçaram o ancião.

Este tratou de collocar a cabelleira, e outro tanto fez o barão de San Yuste.

—Agora, separemo-nos, accrescentou elle com accento inspirado: Deus que vela os destinos das nações, seja nosso guia na santa empreza que intentamos levar a cabo.

E estendendo os braços, fez um gesto como de quem queria abraçar a todos. O barão abraçou Carlos e Anselmo, e em seguida separaram-se, decididos a luctar com a energia propria do seu incomparavel heroismo.

CAPITULO XXIV

O QUE SUCCEDE EM UM COCHE, EM UMA ESTALAGEM E EM UMA ANTESALA

Não fazemos uma narração de viagens.

Em vez de ir enumerando as bellezas das paizagens, os costumes dos povos, os monumentos das cidades, vamos passar repentinamente para proximo das muralhas de Valencey. Envolveremos os nossos leitores n'uma nuvem, e á maneira dos antigos magicos, e os transportaremos, sem saber como, nem por onde, a muitas leguas de distancia do lugar em que nos achavamos no capitulo antecedente.

Em remuneração dos nossos bons desejos, conceda-se nos ao menos fazer uso d'este privilegio.

Historiadores, mais das paixões, dos sentimentos, e d'esses intimos successos, cuja historia se grava no coração, do que das cousas exteriores que só affectam os sentidos, remontamos o vôo, como o Icario da antiguidade, até que, derretendo-se-nos as azas, caímos perto do dourado carcere, onde Napoleão tinha preso o nosso ultimo monarcha.

Valencey é uma povoação pequena, coroada por um castello ou palacio, pois ambas as cousas se comprehendem n'aquelle conjuncto de luxo e de ferros perfeitamente combinados.

Magnificas perspectivâs se descobrem das suas ameias. Vê-se o valle que o Loire banha com as suas cristalinas correntes, e uma multidão de povoações que enchem a campina; admiram-se aqui e ali pittorescas ruinas, signaes historicos da dominação galla ou romana: nota-se o esmero com que o lavrador prepara e cultiva os seus campos, e cuida ao mesmo tempo das grandes renques de arvores que bordam o largo manto da paizagem, dando-lhe um não sei quê de risinho e encantador.

A fortaleza eleva-se sobre uma eminencia povoada de bosques e de jardins. O exterior é antiquado: tem a côr da folha secca, se bem que por todos os lados apparecem restaurações modernas, que lhe roubam alguma cousa de severidade e primordial belleza.

Os seus ultimos possuidores, os principes de Talleirand, teem ido revestido-o de emplastros architectonicos, tanto mais de notar por este edificio attrahir hoje a curiosidade, talvez por haver sido o calabouço de um rei.

Napoleão tinha querido dar uma apparencia real a este velho castello. Queria fazer esquecer o palacio de Philippe V, vestindo-lhe os salões com um luxo extraordinario: queria dar ao captiveiro um esplendor insultante que bem se assimilava ao dos imperadores romanos, quando levavam diante do carro triumphal os reis jungidos com cadeias de ouro: povoara de impuras cortezãs os regios salões, para que na desordem de uma orgia, ou nos impudicos prazeres, se esvasse o amor da patria, o desejo da liberdade e a lembrança da traição.

Nova crueldade disfarçada sob a mascara da politica!

Mas Napoleão, longe de conseguir o seu intento, tinha só obtido o silencio e a indifferença a todos os desejos de fazer de Valencey uma pequena côrte oriental.

Era aquelle palacio a habitação de um principe desgraçado, que escutava o longiquo som da guerra, que sustentava o seu heroico povo. Por mais que se quizesse introduzir ali o prazer, só se viam rostos taciturnos, só se escutavam votos ardentes pelo bom exito da lucta mais gigantesca, que as nações teem sustentado pela sua independencia; só se curtião saudades da patria, e nos olhos dos captivos brilhavam lagrimas de verdadeira tristeza.

Os prisioneiros encerrados n' aquelle recinto, soffriam com dignidade o seu infortunio, e fitavam os olhos com esperança nos horisontes do porvir.

O augusto preso estava rodeado de hespanhoes fieis, que tinham querido partilhar com elle o desterro e a prisão. Era severa a policia dos carcereiros, mas havia em tudo certa apparencia de magnanimidade, que, contrastava sobremaneira com a espionagem que existia á roda do soberano.

Abria-se-lhe a correspondencia: obrigava-se a não sair dos jardins: evitava-se que entre elle e seu irmão D. Carlos houvesse intimidade: fazia-se-lhe guardar uma etiqueta que formava rude contraste com o aspecto de prisão da fortaleza: e finalmente procurava tornar-o golutão, a fim de despertar n'elle toda a classe de appetites sensuaes, e enervar-lhe todo o sentimento vigoroso e justiceiro.

O despotismo imperial occultava estas baixeiras com o brilhante manto da ostentação, invertendo com falsos boletins os verdadeiros acontecimentos de Hespanha, e procurando desvirtuar a grandeza dos sacrificios e a heroicidade dos successos.

Apezar d'isto, Fernando VII sabia a verdade, e esperava com aquelle espirito astuto e quasi impenetravel, uma

das condições mais essenciaes do seu caracter: esperava, com a placidez do que tem fé na justiça da sua causa, e confiança no porvir.

Havia agentes, inimigos occultos da dominação imperial, que lhe davam avisos certos e seguros das occorrencias politicas: legitimistas disfarçados, que cooperavam com todas as suas forças para o triumpho da causa realista, e por isso decididos partidarios de Fernando VII.

Tal era Valencey, o calabouço e o prisioneiro.

Agora prestemos attenção a outros acontecimentos, que precisamente hão de ir encadear-se com o que vamos narrando.

Ao cair de uma tarde nebulosa, rodava uma carruagem pela estrada, que, atravessando parte do departamento do Indre, entronca Chateauroux com Valencey.

A carruagem estava proxima d'esta povoação, e caminhava no passo de dois velhos cavallos das Landas. A França carecia então de mancebos e de bons cavallos, porque uns e outros não bastavam para supprir as numerosas perdas do exercito do conquistador.

E' bem certo que a jornada era curta, e o coche podia chegar sem difficuldade á melhor hospedaria do povo, muito antes de anoitecer. Mas os velhos rocins tinham feito heroicos esforços durante as seis leguas e meia que tinham andado, e nem a carruagem podia exigir-lhes mais, nem os passageiros podiam reclamar contra a passiva resignação das duas miseras cavalgadas.

Em quanto a carruagem avança ao som de incommodativos solavancos, nós, que ás vezes nos fazemos invisiveis como se possuíssemos o anel de Gijes, iremos collocar os nossos leitores dentro do respeitavel vehiculo, para que, aproveitando o escasso raio crepuscular que n'aquelle instante rompe as nuvens, lhe observem n'um relance o interior.

Em primeiro lugar depararão com uma dama docemente recostada na dianteira da locomotiva, deitando olhares curiosos a través dos postigos, e parecendo explorar a paizagem.

Vae vestida como uma rica aldeã das margens do Loire, com uma coifa branca, vestido talhado á antiga, meias azues, e seu lenço matisado de grandes e formosas flores.

Depois verão á sua esquerda um homem, que pelo vestuario negro e talar revela o seu character e profissão.

E' nada menos que mr. Bignon, que conversa com a nobre aldeã em tom amigavel.

Toma parte n'esta conversação outro homem assentado nos bancos da frente, vestido como digno contramestre da *Arcadia*, que é mr. Juan Thibaud.

Olhando fixamente a aldeã, reconheceremos a nossa respeitavel amiga a condessa de Segalvo, disfarçada d'aquelle modo por temor de ser conhecida pelo terrivel conde de Malvar.

E' o ultimo dia da sua longa viagem.

A amizade dos tres viajantes tinha chegado ao mais subido grau.

Mr. Bignon, com um desprendimento generoso, em vez de demorar-se em Chateauroux, tinha procurado o disfarce da condessa, declarára-se o seu mais firme sustentaculo, e aventurava-se a servir-lhe de *cicerone*.

Juan Thibaud, fiel á sua palavra, deixára de ir a Bayonna, e afastára-se do caminho de Paris, para proteger a illustre matrona.

E' bem verdade que de quando em quando mr. Bignon, não tão modesto como em principio, atrevia-se a pedir algum canonicato em qualquer cathedral, fosse franceza ou hespanhola, e Thibaud tambem não deixava de lembrar que podia ser nomeado piloto da marinha imperial.

A condessa não era escassa em prometter.

N'este dia tinham augmentado as exigencias e os offercimentos.

A vista de Valencey despertou a natural ambição dos viajantes.

—Sabeis, condessa, disse mr. Bignon, que temo chegarmos muito tarde?

—Eu penso chegar cedo, respondeu a senhora de Segalvo com sorriso melancolico.

—Porque? perguntou o contramestre?

—Porque temo ser observada.

—Cuidaes acaso?...:

—Oh! não vos disse já o que é esse maldito conde de Malvar?

—Pois com effeito, tendes por certa a communicação que recebestes de Madrid?

—Não posso duvidar.

—Então esse conde de Malvar...

—E' a astucia personalisada; é um Proteu infernal, um Jano com duas caras.

Juan Thibaud soltou uma gargalhada.

—Creio que exaggeraes, condessa.

—Não exaggero, meus amigos.

—Mas, suppondo que assim seja, como haveis de conhecê-lo, se é um Proteu, como acabaes de dizer?

—Recorrerei ao governador.

—Quando?

—Esta mesma noite.

—E que lhe direis?

—Dar-lhe-hei todos os signaes e instrucções necessarias, para que não possa illudir-nos este terrivel personagem.

—Não é mau pensamento, disse Juan Thibaud; porém julgo que deveis fazer outra cousa.

—Dizei.

—Não tendes uma ordem para poder entrar na fortaleza de Valencey?

—Sim, tenho.

—Então, ide lá.

—Assim farei.

—Estudae as physionomias de todos os que rodeiam Fernando VII: dos seus cortezãos passae aos domesticos; e d'estes descei ainda aos servos de mais baixa condicção: amiudae, analysae todas as palavras: observae a conducta do prisioneiro. Os governadores são os que menos veem sempre de tudo quanto se passa.

—Quereis dizer, que não convem que me apresente ao governador.

—Não digo tanto; parece-me sómente que não deveis confiar de outrem o que vós mesma poderdes fazer.

—Sois um excellente conselheiro, mr. Thibaud.

—Já sou cão velho, e por isso tenho aprendido muito, senhora. Acostumado a abordar de frente, não sei nunca ir de costado ao fim a que me proponho.

—E' uma tactica admiravel.

—Adoptael-a?

—Adopto.

—Todavia, permitti que vos faça uma proposição, se não houver inconveniente.

—O que é?

—Tendes licença para que possam entrar em vossa companhia algumas pessoas mais?

—Não sómente tenho essa faculdade, mas até posso fazer demittir o governador se não cumprir com o seu dever.

—Perfeitamente.

—Dizei, pois, a proposição, continuou a condessa.

—E' muito simples, senhora. Reduz-se a auctorisar-nos a entrar convosco na prisão real.

—A mr. Bignon tambem?

—Pode ser-vos muito util.

Ficou a condessa por algum tempo pensativa, e por fim respondeu:

—Consinto. Confio na vossa honra. Sómente desejava saber o plano que tendes.

—Já vol-o disse anteriormente. Agora falta accrescentar, que durante estes dias não deixaria approximar ninguem do rei.

—E conseguirieis isso?

—Respondo com a minha cabeça.

Nos olhos da condessa brilhou a esperanza do triumpho: aquella mulher, tão forte e energica com todas as pessoas, perdia o seu prestigio e valor quando tinha de luctar com o conde de Malvar.

Durante esta conversação sobreveiu a noite, e o coche foi acercando-se a Valencey com magestosa pachorra.

Finalmente, passada uma hora, atravessavam as asseadas e bonitas ruas da povoação, indo parar á porta de uma excellente hospedaria, que encontraram n'uma pequena praça.

A amabilidade dos estalajadeiros francezes é sobremaneira affectuosa. Elles, tão depressa veem o passageiro ou passageiros, apoderam-se da bagagem, ponderam-lhes a commo-didade do estabelecimento, fallam da cosinha como da melhor de França, e ferem com pungentes epigrammas os collegas de officio, a fim de evitar uma deserção.

Logo que parou a carruagem, saiu de casa o estalajadeiro, chegaram os criados; e a condessa, mr. Bignon e mr. Thibaud foram tirados do coche, e levados quasi no ar a um salão de espera.

N'este logar, pediram quartos e ceia, e o hospedeiro, que era homem que parecia multiplicar-se, satisfez os desejos dos seus hospedes.

Durante a ceia, fez signal a condessa ao contramestre, para que fizesse algumas perguntas relativas ao objecto que ali os conduzia.

Não desejava elle outra cousa, e por isso perguntou ao estalajadeiro:

—Tentes muitos passageiros?

Não muitos, cavalheiro, respondeu o interrogado.

—Comtudo, esta povoação, como residencia do rei de Hespanha, deve ser visitada por muitos curiosos.

—Isso sim.

—Alem disso, a guarnição deve ser numerosa.

—Tambem. Mas isso não nos dá interesse, porque o governador não permite que os viajantes se demorem muito aqui.

—Quem é o governador?

—Mr. Richenan.

—Quem é esse mr. Richenan?

—Nada menos que brigadeiro.

—Oh! e onde vive?

—Em um pavilhão contiguo. A proposito, ha ordem para que todo o passageiro apresente o seu passaporte. Se tivesseis a bondade de me deixar ver o vosso?

—Com muito gosto.

Cada qual abriu a sua carteira, e entregou ao estalajadeiro o documento exigido.

—Estão perfeitamente.

A conversação versou sobre outros objectos, e d'este modo terminou a ceia com satisfação de uns e outros.

Instruidos do que necessitavam saber para dar começo ás suas operações, a condessa resolveu não perder um instante, e dirigir-se immediatamente ao pavilhão habitado por mr. Richenan. Deu a saber a seus amigos a decisão que tinha tomado, e em acto continuo saíram da hospedaria.

Já tinha tocado a recolher, e como se achavam em uma praça de guerra, raros eram os transeuntes. As rondas cruzavam-se em todas as direcções, e o brado *álerta* das sentinellas echoava nos baluartes e corpos de guarda.

A condessa, mr. Bignon e Juan Thibaud foram detidos por uma patrulha; porém a dama declarou que um assumpto de summa importancia a constrangia a violar as ordens que se achavam em vigor na praça, para dirigir-se ao pavilhão do governador: em consequencia d'isto, o commandante da patrulha ordenou a dois soldados que os acompanhassem até o quartel da mesma auctoridade.

Os soldados cumpriram a ordem, e os nossos tres viajantes foram introduzidos n'uma sala, pouco illuminada, onde passeavam alguns militares de diversas graduações.

Ali, esperaram occasião de annunciar-se.

Logo observaram que um ajudante chamava de um reposteiro de vaqueta verde, que se abria e cerrava a cada momento, um ou mais officiaes dos que havia na antesala. Por isto conheceram que o governador despachava áquella hora; trataram pois de approximar-se do ajudante para serem apresentados.

Fixou elle a sua attenção nos tres exóticos personagens, que tinha diante, e chegando-se á condessa perguntou-lhe:

—Posso saber, senhora, o que desejaes?

—Preciso ver o senhor governador, replicou a condessa.

Por muito bem que estas palavras fossem pronunciadas, a condessa revelou ao official que era estrangeira.

—O senhor governador, disse elle occupa-se na occasião presente de importantes assumptos de serviço, e por isso não será possível fallar-lhe.

—Eu espero que sim, cavalheiro. Tenho tambem de fallar-lhe de interessantissimos assumptos, e persuado-me que não se negará a dar-me audiencia.

Havia nas palavras da condessa tanta firmeza, que o official olhou-a da cabeça aos pés.

—Então, a quem devo annunciar?

—Não posso dizer-vos o nome.

—E' estranho, senhora!

—Sómente lhe direis que uma senhora chegada de Hespanha, lhe pede audiência.

—De Hespanha, dizeis! exclamou o ajudante inclinando-se; entrae. Sois esperada ha muito.

A condessa sorrio triumphante, e olhou para os seus companheiros.

—Esperae-me aqui, lhes disse. Já vêdes como vamos vencendo todos os obstaculos.

E dirigindo-se ao ajudante.

—Cavalheiro, estou prompta a seguir-vos.

O official deu-lhe o braço com summa galanteria, e desapareceram ambos atrás do reposteiro.

CAPITULO XXV

O GOVERNADOR DE VALENCEY

Mr. Richenan era um militar dos que nasceram das primeiras guerras da republica.

Tinha feito a sua estreia militar nas campanhas de 1793 94 e 95 contra Hespanha; e não só por esta circumstancia mas tambem por serviços posteriores o imperador julgára-o digno de ser carcereiro de Fernando VII.

Era um homem infatigavel, ainda que de limitado talento. As suas theorias não saiam do circulo da tactica e da ordenança, da qual era severo observador: a sua diplomacia encerrava-se no axioma de mandar despoticamente, por isso mesmo que tinha espirito republicano: os seus gosos eram a sustentação da disciplina e a animação dos acampamentos.

Alto, de compleição forte, semblante secco e tostado, coberto de honrosas cicatrizes e sombreado por compridos bigodes, era mr. Richenan o typo d'essa raça militar, que tão maravilhosamente soube crear o genio fecundo de Napoleão.

Carecendo em Valencey da verdadeira vida de soldado, que tanto lhe agradava; condemnado a uma perpetua quietação, em quanto os companheiros d'armas avançavam sobre os paizes mais poderosos da Europa, mr. Richenan soffria um eterno mau humor, que regularmente ia desafoxar contra os prisioneiros que estavam a seu cuidado.

Por tanto, soffriam estes o caracter sombrio do governador e por sua vez devolviam-lhe em humilhações as medidas de segurança que adoptava. Compreendendo a importancia do cargo, não descansava um instante: temeroso de algum contratempo, augmentava a espionagem, renovava os criados, vigiava a todos em geral e em particular a cada um dos hespanhoes, que por lealdade tinham querido participar da prisão do seu rei. Ultimamente decidiu-se a fazer elle proprio rondas durante alta noite, para ver se o castello estava em paz, e se os prisioneiros descansavam.

Advirta-se, porém, que tudo isto se fazia cautelosamente; porque as instrucções recebidas não lhe permittiam dar áquelle rigor as honras da ostentação.

Mr. Richenan levantava-se cedo, revistava elle mesmo o corpo de guarda da fortaleza, e subia depois aos salões a informar-se do estado de saude dos seus prisioneiros.

Ao mesmo tempo, o encarregado de mr. Talleyrand dirigia-se ao mestre da cosinha, e prevenia-o de que apurasse todos os seus conhecimentos culinarios, para que a mesa dos principes fosse mais bem servida que a do dia anterior.

Depois subia á antecamara de Fernando VII, saber se o augusto prisioneiro necessitava dos seus serviços.

Ordinariamente encontrava-se ali todas as manhãs com o governador. Este logo que o via, soprava de colera e desaparecia. A missão d'este personagem, a pezar de estar consagrada nas instrucções dadas por Napoleão, causava-lhe uma repugnancia indizivel.

Voltava ao seu pavilhão, e não saia d'ali senão á tarde.

Se Fernando VII então queria passear pelos jardins, elle acompanhava-o em silencio respeitoso: se o rei lhe dirigia alguma palavra, respondia com um laconismo, que faria honra a um espartano.

A' noite, se não havia alguma recepção no palacio, encerrava-se no seu gabinete, e trabalhava em coisas do serviço.

Tal era o militar, ante quem ia apresentar-se a condessa de Segalvo.

Esta, de braço dado com o ajudante, atravessou ufanamente uma sala, com o seu traje de aldeã franceza, e entraram ambos no gabinete, onde se achava o governador.

Mr. Richenan estava diante de uma mesa cheia de papeis, sobre a qual ardiam duas velas em castiças de prata. Sentado n'uma poltrona, tinha largado a penna para descansar um momento; mas quando viu o seu ajudante conduzir tão attenciosamente uma camponeza, não poudé deixar de perguntar o que significava aquillo.

O ajudante chegou ao ouvido do general, e disse-lhe em segredo algumas palavras.

—E' a hespanhola! murmurou este entre dentes.

—Assim disse, respondeu o interpellado.

Mr. Richenan cortejou com gravidade, e fitou o olhar na condessa.

Esta, levantando a fronte com dignidade, e sem consentir a investigação curiosa de que a sua pessoa era objecto, perguntou:

—Tenho a honra de achar-me na presença do senhor governador de Valencey?

—Um seu creado.

E ao dizer isto observava de novo a dama, causando-lhe não pequeno assombro o vestuario que trazia.

—Tenho que dizer-vos em particular.

O general fez-lhe conhecer que estavam sós, porque o ajudante tinha desaparecido.

—E' verdade, proseguiu a condessa lançando a vista em redor do gabinete. Mas dissei-me; poderá ser ouvida a nossa conversação? O que tenho a dizer, são coisas muito importantes.

—Podeis fallar, senhora, disse o governador, mais serio que uma mumia.

—Cavalheiro, venho de Hespanha.

—Bem sei; acaba de m'o dizer o meu ajudante.

—Estou encarregada por aquelle governo de uma missão junto do sr. governador.

—Do ministro Cabarrus? perguntou o governador.

—Sim, senhor.

—Ah! Tereis a bondade de apresentar-me as vossas credenciaes?

A condessa tirou de uma carteira os seus papeis, e notou ao mesmo tempo que mr. Richenan ia tornando-se cada vez mais attencioso, á medida que se convencia da sua identidade.

—Aqui os tendes, respondeu a dama entregando-os, Observou-os o governador com profunda curiosidade, e por fim disse:

—Estão exactos. Por tanto sois a senhora condessa de Segalvo?

Esta fez uma reverencia.

—E' pois verdade haver sob esse traje vulgar uma mulher de talento e intelligencia?

—Este vestido é uma precaução, respondeu a condessa, subtrahindo-se destramente ás lisonjas do governador.

Este proseguiu no systema de avançar sem rodeios.

—Que possuis conhecimento exacto de alguns atrevidos

hespanhoes, que intentam tirar do meu poder o ex-rei de Hespanha?

—Sim, senhor.

—Que sois a verdadeira confidente, que deve illustrar-me e guiar-me nas criticas circumstancias, que possam sobrevir?

—Exactamente.

—Mr. de Champagni, ministro dos negocios estrangeiros, teve a bondade de communicar-me extensamente a missão de que vos achaes encarregada.

—E esperaveis-me?

—Com bastante desejo, senhora.

—Quero dizer, tinheis noticia official da minha vinda?

—Aqui está ella.

O governador tomou um maço de sobre a mesa, e tirou d'elle um papel, que entregou á condessa.

Esta começou a ler, sorrindo-se de vez em quando.

—Diz-vos o ministro, pouco mais ou menos, o que já anteriormente se me havia dito por via de Cabarrus.

—Comtudo, devo fazer uma observação, respondeu o grave mr. Richenan.

—Dizei.

—Não creio que existam tão atrevidos aventureiros, que se abalancem a libertar Fernando VII.

—Estaes certo do que dizeis?

—Estou.

—Eu não participo d'essa confiança, respondeu a condessa. Uma prova de que eu não penso assim é o disfarce com que me vêdes.

—Mas, que temeis?

—Não lestes com a devida attenção essa communicação?

—Sim.

—Não se falla n'ella de um conde de Malvar e de um certo barão de San Yuste, como chefes que hão de dirigir essa evasão ?

—Com effeito, apontam-se esses homens, disse o governador abanando a cabeça. Mas que temos nós com isso ?

—Muito.

—Muito ! Porque ?

—O conde de Malvar é um personagem terrível.

—Conheceil-o ?

—Perfeitamente.

—Então, descansae. O conde de Malvar não está em Valencey.

—E o barão de San Yuste ?

—Tambem não. A minha policia teria dado com elles. Tenho os seus signaes, e por isso não podiam escapar-me.

O governador meneou a cabeça com orgulho, estranhando ao mesmo tempo que a condessa, longe de partilhar d'esta confiança, manifestasse não estar satisfeita.

—Cavalheiro, disse ella, sem duvida cuidaes que o conde de Malvar e o seu companheiro são homens vulgares. Posso certificar-vos o contrario, e, por grande que seja a habilidade e finura da policia, acreditae que é maior a dos individuos de quem fallamos.

—N'esse caso, serão diabos, exclamou o governador espantado.

—Pouco menos.

—Todavia, eu creio que ha recursos contra os diabos.

—De véras ?

—Ouvi, condessa. Todos os albergueiros, donos de hospedarias e taverneiros de Valencey, são meus espjas : não ha passageiro, por insignificante que pareça, a quem se não sonde até o coração: todas as palavras se encaminham a este fim: observa-se, e dá-se-me parte de momento em momento.

Tambem não consinto que viajante algum permaneça n'esta povoação tres dias consecutivos, se não justificar por meio de documentos o motivo que o obriga a demorar-se algum tempo mais. Não permitto que ninguem transite pelas ruas depois do toque de recolher, a não ser por imperiosas razões; e eu mesmo faço a minha ronda nocturna, para observar se o serviço é feito com exacção rigorosa. Para dar-vos uma prova de que todas as minhas medidas se acham bem tomadas, vos direi que, logo que chegastes, soube por um dos meus espias.

—Oh!

—Descestes de um coche de jornada com dois passageiros.

—E' certo.

—Os quaes, se não me engano, chamam-se: o abbade Bignon e o contramestre Thibaud.

A condessa experimentou viva surpresa ao ouvir estes promenores.

—E' verdade! exclamou assombrada.

—Que um é abbade de Chateauroux, e outro contramestre da marinha real.

—Senhor governador, devolvo á vossa policia parte do credito que injustamente queria usurpar-lhe.

—Dou-vos tão claras provas, para que tenhaes alguma fé nas minhas operações policiaes.

Contemplaram-se reciprocamente os dois personagens, que a politica tinha reunido n'aquelle logar, e comprehendiram-se; isto é mediram as forças, e conheceram que o formidavel conde de Malvar e seu cumplice nada tinham que fazer com dois tão poderosos inimigos.

Depois d'esta mutua observação, a condessa, que nem se quer tinha tomado assento, observou miudamente a rude

physionomia de mr. Richenan, e satisfeita da sua superioridade, disse sentando-se n'uma cadeira :

—Cavalheiro, a rapidez com que temos querido adiantar-nos n'este intrincado negocio, não nos permittiu accordar sobre outros assumptos de interesse, que vou submeter á vossa consideração. Quantos graus de latitude abrange a ordem, que haveis recebido de mr. Champagni a respeito da minha pessoa?

—Não a lestes? respondeu o governador, olhando-a fixamente.

—De certo.

—Então, é inutil uma reprodução do que já sabeis.

A condessa sorriu-se como costumava quando os seus pensamentos eram maliciosos.

—Perdoae; agrada-me especialisar verbalmente as nossas respectivas situações.

—N'esse caso, tende a bondade de explicar-vos, senhora.

—Seja. A ordem diz que a condessa de Segalro, dama dedicada a sustentar a dynastia napoleonica em Hespanha, se apresentará no castello de Valencey.

—E' verdade, respondeu o governador,

—Que possuindo um talento nada commum, conhecendo os conspiradores, e tendo recursos valiosos para descobrir a tenebrosa rede urdida por alguns hespanhoes temerarios, é indispensavel que o senhor governador de Valencey permitta á mesma senhora entrada na mencionada fortaleza, acceite os seus conselhos, e lhe preste auxilio em tudo.

—Tambem diz isso, tornou o regido mr. Richenan puxando os bigodes.

—E' sufficiente, replicou a condessa. Creio que comprehendestes os desejos do governo.

—Sim... Penso que bastante me humilha.

—Cavalheiro, disse a dama com viveza, não é esta uma questão de orgulho, e sim de nacionalidade. Sempre será honroso para vós apparecer officialmente ante a Europa, como o homem que soube destruir os planos dos conspiradores.

Esta severa reflexão fez emmudecer o general. O seu talento não podia encontrar uma resposta mais logica do que as palavras da condessa.

—Sim... disse elle; conheço que este assumpto é uma excepção, e por tanto, declino a dignidade do meu character... para seguir as vossas inspirações.

—Escutae-me, pois. Necessito saber que familiares tem o rei

Mr. Richenan tomou um registro, onde estavam apontados os que se achavam n'estas circumstancias.

A condessa folheou-o, e por fim disse:

—Isto não é bastante: será mister que os vejamos.

—Amanhã, se vos apraz.

—Bem. Agora torna-se urgente uma outra cousa.

—Dizei.

—Já sabeis que vieram comigo dois passageiros.

—Sim.

—Necessito que mr. Bignon seja collocado junto do principe.

—Senhora!

—O abbade é pessoa da minha confiança, perspicaz, observador, obsequioso e fiel.

—Devo advertir que todos os logares do serviço do rei estão preenchidos.

—Não importa. Ha capellão no castello?

—Ha.

—E' preciso então que mr. Bignon fique supranumerario.

—Bem: ficará.

—Com respeito a mr. Thibaud, desejo lhe seja dado o

cargo de mestre-sala, mordomo, porteiro, finalmente o que julgardes conveniente, com tanto que esteja proximo do rei de Hespanha.

—Mas, senhora, tendes confiança n'esses homens?

—A maior possivel, cavalheiro.

—Visto isso, nada tenho que dizer; satisfarei os vossos desejos.

A condessa inclinou-se em agradecimento á delicadeza do governador.

—Agora, disse ella, para que fiqueis satisfeito, apresentar-vos-hei os meus dois companheiros de viagem.

—Estão ahi?

—Estão na salla de espera.

O general tocou uma campainha, e immediatamente entrou o ajudante, a quem deu ordem de introduzir Juan Thibaud e mr. Bignon.

D'ahi a poucos instantes entraram o marítimo e o abbade com a firmeza e sangue-frio que os caracterisavam. Saudaram cortezmente, e esperaram que os interrogassem.

Mr. Richenan observou com profunda attenção os dois forasteiros, e depois de algum tempo pareceu ficar satisfeito.

—Mr. Thibaud, disse elle, encarando o contramestre; a senhora condessa de Segalvo fallou-me de si com interesse, e resolvemos utilizar os seus serviços. Eu me responsabiliso pela demora que isto occasionar.

O marinheiro saudou novamente.

—Vae tomar posse do logar de mestre-salla do ex-rei de Hespanha. Está satisfeito?

—Tudo o que redunda em proveito da minha patria, respondeu o marítimo, me lisongeia e agrada.

—Está bem. Sabei que é um cargo de summa importancia.

—Sim, senhor.

—Que é preciso não perder um movimento, um passo, uma palavra do prisioneiro.

—Não se perderá uma palavra, um passo, nem um movimento.

—Parece-me que comprehendeu.

—Creio que sim, senhor governador.

Este olhou para a condessa com satisfação. Estava contente com o marítimo.

—Quer-se para isto boa memoria.

—Felizmente, tenho-a.

—De modo que me conte á noite tudo quanto tiver visto durante o dia.

—Ficae descansado.

—Se o rei escrever, intercepte-lhe as cartas.

—Assim farei.

—Quando fallar, estude-lhe as phrases.

—Sereis obedecido.

—Se olhar, decifre-lhe os olhares.

—Comprehendo.

—Sobretudo, é indispensavel que faça o mesmo estudo com respeito ás pessoas que aqui vierem. Se alguma tiver os signaes particulares que vão escriptos n'este papel, corra a dar-me parte sem perda de um momento.

Thibaud leu o sobrescripto e sorriu-se.

—Signaes do conde de Malvar... signaes do barão de San Yuste.

—De que se ri? exclamou o governador.

—Rio-me porque estes dois homens parecem ser muito temiveis.

Mr. Richenan não respondeu, e observou-o de novo.

—Não esqueça as minhas instrucções, lhe disse depois de um momento de observação: nem vós tão pouco, mr. Bignon.

Este saudou então.

—Estaes nomeado capellão supranumerario, disse o governador fitando n'elle investigador olhar.

—Oh! obrigado, senhor.

—Conforme os serviços, assim será o adiantamento.

—Já tive a honra de fallar a este respeito com a senhora condessa.

—Por agora ficareis aqui. A vigilancia é o principal.

—Comprehendo-vos.

—Observar os conspiradores... se existem.

—Está bem.

—Captae a amisade do rei a fim de que, por meio da intimidade, se descortinem os mais importantes segredos.

—Sim... sim.

—Memoria feliz, e mais que tudo, uma dissimulação completa.

Mr. Bignon inclinou-se de novo; não teve porém n'esta occasião o intento de saudar: baixou a cabeça, para que se não descobrisse a indignação, que no semblante lhe transluzia.

Depois olhou para Juan Thibaud; mas este permanecia immobil como a rocha. A sua alma estava a coberto de todas as sensações e de todas as provas.

—Espero, disse a condessa levantando-se, que ficareis satisfeito.

—Esta noite se passarão as nomeações. Agora mesmo tomareis posse dos novos cargos.

—Muito bem, respondeu Thibaud.

—Em quanto a vós, condessa, sabeí que tendes um quarto no palacio. Podeis dispor d'elle.

—N'esse caso, espero me acompanhareis.

—Com summo prazer.

O general mandou chamar o secretario, e deu-lhe a sa-

ber as nomeações que tinha feito, para que se passassem as necessarias ordens n'aquella mesma noite.

Poz o chapeo, embrulhou-se n'um capote, e dando o braço á condessa, disse com voz forte:

—Acompanhae-nos, senhores; vamos ao palacio.

Em quanto saiam do gabinete, Juan Thibaud e mr. Bignon dirigiam um ao outro um olhar cheio de alegria e de esperanza.

CAPITULO XXVI

OS TRES AVISOS

Temos de volver os olhos para a vida dos augustos principes hespanhoes na sumptuosa morada que lhes servia de prisão.

E' sabido que, depois dos escandalosos successos de Bayonna, tinham sido transferidos para Valencey o monarcha hespanhol, seu irmão dom Carlos, e seu tio o infante dom Antonio, sendo ali violentamente separados pela distancia das habitações e pela influencia dos espias.

Succedia frequentes vezes não poderem ter essas conversações intimas, que requer o parentesco e a desgraça, reunindo-se unicamente á hora de comer ou do passeio, se a imprudencia dos carcereiros não se fazia tão pesada, que permitisse estas reuniões sem humilhar a dignidade dos prisioneiros.

Assim se vivia em Valencey.

Fernando tinha então vinte e cinco annos.

Por mais que a pèçonha dos partidos tivesse desfigurado

com dubias cores o character e a physionomia do ultimo rei, nós, que para traçar estas linhas nos temos desviado de toda a casta de sentimento apaixonado, diremos o que a nossa razão e consciencia nos dictarem, a respeito de um personagem tão celebre na historia moderna, e tão digno de se lhe fazer a devida justiça.

Como rei, Fernando possuia, se não uma vasta instrução, ao menos um talento perspicaz, vivo, penetrante e seguro: distinguia perfeitamente o bem do mal: comprehendia as alterações politicas, que precederam a sua elevação ao throno, e sabia que não ha governo possivel sem uma recta administração e sem veneração profunda ás leis.

A pezar de um tanto viciado pela educação pomposa que recebera de Escoiquiz, o seu espirito vigoroso, e desassombrado, como alguns historiadores injustos teem dito, sobrenadava na tremenda borrasca que o envolvera, e esperava com resignação o feliz dia de paz e de victoria.

Como homem, era de um nobre aspecto, expressivo e magestoso; corpo proporcionado e elegante, fronte espaçosa e nobre, olhar firme e transparente, bocca onde o desdem parecia lutar com a bondade, e um nariz bourbonico, isto é, grande, inclinado e grosso na parte inferior; nariz que, com o correr do tempo, deu azo a apostropharem-no ridiculamente, e o fez cantar ao som do piano, parodiando os insultos que lhe prodigalisavam os liberaes do anno 1820:

Este narizotas,
Cara de pastel,
A' negros y á blancos
Os ha de c...

Referimos este pequeno episodio, para descrever o melhor possivel alguma cousa do character d'aquelle principe.

Como rei, presava sobre todas as cousas a dignidade da nação, o principio religioso, as instituições monacaes, producto de tantos sabios; o direito divino dos reis, não o poder absoluto, senão a unidade na instituição real, tal como a sustentaram Fernando VI e Carlos III; os codigos sanccionados pelo tempo, as formas da monarchia tradicional, a repressão no abuso das liberdades patrias, os foros conquistados com gloria da nação, as leis dos nossos antepassados e o progresso material do paiz.

Como homem, apreciava o progresso da civilisação bem entendida, o engrandecimento das artes, o adiantamento da agricultura, o desenvolvimento das sciencias, o fomento da industria; e desejava, como provou pelo grande numero de edificios que se construíram no seu reinado, aformosear a capital da monarchia.

Fernando era prudente, homem de felizes lembranças, e segundo as chronicas escandalosas de então, um pouco afeiçoado a galantes aventuras.

Como rei, tinha estudado a historia das nações, e d'ahi resultára a lucta que continuamente sustentou com os paladinos da liberdade.

Não o julgamos digno de censura, por deixar de a amar. Nós achamos uma razão imperiosa, para que elle a combatesse e assassinasse em 1823.

Fernando vira o estrago da revolução franceza: o cahos que ella tinha produzido no sociedade; a tyrannia dos conventionaes, degolando-se uns aos outros; o patibulo de Luiz XVI; as horriveis desordens do povo; os incendios dos templos, dos monumentos e das imagens; e finalmente aquella liberdade barbara, que causou o terror da Europa.

Com este grande quadro á vista, não admira que Fernando, representante do principio monarchico, não estivesse bem com a revolução hespanhola, fructo legitimo da franceza.

N'este caso, foi muito justa a sua repugnancia, e n'elle vemos alguma grandeza, quando se viu obrigado a combater as exigencias dos liberaes.

Julgamos um cadaver, e não somos d'esses que insultam as cinzas dos mortos.

Para nós, que amamos a liberdade, a civilisação e o progresso da nossa patria, dentro dos limites da fé, da justiça e da razão, o prisioneiro de Valencey não foi comprehendido, nem apreciado com justiça.

Uns viram n'elle um tyranno, que afogára nos seus braços a liberdade; um representante da inquisição, um terrivel agente do despotismo, um verdugo dos principios regeneradores, que entre nós se iam infiltrando: outros, pelo contrario, julgaram-no um genio, um colosso, um monarcha illustre.

Uns e outros ultrapassaram os limites da verdade n'este paralelo.

Fernando desejou a felicidade de seu reino, e gastou a vida em conseguil-a; mas a herança que tinha recebido era fatal: estava abalada, não por sua culpa, senão por força de circumstancias: e de mais fez elle em cicatrizar as profundas feridas, que as passadas tormentas nos tinham aberto no seio.

Tal foi, segundo a nossa humilde opinião, o ultimo monarcha hespanhol.

Tornemos agora a Valencey.

No dia seguinte áquelle em que tiveram logar os acontecimentos referidos no capitulo anterior, Fernando notou mudança nos seus domesticos.

Alguns fieis hespanhoes que tinham permissão de entrar na sua camara, encontraram Juan Thibaud, collocado á porta, e este lhes declarou que Sua Alteza não se havia ainda levantado.

Napoléão não permittia que se lhe desse outro tratamento.

A negativa do novo mestre-sala desgostou todos os dignos

servidores de Fernando: este ouvira as diversas altercações que se suscitaram por motivo d'esta occorrença, e por fim mandou abrir as janellas do seu quarto.

Esta ordem foi obedecida promptamente.

O rei chamou um criado do quarto para o vestir; e Juan Thibaud apresentou-se a offerecer os seus novos serviços ao illustre prisioneiro.

—Quem sois? perguntou Fernando quasi sem olhar para elle.

—O mestre-sala que acaba de ser nomeado, respondeu Thibaud inclinando-se.

—Está bem.

E o rei voltou-lhe as costas.

O profundo olhar do contramestre fixou-se em Fernando por um instante, com todo o carinho e respeito de que a sua alma era capaz.

Confiado no seu valor, na sua prudencia e talento, achava-se ao lado do infortunado monarcha, que se propuzera salvar a risco da propria vida, disfarçado com o vestuario e o emprego de um de seus carcereiros: estava perto de conseguir a difficil victoria, cujo plano já lhe tinha amadurecido na imaginação: comprehendia os imminentes perigos que lhe restava correr, e a immensa astucia que tinha de pôr em pratica para tirar Fernando d'aquelle esplendido calabouço.

O seu primeiro cuidado foi ir fazendo um estudo de todas as pessoas que cercavam o rei. No fim de algum tempo, conheceu que eram espias todos quantos penetravam n'aquelles salões.

Adoptou elle este odioso papel, para evitar a mais leve suspeita. Começou por prohibir politicamente ao rei certas distracções que lhe eram permittidas, e a cada hora dava parte á condessa do que o rei praticava nos seus quartos.

Tão servil sollicitude augmentou a confiança do governador.

Ao quarto dia Juan Thibaud tinha conseguido muito. Tornára-se tão odioso a Fernando VII, que era uma verdadeira doença para o monarcha a presença do mestre-sala.

Em quanto a mr. Bignon, mais amavel, mais suave, mais jovial, segundo o seu character lhe permittia, conseguiu não ser olhado com tanta repugnancia; mas nem por isso deixava de ser rigoroso, como companheiro.

Juan Thibaud levantava-se tres ou quatro vezes durante a noite, para observar se dormia o regio prisioneiro; e mr. Bignon não cessava de discursar sobre as misérias da vida, de dissertar á cerca da pouca estabilidade das grandezas humanas, e sobre as inconstancias da sorte.

Fernando contentava-se de bocejar, quando tinha a desgraça de ouvir estas fatidiosas homilias; porém irritava-se visivelmente quando via mr. Thibaud.

A sua vida tornou-se mais sombria.

Vendo-se espionado por tão ignobil maneira, comprehendeu que alguma cousa extraordinaria havia a seu respeito.

Todavia, não queria perguntar, pois sabia que lhe occultariam a verdade; e para ser informado por outras pessoas, havia a mesma responsabilidade, por que estava ordenado que a correspondencia lhe fosse aberta pelas auctoridades competentes, e quando n'ella houvesse motivo de suspeita, se retivesse o escripto que a denunciasse.

Passava a vida, pois, uniformemente, como o vae-vem das ondas de bonangoso mar.

Levantava-se cedo, e assomava a uma das altas janellas do seu quarto. Ali permanecia de pé quasi uma hora, de mãos nos quadris, segundo nol-o pintou Madrazo, umas ve-

zes com um casação de inverno, outras vezes de fraque, traje que usou toda a sua vida, com mui raras excepções.

Assim gosava da formosura dos campos, dos caprichos da natureza, das variações dos horisontes; aspirava as puras emanações dos jardins de Valencey, ou as geladas brisas da manhã, e acompanhava com a vista os fugitivos vapores, que ás vezes se condensavam sobre o Loire.

Depois retirava-se da janella e pedia almoço.

Fernando VII não tinha querido admittir a moda franceza, com respeito á hora e divisão das refeições durante o dia.

A' sobre-mesa recebia os seus amigos mais intimos, hespanhoes emigrados, que soffriam ao pé do rei todos os infortunios do desterro. Então podia fallar-se de Hespanha: as saudades da patria eram n'este momento sentidas e expressadas com expansiva eloquencia, e faziam-se fervorosos votos por voltar ao patrio lar.

Mais tarde o rei lia os seus livros favoritos. *O Paraizo Perdido* de Milton era uma das obras suas predilectas, e passava horas inteiras entregue, ou á leitura dos classicos, ou ao estudo da historia e geographia.

Acontecia ás vezes, ouvirem-se durante este tempo as harmoniosas teclas de um piano, reproduzindo uma canção hespanhola.

Era seu irmão D. Carlos, que recordava d'este modo as formosas campinas da sua patria.

Então o rei punha de parte o livro, chamava seu irmão e entregavam-se ambos a esses desafigos d'alma, que são a ventura dos prisioneiros.

Assim chegava a hora de jantar.

N'esta occasião reuniam-se os tres illustres desterrados: o rei, seu irmão e seu tio; e durante o jantar, fallavam em

vóz baixa, para que aquella intima conversação de familia não transpirasse além das paredes da prisão.

Thibaud, que era severo no cumprimento de seus deveres, atreveu-se a interromper estes prazeres de familia, e desde então o jantar foi triste e melancolico.

A' tarde o rei passeava pelos jardins, e á noite o representante de mr. Talleyrand, segundo as ordens de seu amo, reunia em Valencey algumas jovens amaveis, a fim de que, entre os prazeres da sociedade, se desenvolvesse em Fernando uma paixão viva e ardente, que lhe fizesse esquecer o infortunio.

O rei, porém, percebeu o laço, e livrou-se d'elle.

Este modo de viver principiou por aborrecer-lhe, e acabou por causar-lhe desesperação com as imprudencias do novo mestre-sala.

Ao quinto dia de exercicio das funcções d'este insupportavel empregado, Fernando viu com assombro que, no sitio onde havia assignalado a folha em que no dia anterior interrompera a leitura, havia um papelinho de seda com estas palavras, que podiam ter um sentido symbolico.

«Aquelles que Vossa Magestade esperava estão a vosso lado.»

O rei perdeu a côr: a emoção era demasiado violenta, e por alguns momentos ficou tremulo e pensativo, não podendo imaginar que mão teria ali collocado o mysterioso papel.

Depois de algum tempo levantou a cabeça, e viu Juan Thibaud e mr. Bignon, conversando ambos na casa immediata.

Apertou o precioso papel entre os dedos, e ficou com a cabeça inclinada sem ver as letras do livro.

O rei sabia que alguns hespanhoes generosos tratavam

de o tirar da prisão; mas ignorava se isto chegaria a realisar-se: não sabia quando soaria a hora da liberdade, e desconhecia o plano adoptado pelos seus vassallos. Por algum tempo abrigou, pois, a doce esperança de voltar á Hespanha; porém pouco a pouco se foram transformando em uma incerteza remota, até se aniquilarem de todo, as gratas illusões que a appareição d'aquelle papel lhe fizera conceber.

E' facil comprehender o transtorno produzido no seu espirito pela occorrença do bilhete misterioso.

Fernando passou o dia preocupado e pensativo. Quem seriam os generosos hespanhoes que estavam a seu lado? A sua imaginação perdia-se em immensas conjecturas; mas todos os problemas ficavam por fim sem solução. Deixou, pois, ao tempo a explicação d'este enigma, e esperou.

Levantou-se no dia seguinte, e dirigiu-se á janella segundo o costume. A manhã estava fria, e por isso tinha vestido o seu casaco de inverno. Quando principiava a estender a vista pelos campos, pediu mr. Bignon licença para entrar.

O rei fez um gesto de desgosto, mas permittiu-lhe a entrada.

Mr. Bignon appareceu á porta, e saudou profundamente.

—Tenho a honra de saudar Vossa Alteza.

—Obrigado, senhor abbade, disse Fernando, lançando-lhe um d'aquelles olhares malignos e escrutadores, que depois foram tão mal interpretados pelos seus inimigos.

—O senhor governador envia-me aqui saber se Vossa Alteza passou bem a noite.

O rei olhou o abbade com attenção.

—Dizei-lhe que passei bem.

Mr. Bignon fez nova cortezia e tratou de retirar-se.

—A proposito, disse o rei, que não perdia occasião de informar-se de certas cousas:

O abade ficou.

—Disseram-me, ou me parece ter entendido, que sois de Chateauroux.

—Sou dos arredóres, senhor, respondeu o abade com extraordinaria firmeza.

—Visto isso, haveis de dizer-me uma cousa.

—Muito gosto terei em responder a Vossa Alteza.

Fernando alongou a vista pela cultivada planicie, e apontou para um ponto negro e informe, que destacava d'entre alguns grupos de arvores.

—Sabeis o que é aquella grande massa escura que d'aqui se divisa?

—São umas ruínas romanas, senhor.

O rei pediu então um oculo, e convenceu-se do que mr. Bignon lhe havia dito.

Durante aquelle dia esteve o rei entretido em tirar um pequeno esboço das ruínas.

A' noite, depois da recepção ordinaria, retirou-se ao seu quarto.

Thibaud accendeu as luzes, approximou do leito a pequena mesa do quarto de dormir, e despediu-se de sua Alteza.

Fernando ficou só, meditando talvez no enigmatico papel do dia anteriór. Bem depressa teve somno e deitou-se.

Porém, com extraordinario assombro seu, advertiu que havia um pequeno agulheiro de marfim entre os lençoes de cambraia.

Aquelle agulheiro significava alguma cousa. Tomou-o rapidamente, abriu-o com extrema curiosidade, e tirou d'elle um papelinho muito bem enrolado.

Fernando estremeceu de alegria; voltou-se para a parede, temendo que alguém espreitasse pela fechadura, e depois de haver tomado outras precauções, desdobrou o papel,

e notou que era escripto pela mão que havia escripto o do dia antecedente.

Batia-lhe o coração com violencia, e mais ainda quando leu o seguinte:

«Trabalha-se por libertar Vossa Magestade: tudo vae perfeitamente: vossos subditos velam. Desde amanhã á noite, collocae, antes de deitar-vos, uma luz no peitoril da vossa janella. Outra luz, que apparecerá nas ruinas que hoje haveis desenhado, é o signal de esperanza. Prudencia, silencio e valor.»

O rei ficou maravilhado, e leu novamente o mysterioso bilhete, com o fim de o reter de memoria. Em seguida reduziu-o a cinzas na chamma de uma vela.

Oh! pensou elle, sem duvida a Providencia quer tirar-me d'esta prisão, onde tanto estou soffrendo. Em vão se oppõe a espionagem á lealdade de um punhado de hespanhoes. Estou no meio d'elles, e não os vejo: fallam-me dos meus actos, como se os houvessem presenciado. Ó esperanza, ultimo refugio de um coração atribulado! só tu podes reanimar-me o espirito, abatido por tantas desgraças.

Fernando adormeceu, e sonhou com a liberdade.

Todo o dia seguinte levou pensando na chegada da noite. Houvera dado os mais preciosos dias da sua existencia para accelerar o correr do tempo, e chegar finalmente a ver brilhar a luz das ruinas, a qual para elle devia ser a esperanza do porvir.

Ainda assim, não quiz alterar seus habitos para não chamar a attenção dos espias.

Jantou com seu irmão e com seu tio, e á tarde passeou com o governador.

Este, sempre severo e inflexivel, não permittia a si proprio, quando estava diante de seu real prisioneiro, outra fa-

culdade senão a de acompanhá-lo em silencio, e responder laconicamente, se lhe fallava.

N'aquella tarde mr. Richenan tinha perdido alguma cousa da sua constante gravidade, e achava-se mais social do que em outras occasiões. O motivo d'esta transformação era a certeza, que tinha recebido de mr. Thibaud e mr. Bignon, de que era impossivel a fuga do rei, por mais que a temessem os governos de França e Hespanha.

Fernando notou a favoravel mudança que se havia operado no carcereiro, e aventurou-se a soltar algumas phrases a este respeito.

—Parece, mr. Richenan, que estaes de melhor humor?

O governador torceu os bigodes, e approximando-se do principe, respondeu:

—Confesso a Vossa Alteza que estou mais tranquillo e mais satisfeito.

—Tivestes algum accesso de posto?

—Nada d'isso, senhor. Esta satisfação procede de causas que já não tenho inconveniente em patentear a Vossa Alteza.

—Não quero, disse Fernando, que por mim violeis alguma ordem.

—Trata-se, replicou mr. Richenan, de um negocio que me tinha dado bastante inquietação.

—Sim?

—Nada menos que de guardar a pessoa de Vossa Alteza.

O governador estava tão expansivo, porque julgava não ter nada que receiar a respeito da prisão do rei.

Fernando ficou surpreso, se bem que procurou occultar a agitação que repentinamente mostrou no rosto.

Deixou de passear, e fitando com firmeza o governador, perguntou:

—Por acaso não são sufficientes essas muralhas e esses torreões que me cercam?

Um ligeiro sorriso appareceu nos labios de mr. Richenan.

—Não é isso, senhor.

—Não?

—Sabe-se officialmente que Vossa Alteza tratava de evadir-se.

O coração do rei palpitou com violencia ao ouvir esta noticia, a pezar de dissimular com fingida tranquillidade o effeito que lhe produzira.

—Evadir-me eu! Sem duvida sonhastes esse disparate, mr. Richenan.

—Não fui eu que o sonhei, foi o governo.

El-rei soltou uma gargalhada.

—Isso é curioso, meu qnerido governador, disse elle. Terieis a bondade de me contar circunstanciadamente esse sonho, se não vae n'isso a vossa dignidade?

Não tenho duvida, senhor. O governo officiou-me participando que uns hespanhoes atrevidos tratavam de tirar-vos de Valencey.

—Isso quer dizer uma cousa.

—O que?

—Quer dizer que deveis ser mais rigoroso para comigo.

—Confesso que o tenho sido. Mas Vossa Alteza sabe muito bem as obrigações que me impõe o dever n'estes casos.

—E' certo. Mas em resumo, onde estão esses hespanhoes?

—Não existem.

—Creio. Lembrae-vos que, se elles existissem, já eu estaria fora d'esta fortaleza.

—Tão mal está Vossa Alteza aqui?

—Todo o homem está mal quando carece da liberdade, dom precioso da natureza, e se vê privado dos seus direitos, herança sagrada da divindade.

Mr. Richenan não teve que responder á persuasiva lógica do rei.

Depois este fez recair a conversação sobre o assumpto da sua evasão. Convinha-lhe saber as ideias do governador sobre esta materia.

—Sabeis uma cousa, mr. Richenan? disse depois de grande silencio.

—O que, senhor?

—Parece-me que os rumores da minha fuga vos tem causado alguns desgostos.

—Muitos, senhor.

—Se isso acontecesse, perderieis o emprego.

—E seria submettido a um conselho de guerra.

—Já vêdes que, por fortuna, não ha a lamentar semelhante desgraça.

—Posso assegurar-vos que em principio temi que succedesse.

—E agora?

—Agora, senhor, respondeu mr. Richenan com affouteza, mudaram as circumstancias.

O rei não quiz perguntar mais, por não despertar as adormecidas suspeitas do governador, e terminou o passeio sem outro incidente.

Chegou finalmente aquella noite tão desejada para as esperanças do augusto prisioneiro. O ceo, coberto de espessas nuvens, occultava o fulgente resplendor das estrellas. A escuridão era profunda, o vento silvava de quando em quando, similhando às vezes o grito de alguma victima, ou o desesperado esforço de algum assassino: rangiam surdamente os cataventos do castello, e as vidraças e portas tremiam de modo aterrador, como se diabolica mão as impellisse.

Fernando não queria faltar á sua costumada reunião. Toda a noite esteve mais jovial que de ordinario: fallou com as da-

mas, que mendigavam um dos seus sorrisos e olhares, e soube chamar a atenção, com os apreciáveis dotes do seu espirito, da côrte de espões que o cercava.

À hora do costume retirou-se aos seus aposentos, situados n'um grande torreão da fortaleza. Thibaud saiu a recebê-lo, e por esta vez encontrou no rei menos dureza.

Approximava-se o momento de praticar o que se lhe designava no segundo aviso. Comtudo, longe de manifestar algum signal de impaciencia, esteve ceando e conversando com o fingido contramestre, que n'esta occasião mereceu a honra de ouvir as palavras do prisioneiro.

Chegou o instante de deitar-se, e Fernando ficou só como de costume. Então, tomando uma das vellas que ardiam sobre a mesa, dirigiu-se á janella da habitação.

O vento tinha diminuido; mas a escuridade era mais profunda. O rei olhou para o sitio, onde se achavam as ruinas romanas, só distinguio o cahos. Tremia-lhe a mão que sustinha a luz; tinha medo de ver morrer a sua unica esperança.

Não devendo, porém, perder um instante n'aquella occasião solemne, collocou-a no peitoril da janella.

No momento em que os raios de luz atravessavam o espaço, Fernando esteve a ponto de dar um grito de alegria.

Lá ao longe, entre os espessos veos da noite, brilhou uma estrella, uma luz que correspondia, segundo parecia, á do castello de Valencey.

Aquelle pharol mysterioso permaneceu sem movimento todo o tempo que a luz do rei brilhou na janella. Retirou-a elle de repente, e a estrellinha das ruinas desapareceu tambem.

Batia com violencia o coração do prisioneiro, e cheio de alegria, se dirigiu ao leito, murmurando:

—Meus amigos velam. Esperemos.

Teve um somno tranquillo, como o somno de quem confia no porvir.

A este successo, que viera dar uma nova faze á vida do rei, seguiram-se alguns dias de incerteza e anciosa expectativa.

Fernando não tinha recebido novo aviso; porém todas as noites collocava a luz na janella, e no mesmo instante brilhava a das ruinas. Esta occulta intelligencia entre um prisioneiro que suspirava pela liberdade e uns entes desconhecidos que lh'a prometiam, era o que sustentava a sua presença de espirito e valor.

Todas as manhãs, na occasião de levantar-se, dirigia-se a um pequeno genuflexorio, e ali offerecia a Deus os soffrimentos da sua patria e os de que era victima em Valencey. Esta oração não era muito longa, mas era sincera e fervorosa.

Levantou-se um dia Fernando, e foi dar cumprimento ao devoto exercicio, que terminava sempre deslocando um pequeno crucifixo de marfim e beijando-lhe os pés. N'este dia, no momento em que o tirava do lugar em que se achava, viu cair um papel que ficou sobre o oratorio.

Beijou os pés do Senhor, e em acto continuo, cheio de contentamento por aquelle inesperado aviso, apoderou-se do papel.

Não duvidava que era uma nova mensagem enviada pelos seus amigos, para fortalecer-lhe a fé, e augmentar-lhe a esperanza.

Desdobrou-o, e viu que estava escripto com letra igual á dos anteriores. Olhou em redor da casa, para não ser surpreendido, e a final, convencido de que ninguem o observava, leu o seguinte:

«Está proxima a hora da liberdade de Vossa Magestade. Dentro em tres noites deveis alcançal-a. Estae áleria. Debaixo do vosso leito ha uma lousa: ouvireis ruido como de

homens que trabalham por arrancar-a. Tudo está calculado e previsto. No fim do tempo que se vos marca, apparecerão no vosso quarto dois homens, nos quaes Vossa Magestade conhecerá os seus libertadores. Elles farão o resto. Deus e confiança.»

Fernando sentiu-se tão vivamente impressionado pela leitura d'este escripto; foi tão grande a sensação que experimentou, que, caindo nòvamente de joelhos, deu graças ao Omnipotente pela occulta protecção, que lhe prodigalizava a elle, monarcha infeliz, sem corôa e sem reino, encarcerado e vexado por um conquistador prepotente e egoista, que tudo sacrificava para faltar a insaciavel ambição que lhe ia na alma.

CAPITULO XXVII

A EVASÃO

O torreão de Valencey, que servia de carcere a Fernando VII, era quadrangular.

Occupava o rei a parte principal, ou o andar superior: a inferior estava abandonada, e unicamente servia para guardar moveis inuteis, e objectos antigos do tempo em que a fortaleza tinha de resistir a algum ataque dos senhores immediatos.

Para este repartimento entrava-se por uma escura galleria que tinha duas communicações: uma com o jardim do edificio, e outra com os pateos e armazens. De modo que o andar inferior áquelle em que se achava o prisioneiro, era um local quasi desconhecido da maior parte dos habitantes do castello.

Era este o sitio destinado para a fuga do rei de Hespanha.—Agora perguntará o leitor, como puderam os que tratavam de o libertar introduzir-se n'aquelle logar, sem serem

observados pelos numerosos espías e sentinellas, que povoavam a maior parte dos reductos, passadiços e muralhas?

A explicação é facil; Juan Thibaud tinha escolhido de proposito um quarto perto da galeria de que já fallámos, com o fim, segundo declarou ao governador e á condessa de Segalvo, de espionar d'ali quanto podesse occorrer no torreão. A razão era convincente, por tanto mr. Richenan entregou-lhe a chave da mencionada casa. Mr. Bignon fez algumas considerações analogas, e conseguiu occupar um quarto tambem contiguo ao de mr. Thibaud.

Senhores d'aquelle logar tão desejado, os dois personagens que tão interessante papel vão desempenhando n'esta obra, applicaram-se todas as noites a observar tudo quanto se passava em roda.

O resultado das suas pesquisas foi o seguinte:

A' meia noite, um sargento e quatro soldados iam collocar-se n'um pequeno mirante, que se achava na parte opposta da galeria, com o fim de vigiar e guardar o jardim.

Da uma ás duas chegava uma ronda ao mencionado mirante, recebia do sargento participação do que occorria, e retirava-se até ás quatro horas da manhã, occasião em que tornava a apresentar-se.

Era isto o que succedia constantemente, a não ser que o governador apparecesse sem ser esperado a qualquer hora da noite, o que acontecia muito raras vezes.

Convencidos os nossos dois amigos de que ninguem entrava na galeria, julgaram não dever demorar o projecto ariscado que traziam entre mãos.

Cada um se munio de um par de pistolas e um punhal, para defender a vida no caso de serem sorprendidos, e depois do mais que julgaram conveniente levar, saíram era meia noite mui cautelosamente dos seus quartos, e meteram-se na galeria.

Thibaud tinha gravado em cera a configuração da fêchadura da porta que queriam abrir, e assim foi-lhe facil arranjar uma chave apropriada: assim pouco lhe custou entrar na casa, que ficava exactamente debaixo do quarto de dormir de Fernando VII.

Livres de todos os olhares n'este logar, Thibaud puxou por pedra e fusil, e feriu lume, com que accendeu uma lanterna servindo-se de mecha, e revistaram a casa, que, como já dissemos, estava cheia de objectos inuteis ou abandonados.

O tecto era bastante alto, e formava-o uma abobada, dividida em angulos, que iam reunir-se em um fecho central.

Thibaud era d'esses homens que entre o calculo e a execução só fazem mediar um minuto. Disse ao abbade Bignon que procurasse uma picareta ou um pedaço de ferro com que se podesse ir ferindo o tecto, em quanto elle tratava de procurar uma escada de mão para subir ao centro da abobada.

Depois de algum tempo, um encontrou a escada, e o outro duas alabardas antigas.

A escada foi encostada a umas vigas que Thibaud levantou com força herculea, e em acto continuo calculou-se o sitio, onde tinha de principiar a perfuração, para chegar á lousa que se achava debaixo da cama do rei.

Feito tudo isto, só faltava começar o trabalho.

—Chegou o momento, disse o contramestre em voz baixa. A occasião é admiravel, e tudo está preparado.

—Vamos, respondeu mr. Bignon, trabalhemos com ardôr. Estes dois homens não proferiram mais palavra.

O abbade subiu pela escada, e começou a ferir o tecto com a ponta da alabarda, no sitio designado por Thibaud. A argamassa era durissima; mas as forças d'aquelle novo Titan, que na vaga penumbra da habitação parecia colossal vampiro adherido ás humidas paredes do edificio, eram extraordinarias.

Thibaud entretanto apanhava os fragmentos da calça e pedra, e escondia-os a um canto da casa.

No fim de meia hora, este subiu pela escada, e desceu mr. Bignon, para que o trabalho fosse menos violento.

O rei não dormia quando sentiu os golpes que soavam debaixo do leito.

Cresceu-lhe a esperança no coração, vendo approximar talvez o termo dos seus males, e rogou a Deus que a empreza tivesse um exito feliz.

Duas horas durou o trabalho dos libertadores. Depois, tudo ficou novamente em profundo silencio.

Tinham elles conseguido abrir uma cavidade de tres pés de diametro e uma terça de profundidade, e estavam satisfeitos do seu trabalho.

No dia seguinte não occorreu novidade. O rei pensava em encobrir a alegria, que o dominava a pesar de se conservar resignado, segundo as observações de Saint Prosper, a receber com valor e gratidão as desgraças que Deus lhe enviava.

Todavia, a noite era desejada por elle mais anciosamente.

Antes de deitar-se, collocou a luz na janella, e no mesmo instante brillou a luzinha das ruínas. Era uma nova prova de fé e segurança, que vinha derramar o balsamo consolador n'aquelle coração atormentado por tantas duvidas e desenganos. Além havia um mensageiro fiel, que por meio d'este signal se correspondia com o captivo de Valencey, e lhe enviava a felicidade por entre as trevas da noite.

Fernando deitou-se contando as horas. Devia ser aquella a ultima noite de captiveiro, conforme as promessas que tinha recebido. Quiz dormir, mas foi-lhe impossivel.

Algum tempo depois sentiu os golpes da noite anterior retumbar por baixo do leito. Cada vez iam elles tornando-se mais distinctos. Os infatigaveis obreiros continuavam na sua penosa tarefa sem soltar uma palavra; por que o rei tinha

applicado o ouvido procurando escutar alguma voz, e não tinha podido conseguir o seu intento.

Bem depressa notou que os golpes soavam seccamente na pedra, o que dava a conhecer que só faltava levantá-la. Depois, ao ruido do trabalho succedeu profundo silencio.

Fernando cuidou ter acabado o trabalho por aquella noite; porém, ao fim de algum tempo tres pequenas pancadas na lousa se fizeram ouvir, como de quem deseja chamar-lhe a attenção por este meio.

O rei assim o comprehendeu, e levantando-se do leito, respondeu com outras tres pancadas.

Immediatamente soou uma voz, que parecia nascer do fundo de um subterraneo.

—Está Vossa Magestade prompto? perguntaram do outro lado da lousa.

—Sim, respondeu o rei, cheio de jubilo.

—Então, até amanhã.

—Até amanhã, replicou Fernando.

Este curto dialogo augmentou-lhe a alegria; pois n' elle estavam concentradas todas as suas esperanças.

Amanheceu finalmente o dia em que ellas deviam realizar-se. O sol radiante e sem nuvens surgia do oriente, como precursor da felicidade do desventurado captivo: a natureza tinha sacudido as negras nuvens, que por tanto tempo a tinham enlutado. Parecia que o doce e meigo sorrir da primavera animava a dilatada campina, que rodeava o velho castello.

Lentas e pausadas horas augmentavam a crescente impaciencia de Fernando, que calculava a distancia que o separava da noite. Comeu pouco n'este dia: fallou apenas o absolutamente necessario com seu tio e com seu irmão, temendo

soltar alguma palavra indiscreta, e passeou com o governador, conversando sómente sobre cousas insignificantes.

Brilharam finalmente as primeiras estrellas da noite : o firmamento, limpido e azul como o mar em agradável calma, accendeu todas as suas pallidas tochas : no horisonte não se enxergava a mais ligeira nuvem, nem ainda as que, coloridas pela resplandecente purpura do sol no occaso, se veem frequentes vezes recamando o ceo nas moribundas horas do crepusculo.

Fernando saudou aquelles astros que lhe pareciam mensageiros de felicidade. Depois, cedendo ás exigencias do seu captivo, teve de assistir a uma d'aquellas reuniões nocturnas, a que o obrigava a politica imperial.

Por mais que o rei quiz parecer satisfeito, os assíduos espectadores em Valencey perceberam que não estava tão amavel como de outras vezes.

Elle pela sua parte olhou duas ou tres vezes para um dos relógios da sala, até que terminou a reunião.

Apressou-se o rei em voltar aos seus quartos. Como de costume, saiu a recebel-o Juan Thibaud, seu mestre-sala, com o sangue-frio e serenidade que já conhecemos n'este homem. Permaneceu a seu lado todo o tempo que durou a ceia: no fim pediu licença para retirar-se.

Concedeu-lh'a o rei, e ficou então completamente só.

Facilmente se poderia ouvir palpar-lhe o coração, á medida que passavam os minutos.

Era chegado o instante, em que ia talvez arriscar a sua vida para correr até junto do povo, que luctava contra o colosso que o tinha algemado; em que ia conhecer os valentes hespanhoses, que, á custa dos immensos sacrificios sem duvida, tinham penetrado em Valencey: era finalmente este o momento em que se dispunha a vencer por meio da astucia

aquelle que lhe arrancara tão audaciosamente a corôa da frente.

O rei, como é natural, em vez de metter-se na cama, deitou-se vestido sobre o leito, escutando todos os ruidos que se perdiam nas galerias do castello. Depois succedeu um silencio sepulcral.

Era tão grande a inquietação, de que se achava possuido, que não se lembrou de consultar a luz das ruínas: recordando-se repentinamente d'este accidente, tratou de descer do leito para remediar o esquecimento. Porém ao mesmo tempo sentiu mecher na lousa.

Este rumor quasi o fez tremer.

Ficou, portanto, em completa immobildade, esperando ver apparecer os dois homens designados no ultimo aviso; pois que, segundo notára pelo que ouvira, parecia ter sido levantada a lousa, que haviam deixado escorregar sobre o pavimento, para deixar livre o caminho.

Esta reflexão incitou-o a descer do leito, para ajudar os operarios n'aquelle penoso trabalho; mas foi já inutil o soccorro. A este tempo penetrava um homem pela abertura praticada, e d'ahi a pouco caía de joelhos aos pés de Fernando.

—Juan Thibaud! exclamou elle, retrocedendo e duvidando do que via.

—Não se assuste Vossa Magestade, respondeu o fingido contramestre com voz commovida e as lagrimas nos olhos: eu não sou Juan Thibaud, mas sim um leal vassallo de Vossa Magestade, que expoz a vida e a exporá mil vezes para salvar o seu rei.

Fernando ficou aturdido por alguns momentos sem saber explicar a si proprio este acontecimento.

Immediatamente apresentou-se mr. Bignon, e foi, como o seu amigo, ajoelhar aos pés do rei.

—Tambem o abbade ! exclamou elle levantando-os.

—Sim, senhor : venho tambem offerecer o meu sangue e a minha existencia a Vossa Magestade.

—Oh ! mal posso eu crer quanto vejo !... Quem sois ?

—Eu sou aquelle Roberto Mauricio de Malvar, duque de Penhafil e de Almanzano, que tão leal e fielmente serviu o vosso infortunado pae, e que tantas provas tem dado de amor e adhesão ao throno.

—E vós ? perguntou o rei ao fingido mr. Bignon.

—Eu sou o barão de San Yuste, nobre asturiano que tenho sustentado á força da minha espada os vossos direitos.

—Basta senhores, exclamou o rei commovido. Conheço os vossos titulos e a fidalguia de vossas familias, e por isso me entrego nas vossas mãos. O' Hespanha, Hespanha ! quantos nobres corações encerras em teu seio !

Fernando olhou de novo para os dois hespanhoes, que á força de prudencia e sagacidade conseguiram chegar até ali.

—Agora, disse o conde de Malvar, tudo está disposto. Os momentos são preciosos: é nossa a fortuna e o porvir. Aqui estamos ás ordens de Vossa Magestade.

—Partamos, disse o rei, cobrindo-se com um chapeo.

—Espere Vossa Magestade, respondeu o conde de Malvar, cuja nobre attitude impunha respeito ao principe: é necessario avisar os nossos amigos, para que estejam preparados.

—Ah ! exclamou o rei detendo-se; ha mais gente commettida por minha causa ?

—Sim, senhor.

—Onde estão ? perguntou Fernando cheio de reconhecimento.

—Acham-se espalhados desde Valencey até a Rochella, senhor.

—Ha algum signal convencionado?

—Se Vossa Magestade o permite, eu darei.

El-rei passava de surpresa a surpresa. Contemplou novamente o conde de Malvar e o barão de San Yuste, e admirou o papel que estas almas generosas tinham desempenhado por tantos dias, até chegar áquelle momento supremo.

—Dae-o, pois, conde, disse Fernando

—Consultou Vossa Magestade a luz das ruínas?

—Não. Com a esperanza da fuga olvidei esse dever.

—Não tem duvida.

O conde de Malvar pegou n'uma vela e dirigiu-se á janella. O rei, arrastado pela curiosidade e pelo enthusiasmo, que lhe produzia aquelle heroico e quasi impossivel empreendimento, seguiu os passos do conde.

Este collocou a luz no peitoril da janella, e no mesmo instante brilhou outra luz no indeterminado fundo das ruínas.

O coração do rei batia com violencia.

Tirou o conde a luz, e ao mesmo tempo desapareceu a longiqua estrella que a todos enchera de contentamento.

Um minuto depois, tornou o conde a collocar a luz. A esta segunda apparição respondeu tambem o mysterioso resplendor, succedendo isto por tres vezes.

—Está dado o signal, disse o conde de Malvar, satisfeito do bom resultado. Agora Vossa Magestade precisa mudar de vestido. Como está, seria conhecido pelos esbirros de Napoleão, e é necessario que a policia franceza fique burlada.

Em quanto o conde dizia isto, o barão collocava sobre o leito um vestuario completo d'esses mercadores errantes, oriundos da Bretanha e da Normandia, que então divagavam pela França com o fim de dar consumo ás suas fazendas.

Fernando comprehendeu quão perfeitamente estudado e combinado estava o plano da fuga, e nada teve que dizer, senão obedecer cegamente aos desejos do conde.

Em quanto despia os seus vestidos, e se cobria com o disfarce, o conde de Malvar contou o que tinham projectado

—Em quanto Vossa Magestade se disfarça, disse o conde, é nossa obrigação declarar-lhe o que temos de fazer para illudir a vigilancia dos carcereiros.

—Muito desejo saber o que intentaes fazer.

—Senhor, sabeis de certo que ha em Hespanha associações poderosas, que teem por fim derribar o conquistador.

—Sim.

—D'ellas nasceu o pensamento de libertar-vos.

—Assim o tenho percebido.

—Para realisar, pois, este pensamento, e restituir aos hespanhoes o mais amado dos seus reis, elegeram ellas os dois homens que estão na presença de Vossa Magestade. Immensa era a responsabilidade e sagrada a missão que contraimos.. Porém, acceita por nós, era um dever não descansar até chegar a vosso lado.

—Realisastes o que se cria impossivel, disse o rei.

—Na época talvez em que vossa Magestade é mais vigiado. Mas tudo está vencido. Sabe Vossa Magestade aonde conduz essa abertura?

—Não.

—Conduz a uma habitação inferior que communica com uma galeria.

—E essa galeria?

—Tem uma porta para os jardins da fortaleza.

—Ah! exclamou Fernando; então havemos de fugir por essa porta?

—Sim, senhor; tenho aqui a chave, respondeu o conde.

—Mas, quando nos acharmos nos jardins, por onde sairemos sem ser vistos por alguma sentinella?

—Estão tomadas as precauções necessarias.

—Como?

—No meio do jardim ha uma fonte, que recebe agua de uma cisterna immediata.

—Bem.

—N'esta cisterna, vazia a maior parte das vezes, ha um conducto subterraneo, construido de tijolo. Ignora-se a sua origem; mas explorações arriscadissimas teem demonstrado ser um caminho seguro, que conduz ás ruinas romanas, onde todas as noites tem brilhado a luz! Esta senda, desconhecida pelos modernos possuidores, evita-nos qualquer perseguição, no caso de sermos descobertos. Nas ruinas estamos salvos, senhor, e Vossa Magestade tornará a pisar o solo hespanhol, onde os vossos vassallos combatem com valoroso esforço contra as hostes do tyranno.

—Conde, disse o rei meneando a cabeça, admiro e agradeço os perigos que tendes corrido por minha causa; mas á medida que cresce a meus olhos o prodigio de amor e de heroismo que praticaes, maior é a minha preplexidade, pensando no resultado que poderão ter estes projectos. Como bem sabeis, a minha fuga descobrir-se-ha d'aquí a algumas horas. Tendes previsto a perseguição a que nos expomos?

—Sim, senhor.

—Calculastes que desde Valencey até á Rochella ha mais de quarenta leguas a percorrer?

—Tambem.

Fernando admirou-se ainda mais.

—Como? disse elle fitando os seus grandes olhos na serena physionomia do conde.

—Senhor, tão depressa chegarmos ás ruinas, encontraremos dois mancebos valentes e decididos, esperando-nos com

magnificas eguas neerlandezas, que correm por dia mais de vinte leguas.

— Oh !

— Facilmente chegaremos a Porticos n'estas excellentes cavalgaduras antes do romper da aurora.

— Julgaes ?

— Tenho tudo perfeitamente calculado. De Porticos por diante a perseguição será mais difficil, por causa da natureza do paiz.

— E' verdade.

— Amanhã a estas horas estaremos em Niort. N'este ponto reunir-se-nos-ha outro joven.

— E depois ?

— Chegaremos ás costas defronte da ilha de Ré. Ali espera por Vossa Magestade uma excellente falua com bandeira dinamarqueza, e no dia seguinte estareis em Londres, para publicar ante a face da Europa os occultos ardís de que tendes sido victima, e os crueis soffrimentos porque haveis passado.

De tal modo fulgia o ardente olhar do conde de Malvar; havia tanto fogo e ousadia nas suas palavras, tanta grandeza no gesto, que o rei, fascinado, exclamou:

— Comprehando tudo, partamos. Deus vele por nós e nos illumine n'estes momentos de provação.

O rei estava perfeitamente disfarçado. Um amplo vestido de mercador lhe cobria o esbelto corpo, e uma cabelleira roxa debaixo de um grande chapeo de aba larga acabava de o disfarçar completamente.

O conde de Malvar foi o primeiro que se introduziu debaixo do leito, e desapareceu pelo buraco praticado no pavimento.

— Descei, senhor, disse o barão de San Yuste apontando para o negro boqueirão que parecia devoral-os: chegou o momento supremo, descei.

O rei não respondeu; desapareceu tambem imitando o conde de Malvar.

O barão de San Yuste, que foi o ultimo a abandonar o calabouço do prisioneiro, deitou-se de bruços para observar a descida do rei.

Quando elle chegou ao fim da escada, ou melhor diremos, quando o vulto de Fernando se foi emergindo na escuridade que reinava na casa inferior, então o asturiano desceu suavemente e sumiu-se nas trevas como um genio da *Lampada maravilhosa*.

A primeira tentativa estava coroada de um exito completamente feliz.

CAPITULO XXVIII

QUEM VIVE?—RONDA MAIOR

Os tres fuggitivos chegaram ao fundo da escada.

Malvar estava munido de uma lanterna de furtafogo, para fazer uso d'ella no subterraneo; e empunhava com a outra mão uma pistola, resollvido a matar o primeiro que, por desgraça, quizesse estorvar os seus projectos.

Depois de se acharem na habitação inferior, dirigiram-se para a galeria.

Estava solitaria, como de costume. Ouvia-se ao fundo algum ruido, causado pelo piquete que todas as noites era postado no mirante, e mesmo, avançando um pouco, podia-se ver o clarão da grande fogueira que os soldados tinham accendido.

A pezar de estarem preparados para este acontecimento, o rei e os seus dois salvadores sentiam palpar com violencia o coração. Nenhum dizia sequer uma palavra.

Era meia hora depois da meia noite.

O conde de Malvar procurou a porta do jardim, e finalmente achou-a. Introduziu a chave e fez correr a lingueta da fechadura.

O ar da noite, que banhou repentinamente o rosto do prisioneiro, fez-lhe conhecer que a porta estava aberta. Com effeito, levantou a fronte, e a través da ramagem das arvores distinguio o firmamento semeado de estrellas, semelhante a uma alfombra de brilhantes que Deus estendera a seus pés.

Estava aprazível a noite: um socego profundo reinava no castello: o ar sussurrava brandamente na copa dos arbustos, e a escuridão que cercava os tres hespanhoes contribuia para mais facilmente se effectuar a evasão.

Para chegar á fonte indicada pelo conde de Malvar, era preciso atravessar uma grande parte do jardim. Por fortuna um renque de alamos impedia que a sentinella do mirante visse o que alli se passava, e isto favorecia as circumstancias.

Foi de parecer o conde que, em vez de irem juntamente os tres, caminhassem separados a distancias eguaes, para proteger-se mutuamente.

O rei devia caminhar no centro, para maior segurança: o que ia na frente, e era o conde, expunha-se a ser o primeiro a succumbir, no caso de ser descoberto; e o que vinha a traz que seria o barão, estava sujeito a igual perigo, se fossem sorprendidos pela retaguarda.

Regulada assim a marcha, dirigiram-se para a fonte, guardando a distancia convencionada.

Andaram uns trinta passos.

Havia uma pequena encruzilhada que atravessar; e ao tempo de chegar ali, o conde retrocedeu rapidamente e approximou-se do rei:

—Senhor, exclamou, estamos descobertos!

E ao mesmo tempo engatilhava um par de pistolas.

Fernando, que nada via, senão a espessa sombra formada pelo arvoredado do jardim, respondeu:

—Que dizeis, conde!

—A verdade. Por este caminho proximo avança uma ronda.

O barão reuniu-se aos dois, e ficou aterrado com esta noticia.

Principiava a vêr-se a través dos ramos o resplendor de uma luz.

—E agora? disse o barão, imitando o movimento de seu amigo, e collocando-se diante do rei, para o escudar com o seu corpo.

—Não é tempo de retroceder, disse o conde: a ronda está muito perto, e seriamos sorprendidos. Comtudo, vinde, senhor, vinde.

Malvar atreveu-se a tomar a mão do rei, e a conduzi-lo para dentro de um grupo de arvores que tinha atrás de si. O barão seguiu-os escudando sempre o corpo de Fernando.

Este movimento causou, como era de esperar, algum ruido, pelo que avançaram dois soldados com o fim de explorar o terreno.

Era, porém, tão intensa a escuridão, que não poderam distinguir cousa alguma.

Ao mesmo tempo ouviu-se a voz da sentinella postada no mirante:

—Quem vive?

—Ronda maior, responderam os de baixo.

Os que militaram e sabem as formalidades da ordenança, comprehendem o que seja ronda maior.

—Esta voz, observou o conde de Malvar, é de mr. Richenan.

—Do governador? perguntou o rei.

—Sim, senhor.

A ronda maior teve de parar para dar o santo e a senha quando o sargento do corpo da guarda descesse a recebê-lo.

Por desgraça, n'esta occasião, o sargento descia ao jardim pela porta que poucos momentos antes tinha sido aberta pelo conde de Malvar. Por conseguinte, os soldados do corpo da guarda tinham de passar muito perto dos fugitivos, o que augmentava o perigo que corriam.

Havia outro maior. O conde não tinha fechado a porta da galeria, e isto devia causar ao sargento não pouca surpresa, por ser o depositario da chave.

Com effeito, dando por isto, o sargento avançou a passo acelerado para o ponto onde estava a ronda maior.

Ia tão depressa, que passou, sem os ver, a dois passos dos fugitivos.

Depois das formalidades militares que se executam para o reconhecimento de uma ronda maior, perguntou mr. Richenan ao sargento:

—Ha alguma novidade?

—Sim, meu general, respondeu o sargento perfilando-se.

—Bem: que occorre?

—A porta da galeria, que communica com o jardim, estava aberta quando eu passei.

—E quem tem a chave?

—Eu, meu general.

Mr. Richenan olhou para o commandante da guarda, como Guy quando soube da morte de Osini.

O sargento sentiu correr pela fronte um suor frio.

—Vamos lá, disse o governador. Antes de tudo, collocae sentinellas no jardim. Uma á porta que dá saída para o campo, outra em cada angulo, no centro, nas curvas das ruas, e nas encruzilhadas. Prompto, senhor sargento; ou pelo nome que tenho, amanhã vos formo conselho de guerra, e sereis passado pelas armas na plataforma do castello.

Esta ordem, intimada com o tom de voz terrível, que adoptam os militares nos casos extremos, cumpriu-se immediatamente.

Entretanto os tres fugitivos, occultos pela ramagem, esperavam o desfecho d'este acontecimento com a mortal inquietação que lhes causava tão critica situação. O conde de Malvar e o barão de San Yuste, com um par de pistolas cada um, esperavam o momento de ser descobertos, e de matar os primeiros que tocassem no rei.

O governador, com a pouca tropa que ficára, caminhou para a porta do jardim, com tal cegueira que não viu tambem os que se achavam escondidos a tão curta distancia.

Ficou finalmente desembaraçada a rua por onde deviam evadir-se o rei e os seus libertadores; mas na extremidade contraria havia uma sentinella.

O dilemma era terrível: ou passar sobre o cadaver d'aquelle homem, ou entregar-se ao governador.

D'entre os dois partidos unicos que podiam tomar-se, escolheu-se o primeiro. O conde de Malvar avançou uns quinze passos, porque não quiz arriscar o rei a uma desgraça maior, resolvido a matar ou a ser morto pela sentinella.

Escusado é manifestar aqui as generosas considerações de Fernando, com o fim de não expor aquelle nobre e leal vassallo a uma morte quasi certa. Não houve, porém, meio de o desviar do intento.

Em quanto Malvar, occulto por entre as arvores caminhava adiante, e o rei e o barão iam atrás dispostos a defendel-o, o governador chegava á malfadada porta, causa d'aquelle sinistro.

A porta tinha sido aberta. Mas com que chave? Esta ideia fez estremecer o governador. Lembrou-se das notas dos gabinetes hespanhol e francez, sobre os projectos de fuga de Fernando VII, e temeu que este receio se tivesse realiado.

Como o assumpto, além de grave, era muito melindroso, contentou-se com enviar um ajudante avisar a condessa de Segalvo, e mandar o secretario aos aposentos occupados por mr. Thibaud e mr. Bignon, para os conduzir á sua presença.

O primeiro que regressou da missão foi o secretario. Vinha só.

—Onde estão esses diabos do mestre-sala e do abbade? gritou mr. Richenan, batendo o pé.

O secretario respondeu que ignorava.

Esta noticia era aterradora.

—Estarão por ventura no quarto do ex-rei de Hespanha? bradou de novo o governador. Subi, senhor secretario, e sahei immediatamente se lá estão.

Em quanto se cumpria esta nova ordem, a condessa de Segalvo chegava espavorida ao pé do governador.

—Que succede, meu amigo? perguntou ella disfarçando com amabilidade a inquietação que a devorava.

—Nem eu mesmo sei, minha senhora; respondeu elle retorcendo os bigodes.

—Ah! é estranho.

—Mas posso afiançar-vos, que deve ter acontecido alguma cousa bem extraordinaria.

—Não entendo.

—Senhora, o tempo urge. Vistes mr. Thibaud e mr. Bignon?

E o governador, quando fez esta pergunta, fulminou a condessa com um d'esses olhares terríveis, que fazem tremer aquelles a quem se dirigem.

—Não os vi, respondeu a condessa.

—Sabeis então o que julgo? senhora.

—O que?

—Que o abbade e o mestre-sala são uns traidores.

—Impossivel! respondeu a condessa de Segalvo.

N'este momento ouviu-se um rumor extraordinario ao fundo da galeria que communicava com os pateos, e appareceu o secretario, seguido de uns cincoenta soldados, que tinha requisitado do corpo da guarda.

—Traição !... Traição ! bradou elle logo que viu o governador.

—Não disse eu ? exclamou este, completamente furioso : succede alguma desgraça !

—O ex-rei de Hespanha fugiu ! gritou o mensageiro.

Esta noticia foi um raio que caiu aos pés da condessa e de mr. Richenan.

—Oh ! disse este, disposto a estrangular a condessa, que estava pasmada : fugiu !... fugiu ! Pela alma de meu pae, que fusilarei amanhã os cumplices d'esta evasão. Ao jardim toda a gente !... Senhor secretario, dae immediatamente as ordens competentes para que um esquadrão saia em seu alcance ; e vós, senhora, segui-nos, se não quereis que vos dependure das ameias de Valencey.

Instantaneamente foram executadas aquellas ordens rapidas e energicas ; mas, no momento em que mr. Richenan entrava no jardim, retumbaram dois tiros, fulgurando rapidamente por entre a escura sombra do arvoredo.

—Avança ! exclamou o governador, sendo o primeiro a correr para o sitio onde tinham brillhado as explosões. Os fugitivos não podem estar longe.

E dizendo isto, penetrou na mesma rua das arvores, onde se tinham occultado o rei e os seus dois amigos. Quando chegavam á extremidade, o governador tropeçou no corpo de um homem estendido no chão.

Era uma sentinella.

—Ah ! exclamou, puxando de novo os bigodes : um sol-

dado morto ! Vedes, senhora ? Eis aqui a prova de que havia conspiradores. A'vante.

Ao mesmo tempo outros dois tiros, rapidos e quasi simultaneos, soaram junto á fonte central.

—Ali estão !... Ali estão !... disse mr. Richenan aos granadeiros que o seguiam, apontando com a espada para o ponto onde tinham soado os tiros. Avante !

E saltando por cima do soldado morto, correu para a fonte.

Vejamos agora que situação era a dos fugitivos.

Sabemos já que o estrenuo conde de Malvar avançara para a sentinella, collocada no fim da rua que devia conduzi-los á fonte. Este soldado perguntou *quem vive !* e como não lhe respondessem disparou a espingarda contra o conde. A bala passou-lhe a uma pollegada da cabeça. Conhecendo a sentinella que errara a pontaria, avançou de baioneta calada, disposto a cumprir á risca o seu dever.

Foi então que Malvar teve de fazer uso de uma das suas pistolas, deixando o soldado morto.

Desempachado o caminho correram os tres fugitivos para a cisterna, alvo supremo de todos os seus esforços não deixando, porém, de usar de precaução, para evitar qualquer surpresa. Quando se achava perto da fonte, ouviram ao longe a voz do governador e o estrepido da tropa que o acompanhava.

—Estamos perdidos ! exclamou o rei, sem perder um instante o sangue-frio.

—Em quanto existirem os dois vassallos que tendes a vosso lado, respondeu o barão, não desanimeis.

—Oh ! não quero tão grande sacrificio. Perder-vos seria para mim o maior desgosto.

—Cumprimos um dever, respondeu Malvar com vehemencia e enthusiasmo.

Outra sentinella, postada ao pé da fonte, fez parar os fugitivos. El-rei avistou-a.

—Entreguemo-nos, Malvar, disse elle: a nossa fuga é impossivel. Não quero a liberdade á custa de tão grandes sacrificios.

—Senhor, é um pequeno estorvo que temos por diante.

—A que distancia estamos da cisterna?

—A uns trinta passos.

—Retiremo-nos.

—E' impossivel. Deixae-nos sequer morrer por Vossa Magestade.

Era tão nobre esta expressão, encerrava ella em si tanta abnegação, lealdade e amor, que o rei, enternecido, enxugou uma lagrima que lhe rolou pela face.

Malvar adiantou-se e foi descoberto pela sentinella da fonte.

—Quem vive? bradou o soldado.

E não obtendo resposta, poz a arma á cara, e fez fogo. Por fortuna, ainda d'esta vez a bala não deu no conde de Malvar, que conhecendo que um momento perdido os podia fazer cair nas mãos do governador, disparou a segunda pistola contra o soldado.

Este não caiu mas ficou ferido.

—Senhor, tudo está vencido, exclamou o conde: avancemos. Um instante de demora é um mal irreparavel.

Ha phrases que não precisam explicação. Tudo estava dito, e os tres correram para a fonte. No momento, porém em que chegavam a este lugar, e se dirigiam para a bocca da cisterna, quatro soldados dos que o sargento tinha postado de sentinella appareceram ao mesmo tempo, attrahidos pelos tiros.

—Para traz, gritaram elles, levando as espingardas á posição de apontar.

—Maldição ! respondeu Malvar, arrojando as pistolas vazias.

A evasão acabava de se tornar impossivel.

N'este extremo, os dois hespanhoes reconheceram que, se resistissem, expunham o rei a uma morte quasi certa : não deviam dar um passo. Ficaram, pois, firmes como duas estatuas, olhando para a bocca negra da cisterna, em quanto Fernando se dirigia ao grupo que compunha a comitiva do governador.

—Quem vive ? gritou este ao avistar o vulto do principe.

—O rei de Hespanha, respondeu elle com extraordinaria soberania.

A esta voz percebeu-se no piquete um movimento oscilatorio.

—Faça alto o rei de Hespanha ! bradou mr. Richenan avançando.

Instantes depois, estavam todos cercados: Fernando ficou no centro, o conde de Malvar á sua direita, e o barão de San Yuste á esquerda. Approximaram-se as luzes trazidas pelas patrulhas, e não causou pequena surpresa a vista d'aquelles tres homens, vestidos de certa maneira, que não permittia o prompto reconhecimento.

Fernando tirou o chapeo, e atirou ao chão a cabelleira roxa que o desfigurava. Ficou então a descoberto a sua nobre physionomia.

—E' pois verdade, senhor, perguntou mr. Richenan com o seu tom de voz meio respeitoso e meio colerico, que trataveis de fugir de Valencey ?

—Bem vedes, respondeu o rei com perfeita placidez; por um minuto deixamos de nos evadir.

A condessa estava vivamente agitada, não podendo comprehender como a tanto tinha chegado a ousadia d'estes homens.

—E quem são os cúmplices de Vossa Alteza? Por ventura esses dois homens que vos acompanham? Se assim é, amanhã expiarão no patíbulo o temerario arrojo.

—Guardae-vos de lhe pôr mão. Eu não tenho cúmplices.

—Todavia, exijo a sua prisão.

—Tambem não os prendereis.

—Quem manda?

—Um rei que vos tolera mais do que sois digno; um rei, cavalheiro, que, a pezar de despojado da sua coroa, ainda pôde levantar a voz para fazer-vos abaixar a vista em sua presença, e suavisar o tom arrogante de que haveis usado; um rei que vos lembra a ordenança, que sem duvida esquecesteis, a ponto de deixardes, tanto vós como os vossos soldados, de me render a homenagem, a que tem direito as pessoas da minha cathegoria.

Tão digna, nobre e altiva foi esta resposta, que o governador ficou immovel e perturbado, sem saber que responder.

Depois de prolongado silencio, disse:

—Eu não posso reconhecer em Vossa Alteza mais que um principe de uma casa proscripta; ainda assim não me recuso ás considerações que vos são devidas, porque assim me está ordenado. Devo, porém, declarar-vos que esses homens pertencem-me.

—Com que fim?

—Com o fim de os punir.

—E se eu, cavalheiro, collocar na balança da vossa justiça o peso da minha recommendação?

—N'esse caso, senhor, a justiça será menos severa.

—Que pena merecem os culpados?

—A morte.

—Senhor governador, não basta a minha recommendação, faço mais, supplico a sua vida.

—Então, prometto-vos que não morrerão.

—Palavra de honra?

—Palavra de honra, que é a mais sagrada.

O rei tinha conseguido o que desejava, e ficou em silencio depois d'este curto dialogo.

O general dirigiu-se aos dois hespanhoes. Estes permaneceram tranquilllos diante do governador da praça. Depois de os ter observado com profunda attenção, chamou a condessa, e entregando-lhe uma lanterna, disse:

—Senhora, conheceis estes homens?

Esta tremeu, reconhecendo debaixo dos grandes chapéos de negociantes bretões os rostos dos seus dois companheiros de viagem.

—Oh! exclamou ella: parece impossivel!

—Mas conhecei-os? Vós, que mereceis a confiança dos governos francez e hespanhol; que tendes um talento immenso, uma penetração sem limites, um conhecimento exacto de todos os conspiradores, dizei-me: quem são estes homens?

O tom ironico, com que o governador pronunciára estas palavras, fez comprehender á condessa o laço em que tão incautamente tinha caído.

—Se me não engano, respondeu, creio que são mr. Bignon e mr. Thibaud.

—Isto é, os vossos recommendados. Bem pesado é o lo-

gro de que fostes victima; mas eu farei com que vos seja retirada a confiança, que tão injustamente mereceis dos governos francez e hespanhol. Por agora, faltam tres cousas. Primeira: que o principe volte aos seus quartos. Segunda: que partaes esta mesma noite de Valencey. E terceira: conhecer estes senhores, cujo valor admiro e respeito, a pezar do desgosto que me tem causado esta aventura.

A condessa, aterrada, encostou-se ao tronco de uma arvore, em quanto o fingido Thibaud se dirigia ao governador.

—Solvemos uma divida sagrada, e por isso acha-se tranquillizada a nossa consciencia, disse elle. Não occultaremos quem somos, porque já agora nenhuma influencia tem o disfarce no futuro que nos espera. Senhor, somos hespanhoes. Eu intitulo-me o conde de Malvar, e o meu companheiro, o barão de San Yuste. Jurámos libertar o nosso rei, e teriamos realisado esse intento, se não se dêsse esta fatal coincidencia.

—O conde de Malvar! vós, o barão de San Yuste! bradou o governador, admirado de tamanho arrojo, de tanta coragem e abnegação.

—Sim, respondeu o conde. Agora, aqui tendes as nossas cabeças.

Ninguém vos tocará, replicou mr. Richenan enthuziasmado. A pezar de ser necessario punir-vos, honrae-me com a vossa amisade. Segui-me, ou melhor, acompanhemos o rei de Hespanha.

Malvar, que desde o momento de proferir o seu nome fizera tremer a condessa, approximou-se d'ella, e disse-lhe n'esse tom faceto que sabia usar nas occasiões extremas:

—Aqui me tendes, minha estimavel amiga. Faço ideia do espanto, porque de certo duvidaes que eu seja aquelle vosso amigo e velho compatriota que conheceis. Vou tirar-vos de duvidas. Olhae bem para mim.

Disse isto tirando o chapeo e a cabelleira: passou um

lenço pelo rosto para fazer desaparecer a côr vermelha com que o tingia, e appareceu então a magestosa e pallida fronte do ancião, tão radiante, tão activa e deslumbrante, que a condessa de Segalvo exclamou horrorisada:

—Ah! vós!

—Não vos assusteis, querida, exclamou elle com voz vibrante. Começam hoje entre nós umas relações mais intimas do que as de até agora. Difficilmente nos separaremos já. Ainda me falta contar-vos o fim de certa, historia, que ha muito tempo principiei a narrar-vos. Mas acompanhemos o rei. Para vós, deixarei de ser o conde de Malvar, titulo desconhecido que nada diz; mas chamar-me-hei...

O conde deteve-se um instante, para a fulminar com o seu olhar.

—Como? perguntou a condessa, dominada por aquelle tom de voz.

—O conde de Sotojove.

A dama soltou um grito e caiu desmaiada.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

INDICE

Do primeiro volume

CAP.	PAG.
I—Anselmo o Montanhez.	5
II—Prologo de uma historia.	16
III—O Mensageiro.	28
IV—Horas de angustia.	37
V—A flor desbotada pela tempestade.	50
VI—Hespanhoes e francezes.	57
VII—O Ancião.	69
VIII—A Reunião dos Espectros.	79
IX—Genaro.	93
X—Luz e trevas.	103
XI—Segredos da vida.	116
XII—Messalina.	126
XIII—Antes do amor está a honra.	135
XIV—Principio de uma historia.	145
XV—O Narcotico.	159
XVI—O Duello.	171
XVII—O Protector.	188

CAP.	PAG.
XVIII—El-Rei.	202
XIX—Dois corações castelhanos.	214
XX—Primeira noite de jornada.	225
XXI—Um correio importante.	237
XXII—Ha momentos de verdadeira sinceridade. . .	248
XXIII—O que se passa em um convento ás duas ho- ras da noite.	257
XXIV—O que succede em um coche, em uma estala- gem e em uma ante-sala.	273
XXV—O governador de Valencey.	284
XXVI—Os tres avisos.	297
XXVII—A Evasão.	314
XXVIII—Quem vive?—Ronda maior.	327

Collocação das Estampas

N. ^{os}	PAG.
1. ^a	7
2. ^a	80
3. ^a	168
4. ^a	207
5. ^a	263
6. ^a	304
7. ^a	337

